VIDA
DE
D. JOAÕ
DE CASTRO
IV. VISO-REY DA INDIA.

ESCRITA POR

JACINTO FREYRE DE ANDRADA.

Accrescentada nesta quinta Impressaõ com huma Carta original de

S. FRANCISCO XAVIER,

EM QUE DA' CONTA AO PADRE IGNACIO MARTINS da morte do mesmo Viso-Rey, e com a reposta de Joaõ Pinto Ribeiro à carta de Simaõ Torresaõ Coelho com que lhe mandou o Elogio de D. Joaõ de Castro.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.
Anno M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

VIDA
DE
D. JOAÕ
DE CASTRO
IV. VISO-REY DA INDIA.

ESCRITA POR

JACINTO FREYRE DE ANDRADA.

Accrescentada nesta quinta Impressaõ com huma Carta original de

S. FRANCISCO XAVIER,

EM QUE DA' CONTA AO PADRE IGNACIO MARTINS da morte do mesmo Viso-Rey, e com a reposta de Joaõ Pinto Ribeiro à carta de Simaõ Torresaõ Coelho com que lhe mandou o Elogio de D. Joaõ de Castro.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.
Anno M. DCC. XXXVI.



AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

O SENHOR

IGNACIO WASNER

Conſelheiro de S. C. C. Mageſtade na Auſtria Baixa &c.

ILLUSTRSSIMO SENHOR.

A *PROFUNDA noticia, que V. S. alcançou da Lingua Portugueza em poucos mezes de aſſiſtencia*

nesta Corte de Lisboa me persuadio a dedicar ao celebrado nome de V. S. a Vida de D. João de Castro quarto Viso-Rey da India escrita por Jacinto Freyre de Andrada. Este livro foi recebido com tão grande aceitação, que não só se imprimio quatro vezes em differentes annos no seu original, mas já o traduzirão em Inglez, e em Latim, porque era justo que pensamentos tão discretos, e narração tão eloquente, sincera, e pura, fossem lidos com admiração em outros idiomas, e se fizesse commúa a mais naçoens a Vida de hum Heróe, que não só chegou a ser grande entre os mayores, mas que chegou a ser unico entre todos; e sem duvida, que esta primasia lhe darà quem ler com attenção as suas grandes acções, que ou na paz, ou na guerra, na Justiça, ou na Religião o fizerão incomparavel. A esta Corte tem vindo alguns estrangeiros, que por força da sua curiosidade, e do seu estudo fallarão a Lingua Portugueza com perfeição: porém V. S. para mostrar a differença, que faz a todos, não só a falla bem, mas de

tal

tal sorte a entende, que distingue entre os estillos, que he aonde póde chegar quem se fizer consummado no conhecimento de qualquer lingua. E como sei a grande estimaçaõ, que V. S. faz da penna de Jacinto Freyre de Andrada, tomo a confiança de lhe offerecer a quinta impressaõ desta sua obra, para que se veja que houve em Lisboa, quem conheceo o grande talento de V. S. que espero ver premiado como pedem os seus grandes merecimentos. Deos guarde a V. S. muitos annos. Lisboa Occidental 26. de Julho de 1736.

ILLUSTRISSIMO SENHOR

Beija a maõ de V. S.

Seu criado

Antonio Isidoro da Fonseca.

AOS

AOS QUE LEREM.

SAõ os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andaõ ſempre de companhia os erros, e as diſculpas. Eu por hora me deſvio do caminho trilhado, naõ quero pedir perdaõ de nada: quem achar que dizer, naõ me perdoe (nem ſerá neceſſario encomendallo.) *S*e me notarem o livro de ruim, naõ negaráõ que he breve, e eſcrito em lingua Portugueza, que tantos Engenhos modernos, ou temem, ou deſprezaõ, como filhos ingratos ao primeiro leite, ſervindo-ſe de vozes eſtrangeiras, por onde paſſáraõ como hoſpedes, ſem reſpeito àquellas veneraveis cans, e ancianidade madura de noſſa linguagem antiga. Eſcrevi eſta Hiſtoria com verdade de memorias fieis, ſem que a penna, ou o affecto alteraſſe o menor accidente. Antes que eſte papel ſaiſſe dos borroens, ſei que muitos o taixáraõ de eſcaſſo, dizendo que houvera de dilatar a Hiſtoria com alluſoens, e paſſos da Eſcrittura, que fizeſſem mais crecido volume; eſtes compraõ os livros pelo pezo, e naõ pelo feitio:

tio: de mais que naõ permittem taõ licenciosa penna as leys da Historia. Outros queriaõ que me valesse do estrepito de vozes novas, á que chamaõ Cultura, deixando a estrada limpa por caminhos fragosos, e trocando com estimaçaõ pueril o que he melhor polo que mais se usa; mas como naõ determinei lisongear a gostos estragados, quiz antes com a grandeza da verdade servir ao applauso dos melhores, que á fama popular, e errada.

LI.

LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

POde-ſe tornar a imprimir o livro de que ſe trata ; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 28. de Fevereiro de 1736.

Lancaſtre. Teixeyra. Sylva. Cabedo. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

POde-ſe tornar a imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 29. de Fevereiro de 1736.

Gouvea.

DO PAÇO.

QUe ſe poſſa tornar a imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taxar, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental 1. de Março de 1726.

Pereyra. Teixeyra.

LI-


D. IOAÕ DE CASTR
QVARTO VISOREY DA INDIA



VIDA DE D. JOAÕ DE CASTRO

IV. Viſo-Rey da India.

LIVRO PRIMEIRO.



ESCREVEREI a vida de D. Joaõ de Caſtro, Varaõ ainda maior que ſeu nome, maior que ſuas victorias; cujas noticias ſaõ hoje no Oriente, de pays a filhos, hum livro ſucceſſivo, conſervando ſe a fama de ſuas obras ſempre viva; e nós ajudarêmos o pregaõ univerſal de ſua gloria com eſte pequeno brádo: porque duraõ as memo-

rias menos nas tradiçoens, que nos escritos.

1 Foi Dom Joaõ de Castro, entre os de taõ grande appellido illustre descendente, mas primeiro relatarèmos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias, pays melhores, que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivados nas letras, e virtudes, que sofre aquella idade, sendo taõ facil o natural à disciplina, que naõ havia mister torcido, senaõ encaminhado. Como naõ era D. Joaõ herdeiro da casa de seus pays, dispunhaõ elles inclinalo a estudos maiores: porque nas casas grandes foraõ sempre neste Reyno as letras o segundo Morgado. Obedeceo D. Joaõ, em quanto naõ tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio.

Primeiros estudos de D. Joaõ de Castro.

2 Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunes, o maior homem, que desta profissaõ conheceo Portugal; fazendo-se taõ singular nesta sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escola acompanhou o Infante D. Luis, a quem se fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho; porèm como D. Joaõ amava as letras por obediencia, e as armas por destino, desprezou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra em si inclinaçaõ, em seus avòs exemplo.

Applicase às Mathematicas.

Em companhia do Infante Dom Luis.

3 Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouviaõ com temor, e nòs com reverencia. Considerava D. Joaõ melhor suas victorias, que as figuras, e circulos de Euclides, amando as artes, em quanto podiaõ servir ao valor.

Passa a Tanger.

4 Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crecido no brio, que na idade, fugindo se embarcou

cou para Tanger; onde contra o estylo daquellas praças, assistio nove annos, como quem queria fazer vida, do que era só caminho. Em todas as occasioens daquella guerra se portou com esforço igual ao sangue, e maior que os annos, merecendo congratulaçoens dos parentes, envejas dos soldados.

5 Dom Duarte de Menezes o respeitava, como se houvèra lido nesta Historia as victorias da Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz dar, e receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriando-se taõ anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que taõ grandes espiritos mereciaõ ser ajudados dos favores Reaes, desejando que respondessem os premios ao valor; zelando igualmente a causa do Rey, e do vassallo, escreveo a ElRey Dom Joaõ o Terceiro, que Dom Joaõ de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercè jà lhe seria grande: que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reys faziaõ soldados, e era justo que aos olhos de taõ grande Principe naõ ficassem sem premio as virtudes.

D. Duarte de Menezes o arma Cavalleiro.

E informa a ElRey do seu merecimento.

6 ElRey mandou logo chamar a D. Joaõ por huma carta taõ honrada, como se lhe naõ quizera fazer outra mercè; com a qual Dom Joaõ se veyo à Corte, onde foi taõ envejado pelos serviços, como pelos favores. ElRey lhe fez mercè da Commenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimenro a estimaçaõ com que os tratava.

ElRey o chama, honra, e premia.

7 Cursou Dom Joaõ algum tempo a Corte, sem que a nenhum desar da mocidade o arrastassem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente

Seu procedimento na Corte.

varaõ em toda a idade; porèm com tal medida; que nem a madureza o fazia pesado, nem a urbanidade facil. Soube philosophar entre as diversoens da Corte, evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas naõ de a discreta.

Casou com D. Lionor. Coutinho.

8 Mudòu de estado, casando com Dona Leonor Coutinho, sua prima segunda, filha de Leonel Coutinho, Fidalgo da illustrissima casa de Marialva, nobreza taõ conhecida, e taõ antiga, que della, e do Reyno temos igual noticia. Naõ lhe deràõ outro dôte que as qualidades, e virtudes da esposa; porèm sem os arrîmos da fazenda conservou o respeito de maneira, que era tratàdo de todos com veneraçaõ de rico, e lastima de pobre.

Jornada de Tunez.

9 Offereceose neste tempo a jornada de Tunez facçaõ mais celebre pola victoria, que pola utilidade; de que naõ coube a Dom Joaõ de Castro pequena parte na honra, e no perigo. Daremos do successo relaçaõ menos abbreviada, por haver ElRey D. Joaõ empenhado na facçaõ o poder, o Infante Dom Luis a pessoa. Havia aquelle famoso Cossario Barba Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder, e atrevimento maior que de Pirata, achando a fortuna taõ prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos era só Barba Roxa o escandalo de suas victorias. Vendo-se cada dia mais crecido em opiniaõ, e forças, se passou ao serviço do Turco, com quem já a fama de nossas injurias o tinha acreditado, e comprandolhe a graça com o mais precioso de seus roubos, alcançou ser General do mar; e baixando diversas vezes com grosso numero de galès, fez grandes danos nos portos de Napoles, e Sicilia, sem que bastasse a defende-

Occasiaõ que para ella ouve.

los o

los o valor de ſeus naturaes, nem a tutela do Imperio, a que ſerviaõ. Cativou infinitas almas, perdendo muitas a Fé pola liberdade; aſſolou povos, e abraſou navios, dandolhe as miſerias dos Chriſtãos entre os Barbaros huma glorioſa fama, atè que eſquecido de ſeus principios, lhe fizeraõ as proſperidades lugar à ambiçaõ de reynar, uſurpando o Reyno de Tunez com varios artificios, cuja relaçaõ naõ ſerve à noſſa Hiſtoria. Vendo pois Carlos eſte tyranno já com forças proprias, fomentadas de outro poder maior; e que pola vizinhança de ſeus Reynos naõ convinha que criaſſe raizes às portas de ſua meſma caſa; e que os Mouros, a quem naõ faltava valor, mas diſciplina, induſtriados de ſoldado taõ pratico, viriaõ a conhecer ſuas forças, em dano de ſeus Reynos; reſolveo buſcalo com huma poderoſa armada, e tirarlhe o abrigo de Tunez, para que quando melhor livraſſe, ſe tornaſſe ao mar, donde como Pirata, ſó poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderiaõ acabar os tempos, e os ſucceſſos. Tirou os ſoldados velhos dos preſidios de Italia, que ſupprio com biſonhos; fez grandes levas na Alemanha alta, e paizes de Flandes; aliſtou Italianos, e Heſpanhoes, àlem dos ſenhores, e nobreza, que ſervia ſem ſoldo; e como empreſa taõ util, e juſtificada, e onde o Emperador empenhava a peſſoa, acudiaõ muitos aventureiros a acompanhar taõ pias, e valeroſas armas. Em Sardenha tomou o Emperador moſtra da gente que levava, e achou vinte e cinco mil infantes de liſta, que recebéraõ ſoldo fóra outra muita gente que ſervia ſem elle, que era huma grande parte do exercito, e cada dia recebia

cebia differentes soccorros, que engrossavaõ o campo.

Acompanha nella o Infante D. Luis.

10 O Infante D. Luis, principe digno de emprezas iguaes a seu valor, se resolveo achar nesta jornada com o Emperador seu cunhado; e ainda que delRey Dom Joaõ foi mui dissuadido com razoens differentes; humas que topavaõ no amor do sangue, e outras no respeito da pessoa; comtudo o Infante interpretando a vontade delRey, mais em favor do brio, que da obediencia, partio secretamente com alguns fidalgos; o que entendido por ElRey, lhe mandou a Barcelona, onde o Emperador estava, largos creditos, e aprestar vinte e cinco caravellas, e alguns navios redondos; entre elles hum galeaõ, que jugava duzentas peças de bronze, o maior que até aquelles tempos surcàraõ nossos màres, à ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada: e por reverencia do Infante se encomendàraõ as vasilhas da armada a fidalgos de grande conta, sendo hum delles Dom Joaõ de Castro, que nesta occasiaõ igualmente desprezou o perigo, e a cobiça, como logo mostrarà a Historia.

Fidalgos que foraõ nesta jornada.

11 Os fidalgos que se embarcàraõ nesta armada, de que alcancei noticia, foraõ, de mais de Dom Joaõ de Castro, Dom Affonso de Portugal filho herdeiro do Conde do Vimioso, Dom Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penella, Luis Alvarez de Tavora Senhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora seu irmaõ, que depois foi Viso-Rey da India, Dom Joaõ de Almeida filho do Conde de Abrantes, Dom Pedro Mascarenhas, que tambem foi Viso-Rey da India, Dom Diogo

de Castro

de Castro, Alcaide mór de Evora, Dom Fernando de Noronha, Dom Francisco de Faro, D. Francisco Pereira, Embaixador que foi delRey Dom Sebastiaõ em Castella, Dom Affonso de Castelbranco, Meirinho mór, Pero Lopez de Sousa, Joaõ Gomez da Sylva, Pagem da lança, e Dom Luis de Attaide que depois foi Conde de Atouguia, e morreo na India, sendo segunda vez Viso-Rey daquelle Estado. Todos estes fidalgos foraõ servir à sua custa, levando criados, e soldados sem receberem soldo, com galas, e librès demonstradoras do gosto, com que seguiaõ a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, e salvando a Capitania Imperial, deu de si huma mostra bellicosa, e alegre. O Emperador se veyo às casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendes de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, eraõ mais aptas para honrar, e festejar a entrada.

12 Os Duques de Alva, e Cardona, com outros muitos Senhores, vieraõ à praya buscar o General, e fidalgos de sua companhia, que foraõ beijar a maõ ao Emperador, o qual os recebeo com todas as honras, e agasalhos, que a authoridade sofre, alegrando se de se acompanhar de nossa milicia pratica, e valerosa, a quem naõ pareceriaõ estranhas as Luas, e lanças Africanas. Todas as resoluçoens grandes communicava o Emperador ao Infante D. Luis, naõ só pola grandeza da pessoa, mas pola do juizo, taõ pratico na Corte, como no estado, de quem referirei hum lanço de urbanidade pola estimaçaõ, que delle fizeraõ os Castelhanos. Recolhiam-se huma noite o Emperador, e o Infante, e ao entrar de huma porta, sobre qual

havia

havia de passar diante, pleiteàraõ ambos a cortezia; querendo hum, que precedesse o Hospede; outro a Magestade. O Emperador, travando-lhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Naõ querendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engêitala, lançou maõ a huma tocha, que hum pagem levava. Assim soube o Infante fazerse taõ Senhor da vontade do Emperador, que teve resoluto darlhe o Estado de Milaõ, achando nelle qualidades para o merecer, e para o defender valor; mas as pretençoens de França fizeraõ o dominio deste Estado taõ contingente, que ficou o Senhorio delle muitos annos debaixo do juizo das armas.

Cortesia entre o Emperador, e Infante.

13 Naõ relatarei os successos desta guerra, por ser historia alhea, bem que nella Dom Joaõ de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Cavalheiro, honra de que elle se escusou com a verdade, de o haver jà sido por outras mãos, que o que lhe faltavaõ de Reaes, tinhaõ de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitães da armada, que Dom Joaõ singularmente naõ quiz aceitar, porque servia com maior ambiçaõ do nome, que do premio.

O Emperador quer armar Cavalleiro a D. Joaõ, que naõ aceita.

Nem a mercè do dinheiro.

14 Triunfante Carlos, como outro Scipiaõ da guerra de Africa, se veyo descansar entre applausos, e acclamaçoens de Europa, podendose chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde D. Joaõ achou nos braços do Rey, e saudaçoens do povo maior premio, do que engeitàra do Cesar: e como varaõ que taõbem sabia despre-

Concluida esta jornada se recolhe a Sintra.

sar

sar sua mesma fama, se retirou à sua quinta de Sintra, desejando viver para si mesmo, havendo-se no serviço da patria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com huma estranha, e nova agricultura, cortando as arvores, que produziaõ fruto, e plantando em seu lugar arvores sylvestres, e estereis; quiçà mostrando, que servia taõ desinteressado, que nem da terra, que agricultava, esperava paga do beneficio, mas que muito, fizesse pouco caso do que podiaõ produzir os penedos de Sintra, quem soube pisar com desprezo os rubîs, e diamantes do Oriente!

15 Achavase Dom Joaõ no melhor de seus annos, estimulado a servir com os exemplos de sua mesma casa; e como a guerra de Africa com a nova conquista do Oriente, ou se dissimulava, ou se esquecia, havendo o mundo por mais gloriosa a fama, que vinha de mais longe, resolveo Dom Joaõ passar à India, cuja conquista enchia o Reyno de fama, e de victorias, embarcandose sem pedir posto, ou mercè alguma, havendo por mais sua a honra, que se vai a ganhar, que a que se leva. *Passa a primeira vez à India.*

16 Passou naquella occasiaõ a governar a India Dom Garcia de Noronha seu cunhado, que estimou levar a Dom Joaõ de Castro com meritos de successor, e praça de soldado. ElRey, logo que entendeo a resoluçaõ de Dom Joaõ, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que servisse na India, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (naõ sei se com maior ambiçaõ, ou com maior temperança) naõ aceitou, por ser mais rara a memo- *Faz-lhe ElRey mercè, e como a aceita,*

ria das mercês, que se engeitaõ, que das que se recebem: acçaõ mais facil de louvar, que de imitar.

Leva seu filho D. Alvaro

17 Embarcou-se Dom Joaõ de Castro com seu filho Dom Alvaro de treze annos, dandolhe por entretenimentos daquella idade os perigos, e tormentas de taõ prolixos mares. Chegou a armada de Dom Garcia à India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Dio, e peleijar com as galès do Turco, que o tinhaõ sitiado naquelle illustre cerco, que defendeo Antonio da Sylveira.

Embarcase no soccorro de Dio.

Tomou Dom Garcia, com a posse do governo, a obrigaçaõ de soccorrer a praça, para o que se lhe offereceo D. Joaõ de Castro, que como soldado da fortuna, alvoroçado se embarcou no primeiro navio, parece que jà presago dos futuros triunfos, a que o chamava Dio. Porém a retirada dos Turcos privou a Dom Garcia da vitoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

18 Falleceu brevemente Dom Garcia, a quem succedeu D. Estevaõ da Gama, que na India teve os brios dos de seu appellido, e parece que tivera a fortuna, se naõ fora taõ breve o seu governo. Emprendeo huma facçaõ no perigo, e na gloria, grande; qual foi embocar o Estreito do mar roxo, e queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavaõ com voz de lançar os Portuguezes da India: empreza que o Turco reputava por digna de seu poder.

19 Pósta de verga dalto toda a armada, naõ houve soldado de valor, a quem naõ alvoroçasse o risco de taõ nova jornada, na qual tanta fama merecia a vitoria, como o atrevimento. Partio Dom

Estevaõ

Eſtevaõ da Gama com doze navios de alto bordo, e ſeſſenta embarcaçoens de remo, o primeiro de Janeiro de mil e quinhentos e quarenta e hum. Aqui foi D. Joaõ de Caſtro Capitaõ de hum galeaõ, e ſeguindo ſua viagem com Levantes, aviſtáraõ a coſta de Arabia, poſto que derramados. O Governador D. Eſtevaõ da Gama a vio em monte Felix, e ſurto na boca do Eſtreito eſperou os navios de ſua conſerva. Aqui foi certificado, que as galès inimigas eſtavaõ varadas em terra, porèm taõ vigiadas, que ſe naõ podiaõ queimar, ſenaõ com força deſcuberta; o que ſeria impoſſivel aos navios redondos, em razaõ dos baixos, e reſtingas daquelle porto; com tudo Dom Eſtevaõ da Gama, deſprezando o aviſo, e o perigo, paſſou avante com algumas fuſtas, huma das quaes levou Dom Joaõ de Caſtro, deixando o ſeu navio. Paſſáraõ pelas primeiras Ilhas, ſituadas em doze graos, e meyo, e pela enſeada velha em treze eſcaſſos, tomàraõ a da Fortuna, que eſtà na meſma altura. Em todas eſtas angras, e enſeadas da boca do Eſtreito atè Suez, foi Dom Joaõ de Caſtro tomando o Sol, e fazendo roteiro, formando juizo, já de Philoſopho natural, e já de marinheiro, moſtrando como caminha cèga a experiencia rude dos Pilotos ſem os preceitos da arte. Aqui taõ judicioſo, como ſoldado, diſcurſou doutamente ſobre as cauſas, porque ao mar roxo foi impoſto eſte nome; e tambem dos impulſos, e movimentos naturaes das creſcentes do Nilo nas monçoens do Eſtio, materia que deſvelou muitos engenhos, a quem a natureza tantos annos eſcondeo eſtes ſecretos. Aſſim contaremos deſte varaõ, como parte menor de ſua grandeza, o que os Ro-

Veyo ao mar roxo com D. Eſtevaõ da Gama.

Neſta viagem faz hum Roteiro.

manos com taõ soberba eloquencia escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com o valor a espada. Este tratado, e outro, de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do mar, e o açoute dos ventos, dedicou ao Infante D. Luiz, offerecendolhe o fruto das letras, que juntos aprendéraõ.

20 Nesta paragem viraõ o monte Sinai, onde com fabrica de Anjos foraõ as reliquias de Santa Catherina collocadas em illustre deposito à cuja vista Dom Estevaõ da Gama armou Cavalleiro a Dom Alvaro de Castro, o qual em memoria de taõ celebre Santuario tomou por timbre de suas armas a róda de navalhas, com que religiosamente as illustraõ ainda hoje seus descendentes. Do effeito desta jornada naõ daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

D. Estevaõ arma Cavalleiro a D. Alvaro.

21 Tornando Dom Joaõ ao Reyno, como querendo deixar crescer as palmas do Oriente, que haviaõ de coroar suas victorias, naõ desembarcou outras riquezas, mais que a fama de suas obras; e estando com os vestidos do mar ainda mal enxutos, o nomeou ElRey por General das armadas da costa, dandolhe novas occasioens de servir em premio do que tinha servido. Sahio logo Dom Joaõ no anno de 545. a comboyar as náos, que de viagem se esperavaõ da India, e pairando na altura de seu regimento, houve vista de hum Cossario Francez, que com sete navios infestava todos aquelles mares, e havia feito algumas prezas em navios de nossas conquistas, que o tinhaõ atrevido, e rico. Logo que Dom

Torna D. Joaõ ao Reyno.

He General da armada da costa.

Dom Joaõ o aviſtou, ſe fez naquella volta com os navios arraſados em popa, e atracando a Capitania do inimigo, a abordou, e rendeo depois de porfiada reſiſtencia; meteo dous navios no fundo, e outros ſe ſalvàraõ com o favor da noite. Os caſos particulares deſta briga naõ pude achar eſcritos, aſſim ficarà noſſo ſilencio diſculpado com o deſcuido alheyo. *Deſbarata ſete naos de Coſſarios.*

22 Houve Dom Joaõ viſta das naos dentro em poucos dias, que com reciprocas ſalvas lhe ajudàraõ a feſtejar a rota do Coſſario; entrou com ellas pela Barra de Lisboa, ſendo taõ geral o applauſo, com que foi recebido, que parecia haver paſſado jà os perigos do odio, e da enveja: felicidade, ou miſeria, que ſó na ſepultura alcançaõ, ou evitaõ os varoens excellentes. Porèm deſtes ſucceſſos conſeguio Dom Joaõ ſómente o premio na victoria: porque quando as dividas ſaõ grandes, os Reys, por naõ ficarem eſcaſſos, arriſcaõ-ſe antes a parecer ingratos, y mais faceis a confeſſar os vicios na peſſoa, que na Mageſtade. *Recolhe as da India.*

23 Pouco tempo deixàraõ a Dom Joaõ de Caſtro deſcanſar no goſto da victoria, porque logo para negocio de mayor cuidado tornou a veſtir as armas, como referirey mais largamente, ainda que contra meu coſtume; por naõ troncar a Hiſtoria, buſcarey principios afaſtados. Vio-ſe aquelle famoſo Coſſario Haradin Barba-Roxa quaſi desbaratado com a perda de Tunez, e Goleta, e muito mais com a das Galès, perdendo na terra a authoridade de Tyranno, e no mar as forças de Pirata. Porèm naõ ficou eſte inimigo de todo taõ quebrantado, que deixaſſe de gemer

ainda

ainda Italia muitos annos debaixo de seu açoute. Tinha depositado em differentes partes o melhor de seus roubos, como segunda taboa, em que salvar-se; fez delles hum presente a Solimaõ Senhor dos Turcos de tanta estimaçaõ, que pode fazer esquecer, ou disculpar a disgraça da armada, e fugida de Tunez, de que Solimaõ ainda tinha a dor, e a memoria fresca. Representoulhe o muito, que podia obrar em dano dos Christãos, pois começando a tentar o mar com duas galeotas mal armadas, o valor, e os successos o fizeraõ temido, e poderoso, e fazendolhe cruel guerra com seus proprios despojos; que naõ cabiaõ jà os cativos nas masmorras de Africa; que no Reyno de Napoles, em toda a Apulha, e terra de Lavor, fizera estragos, que ainda agora, nem o sangue, nem as lagrimas estavaõ enxutos; que as galés de Sicilia temerosas apodreciaõ ancoradas no porto; que aquelle Andre Doria, taõ buscado dos Principes da Europa, diria, quantas vezes, por se desviar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testemunhas das suas obras seus proprios inimigos; que o Emperador Carlos, irritado de tantos danos, vendo que só Barba-Roxa fazia a suas vitorias sombra, mais impaciente que soldado, juntára para o destruir todas as forças de Alemanha, Italia, Espanha, e Flandes, expondo temerario o melhor de seu Reyno ao caso de huma ruina, ou de huma vitoria; e ainda que o naõ desacompanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunez hum inimigo por desapossar outro; que se naõ recolhéra taõ inteiro

que lhe naõ custasse a vitoria navios, e soldados; e que com as despezas de taõ numeroso poder esgotára os thesouros de Espanha; que agora era o tempo opportuno para arruinar a Christandade, enfraquecida com huma larga guerra, descuidada com huma apparente vitoria; que no Estreito de Gibraltar estava a celebre Cidade de Ceita, porta por onde já os Africanos entráraõ com vitoriosas armas a dominar Espanha: que os Portuguezes a tinhaõ com fracos muros, e hum dèbil presidio, mais attentos a inquietar os vizinhos, que acautelarse delles; porque altivos com as prosperidades do Oriente desprezavaõ sua propria morada, à maneira de rios, que quanto mais distaõ do berço, em que nacèraõ, saõ maiores; que se a Magestade do graõ Senhor se inclinasse a senhorear esta parte taõ principal da Europa, elle se offerecia com hum justo numero de galès a entregarlhe Ceita, para que as naçoens do ultimo Occidente vivessem na reverencia de seu Imperio. Assim discorreo o Cossario, tentando restaurar com forças alheas o credito, e estado, de que havia caído. E como nas Cortes dos Principes as cousas grandes saõ melhor ouvidas que as possiveis; e em Barba-Roxa a experiencia, e o valor tinhaõ tantos abonos, Solimaõ altivo, e bellicoso, começou a dar ouvidos a empreza de tantas consequencias, que parecia opportuna pola paz, e prosperidade, que gozava seu Imperio. Ouvio diversas vezes a Barba-Roxa, que lhe persuadio serem os uteis desta facçaõ mayores que as difficuldades. Inflammavaõ mais a indignaçaõ do Turco os Mouros Africanos,

quei-

queixosos de que naõ podiaõ respirar, senaõ debaixo da paz de nossas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de seu Prophéta nas postradas Mesquitas. No remedio destes danos empenhavaõ o Turco por zelo, e por grandeza, porque huns tocavaõ à Religiaõ, outros à Magestade; motivos que cobriaõ a ambiçaõ, e justificavaõ a jornada.

Avisos do Emperador a ElRey.

24 O Emperador Carlos, que da negociaçaõ de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidadoso, entendendo, que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, naõ ficàra taõ secco, que com calor alheyo naõ pudesse brotar novo veneno, teve industria para saber a resoluçaõ do Turco ácerca da invasaõ de Espanha; e ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da vitoria para onde começa, naõ querendo caír tambem sobre nossas ruínas, mandou armar navios, alistar gente, e dobrar os presidios nos portos do Estreito, escrevendo a ElRey Dom Joaõ, seu cunhado, os avisos que tinha, para que juntos dispuzessem a resistencia do commum inimigo.

25 Chegada a Portugal esta nova, tratou logo ElRey de fortificar Ceita, que naõ tinha outra defensa, que a que ensinava a disciplina daquelles tempos; e como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas praças com o temor alheyo. Governava naquelle tempo Ceita Dom Affonso de Noronha, a quem ElRey encommendou a fortificaçaõ, e a defensa, mandandolhe gente, materiaes, e engenheiros. Pedia o Emperador a ElRey, que mandasse sair a arma-

E lhe pede ajuda para resistir aos Turcos.

da,

da, para que unida com a que tinha em Cadiz, à ordem de Dom Alvaro Baçaõ esperassem o inimigo na boca do Estreito, onde em qualquer successo teriaõ no abrigo de seus portos segura a retirada. Posto o negocio em conselho, pareceo que as armadas se juntassem, porque naõ ficasse sobre nossas forças todo o peso da guerra.

26 Entrou ElRey em consideraçaõ de buscar quem governasse a armada, e dado que no Reyno havia muitos homens, a quem as experiencias, e perigos de nossas Conquistas tinhaõ feito soldados, o nome de Dom Joaõ de Castro se fazia lugar entre os mayores: fez brio de naõ pedir, nem engeitar o serviço da patria. Sabemos que ElRey Dom Joaõ, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo; de sorte que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra; assim naõ vimos que na casa Real tivesse officio, ou valimento, porque varaõ taõ livre podiaõ no sofrer como vasallo, mas naõ como criado. Estava já com velas metidas toda a armada, e embarcada muita parte da nobreza do Reyno, e os soldados na expectaçaõ de quem havia de governar facçaõ taõ importante; quando de repente se divulgou a nomeaçaõ em Dom Joaõ de Castro, feita com geral satisfaçaõ, ainda dos mesmos pertendentes. *Nomea ElRey a Dom Joaõ por General*

27 Mandou ElRey chamar a Dom Joaõ, a quem communicou os avisos do Emperador, e designios do Turco, significando-lhe a enveja, com que o mandava a taõ honrada empreza, mas pois era huma prisaõ Real das Magestades poder dar honras sem poder merecellas, lhe entregava

Confiança, que mostra ter de D. Joaõ

aquella armada, esperando, que havia de ajuntar ás Ruélas dos Castros as bandeiras, que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes as deixasse ainda mais honradas do que lhas entregáraõ. Dom Joaõ beijou a maõ a ElRey, agradecido; entendendo, que dos Principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

Ajuntase com o General do Emperador.

28 Aos doze dias de Agosto de 1543. se fez á vela toda a armada, e em poucos dias com ventos de servir, surgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeo a nossa com toda a cortezia naval, alegrando, ou assombrando o lugar com repetidas salvas. Veyo logo Dom Alvaro Baçaõ com os principaes Cabos da armada visitar a Dom Joaõ de Castro ao mar, onde depois de saudaçoens cortezes, lhe deo conta das noticias, que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invasaõ seria sobre Ceita. Alli se discorreo, como unidas as armadas de dous taõ grandes principes, convinha á reputaçaõ de humas, e outras armas peleijar com o inimigo; que dado, que viesse com mayores forças, peleijavamos nos nossos màres á vista de nossos portos; que no conflicto nos podiaõ soccorrer com gente descançada; e os navios destroçados teriaõ o abrigo vesinho; e que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficariaõ taõ quebrados, que naõ pudessem intentar facçaõ nas praças do Estreito, as quaes sempre remiriaõ peleijando em ambos os successos, mayormente, que as ordens, que traziaõ cerradas de buscar o inimigo, naõ sofriaõ outra interpretaçaõ com que se salvasse a honra, e a obedien-

Discorrem sobre a jornada.

cia.

cia. Tomada esta resolução, ainda que precisa, briosa, ficárão os soldados alvoroçados, e os Cabos solicitos nas ordens, e disposição de tão grande negocio; quando de repente chegárão apressados avisos, que Barba Roxa com toda a armada junta demandava o Estreito. Mandou logo Dom João de Castro recolher alguma gente, que andava em terra, dar ordens aos Capitaens, empavesar navios, e avisar a Dom Alvaro de como se levava. O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriado daquelle ardor primeiro, escreveo a Dom João de Castro, que novos casos necessitavão de novos conselhos; e que pelas noticias das espias, sabia, que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baxeis do que as armadas tinhão; que não era intenção, nem serviço de seus Principes perderem se com risco tão sabido; que estando aquellas armadas inteiras não podia o inimigo intentar cousa grande; e se acaso na peleija ficassem destroçadas, ficarião as praças do Estreito por premio da victoria; que elle em deixar de peleijar se violentava muito, mas que primeiro estava o serviço do Cesar, que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, e que da resolução dos Turcos tomarião mais seguro conselho. Dom João de Castro respondeo ao General Castelhano, que elle não mudava de opinião á vista do inimigo; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos; que pois elles pretendião pisar terras de Espanha, as armadas se devião arriscar pela reputação, quanto mais pela injuria; que juizo havia de fazer o Mundo das forças de dous tão gran-

Resolvem peleijar

Muda o General Castelhano parecer.

E trata de reduzir a D. João

O qual permanece em peleijar com os Turcos.

des Principes, quando se colligavaõ para fazer a Barba-Roxa guerra defensiva? Deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das Aguias do Imperio, e Quinas de Portugal; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em hum, e outro acontecimento, porque no mao successo, os perdidos naõ davaõ conta de nada, e aos victoriosos de nada se pedia.

E o espera no Estreito tres dias.

29 Mas nem esta resoluçaõ bastou para o General Castelhano Dom Alvaro Baçaõ mudar de conselho; naõ sabemos se o tomou por melhor, se por mais seguro. Dom Joaõ de Castro se poz na boca do Estreito, aonde esteve surto tres dias; aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissençoens, que houvera entre os cabos mayores, ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba Roxa novas ordens do Turco, que recolhesse a armada; porèm a gentileza, com que Dom Joaõ de Castro a esperou no Estreito, mereceo dos presentes enveja; e dos futuros gloria; pois para conseguir huma illustre victoria, naõ faltou o valor, faltou o conflicto; bèm que desta taõ generosa resoluçaõ se fizeraõ em Hespanha juizos differentes, pondo-lhe nota aquelles, que a todas as acçoens naõ vulgares chamaõ temeridades, porèm eu creo, que ainda os que mais condenàraõ esta acçaõ, tomàraõ ser os authores della.

30 Vendo pois Dom Joaõ, que com a retirada do inimigo ficára assegurado o receyo daquellas praças, se foy a Ceita a communicar algumas cousas de sua instrucçaõ com Dom Affonso de Noronha;

Noronha; o qual recebeo a Dom Joaõ com tantas salvas de artelharia, que os Castelhanos em Gibraltar se persuadiraõ, que peleijava a armada; mas nem assim quizeraõ desaferrar do porto, faceis em alterar o primeiro conselho, tenazes no segundo. Aqui teve Dom Joaõ de Castro aviso, que os Mouros tinhaõ Alcacere Ceguer em apertado cerco, praça, que os nossos sustentavaõ em Africa com despeza, e perigo inutil, de que era Capitaõ hum fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a seu filho Dom Alvaro com hum troço da armada, e ordem, que metesse o soccorro na villa, e que atè se levantar o inimigo estivesse no porto, o que executou promptamente, bastecendo, e municionando a praça; e como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria, faltandolhes o calor da primeira invasaõ, levantou o sitio, e Dom Alvaro se tornou a aggregar á armada, que depois de assegurar Ceita, e livralla do receyo dos Turcos, se recolheo ao porto de Lisboa, aonde já havia chegado a fama de hum, e outro successo, que como cairaõ sobre valor taõ bem reputado, pareceraõ mayores; mas Dom Joaõ, que nenhuma cousa tinha por grande, querendo tratar com despreso suas mesmas obras, fugio das honras populares ao retiro de Sintra, ou taõ modesto, ou taõ altivo, que naõ avaliava suas acçoens por dignas de si mesmo.

Manda seu filho com soccorro a Alcacer Ceguer.

Volta a Lisboa, e recolhe-se a Sintra.

31 Entrou ElRey Dom Joaõ em consideraçaõ de buscar, quem governasse o Estado da India, porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado o tempo, e pedia successor com repetidas instancias, porque as cousas do Oriente estavaõ por

varios

varios accidentes hum pouco declinadas ; e naõ queria, que a guerra com algum desar lhe desluzisse a gloria de seus feitos, como quem sabia que dà a ignorancia do povo poder a huma desgraça, para desauthorisar muitas victorias. Para negocio taõ grande se representàraõ a ElRey sugeitos differentes ; huns que pela antiguidade do sangue costumavaõ a ser, senaõ benemeritos, herdeiros dos lugares mayores (segunda tyrannia de reynar, que inventou a nobreza) outros humildes por nacimento, e illustres por si mesmos, que o que se lhes devia por seus merecimentos, perdiaõ por falta dos alheyos ; assim que para posto de tanta authoridade, nem bastava valor plebéo, nem qualidade inutil.

32 Com estas consideraçoens ElRey irresoluto na escolha de varaõ, de quem pudesse fiar o peso de taõ grande governo, perguntou ao Infante Dom Luiz, quem no estado presente fizera Governador da India ? O qual lhe significou o conceito, que tinha dos espiritos de Dom Joaõ de Castro : porque ainda que na occasiaõ do Estreito a muitos havia parecido, que se houvèra com animo sobejo, he certo, que naõ haveria soldado, que naõ estimasse ser réo de taõ honrada culpa: e que dado, que seus emulos o arguiaõ de altivo, e retirado, por naõ pedir mercès, nem cortejar ministros, eraõ estes defeitos de taõ boa qualidade, que vinhaõ a ser melhores os vicios de Dom Joaõ, que as virtudes de outros ; que naõ via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India senaõ D. Joaõ de Castro, o qual servia taõ alheyo de todos os interesses, que parecia desprezar os premios da

He proposto pelo Infante para o governo da India.

da terra, como se Sua Alteza naõ fora Rey dos homens, senaõ Deos dos Vassallos; que era afeiçoado a Dom Joaõ de Castro por suas qualidades, porèm taõ livremente, que seus merecimentos ainda separados do sugeito, amàra em qualquer outro.

33 ElRey com quem a opiniaõ do Infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas de Dom Joaõ com zelo de Principe, e noticias de amigo, approvou a inculca feita pelo Infante, cuja authoridade qualificou o conceito de todos, e mandando chamar a Dom Joaõ de Castro a Evora, onde tinha sua Corte, lhe disse em sala publica. *ElRey o elege, e lhe fàla.*

,, Andei estes dias cuidadoso em buscar varaõ que
,, governasse o Estado da India, e naõ duvidava po-
,, delo achar na familia dos Castros, de cujo tron-
,, co os Senhores Reys meus antecessores tiràraõ
,, sempre Generaes para os exercitos, Regentes pa-
,, ra os pòvos; assim me prometto, que de taõ va-
,, lerosa raiz naõ pòde degenerar o fruto; mórmen-
,, te se medir as futuras acções pelas passadas, as
,, quaes vos tem dado justo nome na opiniaõ do
,, Reyno, e estimaçaõ na minha; pelo que confia-
,, damente vos encommendo o governo da India,
,, aonde espero procedais de maneira, que possa dar
,, vossas acçoens por Regimento aos que vos succe-
,, derem. D. Joaõ beijou a mão a ElRey, mais agradecido à honra, que ao officio, estimando-só de taõ grande cargo o naõ o haver buscado. Na Corte houve sobre esta eleiçaõ diversos sentimentos; alguns a notàraõ por enveja, e outros por costume: tanto, que nas virtudes em que lhe naõ podiaõ achar faltas, lhe arguiaõ excessos; foy porèm taõ bem avaliado dos mais, e dos melhores, que El- *Approvaõ todos esta eleiçao.*

Rey

Rey se alegrava de haver achado hum homem feito à vontade de todos.

Corre com o apresto das náos.

34 ElRey lhe mandou logo despachos para aprestar a armada sem correr o meneo della por outras mãos, como erradamente andou escrito, affirmando hum Author, que Dom Joaõ passára à India descontente por ser mal respondido em seus particulares; cousa taõ encontrada com as noticias que temos, e com a pouca ambiçaõ deste fidalgo, que mais se desvelava no que havia de engeitar, que no que havia de pedir, como senaõ tivera Rey a quem rogar, senaõ a quem servir.

Reprova as galas de seu filho.

35 Determinou levar comsigo a seus filhos D. Fernando, e Dom Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou cortar algumas galas, das que pediaõ a profissaõ, e os annos; e passando D. Joaõ a caso pela Jubitería, vendo estar penduradas humas calças de obra, parando o cavallo, perguntou de quem eraõ? e tornandolhe o official, que as mandàra fazer Dom Alvaro filho do Governador da India, pedio Dom Joaõ de Castro huma tizoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre: Dizei a esse rapaz, que compre armas. Naõ lemos que fosse mais exemplar, ou austéra a disciplina dos antigos Romanos.

Náos, e Capitães dellas.

36 Aprestou D. Joaõ a armada brevemente, sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque ainda entaõ as extorçoens, com que os ministros mayores armaõ à graça dos Principes, senaõ usavaõ, ou se naõ conheciaõ. Era o corpo da armada de seis náos grandes, em que se embarcàraõ dous mil homens de soldo. A Capitania S. Thomé, em que o Governador hia, que lhe deu este nome, que de-

depois appellidou nas batalhas, invocando jà como de justiça ao Apostolo da India por Patraõ de huma, e outra conquista. Os outros Capitaens de sua conserva eraõ Dom Jeronymo de Menezes, filho, e herdeiro de Dom Henrique, irmaõ do Marquez de Villa Real, Jorge Cabral. Dom Manoel da Sylveira, Simaõ de Andrade, e Diogo Rebello.

37. Aos dezasete de Março de 1545. desaferrou do porto toda a armada, e a poucos dias de viagem foi avisado o Governador, que na sua náo hiaõ quasi duzentas pessoas, que recebiaõ raçaõ sem assentarem praça; huns que por inuteis naõ foraõ recebidos, e outros que por delictos se embarcáraõ escondidos. Instavaõ os ministros da náo com o Governador, que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a náo, e levarem mantimentos sobrados para os casos de taõ larga viagem; porèm o Governador mais compassivo que acautelado, fazendo huma mesma a causa dos miseraveis, e a sua, seguio sua derròta. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros, e soldados esforçáraõ a queixa contra o Governador, que com taõ arriscada piedade queria pôr em contingencia pelo remedio de poucos a salvaçaõ de todos. Os mais eraõ de parecer, que se lançasse esta gente nas Ilhas de Cabo verde, onde os criminosos, e os pobres ficavaõ assegurados, estes da fome, aquelles da justiça. Porèm o Governador considerando, que os ares, e o terreno das Ilhas, buscados fóra de monçaõ, eraõ conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, crendo se

Partem, e em que tempo.

Compaixaõ do Governador.

ſalvaria com elles, e por elles, dizendo, que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Aſſim foraõ navegando com tempos eſcaſſos, atè que lhe entráraõ os geraes na coſta de Guinè; onde a náo do Governador tocando eſteve ſoçobrada, ſendo na opiniaõ dos mareantes aquelles mares limpos, e aonde a carta naõ ſinalava baixos. Foi a confuſaõ, como de quem ſe via beber a morte inopinadamente; as horas, e o temor faziaõ maior o perigo, atè que a náo eſtando atraveſſada, e ſem governo, começou a ſordir ſobre a vaga; ſeria caſo, mas pareceo milagre. O Governador mandou tirar tres peças, para que as náos, que vinhaõ por ſua eſteira, deſſem reſguardo ao baixo; as quaes naõ entendendo o ſinal, arribáraõ ſobre elle, e com melhor fortuna que conſelho, ſendo do meſmo porte que a Capitania, ſalvaraõ o baixo, achando ſobre as meſmas aguas differente ſucceſſo, cuja cauſa não ſouberaõ ajuizar os mareantes.

Perigo da ſua náo

38 Seguindo o Governador ſua viagem com toda a armada junta, ſurgio em Moçambique, onde o ſeu primeiro cuidado foy a deſembarcaçaõ, e commodidade dos enfermos, ajudado de ſeus filhos Dom Alvaro, e Dom Fernando, parecendo entaõ herdeiros de ſua piedade, depois de ſeu valor. Os dias em que o Governador eſteve em Moçambique, notou que a fortaleza, que alli tem o Eſtado, era obra mal entendida, por eſtar em diſtancia da praya, difficil aos provimentos, e ſocorros de noſſas armadas, ſituada em lugar bayxo, aonde podia ſer batida de muitas eminencias que a ſenhoreavaõ, impedindo lhe juntamente a pureza dos ares em dano da ſaude. Com-

Chega a Moçambique.

Muda a fortaleza para melhor ſitio

Communicou efte negocio com as peſſoas, que deſta arte tinhaõ alguma luz por uſo, ou diſciplina, e a todos parecèraõ os erros da fortificaçaõ notados com juizo. Succedeo logo a execuçaõ ao conſelho, e eſcolhido ſitio conveniente, determinou materiaes, e meſtres para a nova defenſa; e como iſto ſe obrava aos olhos do Governador, os fidalgos à volta dos pioens acarretavaõ as pedras: humas que ſerviaõ à liſonja, outras ao edificio.

39 Poſta já em defenſa a fortaleza, e reparada a ſaude dos enfermos com os ares, e refreſcos da terra, deu o Governador à vella, e navegando ſempre com ventos de ſervir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum Navio que ſe adiantou, ſoube Martim Affonſo de Souſa que tinhaõ ſucceſſor veſinho, diſpondo-ſe a recebelo com feſtas, que moſtraſſem o goſto com que agaſalhava o hoſpede, e deixava o governo. Foy logo buſcalo ao mar em hum bargantim eſquipado, donde o trouxe à quinta de Antonio Correa, em quanto ſe diſpunha a ſolemnidade de ſeu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, aos fidalgos, e Capitaens da frota, com tanto primor no ſerviço, e abaſtança taõ grande nas viandas, que parecia ſolemniſar as ultimas honras do cargo que eſpirava. Houve aquella noite bayles, e folías; feſtins que a ſingeleza do Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui eſteve o Governador dous dias, aſſiſtido de todos os fidalgos, deſemparando a Martim Affonſo de Souſa, até aquelles, que como creaturas ſuas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidaõ Oriental

Parte para Goa.

dos Indios; que apedrejaõ o Sol, quando se poem; e o adoraõ quando nasce.

40 Chegado o termo da entrada, se meteraõ os dous Governadores em huma Falùa com remos dourados, e o toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejàraõ com horror de repetidas salvas; e os vivas, e expectaçoens da plebe lisonjeavaõ sem artificio ao novo governo. Assim chegàraõ a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias que a vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos Vereadores sua estudada arenga, em que se promettia o Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as secretas de muitos, que com ellas abriaõ a porta a seus particulares interesses.

Chega, e como he recebido.

41 Acabada a solemnidade daquelle acto, e entregue Dom Joaõ do Governo da India, se partio Martim Affonso para Cochim a tratar de seu apresto para o Reyno. Entrou logo o novo Governador em cuidados molestos de aquietar o povo alterado pela mudança de moeda, que os ministros Reaes haviaõ sobido com dano dos vassallos, e escandalo do Gentio vesinho. Direi de seus principios o caso.

Estado em que achou o Governo.

42 Corre na India huma moeda de baixa ley, que chamaõ Bazarucos, a qual entre Christãos, Mouros, e Gentios conservou sempre a mesma estimaçaõ vulgar. Esta como se lavra de cobre, material que naquelle tempo passava de Portugal por droga, pareceo aos ministros que se lhe devia

Com alteraçaõ dos Bazarucos.

via sobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicou-se solemnemente a alteraçaõ da moeda, começando a correr com nova estimaçaõ, porèm como aquelle valor legal naõ era intrinseco, pois tinha só o que recebia da ley, e naõ do peso, o Gentio, que naõ estava sogeito a leys alheyas, faltava com a ordinaria provisaõ de mantimentos, e os póvos padeciaõ, como por decreto de seu mesmo governo. Os ministros mayores defendiaõ, como Real, a causa, zelando a utilidade do Rey na perdiçaõ do povo; o corpo da Cidade clamava, que os Reys de Portugal nunca fizeraõ de suas miserias thesouro, nem costumavaõ beber as lagrimas de seus vassallos em baixellas douradas; que os Gentios, e Mouros se gloriavaõ, de que naõ podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabavaõ com suas mesmas leys, armando contra elles a ambiçaõ de seus Governadores. Crescia a fome, e liberdade dos queixosos, que fazia mayor a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum. Com estas queixas foraõ os Vereadores da Cidade, entre pobres, mulheres, e mininos, huns com razoens, e outros com lastimas demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como pay, e porque o mal da fome naõ se cura com remedios tardos, lhes remetteo a conclusaõ para o seguinte dia; assi os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tarde chamou os ministros da fazenda Real, e ouvidos os fundamentos, que tiveraõ, deo parte da materia

Ouve a Cidade, e Povo.

Resoluçaõ que toma.

aos

aos homens mais ſcientes nas leys, e na politica daquelle Eſtado, os quaes, ſem diſcrepancia, reſolvèraõ ſer cruel o decreto, e repugnante à piedoſa intençaõ dos noſſos Principes. E eſte parecer ſe corroborou com os fóros, e privilegios populares, e outras legalidades, que deixamos por naõ fazer prolixa noſſa Hiſtoria. Revogada eſta ley pelo Governador, começàraõ a correr os mantimentos do Sertaõ, e os povos lhe vieraõ offerecer as vidas, que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

Primeira embaixada do Hidalcaõ.

43 Concluido eſte negocio com tanto credito da clemencia Real, vieraõ Embaixadores do Hidalcaõ, que depois de lhe darem as ſaudaçoens ordinarias, e congratulaçoens do cargo, lhe pediaõ entregaſſe certo priſioneiro na fórma, que com ſeu anteceſſor eſtava concertado. E porque eſte negocio chegou a alterar o Eſtado com guerra deſcuberta, naõ deixaremos em ſilencio a origem, que teve.

Sobre a cauſa do Meàle.

44 Morto Bazarb Principe do Balagate, no tempo, que foy Governador Nuno da Cunha, ficou Meàle ainda no berço de ſua infancia, havido por indubitavel ſucceſſor da Coroa. Era o Hidalcaõ neſte tempo a ſegunda peſſoa do Reyno em authoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos Principes veſinhos tinha dado de ſuas obras hum teſtemunho grande. E como eſtes barbaros mais reynaõ por occaſiaõ, que por juſtiça, o Hidalcaõ vendo que ſuas forças, e a impoſſibilidade do herdeiro lhe abriraõ larga porta à ambiçaõ da Coroa, começou a ſolicitar os coraçoens dos Grandes, com os quaes artificioſamente

mente se lastimava da miseria do Reyno com successor minino, com quem haviaõ de servir, ou sofrer como a Reys todos os seus valídos; que os Principes, com quem traziaõ guerra, naõ perderiaõ a occasiaõ de os acabar, vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem hum varaõ, onde havia tantos para salvar a patria, que elle seria o primeiro, que lhe obedecesse, porque o governo do Reyno naõ podia esperar os tardos movimentos, com que a natureza havia de dar a hum minino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçado aos peitos das amas, adorassem Meàle, naõ duvidava, que por conservarem o Rey, perderiaõ o Reyno. Mostrou-se logo affavel com os póvos, com os soldados liberal, como quem naõ queria imperar para si, senaõ para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, naõ como necessarias para viver, senaõ para reynar. Chegáraõ em fim os principaes a offerecer-lhe a Coroa, crendo, que sempre se acordasse, que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de taõ grande beneficio.

45 Era o Hidalcaõ liberal, e valeroso, e sem duvida fora hum grande Principe, se conservàra o Reyno com as mesmas virtudes com que soube adquirilo; porêm logo que se vio obedecido, cessáraõ aquellas artes fingidas, como não tinhaõ movimento natural, e rebentàraõ a ambiçaõ, e soberba como vicios de casa. Naõ tratou logo de matar a Meàle, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçà que o pobre Principe

cipe com obediencia servil lhe authorizasse o cetro que lhe tyrannizava. Os Satrapas do Reyno vendo-se fóra de tempo arrependidos, e que ja naõ podiaõ ser traidores, nem leaes sem perigo, andavaõ consultando meyos de assegurar Meàle da tyrannia do Hidalcaõ, como se tivera o desgraciado Principe mais justiça para viver, do que para reynar. Nestes discursos passáraõ alguns annos, nos quaes Meàle chegou a idade que podia conhecer seu perigo, e considerando que sua presença arguía a consciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intruzaõ da Coroa, aconselhado dos mesmos que lhe tiràraõ o Reyno, se passou a Cambaya, onde foy bem recebido, mostrando o Rey, e o povo que se compadeciaõ de miserias Reaes; porèm como aquelles favores tinhaõ mais de ambiçaõ que de piedade, chegàraõ a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizeraõ tratamento como a Rey, os outros como a perseguido. Com tudo Meàle se deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis os desfavores do hospede, que as injurias do tyranno.

46 Entre tanto o màior cuidado do Hidalcaõ era destruir aquelles que lhe deraõ a Coroa, que ainda que como complices da traiçaõ, lhe puderaõ ser gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavaõ a obrigaçaõ, ou o delicto. E como jà vivia temeroso de suas obras, entendeo que mais o podia assegurar a crueldade que a clemencia; assi o faziaõ duas vezes cruel, o vicio, e a necessidade. Aos maiores foy usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delitos impostos

poſtos, ou eſquecidos, cubrindo a tyrannia com ſombras de juſtiça, crendo que com abaixar os poderoſos ſe faria aceito aos pequenos, aos quaes ſempre he grata a ruína dos Grandes por odio natural de ſua fortuna. Porèm elles vendo que naõ baſtava o ſofrimento, conſultàraõ meyos de reſtituir Meàle, huns por vingança, e outros por remedio. Fizeraõ ſuas juntas ſecretas, onde tomàraõ differentes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia o temor, e a difficuldade do negocio, mais arduo na execuçaõ que no conſelho. Acabáraõ enfim de apurar a obediencia forçada com os aggravos nóvos; tentáraõ pois com a morte do Hidalcaõ remir a culpa, e cobrir a infamia da traiçaõ paſſada; naõ ſendo deſte vóto os atrevidos, ſenaõ os deſeſperadoss, porque jà o Hidalcaõ neſte tempo vivia com força de Rey, e cautelas de tyranno. Era aſſiſtido do povo, que aborrecendo o Rey, amava as crueldades executadas contra a nobreza, infeſta pola deſigualdade de huma, e outra fortuna. Os conjurados teõmeroſos de ſi meſmos, e que com a dilaçaõ ſe faziaos odios mais remiſſos, e a paciencia ſervil, ſe fazia coſtume, vendo que para taõ grande empreza naõ tinhaõ forças, proprias buſcàraõ as alheas. Acordàraõ communicar o negocio com Martim Affonſo de Souſa, Governador que entaõ era do Eſtado da India, pedindolhe mandaſſe vir Meàle de Cambaya, e o tiveſſe em Goa. E quando engeitaſſe a gloria de o reſtituir, teria ſempre ao Hidalcaõ temeroſo, e propicio para todas as occurrencias do Eſtado.

47 Perſuadido Martim Affonſo, que eſte fogo de diſcordia, que começava a arder entre o Hidalcaõ, e os ſeus, convinha mais ſopralo que extinguilo;

e que feria util ao Eftado enfraquecer hum vefinho foldado, e poderofo; cobrindo eftas conveniencias com caufas mais honeftas, quaes eraõ, pôr à fombra de noffas armas hum Principe defapoffado, e perfeguido, facçaõ para os de fóra gloriofa, e para os noffos util, refolveo mandar bufcar Meàle a Cambaya, fignificandolhe a difpofiçaõ de feus vaffallos àcerca da reftituiçaõ do Reyno, cujos animos fe esforçariaõ vendo que lhe amparava o eftado, a caufa, e a peffoa. Recebida do Mouro taõ inopinada menfagem, havendo por defacoftumada a piedade de homens, por religiaõ naõ fó differentes, mas contrarios, fe encommendou à fé, e clemencia do Eftado; e embarcando-fe com fua pobre familia, aportou a Goa, onde foi recebido do Governador com grandes honras, mais merecidas de feu fangue, que de fua fortuna; fe bem foraõ de alguns interpretadas, antes em injuria do vefinho, que em favor do Hofpede. Derramada por toda aquella cofta a vinda de Meàle, que já começava a reynar nos animos de muitos, tomou o feu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que jà a fombra de noffas armas amparava fua caufa, e que começava a foar bem feu nome nos ouvidos do povo.

48 Confiderando o Hidalcaõ, que o Eftado naõ chamàra Meàle fò para fegurar a peffoa, mas defender a caufa, cujas armas como victoriofas, e vefinhas lhe eraõ mais formidaveis, mandou a Martim Affonfo de Soufa huma embaixada, fignificandolhe como tinha fabido, que eftava em feu poder Meàle, a quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do

Oriente

Oriente; que ſabia como fora chamado de alguns ſediciofos, que canſados de obedecer, queriaõ crear Senhores nóvos, a quem poder mandar; que elle Hidalcaõ naõ referia as razoens, que tivera para tomar a coroa, porque ſe os Principes houveſſem de dar razaõ de ſeu direito, naõ haveria differença entre os Reys, e plebêos; que a juſtiça dos Principes havia de ſer julgada de Deos, e naõ dos homens; que o mundo tinha jà recebido, que em materia de reynar naõ havia differença de cauſa a cauſa, mas de peſſoa a peſſoa; que naõ negava que Meàle apoucado, e cobarde, era de geraçaõ Real, mas que o erro que fizera a natureza, emmendàra a fortuna, dandolhe o Reyno a elle ouſado, e valeroſo; quanto mais que a natureza ſó aos Leoens dera com o nacimento a coroa, aos homens deixàra que a ganhaſſem; que muitas couſas pareciaõ ao mundo por menos coſtumadas injuſtas; que tomar para ſi o Reyno quem era digno delle, os primeiros o recebiaõ como eſcandalo, os outros como ley; que Meàle fora o homem mais vil, que naſcèra em ſeu Reyno, e elle o mais felice; e que naturalmente os homens aborreciaõ os monſtros da natureza, e amavaõ os da fortuna; que nos perguntaſſemos, a nòs com que acçoens ſenhoreavamos a Aſia? Que parenteſco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa? Em que gráo eſtavamos com Soltaõ Badur para lhe herdarmos Dio? ſe o Achem nos deixàra Malaca em teſtamento? E tantas praças quantas por todo o Oriente nos pagavaõ tributo? Que nos rogava naõ infamaſſemos nelle os meſmos titulos com que nos faziamos do mundo abſolutos Senhores; que naõ

 tiraſſe-

tiraſſemos a Deos o cuidado de governar o mundo; pois naſcendo no ultimo Occidente, queriamos emmendar as deſordens da Aſia; que nos fazia a ſaber, que nos ſeus Reynos havia minas de metaes differentes; que de humas tirava para os amigos ouro, e de outras para os inimigos ferro; que ultimamente pedia a elle Governador lhe entregaſſe Meàle, porque na clemencia que com elle uſaſſe, ſe viſſe que era digno de reynar quem aſſi tratava ſeu maior inimigo; que ſeus Embaixadores levavaõ ordem para aſſentar todas as conveniencias do Eſtado.

49 Recebida por Martim Affonſo a carta, e ouvidos os Embaixadores do Hidalcaõ, entendeo delles, que pela peſſoa de Meále offereciaõ cento e cincoenta mil pardaos, e as terras firmes de Bardez, e Salſete, importantes ao Eſtado pelos rendimentos, e viſinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonſo que o negocio era de muito peſo, e que de ambas as faces moſtrava utilidades grandes, porque reſtituir a hum Principe, e abaixar a hum tyranno, era empreza digna de armas Chriſtãas, da qual receberia naõ vulgar reputaçaõ o Eſtado, moſtrando ao mundo, que naõ paſſáraõ noſſas bandeiras á Aſia a uſurpar Reynos, nem acquirir riquezas, pois ſó tratavaõ de que os Pagãos, e Mouros do Oriente guardaſſem a Deos fidelidade, e juſtiça entre ſi. Por outra parte diſcorria, que Meàle quando chegaſſe a reynar depois de larga guerra, naõ podia dar ao Eſtado mais, que o que o Hidalcaõ ſem ella offerecia; e que como eſtes Mouros por odio, e por Religiaõ eraõ ſempre inimigos, rirſehia o mundo, ſe

se visse que com nosso sangue destruîamos hum infiel, e criavamos outro, quando da ruína de ambos pendia nossa prosperidade; mòrmente, que naõ passáraõ à India nossas armas a defender os inimigos da Fé, senaõ a destruìlos. Que se Meàle naõ achàra amparo em ElRey de Cambaya, de quem era parente, porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo? Que quando se visse restituído, e poderoso, a primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitosa a vesinhança de homens taõ valerosos, que o fizeraõ Rey; e que para nos aborrecer, bastava a memoria de taõ grande beneficio.

50 Resoluto em fim Martim Affonso a entregar Meàle por fundamentos menos considerados, despedio os Embaixadores, e com elles a Galvaõ Viegas hum cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato na fórma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcaõ, com beneplacito de seus Embaixadores.

51 Neste estado achou Dom Joaõ de Castro as cousas de Meàle, pedido agora pelo Hidalcaõ com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porèm Dom Joaõ com differente acordo respondeo ao Hidalcaõ, que os Portuguezes eraõ fieis aos inimigos, quanto mais aos hospedes; que as propòstas de seu antecessor mais foraõ para conhecer a causa que para resolvela; que as terras firmes pertenciaõ ao Estado por doaçoens mais antigas, e que dos rendimentos era justo alimentar Meàle por gratidaõ dos

Reposta do Governador

dos Reys seus antecessores, que as vincularaõ ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, e que o amparar o Estado sua pessoa atégora naõ era protecçaõ, senaõ piedade; que naõ alterasse a paz com impacientes armas, porque entaõ viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado, para que se fizesse autor de huma, e outra vingança. E porque seus Embaixadores apontavaõ, que com a negaçaõ de Meàle seria forçoso o rompimento, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhaõ os alicesses sobre cinzas de Reynos abrasados; que os Portuguezes tinhaõ a condiçaõ do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assim como naõ buscava a guerra, taõ pouco a sabia engeitar.

52 Com esta reposta despedio o Governador os Embaixadores, que na constancia com que lhes respondeo entenderaõ, que o naõ dobraria a entregar Meàle, temor, ou beneficio. Apercebeose logo para fazer, e esperar a guerra, que como era de Principe vesinho, primeiro poderiamos sentir o golpe que ver a Espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que seriaõ duzentos homens, e serviaõ debaixo de huma só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade à gente da ordenança, e os soldados pagos teve promptos para qualquer invazaõ subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada; que achou desbaratada pelas viagens, e guerras de seu antecessor, e pobreza do Estado; e como as forças navaes saõ

Apercebimentos que faz.

as

as mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcaçoens que estavaõ no rio, fez tres galés, e seis navios redondos com estranha brevidade, naõ faltando aos officiaes com a paga, e o agrado, com que a obra medrava, vencendo a diligencia o tempo. Destas galès, e navios nomeou Capitaens, que assistiaõ ás obras, como a cousa propria; expediente que foy assaz importante para a brevidade do apresto, bondade e abundancia das muniçoens, e mantimentos, com que a armada se poz de verga dalto em tempo opportuno, e breve, e com ella poz freyo aos Principes vesinhos para se naõ colligarem com o Hidalcaõ, que já os solicitava a sacudir o jugo como em beneficio da commum liberdade.

53 Entendida pelo Hidalcaõ a resoluçaõ do Governador recorreo à justiça das armas, querendo lançar fóra de casa a guerra, antes que com a presença de Meàle tumultuassem os vassallos, a quem fariaõ fieis os póstos, e os premios da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigorosas leys aos vivandeiros trazer a Goa a ordinaria provisaõ de mantimentos, que como os recebia do Sertaõ, naõ estava bastecida para aturar taõ repentina guerra. Tras isto mandou a Acedecaõ hum valeroso Turco com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavaõ à nossa obediencia. *Primeiros movimentos do Hidalcaõ.*

54 Mas Dom Joaõ de Castro entendendo que a guerra recebe opiniaõ dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, e a cavallaria da terra a fazer rosto ao inimigo, e sendo de muitos fidalgos persuadido que naõ empenhasse *Acode o Governador pessoalmente.*

se

se sua pessoa com partido taõ desigual, que naõ era authoridade do Governador da India, cingir a espada contra hum Capitaõ do Hidalcaõ, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra; mórmente quando tinha fidalgos benemeritos da honra, e do perigo desta empreza, naõ foy possivel dissuadilo da primeira resoluçaõ, dizendo com mayor confiança do que permittiaõ as forças de seu campo, que sabia a castigar, e naõ a vencer. E marchando duas legoas de Goa, avistou ao inimigo, que alojado ao pé de huma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava, e de trincheira, com as ventagens do numero, e do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começàraõ a passar o rio com mais resoluçaõ que disciplina. Naõ foy possivel aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançàraõ ao rio, e nos sizudos a desconfiança fez necessidade, nos mais para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

Peleija, e desbarata o inimigo.

59 O Governador com singular acordo, mandou aos que ficavaõ que passassem o rio, entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; e porque este dia naõ teve lugar de dispor como Capitaõ, peleijou como soldado. Envestíraõ logo os nossos aos Mouros taõ impetuosamente, que assombrados daquella primeira invazaõ, foraõ largando o campo, turbadas as fileiras, e por si mesmas rotas foraõ desordenadas, e vencidas; vendo os nossos (o que raras vezes

succede)

fuccede) hum exercito ſem perda, è mais desbaratado. Receberaõ os Mouros grande dano na fugida, nenhum na reſiſtencia. Foraõ os noſſos duas legoas executando as licenças, e crueldades da vitoria, recolhendo as armas, que os miſeraveis largavaõ como carga, e naõ como defenſa. Durou enfim o alcance o que durou o dia, ſendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os ſoldados, cheyos de ſangue, de gloria, e de deſpojos, ſe deixou o Governador ficar no campo ao ſeguinte dia, ſem arguir aos ſoldados a deſordem, que lhe deu a victoria; ſeguindo a condiçaõ dos juizos humanos, que nunca deu louvor às deſgraças, nem às victorias culpa.

56 Entrado o Governador em Goa, foy recebido com ſingular applauſo daquelle povo taõ coſtumado a ver, e deſpreſar victorias. E porque neſta, e nas mais batalhas que Dom Joaõ venceo, appellidou o nome de Saõ Thomè Apoſtolo da India, cremos que foraõ havidas com o auſpicio de hum Patraõ taõ grande; o qual, por gratificar a piedade, e honrar a memoria de Dom Joaõ de Caſtro, ſe ſervio de deſcobrir nos dias de ſeu governo aquella maravilhoſa Cruz, achada em Meliapôr na coſta de Choromandel, quaſi cubertos de huma meſma terra a milagroſa Cruz, e o Corpo Sancto. E como Dom Joaõ de Caſtro venerava eſte ſinal de noſſa Redempçaõ com devido, mas peregrino obſequio, pois ſempre que topava Cruz, ſe apeava do palanquim, ou cavallo, pondo-ſe de joelhos; naõ parecerá caſual a maravilha deſte deſcobrimento, pois as miſericor-

Recolhe-ſe a Goa.

Veneraçaõ que fazia à Cruz

F

misericordias do Ceo naõ vem por accidente. Daremos a relaçaõ deste mysterio, por involver hum milagre successivo, testimunho da fè Oriental, cultivada naquellas Regioens com o sangue, e doutrina de nossos Portuguezes.

Invençaõ da Cruz de S. Thomè.

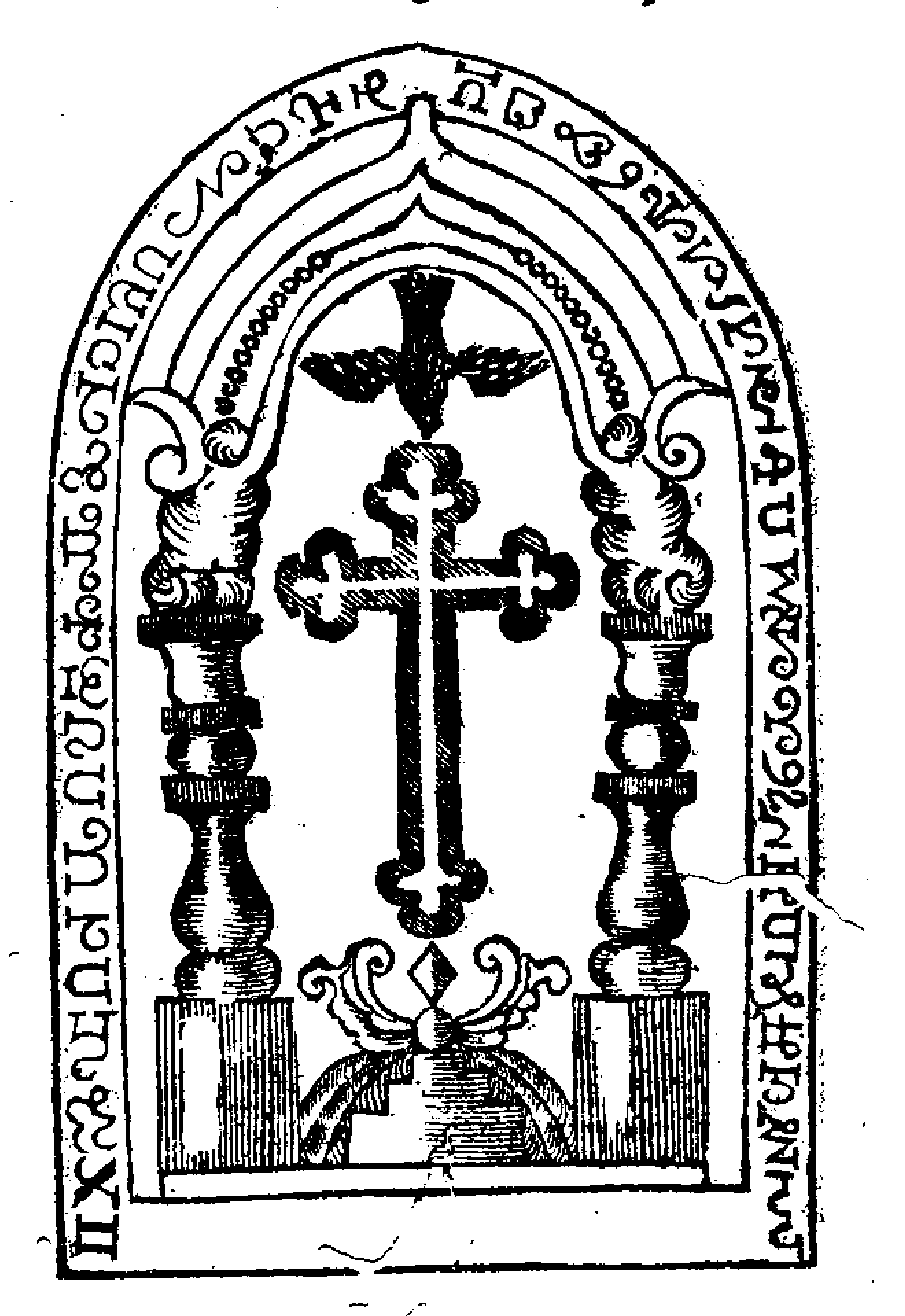
57 Depois da maravilhosa invençaõ do Corpo deste sagrado Apostolo, na Cidade, ou ruinas de Meliapôr, que entaõ se chamava Calamina, os Reys Dom Manoel, e Dom Joaõ ardiaõ em piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo alli ficáraõ, ainda que corruptas já com a doutrina de Sacerdotes Armenios, e Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, davaõ a beber àquelles innocentes Christãos perniciosos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, tratàraõ de levantar huma Igreja no lugar aonde fora achado o precioso Corpo do Apostolo; e abrindo os alicesses para a fabrica, achàraõ huma Cruz lavrada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, e tres de largo, borrifada de gotas de sangue ao parecer fresco. Tinha essa Cruz a forma das que usaõ os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavaõ algumas Cruzes mais pequenas com a mesma figura, que a maior, salpicadas com as mesmas nodoas de sangue. Estava a Cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas letras antigas, cujo significado ignoravaõ os naturaes da terra, por naõ estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Foraõ buscados velhos, e antiquarios scientes em differentes linguas, sem

que

que nenhum pudesse rastrear a letra, nem o sentido da escritura, atè que dahi a alguns tempos foy trazido hum Bramane de Narzinga, que nos deu a exposiçaõ della em sentido corrente, e dizia assi.

,Depois que appareceo a ley dos Christãos no ,Mundo, dalli a trinta annos, a vinte e hum de ,Dezembro, morreo o Apostolo Saõ Thomè em ,Meliapôr, onde houve conhecimento de Deos, ,e mudança de ley, e destruiçaõ do Demonio. Este Deos ensinou a doze Apostolos, e hum delles veo a Meliapôr com hum bordaõ na maõ, ,onde fez hum Templo, e ElRey do Malabar, ,Choromandel, e Pandi, e outros de diversas ,naçoens, e seitas, se sugeitaraõ voluntariamente à ley de Saõ Thomè. Veyo tempo em que o ,Sancto foy morto por mãos de hum Bramane, e ,com seu sangue fez esta Cruz.

E como esta traducçaõ era de interprete assalariado, naõ lhe deraõ os nossos inteira fé em negocio taõ grave; assi chamaraõ outro Gentio douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes, o qual sem ter noticia da exposiçaõ primeira, declarou as letras na mesma forma, sem discrepancia alguma. A ElRey Dom Sebastiaõ foy trazida a copia da estampa o anno de mil quinhentos sessenta e dous, como aqui parece.



Continuaraõ os noſſos a fabrica da Igreja com maiores deſpezas pela veneraçaõ do lugar, que era depoſito dos penhores ſagrados, ſendo grande a piedade, e concurrencia do povo Malabar à viſta de taõ illuſtre teſtimunho da fè, que conſervavaõ. Acabou-ſe a fabrica do Templo brevemente, ſervindo no altar maior de retabolo a

Cruz,

Cruz, gravada no marmore que temos referido. Começàraõ a celebrarſe os Officios Divínos com a decencia, que permittia hum lugar taõ remoto; quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectaçaõ da Senhora, eſtando-ſe officiando a Miſſa à viſta de muito povo, começando o Sacerdote o Euangelho, começou tambem a Cruz ſagrada a cobrirſe de hum ſuor copioſo, deſtillando ſobre o altar naõ meudas gottas; e porque ficaſſem maiores ſinaes daquella maravilha, parou no ſacrificio o Sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz evaporava, os quaes ſubitamente ſe banhàraõ em ſangue à viſta do numeroſo povo que aſſiſtia. Foi logo a ſagrada Cruz mudando a cor alabaſtrina em pallida, e deſta paſſou a hum negro eſcuro, que tornou a mudar em azul, com hum reſplandor maravilhoſo, que durou em quanto o ſacrificio da Miſſa, e depois de acabada, tomou a cor natural em que foi deſcuberta. *Milagre notavel da meſma Cruz.*

58 Succeſſivamente ſe vio o meſmo milagre muitos annos naquelle meſmo dia, e ainda agora ſabemos por Autores, e relaçoens fieis ſuccede algumas vezes; com que aquella Chriſtandade recebe os preceitos de noſſa ley com Fé já mais robuſta. Eſte milagre ſe calificou ante o Biſpo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos vieraõ a eſte Reyno em tempo do Cardeal Rey D. Henrique, que com authoridade do Papa Gregorio XIII. authenticou o milagre, já divulgado em noſſas Chronicas, e Autores eſtranhos. As novas deſte milagre recebeo Dom Joaõ de Caſtro com naõ vulgares moſtras de piedade, amparando aquella Chriſtandade de S. Thomè, opprimida da ſervidaõ dos *Affecto com que o Governador recebe eſta nova.*

Princi-

Principes Gentios, que lhe haviaõ revogado certos donativos, e graças, que por intervençaõ do Sancto Apostolo lhe foraõ concedidas dos Reys antecessores, das quaes hoje pelo odio dos infieis, e corrrupçaõ dos tempos, só guardavaõ as memorias.

59 Naõ cessava o Hidalcaõ de inquietar os nossos com ordinarias correrias nas terras firmes, que bastavaõ a nos ter em continua vigia, e impedir a cultura aos lavradores; a cuja causa se resolveo o Governador a darlhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar a seu filho Dom Alvaro na armada que aprestàra, com ordem que nos pòrtos do Hidalcaõ fizesse todo o dano possivel, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do saco, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado, e desviar a outros dos tratos mercantís, corrupçaõ que hia lavrando em muitos, e jà com feo exemplo dos maiores.

Manda contra o Hidalcaõ seu filho D. Alvaro.

60 Sahio Dom Alvaro com novecentos Portuguezes, e quatrocentos Indios em seis navios, e alguns baxeis de remo, e a poucos dias de viagem houve vista de quatro nàos do Hidalcaõ, que com roupas, e outras drógas da terra navegavaõ a Cambaya. Mandou logo D. Alvaro aos Capitaens, que lhe pozessem a proa; e aos navios de remo, que se fossem cozendo com a terra, por se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Eraõ as nàos de mercadores, com pouca guarniçaõ de soldados, e vendo, que nem podiaõ fogir, nem defenderse, mandàraõ à Capitaina dous Mouros mercadores, que entre razoens, e lagrimas se mostravaõ innocentes

Sae com seis navios.

Presa que faz.

tes

tes nas discordias do Hidalcaõ com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo; porèm, nem a cobiça dos soldados, nem a razaõ da guerra sofria que os ouvissem; assi foraõ as náos entradas, e mandadas a Goa, para que conforme o bando do Governador se repartisse a presa. Chegadas estas náos ao porto de Goa, foi estranho o alvoroço do povo, vendo que huma a outra se alcançavaõ as victorias, louvando na primeira o esforço do pay, na segunda a fortuna do filho.

61 Vendo Dom Alvaro que as occasioens, e o tempo peleijavaõ por elle, e que tinha os soldados contentes, por terem jà em seguro o fruito da jornada, mandou ao seu Piloto, que governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcaõ tinha dobrado as guarniçoens depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa, e pela estreiteza do canal naõ podiaõ nossas náos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou o General Dom Alvaro com os Capitaens da armada as difficuldades, que se representavaõ, e a todos parecéraõ dignas de reparar, dizendo, que emprezas voluntarias naõ se acomettiaõ com risco taõ sabido; que mayor guerra faziaõ ao Hidalcaõ senhoreandolhe seus mares, fazendo presas, e tolhendo o comercio à vista de seus olhos; que nas facçoens da terra era maior o risco que o proveito; que o canal viaõ estava taõ cingido daquellas fortalezas, que os nossos navios haviaõ de passar quasi roçando sua artelharia; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como D. Alvaro instasse,

Propoem Dom Alvaro a entrada de Cambre.

que

Resolve envestila. que era precizo executar as ordens que levava; que eraõ saltar em terra, e abrazar os portos do inimigo, lhe replicàraõ no Conselho, propondo que se ficasse elle General no mar mandando, e que os Capitaens dos mais navios cometteriaõ a barra, porque se ao General daquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe acontesse algum desastre, que maior dano poderia receber o Estado, que o em empenho em que ficava na necessidade de taõ justa vingança? Do que Dom Alvaro indignado, atalhou a pratica dizendo, que elle naõ queria victorias, onde o seu perigo naõ fosse igual ao do menor soldado; porque só para a obediencia era seu General, e para o risco era seu companheiro, que a instrucçaõ que trazia do Governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade; que os riscos que lhe representavaõ, ainda lhe pareciaõ mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra naõ se ganhava sem perigo; que de Portugal viera a buscar este dia, que esperava fosse muito fermoso para todos, e que nesta resoluçaõ naõ queria conselho, só na forma de acometter lhes pedia consultassem o modo. A temeridade do General desculpàraõ entaõ o brio, e a mocidade, e depois o sucesso. Attentou se que a gente passasse aos bateis, e que no quarto da Alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo naõ podessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se apercebéraõ todos, vendo jà no semblante do General huns longes da victoria. Deixada guarniçaõ necessaria nos navios, saltou em terra com oitocentos homens escolhidos,

dos; e com taõ declarada fortuna; que dando nos bateis muitas ballas, naõ houve alguma que matasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria disposiçaõ, ou principio.

62 Era a Cidade de cinco mil vesinhos, derramada por huma estendida planicie. As casas entre si desunidas, e independentes humas de outras, sem mais policia, uniaõ, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Comtudo os pateos, e eirados de cada casa representavaõ juntos huma magestade barbara, como de homens que edificavaõ com maior ambiçaõ, que architectura. Tinhaõ ao Norte huma pequena serra, donde desciaõ alguns rios sem nome, que assi serviaõ ao deleite, como à fertilidade da campanha. Fora a Cidade antigamente habitada de Bramenes, e agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, entaõ pela superstiçaõ, hoje pela riqueza. Naõ tinha o lugar defensa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitadores, ou na grandeza de seu senhor, ou na paz dos Principes vesinhos; porèm ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcaõ, começou por victorias, viraõ os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos; assi trouxeraõ para defender a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizeraõ numero bastante a defendelos, conforme ao seu discurso. *Grandeza, e forças da praça.*

63 Estes vieraõ debaixo de suas bandeiras impedir a desembarcaçaõ aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçaraõ espaço grande, peleijando a pè firme, e taõ travados, que naõ podiaõ os nossos soldados ajudarse da espingardaria, da qual *Resistencia do inimigo.*

só recebèraõ a primeira carga com notavel constancia. Aqui deu Dom Alvaro mostras de seu valor, e acordo, inflammando os seus na peleija, já com palavras, já com o exemplo de suas obras. Viraõ-se enfim apertados os nossos, que mais peleijavaõ pola vida, do que pola victoria; por espaço de huma hora esteve duvidoso o successo, atè que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desemparàraõ o campo mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens; no segundo menos que de mulheres; cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o maior temor á maior ousadia. Com o exemplo destes se foraõ os outros retirando tímidos, e desordenados. Nesta volta recebéraõ os Mouros grande dano, porque quasi sem resistencia pereciaõ, sendo os que cahiaõ tantos, que estorvavaõ a fogida aos outros.

Entraõ os nossos

64 Entràraõ os nossos de envolta com os Mouros a Cidade, onde os miseraveis se detinhaõ presos do amor, e lagrimas das mulheres, e filhos, que acompanhavaõ jà com piedade inutil, mais como testimunhas de seu sangue, que defensores delle; taes houve, que abraçadas com os maridos se deixavaõ trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dor, como remedio novo; dos nossos soldados, huns as roubavaõ, outros as defendiaõ; quaes seguiaõ os affectos do tempo, quaes os da natureza. Algumas destas mulheres com desesperado amor se metiaõ por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas; lastimosas nas feridas alheyas, sem lastima nas suas. Ganhamos enfin a Cidade com menos dano que perigo, porque na resoluçaõ da entrada

trada por baixo da artelharia do inimigo, mais arrastou a Dom Alvaro o valor, que a disciplina. Dos Mouros pereceo a mayor parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Mayor animo mostràraõ as mulheres que os maridos; elles perderaõ as vidas, que naõ souberaõ defender; ellas podendoas salvar, as desprezàraõ. Dos nossos morreraõ vinte dous; foraõ mais os feridos, em que entrou o General de huma setta. Foi necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou D. Alvaro dar a Cidade a saco; onde o despojo igualou a victoria, porque naõ tinhaõ os Mouros posto em salvo cousa alguma; ou fosse confiança, ou descuido; e atè a gente inutil para a defensa guardaraõ na Cidade, ou por desprezo de nossas armas, ou por naõ mostrar sombra de temor aos defensores; foraõ enfim as fazendas tantas, que se naõ pudéraõ recolher aos navios; os soldados recolhiaõ as mais preciosas, e deixavaõ as outras, como para alimento do fogo, com que se havia de abrasar a Cidade, a qual Dom Alvaro deixou entregue a hum lastimoso incendio, que fez naõ pequeno horror nas povoaçoens vesinhas, por ser este lugar de toda a costa o mais rico, e deffensavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

E ganhaõ a Cidade

Destruiçaõ, e saco della,

65 Levou-se o General com toda a armada, e se fez na volta de Goa a descarregar os navios, que com o muito peso hiaõ empachados, determinando deixar ahi os feridos, e alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavaõ os soldados, contentes da liberalidade, e fortuna do novo General. Chegou primeiro a nova, que os

Volta Dom Alvaro a Goa.

navios, a Goa, e o Governador fez grande estimaçaõ da vitoria, a plèbe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escapàraõ da rota foraõ representar ao Hidalcaõ o miseravel destroço da Cidade, e entre a primeira dor dos filhos, e parentes, contavaõ o segundo estrago das fazendas, e edificios, onde a voracidade do fogo deixàra taõ confusas humas, e outras cinzas, que naõ podiaõ chorar os seus mortos com lagrimas distintas. Diziaõ ao Hidalcaõ, que se com tal gente determinava continuar a guerra, iriaõ habitar os desertos, onde naõ veriaõ estas féras do Occidente, nascidas para escandalo, e ruina da Asia. Assi contavaõ, e maldiziaõ nossas victorias huma a huma, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

Comette o Hidalcaõ paz.

66 O Hidalcaõ vendo a fortuna de nossas armas, as queixas, e o estrago dos vesinhos, e muitas vontades alheyas de seu serviço, que a guerra, e os successos faziaõ mais atrevidas; inclinou o animo à paz para remediar as discordias, e sediçoens de casa, que podiaõ tomar maiores forças com as liberdades de gente armada, e pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo que deviaõ cobrir seus aggravos com huma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monçaõ mais opportuna, para com as forças de alguns Reys offendidos cometter o Estado juntamente; e como estes Mouros mais guerreaõ pola conveniencia que pola injuria, mandou o Hidalcaõ Embaixadores ao Governador, disculpando a guerra que fizera com frivolas escusas, e acordando os beneficios, que de sua amizade recebéra o Estado.

67 O

67 O Governador ouvio os Embaixadores em fallapublica com grande authoridade, refpondendo-lhe que affi como naõ bufcava a guerra, taõ pouco a fabia engeitar; que a profperidade do Eftado confiftia em ter mais inimigos, porque com defpojos, e victorias fe engrandecéra fempre; mas que tambem nunca negàra a paz a quem com obras, e amizade fiel a merecia; que elle queria privar a feus foldados das commodidades que defta guerra fe promettiaõ; mas que foubeffe, que o primeiro dia que tinha de Rey, era efte em que capitulava paz com os Portuguezes. Affi defpedio os Embaixadores affombrados de animo taõ altivo; e com efte defprezo tratou fempre as guerras do Oriente, nas quaes moftrou valor igual à fua fortuna. *O Governador a aceita*

68 Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares; premiando aos foldados que haviaõ fervido, aos quaes deixava taõ fatisfeitos do defpacho, como do agrado. Deu Capitaens ás fortalezas vagas, em quanto os provídos por El-Rey naõ entravaõ; fazendo do merecimento dos homens eftimaçaõ taõ jufta, que nem á conveniencia, nem ao Eftado ficava devedor: virtude nos Principes difficultofa, e nos miniftros rara. *Trata das coufas do Eftado.*

69 Naõ ardia menos no zelo da honra de Deos, que na do Eftado, porque entre a confufaõ da guerra, e eftrondo das armas, acodia aos negocios da Religiaõ, como fe fó para os zelar, fora enviado; e porque ElRey Dom Joaõ affi conhecia feu valor, como fua piedade, lhe encommendava a dilataçaõ da fé, e culto divino; e de huma carta que fobre efta materia lhe efcreveo, fe colhe bem, quaõ inflammados *E das da Religiaõ.*

flammados andavaõ na causa de Deos o Rey, e o Ministro; de que daremos a copia, para que veja o Mundo, que nossas armas no Oriente trouxeraõ mais filhos à Igreja, que vassallos ao Estado.

Carta de ElRey a D. João de Castro.

;GOvernador amigo. O muito que importa
,olharem os Principes Christãos polas cou-
,sas da fé, e na conservaçaõ della empregar suas
,forças, me obriga avizarvos do grande sentimen-
,to que tenho, de que naõ só por muitas partes
,da India a Nòs sujeitas, mas ainda dentro da nos-
,sa Cidade de Goa, sejaõ os Idolos venerados,
,lugares em que mais fora razaõ que a fé florecé-
,ra; e porque tambem somos informados da mui-
,ta liberdade com que celebraõ festas gentilicas,
,vos mandamos, que descubrindo todos os Idolos
,por ministros diligentes, os extinguais, e façais
,em pedaços em qualquer lugar onde forem acha-
,dos, publicando rigorosas penas contra quaes-
,quer pessoas que se atreverem a lavrar, fundir,
,esculpir, debuxar, pintar, ou tirar a luz qual-
,quer figura de Idolo em metal, bronze, madeira,
,barro, ou outra qualquer materia, ou trazelos
,de outras partes; e contra os que celebrarem
,publica, ou privadamente alguns jogos, que te-
,nhaõ qualquer cheiro gentilico, ou ajudarem, e
,occultarem os Bramenes, pestilenciaes inimigos
,do nome Christaõ. A qualquer de todos os so-
,breditos, que encorrer em semelhantes crimes,
,he nossa vontade, que os castigueis com a seve-
,ridade

, ridade que difpuzer a prematica, ou bando, fem
, admittir appellaçaõ, nem difpenfar em coufa algu-
, ma; e porque os Gentios fe fujeitem ao jugo E-
, vangelico, naõ fó convencidos com a pureza da
, fé, e alentados com a efperança da vida eterna,
, fenaõ tambem ajudados com alguns favores tem-
, poraes, que amanfaõ muito os coraçoens dos fub-
, ditos; procurareis com muitas vèras que os nò-
, vos Chriftãos daqui adiante configaõ, e gozem
, todas as exempçoens, e liberdades dos tributos,
, gozando dos privilegios, e officios honrados, que atè
, aqui coftumavaõ gozar os Gentios. Havemos tam-
, bem fido informados, que em noffas armadas vaõ
, muitos Indios forçados, fazendo para ifto def-
, pefas involuntarias; e defejando Nós o remedio
, de taõ grande exceffo, vos mandamos, que defta
, violencia fejaõ os Chriftãos izentos; e fendo a
, neceffidade mui urgente, provereis, como em
, cafo que vaõ, fe lhes dè fatisfaçaõ cada dia de feu
, trabalho, com a fidelidade que de voffo cuida-
, do, e deligencia efperamos. Havendo tambem
, fabido de peffoas graves, e fidedignas (com par-
, ticular fentimento noffo) que alguns Portugue-
, zes compraõ efcravos por pouco preço para os
, vender aos Mouros, e outros mercadores barba-
, ros por intereffar alguma coufa nelles, com no-
, tavel detrimento de fuas almas, pois poderiaõ fa-
, cilmente fer convertidos à fé, vos mandamos em-
, pregueis todas voffas forças em atalhar tamanho
, mal, impedindo femelhantes vendas, polo grande
, ferviço que niffo fe faz a Deos, e nos fareis, fe
, com o rigor que o cafo pede, remediaìs huma
, coufa que tam mal nos parece. Procurareis, que
, fe

, se refree a excessiva licença de muitos usurarios ,
, que havemos sabido andaõ, sem embargo de hu-
, ma ley das antigas de Goa, a qual desde logo re-
, vogamos, e vòs revogareis, tirandoa do corpo das
, demais, como contraria à religiaõ Christaã. Em
, Baçaim dareis ordem, como se levante logo hum
, Templo com a invocaçaõ de S. Joseph, sinalandolhe
, por nossa conta renda para hum Reitor, e alguns
, Beneficiados, e Capellaens, que nelle sirvaõ. E
, porque os Prègadores, e ministros da fé pade-
, cem algumas necessidades por tratarem da con-
, versaõ dos Gentios, queremos, e he nossa von-
, tade, que se lhes dem algumas ajudas de custo, e
, só para isto lançareis de tributo cada anno tres mil
, Pardaos às Mesquitas, que tem os Mouros em
, nossos senhorios. Tambem por conta de nossas
, alfandegas, e dereitos, dareis trezentas fanégas
, de arroz perpetuas, para alimentos daquelles,
, que nas terras de Chàul ha convertido, e con-
, verte o Vigairo Miguel Vaz; a qual quantida-
, de mandamos entregar ao Bispo, para que elle a
, reparta, conforme vir a necessidade. Havemos tam-
, bem sabido, que nas terras de Côchim saõ defrau-
, dados os pesos, e medidas dos Christãos de S. Tho-
, mè polos nossos mercadores, que alli vendem pi-
, menta, e que lhes tiraõ as crecenças, que com ju-
, sto peso, e medida se davaõ de sobejo conforme o
, antigo costume, aos quaes por muitos respeitos fora
, melhor favorecer, que aggravar, pelo que dareis
, ordem, que se lhes guardem seus antigos costu-
, mes. Assi mesmo tratareis com ElRey de Côchim,
, que faça tirar certos ritos, e superstiçoens Genti-
, licas, que na venda da pimenta costumaõ fazer
, seus

, ſeus agoureiros, pois niſſo lhe vai pouco a elle,
, e he de grande eſcandalo para os Chriſtãos, que
, alli contrataõ. E porque ha chegado à noſſa noticia
, a violencia, que eſte Rey faz aos Indios, que recebem
, a fé, tomandolhes as fazendas; procurareis, com
, muitas veras apartar ao dito Rey (a quem ſo-
, bre o caſo eſcrevemos) de taõ barbara crueldade,
, pois della reſulta tanto mal para as almas, e cor-
, pos de ſeus vaſſallos, o que farà por ſer noſſo
, amigo, pondo vòs da voſſa parte o cuidado que
, vos encommendamos. E no que por voſſas cartas, e
, informaçoens nos avizaſtes, àcerca de livrar os
, póvos de Socotorà da miſeravel ſervidaõ em que
, vivem, nos pareceo remedialo de maneira, que
, o Turco, cujos vaſſallos ſaõ, naõ infeſte eſſes
, mares com ſuas armadas, o que provereis, como
, mais convier, com conſelho do Vigairo Miguel
, Vaz, cuja experiencia vos ajudarà muito, aſſi
, neſte, como em todos os negocios arduos que ſe
, offerecerem. Os da peſcaria das Perolas, àlem de
, outros males, e aggravos que padecem, ſabemos
, que recebem dano em ſuas fazendas, conſtran-
, gendo-os noſſos Capitaens com pouco temor de
, Deos, a que ſó para elles fação a peſcaria com
, condiçoens intoleraveis. Pelo que deſejando nòs,
, que nenhum de noſſos vaſſallos padeça aggravo,
, ou violencia, vos mandamos que aos taes póvos
, ſe lhes naõ faça ſemelhante aggravo, nem noſſos
, Capitaens pretendaõ acquirir taõ injuſta poſſe. E
, aſſi para evitar taes vexaçoens, e forças, vereis
, ſe aquellas coſtas eſtaõ ſufficientemente guardadas,
, e ſe he poſſivel cobrarem-ſe noſſos dereitos, ſem
, que alli haja armada; e achando que iſto pode

H , ſer

, ser, tirareis esses Capitaens, mandando que naõ
, se navegue por aquellas costas, porque desta ma-
, neira possaõ os naturaes gozar suas fazendas, e
, se escusem aggravos, e extorçoens. Sobre tudo
, vos encommendamos, que em tudo o que se of-
, ferecer consulteis ao Padre Francisco Xavier, e
, principalmente sobre se convem ao augmento da
, Christandade da costa da Pescaria, que os nova-
, mente convertidos se naõ occupem nella; ou
, quando se lhes permitta, que seja de maneira,
, que se conheçaõ nelles, com a nova Religiaõ,
, nòvos costumes, limitandoselhes a grande soltura
, com que se haõ nella. Havemos tido tambem in-
, formação, que os que de novo se convertem da Gen-
, tilidade à nossa sancta Fé, saõ mal tratados, e
, desprezados de seus parentes, e amigos, dester-
, rando-os de suas casas, e despojando-os de suas
, fazendas com tanta injuria, e violencia, que lhes
, he forçoso viver miseravelmente, com grande ne-
, cessidade, e trabalho; para que cousa semelhan-
, te se remedee, fareis com conselho do Vigairo
, Miguel Vaz, sejaõ soccorridos à nossa custa, en-
, tregando o que se lhes houver de dar ao Reitor
, que delles tiver cuidado, para que cada anno lho
, reparta da maneira que mais convier. Juntamente
, havemos sabido, que de Ceilaõ se veyo para
, Goa hum mancebo fugindo à furia, e indignação
, de seus parentes, e que sendo (como he) da casa
, Real lhe pertence a successaõ do Reyno; sobre o
, que nos pareceo, que para exemplo dos mais
, convertidos, e por converter, o accommodeis, jà
, que he Christaõ, no Collegio de S. Paulo dessa Ci-
, dade, onde à nossa custa seja provído de tudo o
, que

, que lhe for necessario para sustentação, e regalo, e
, casas onde esteja, em maneira, que bem se veja
, nossa grandeza com semelhantes pessoas; àlem do
, que tratareis de averiguar o dereito que preten-
, de ter ao Reyno, e o que àcerca deste ponto vos
, constar, nos mandareis authentico, para prover-
, mos o que mais convier; e entre tanto he nossa
, vontade, que com todo o rigor tomeis conta ao
, Tyranno das crueldades que executou nos que à
, nossa santa Fé se converteraõ, obrigando-o que dé
, satisfaçaõ a taõ grande insolencia, para que todos
, os Principes da India vejaõ quanto nos apraz a ju-
, stiça, e como tomamos à nossa conta o favorecer
, os que pouco podem. E porque naõ he convenien-
, te, que os officiaes Gentios fundaõ, pintem, ou
, lavrem (como atègora se lhes permittio) Ima-
, gens, e figuras de Christo Senhor nosso, nem de
, seus Santos, para venderem; mandamos que po-
, nhais toda diligencia em o impedir, pondo penas,
, que o que se provar que fez alguma Imagem das
, sobreditas, perca sua fazenda, e lhe dem duzen-
, tos açoutes, porque sem duvida pareceràõ muito
, mal Imagens, que representaõ mysterios taõ san-
, ctos, andarem por mãos de idolatras Gentios. Da
, mesma maneira sabemos, que as Igrejas de Co-
, chim, e Coulaõ, que de novô se começàraõ, estaõ por
, acabar, descubertas, e postas a todas as incle-
, mencias do tempo, o que naõ só parece mal,
, mas ainda he em perjuizo do edificio; pelo que
, mandareis que se continuem atè se acabar, sem
, reparar no custo; e isto por mãos, e traça dos
, melhores arquitectos, e officiaes. Em Naraõ man-
, dareis tambem edificar huma Igreja em honra, e

 , com

, com a invocação do Apostolo S. Thomé, e aca-
, bar em Calapor a que està começada com o nome
, de Sancta Cruz, e na Ilha vesinha de Coraõ le-
, vantareis outra, da traça, e magestade que vos
, parecer conveniente, pois he cousa, que nada mais
, despertarà nos Gentios a devaçaõ às cousas de
, nossa sancta Fé, que a affeiçaõ que de nossa parte
, virem. Alèm do que vos encommendamos mui
, apertadamente, que em lugares accommodados fun-
, deise studos, e casas de devaçaõ, ás quaes em
, certos dias acudaõ aos Sermoens, e praticas es-
, pirituaes, naõ só os Christãos, mas tambem os
, Gentios, para que por esta via se affeiçoem à nos-
, sa sancta Fé, e ao conhecimento dos erros em
, que vivem, alumiandolhes as almas com a luz do
, Euangelho; para o que escolhereis ministros em
, que haja as partes, que semelhante ministerio re-
, quere. E porque sobre tudo grandemente deseja-
, mos, que nesse Estado seja o nome do Senhor Deos
, conhecido, e reverenciado, e sua sancta Fé rece-
, bida, queremos, e he nossa vontade, que em to-
, das as terras de Salsete, e Bardèz, sejaõ de raiz
, arrancados todos os Idolos, e o culto infernal,
, que nelles ainda se lhes faz; e para que isto se exe-
, cute com menos difficuldade, e sem ser para isso
, necessaria força, ou violencia alguma, ordena-
, mos que os Prègadores em seus Sermoens, e dis-
, putas lavrem com tanta prudencia, e zelo, os
, coraçoens dos Gentios, que com o favor de Deos,
, conheçaõ o bem que se lhes procura, em os tra-
, zer ao conhecimento de seus erros, e tirar da mi-
, seravel servidaõ do Diabo em que estaõ, da qual
, só se podem livrar, abraçando-se com a sancta Fé,

, que

, que he o caminho unico de conhecer a cegueira em
, que os [illegible] Sathanàz, para naõ virem quanto lhes
, importa a ſalvaçaõ de ſuas almas; e pelo muito
, que importa a eſte negocio, que os miniſtros del-
, le ſejaõ de boa vida, e coſtumes, e letras ſuffi-
, cientes, os elegereis taes, que ſe poſſa eſperar delles
, o effeito que deſejamos; encomendarlheseis o cuy-
, dado, e diligencia que importa ponhaõ da ſua parte,
, e de voſſa procurai attrahir, e favorecer a todos, em
, particular aos nobres, e principaes, (a cujo exem-
, plo os de mais ſe movem) de maneira, que re-
, duzidos eſtes á noſſa ſancta Fé, pouca difficuldade
, haverà em converter a gente commum, que logo
, farà o que vir fazer aos ſeus maiores. Os que ſe con-
, verterem ſejaõ bem tratados, para que os mais
, ſe affeiçoem, favorecendo-os naõ ſó em gèral, mas
, ainda em particular, por pobres, e miſeraveis
, que ſejaõ. De tudo iſto nos pareceo darvos conta,
, para que ſegundo a confiança que de voſſa diligen-
, cia, e cuidado temos, deis a tudo o remedio, de
, que reſultarà a Deos noſſo Senhor muita gloria,
, e Nòs volo teremos em particular ſerviço. Dada
, em Almeirim a oito de Março, anno do Naci-
, mento de noſſo Senhor Jeſu Chriſto de mil quin-
, hentos quarenta e ſeis.

R E Y.

70 Deſta carta deu D. Joaõ à execuçaõ aquillo, *Milagroſo*
que com as armas na mão podia obrar, porque foi o *ſucceſſo nas*
tempo de ſeu governo huma continuada batalha, e *Maluças.*
os ſoldados com as licenças da guerra eſtavaõ mais
promptos a eſtragar leys, que a emmendar coſtumes;
porèm a hiſtoria nos moſtrarà naõ leves argumentos
de ſeu zelo, gratificado do Ceo com finaes, e maravi-
lhas,

lhas, de que referirei huma, que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcçaõ de seu governo, substanciarei o caso brevemente, como he meu costume.

71 Havia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Euangelho, porque S. Francisco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquella terra das espinhas, e cardos da infidelidade; se bem devemos a primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Galvaõ, valeroso Governador, e Apostolo zeloso daquelle paganismo. Ao valor respondeo o fruito com maravilhosa conversaõ de almas, que recebèraõ com o Bautismo o suave jugo de Christo, assi da plebe, como dos Regulos, e Magnàtes, todos dòceis à obediencia do Euangelho. Sentia o Demonio, que naquellas trevas da Gentilidade apparecesse a luz do Ceo, a descubrirlhe os caminhos da vida, e armou contra a innocente Christandade hum Gentio daquellas partes, que havia tyrannizado a Ilha de Moro, e se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os novos convertidos, obrigando os com inventadas crueldades a ser apostatas da Fè, que tinhaõ professado, pola qual muitos chegàraõ a derramar o sangue com felice martyrio; porèm outros com fé menos robusta cedèraõ aos tormentos. Crescia o desaforo do Tyranno com injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo deste idòlatra em obsequio da Fè, e serviço do Estado. Os perseguidos, e os temerosos acodiaõ com queixas aos Portuguezes, que estavaõ em Ternàte, os quaes resolutos a domar este Barbaro se dispuzeraõ, com mais zelo que forças, a buscalo em sua mesma casa. Naõ pode ser este movimento taõ occulto, que o naõ entendesse o Tyranno, que se apercebeo para a defensa, fortificando a entra-

da da Ilha com trincheiras, e estacadas fortes; e quando os nossos ganhassem estes reparos, tinha cuberto os passos, que guiavaõ á Cidade com estrépes, e pàos de ferro, tocados de erva, onde passando os nossos furiosos da colera, e victoria, se perderiaõ sem remedio. Assi foi, q̃ vencida a primeira estacada, que os Barbaros largáraõ com facil resistencia, quiçá fiados no segundo engano, querendo a nossa gente passar incauta, cevada mais no alcance com a fugida do inimigo (caso maravilhoso!) cahio do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares, seguiraõ a victoria por sima dos estrépes; onde a cinza abrio caminho sólido, e seguro; assi o referiaõ depois os mesmos Barbaros admirados, servindolhes este milagre de argumento para as verdades da ley que perseguiaõ.

72 Assi se davaõ as mãos na Asia a fé, e o imperio nos dias de Dom Joaõ de Castro, trazendo em huma maõ a ley, e noutra a espada, dando que discorrer ao Oriente sobre huma acçaõ taõ grande, como fora soster huma guerra voluntaria pela tutèla de Meàle, hum Mouro perseguido, a quem os vassalos negàraõ a fé, e os Principes de seu sangue hum piedoso amparo.

73 Pouco tempo o deixou reclinar a Asia sobre os triumphos de suas victorias, porque logo o começou a despertar Cambaya com os rumores de outra nova guerra, de que jà as intelligencias do Estado ouviaõ os eccos, a qual referiremos em livro separado, por ser de nossa Historia a porçaõ mais illustre.

VIDA



VIDA
DE
DOM JOAÕ
DE CASTRO
IV. Viso-Rey da India.

LIVRO SEGUNDO.

1 COM a morte de Soltaõ Badur Rey de Cambaya ficou o nome Portuguez mais temido, que amado, dos Principes da Asia; porque como suas culpas eraõ occultas, e o castigo publico, tinha Badur em favor de seu sangue os juizos dos homens, ou pola commiseraçaõ natural dos que padecem, ou por veneraçaõ da Regalía, e odio de nosso Imperio, taõ aborrecido por estranho, como por poderoso.

Trata El-Rey de Cãbaya de tomar Dio.

2 Mahamud Rey de Cambaya, herdeiro da Coroa, e da injuria de Badur, cuja morte succedida no governo do grande Nuno da Cunha, referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, e da vingança, emprendeo tomar aos Portuguezes Dio, e

com-

com liga de outros Principes, lançalos da India; negocio (ao parecer dos seus) naõ mui difficil; porque discorriaõ, que o Estado era hum corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutrìa membros distantes de si mesmo por infinito espaço com tantos mares, e terras interpostas, e que era taõ grande o poder de Cambaya, que tanto com a ruína, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido entaõ por varios accidentes. Os Grandes, e Sàtrapas do Reyno se partiaõ em pareceres differentes; huns ajuizavaõ jà por fataes as armas Portuguezas em dano de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhaõ as feridas, e a memoria fresca; e ainda que os estimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos desculpavaõ a sua. Reprehendiaõ os primeiros, que assentàraõ pazes com o Estado, e aos que agora intentavaõ quebralas; estes porque naõ sabiaõ guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como soe succeder nas cousas incertas) discorriaõ ao contrario, e achavaõ tantas razoens para a guerra, como para a victoria.

3 Entre todos Coge C,ofar, o mais poderoso, e aborrecido de Cambaya, e que da privança de ElRey lograva a melhor parte, persuadia cauteloso a guerra, crendo que com o perigo commum cessariaõ as envejas de sua fortuna, e as emulaçoens dos Grandes, como vicios da paz, e que com os pòstos, e meneos da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe seriaõ fieis. Darei huma breve noticia de este homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome. *Persuadido de Coge C,ofar.*

4 Foi Coge C,ofar de naçaõ Albanez, filho de

Quem era Coge C,ofar. pays Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruito. Servio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolente, que soldado, nos motins, e rebellioens era buscado, como peor que todos; assi passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo, como homem inquieto; querendo antes buscar a fortuna, que esperala, mudou de profissaõ passando de soldado a mercador, porque era intelligente, e cobiçoso, e para seus intentos era este caminho mais breve, e mais seguro. Começou em pouco tempo a crecer nos tratos, como quem sabia as opportunidades, e monçoens do comercio, sendo em hum mesmo tempo liberal, e avaro, servindo-se com artificio dos vicios, e virtudes. Veo enfim a medrar com cabedal, e credito, desorte que navegando o Estreito com tres fétias suas, carregadas de differentes drôgas, encontrou a Rax Solimão, General do Soldaõ do Cairo, que o investio, rendeo, e despojou. Foi a presa maior que a victoria, e Solimão por credito de sua mesma fama, lhe fez honrado tratamento, apresentando-o ao Soldaõ, como prisioneiro de maior porte, fazendo maior estimaçaõ da pessoa que da presa. Começou Coge C,ofar a contentarse de sua desgraça, como se a buscarà; tinha sufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, e Flandes; fallava no poder dos Christãos com odio, e desprezo, como ensinando ao Soldaõ a conhecer suas mesmas forças. Cõ estes artificios veo o Soldaõ a pôr os olhos no escravo para cousas maiores; começou a ouvilo, ao principio por curiosidade, logo por affeiçaõ. Approvavalhe Coge C,ofar os erros, e os acertos, com huma lisonja taõ encuberta, que parecia liberdade, porque não mostrava que queria agradar, se naõ servir.

vir. Encubria a graça do Soldaõ, e evitava favores publicos, mais cauto, que modesto. Chegou a ser thesoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que administrou com juizo, e verdade, louvadas pelo Soldaõ, como virtudes, entre barbaros novas. Era o seu voto de maior peso nos conselhos de guerra, jà pela pratica, jà pela valia. Nas facçoens contra Christáos votava com grande bizarria, particularmente nas que se haviaõ de executar por outros; e assi cresceo de maneira, que jà não podia com sua mesma fortuna; e não querendo conservarse com as mesmas artes, com que havia medrado, veo descubrir a ambiçaõ, e soberba; fez-se senhor dos lugares, buscando com maior attenção os postos que os amigos; os quaes jà não queria para arrímo, nem para companhia; só do Soldaõ queria parecer escravo, e dos outros Senhor. Empenhava, e destruía os maiores com pretextos publicos, como querendo introduzir Monarchia de dous; atè que cansados os Mouros de taõ servil paciencia, começàraõ a publicar queixas, com que perturbar o animo do Soldaõ na graça de Coge Çofar; assi lhe representàraõ com grande sentimento seus agravos, dizendo, que já era escusado armar galès contra Christáos, se depois haviaõ de fazer senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais nobres recebiaõ dos Christáos taõ cruel tratamento, que andavaõ por Italia, e Hespanha arrastando cadeas, chegando a escreverlhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos; quo não era toleravel, que tantos Baxàs illustres estivessem recebendo leys de hum vil escravo, que ainda que viaõ com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, jà naõ podiaõ sofrer as do Propheta; não entrando em suas Mesquitas hum vil Christaõ,

ſobcrbo, e irreverente, que naõ faltava já mais, que nas praças do Cayro mandar levantar Cruzes, e adora-las.

5 Foraõ eſtas couſas ditas com tanta liberdade, que mais pareciaõ conjuraçaõ que queixa; e como entre os agravos particulares envolviaõ a cauſa da Religiaõ, que coſtuma levar tras ſi a juſtificaçaõ, e amor publico, foraõ bem ouvidas do Soldaõ, privando a C,ofar dos cargos, e mandandolhe que mudaſſe de crença: taõ caduca he a graça dos Principes, ainda com ſuas creaturas meſmas.

6 Vendo-ſe C,ofar caìdo, tornou a veſtir a primeira humildade, e as artes, que a neceſſidade do tempo lhe enſinava; e como de Chriſtão ſó conſervava o nome, e a memoria, foilhe facil trocar polo veneno do Alcoraõ a ſaude Evangelica, mudando o nome impoſto no Bautiſmo, por eſte de Coge C,ofar, que lhe dèmos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito C,ofar cultor de Mafamede, começou a grangear maiores confianças com os Mouros, ſaneando o odio dos émulos com dadivas, e o da plèbe com a nova apoſtaſía, com que purgou as ſoſpeitas na fidelidade, obrando com ambiçaõ mais cautá, com que ſe fazia mais affabel aos inimigos, que aos eſtranhos; mas conhecendo a inſtabilidade do Soldaõ, temeroſo de ſegunda quèda, naõ tendo por ſegura huma vontade jà reconciliada, matando huma noite à traiçaõ a Rax Solimaõ ſeu mortal inimigo com hum filho que tinha, juntou as joyas, e dinheiro que pode, e ſe paſſou ſecretamente ao ſerviço de El-Rey de Cambaya, de cuja grandeza, e liberalidade tinha inteiras noticias, e da eſtimaçaõ que fazia de homens eſtrangeiros, principalmente daquelles que tinhaõ

Como veyo a Cambaya.

nhaõ alguma pratica das guerras, e policia de Europa. Respondeolhe o successo ao pensamento, porque em brève tempo chegou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou jà por sua fortuna, ou sua industria, sendo companheiro de suas victorias, e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua morte, como nossas historias referem; porèm jà tão engrandecido nos favores Reaes, que em poder, e authoridade era o maior vassallo; conservando com Mahamud, successor da Coroa, a mesma estimaçaõ, ao qual inflamava na vingança da morte de Badur, polos fins que temos referido, e por merecer a graça do novo Principe, com o amor, e fidelidade que mostrava às cinzas do defunto; he fama, que ante o Rey, e Sàtrapas de Cambaya, fallou nesta substancia.

, As mercès, que por espaço de dez annos recebi de *Suas razões para a empressa de Dio.*
, Soltaõ Badur, saõ manifestas a todos; aos de fóra com
, espanto de sua grandeza, aos de casa com enveja de
, minha fortuna; posme os olhos, e levantoume como
, vapor da terra, antepondome estranho, e peregrino,
, aos que lhe nascéraõ em casa; sendo vassallo me tra-
, tou como amigo, e me amou como filho. A este cle-
, mentissimo Principe (cujas cinzas venèro como de
, Senhor, choro como de pay) debaixo do sagrado da
, paz, tiràrão os Portuguezes a vida com escandalo de
, todos os Reys, e não menor injuria de seus vassallos,
, indignos de o havermos sido de Principe tão grande,
, pois insensiveis, e ingratos estamos alimentando os
, homicidas de nosso Monarca em nossa mesma casa,
, gozando como herança a praça, que asseguràraõ com
, tão atròz delicto; hontem hospedes, e agora senho-
, res. Vòs, ó Principe herdeiro, e Senhor deste Impe-
, rio, vedes vossos vassallos cada dia receber leys des-

, tes

, tes insultuosos; a vòs toca determinar a quem have-
, mos de obedecer primeiro, se a nosso Rey, se a nos-
, sos inimigos. Crescerà com a nossa paciencia o seu
, atrevimento. Depois de comettido o maior delicto,
, qual naõ terão por leve? Quem duvidarà ser offen-
, sor, onde se naõ vingaõ injurias? Acabemos pois de
, despertar deste mortal lethargo; metamos atè os co-
, tovelos os braços no sangue destes crueis tyrannos;
, neste veneno banhemos os alfanges, porque percaõ
, com as vidas a gloria de taõ grandes insultos. Com
, o sangue de Badur recebèrão as armas Portuguezas
, a maior fama do mais atròz delicto, e deixamoslhes
, na mão a espada, com que nos degolàrão o Rey, pa-
, ra que com ella mesma nos usurpem o Reyno; tire-
, mos pois de entre nòs estas biboras nascidas no ul-
, timo Occidente, para inficionar a Asia toda, como
, se verà discorrendo por seus estragos, que elles cha-
, mão victorias. E começando naquelle primeiro Ga-
, ma, a quem os mares, para perturbar a paz do Orien-
, te, derão fatal passagem, o Camorim de Calecut foi
, o primeiro, a quem cortou seu ferro. As naos de Me-
, ca, que no amparo do Prophéta, e paz das ondas,
, navegavão seguras, foraõ assaltadas, e rendidas des-
, te feliz cossario, que tantos annos, como monstro do
, mar, teve por casa as ondas, e por abrigo os ventos,
, e as tormentas. Pois aquelle D. Francisco de Almei-
, da, que em hum só dia, e com o mesmo golpe destro-
, çou as armadas de Egypto, e Cambaya, que na vin-
, gança da morte de seu filho, parece que queria beber
, o sangue do Oriente todo, se hum Albuquerque suc-
, cessor de sua crueldade, e seu governo, lhe não viera
, a tirar das mãos a espada. Este nasceo para injuria de
, todas as Monarchias, porque com senhorear Malà-
ca,

, ca, poz a todo o Sul freo; rendeo Ormuz, emporio
, das riquezas do Mundo; tomou Goa ao Sabayo para
, cabeça de ſeu tyrannizado imperio; e ſem trazer os
, exercitos de Xerxes, ou Darìo, fez tributarios mais
, Reynos do que trazia ſoldados; levantando o penſa-
, mento a querer tirar de Meca o corpo do Prophéta;
, poz em conſelho mudar ao Nilo as correntes, para
, alagar o Egypto; emprendendo ſeu eſpirito fazer
, duas taõ famoſas injurias, huma ao Ceo, outra à na-
, tureza. Naõ poderei referir a ambiçaõ de tantos,
, que com noſſas injurias ſe fizeraõ illuſtres, porq̃ te-
, mo me não caiba no tempo, ou na memoria; porèm
, lançai pelas mais remôtas partes do Oriente a viſta,
, ou o juizo, vereis a maior parte do Mundo receber
, leys de poder taõ pequeno. Elles navegaõ daquella
, parte de Africa, q̃ corre do Cabo de Boa Eſperança
, atè as portas do Eſtreito do mar Roxo, dominando
, por aquella parte Moçambique, Ç,ofála, Quilòa, e
, Mombàça; e diſcorrendo o Cabo de Guardafú, olhan-
, do para as gargantas do mar Roxo, Adèm, Xaèl,
, Herìt, Caxèm. Temem ſuas armadas as Cidades de
, Dofár, e Norbete no Cabo de Fartaque, e logo Cu-
, ria, Muria, Rozalgate. Aqui fica a Cidade de Or-
, muz; alli a Ilha de Queixome, Curiate, Calayàte,
, Maſcàte, Orfacàõ, e Lima; o Cabo Mocandàõ, e
, Jazque, que formaõ a boca do Eſtreito. que ſe eſten-
, de atè o rio Indo; logo o Cabo Guzaràte, e Cinde
, neſta noſſa Cambàya, donde atè o Câbo de Comori
, paſſeam ſuas armadas a India por eſpaço de trezen-
, tas legoas, e começando deſta noſſa Cidade de Cam-
, bàya diſcorrem por Madigàõ, Gandàr, Baroche,
, Ç,urràte, Reynèr, Moſcarin, Damaõ, Taraper, Ba-
, çaim, Chàul, Badòr, Cifardàõ, Galanci, Dabùl, Cor-

tapòr,

, tapòr, Carepatàõ, Tamega, Banda, Chaporà. Se-
, nhoreaõ Goa, assento de seus Governadores, e logo
, o maritimo do Canarà, com Onòr, Baticalà, Braça-
, lòr, Bracanòr, e Mangalòr; e logo aquella parte
, principal do Malabàr, que aquentaõ suas frotas, on-
, de està o Reyno de Cananòr, e nelle Catecoulàõ,
, Marabia, Tramapatàõ, Maim, Parepatàõ. Com naõ
, menos soberba assombraõ o Imperio de Calecùt,
, com seus pórtos de Pandaràne, Coulate, Charè, Ca-
, pocàte, Parangale, Tanòr, Pananè, Balcançòr, e
, Chatùa. Nos Reynos de Cananòr, e de Cochim qua-
, si dominaõ com absoluto imperio em Porcà, Cou-
, laõ, Calecoulaõ, Dotorà, Birinjàõ, Travancòr. Al-
, cança o respeito de suas armas atè o famoso Cabo
, Comori, defronte do qual està a illustre Ilha de Cei-
, làõ, onde carregam as naos de differentes drôgas.
, Naõ perdoaõ à enseada de Bengala ou seyo do Gan-
, ge, avistando Tacancurì, Manapàr, Vaipàr, Cale-
, grande, Chercapale, Tutucurì, Calecaré, Beàdala,
, Canhamorra. Correm Negapatàõ, Nabor, Trimi-
, nipatàõ, Tragumbàr, Coloràõ, Calapàte, Sadrapa-
, tàõ. Amedrentam com a multidaõ, e grandeza de
, seus baixeis Biznagà, e a costa brava de Orixa, e to-
, da aquella distancia, que ha de Segoporà atè Oris-
, tàõ, e as bocas do Ganges. Atravessaõ o cabo de
, Negraes, Arracáõ, e Pegù, com tantas, e taõ mara-
, vilhosas Ilhas. Passaõ por Vagatù, e Martavàõ, Ta-
, gàla, e Favay, Tanaçari, e Lungùr, Tairàõ, Quedà,
, Solungòr, navegando atè sua Maláca, cabeça de todo
, aquelle Archipelago. E logo dobrando o cabo de
, Sincapùra, ancòraõ nos portos dos Reynos de Syaõ,
, Cambòya, Champá, e Cochinchina. E passando aos
, Reynos da China, se atrevèraõ a olhar áquelle taõ
reca-

, recatado Imperio, que nunca sofreo a communica-
, çaõ de gentes estrangeiras; alli fundáraõ a celebre
, Cidade de Macáo, por onde persuadem aos Chins
, os Mysterios de sua crença, fazendo juntamente do
, comercio à Religiaõ escada. Daqui se divertem pa-
, ra as innumeraveis Ilhas de Japaõ, visitando Tava,
, Timor, Borneo, Banda, Maluco, Lequios; desorte,
, que as velas Portuguezas com incansavel navega-
, ção rodeaõ a môr parte do Mundo em distancia de
, mais de nove mil legoas, que a tão ardua navegação
, os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna. Repe-
, ti prolixamente todo o maritimo da Asia, onde as
, armas Portuguezas por imperio, ou comercio, se
, haõ feito conhecidas, porque de taõ derramadas
, Conquistas faz o Mundo erradamente o maior ar-
, gumento de seu poder, e eu de sua fraqueza; porque
, sendo Portugal hum abreviado Reyno no ultimo
, Occidente, e com perpetuas guerras na Africa vezi-
, nha, onde se consumem com os successos prosperos,
, e adversos, comendolhes sempre gente a guerra nas
, facções, e nas praças q̃ guarnecẽ; e agora não podén-
, do caber aonde nascérão, como aborrecendo o Ceo, e
, o clima, q̃ os ha produzido, andaõ vagando o Mũdo,
, como se lhes fora usurpado o senhorio dos homens,
, das terras, e dos ventos. Agora deixo ao mais ras-
, teiro entendimento, que julgue o pouco, que se pò-
, dem temer forças tão divididas, as quaes na maior
, prosperidade vão acabando suas mesmas victorias.
, Que temos que recear deste imperio de loucos, que
, com hum braço na Asia, outro no Occidente, que-
, rem abarcar o Mundo? Na India tem muitos Princi-
, pes sujeitos, porèm nenhum amigo; todos aos domi-
, nantes adorão, e aborrecem, porque com nenhum

 assen-

, affectàraõ os Portuguezes paz, senão depois de victo-
, rias e estragos; desorte q̃ não o amor, senão a injuria
, os tem feito conformes; e todos estes servem, em quã-
, to não pódem offender. Mas que será, se virem a Sol-
, tão Mahamud armado na campanha? Quem duvida,
, que todos os offendidos seraõ nossos soldados? Fize-
, rão muitos Reys tributarios à força de armas, e da-
, do, que dellas mesmas hoje recebem amparo, mais
, facilmente esquece hum beneficio, que huma inju-
, ria. Selim Senhor dos Turcos ainda vè abertas as
, feridas dos seus Janizaros recebidas em Dio, e quem
, está tão pouco costumado a receber injurias, não
, perderá a occasiaõ de vingar a primeira; ou sendo
, autor da guerra, ou companheiro nella, ambicioso
, tambem de que a melhor parte do Mundo conheça
, seu imperio. O Ç,amorim, depois que entrárão os
, Portuguezes no Oriente, não tem porto, que não fos-
, se theatro de victorias suas; e apenas tem vassallo
, que não fosse cortado de seu ferro. O Hidalcáõ ca-
, da dia vè regadas de sangue as terras de Bardèz, e
, Salsete; e depois de o Governador lhe fazer injusta
, guerra, trouxe Meále a Goa, querendo honestarlhe
, sua ruìna com a justiça alhea. Todos os outros Prin-
, cipes se haõ de armar contra o commum inimigo,
, para poderem respirar na antiga liberdade em que
, viviaõ. Polo que a mim toca, os filhos, a fazenda, e
, a pessoa offereço a esta guerra; se acabar nella, em
, meu sangue verá Badur minha fidelidade; e em am-
, bos os successos não terei por menos honrada a
, morte, que a victoria.

O Soldaõ os approva, e lhe encarrega a empreza.

8 As razoens de Coge Ç,ofar forão bem ouvidas, polo odio da causa, e authoridade da pessoa. ElRey, depois de lhe engrandecer a fidelidade, lhe commetteo

a em-

a empreza, como a maior que todos no zelo, e disciplina. Começou logo a dar calor aos apreſtos, com differentes miſſoens aos Reys vezinhos, acordandolhes ſuas meſmas injurias, e offerecendolhes as armas de ſeu Principe, como em beneficio dos aggravos de todos. Deſpachou Embaixadores a Conſtantinopla, convidando o Turco a reſtaurar o credito de ſuas armas com a expulſaõ dos Portuguezes da India, negocio taõ importante à Religiaõ, como ao Eſtado. Facilitava o ſoccorro, que lhe pedia, com hum donativo de tanta eſtima, que era mais apto a deſpertar a ambiçaõ do Turco contra ſuas riquezas, que a darlhe armas auxiliares com que as defendeſſe.

9 Era neſte tempo D. Joaõ Maſcarenhas Capitão mòr de Dio, a quem o naſcimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varaõ taõ benemerito de ſua fama, como de ſua fortuna. Eſte ſabendo por intelligencias ſecretas os deſenhos de Coge Çofar, e que todos ſeus apercebimentos ameaçavaõ aquella fortaleza, eſcreveo ao Governador D. Joaõ de Caſtro os aviſos que tinha, e como eſtava falto de gente, muniçoens, e petrechos; deſcuidos que cubria a paz de tantos annos, ou quiçà aſſegurados os noſſos no reſpeito da primeira victoria. Acreſcentava, que os apreſtos do Soldaõ eſtavão mui avante, o inimigo vezinho, e que os temporaes do inverno naõ tardariaõ muito, com que ficariaõ cerradas as portas ao ſoccorro.

Dom Joaõ Maſcarenhas Capitaõ de Dio.

Aviſa o Governador.

10 Quando D. Joaõ de Caſtro recebeo eſte aviſo, tinha jà mandado duzentos ſoldados àquella fortaleza, debaixo das Capitanias de D. Joaõ, e D. Pedro de Almeida, filhos de D. Lopo de Almeyda; eraõ os outros Capitães, Gil Coutinho, e Luis de Souſa, filho

Que eſcreve ao Soldaõ.

do Chanceler mòr do Reyno. E para conhecer o estado, em que se achava o inimigo, despachou dous enviados praticos no maritimo, e sertaõ de Cambaya com cartas a Soltaõ Mahamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conduçoens, e aprestos que fazia, de que lhe devia dar conta, pois como amigo o queria acompanhar na empreza; que na occasiaõ presente lhe seria mui facil por ter prompta no mar huma poderosa armada; e que tambem na fortaleza de Dio tinha soldados valerosos com muniçoens sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que com o soldo limitado de huma paz ociosa. E logo encomendou aos enviados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo; os soccorros que tinha, e o rumor do povo, para por elle penetrar os desenhos da empreza. Mas em quanto os nossos enviados daõ à vêla, poremos hum pequeno silencio nas cousas de Cambaya, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiveraõ a direcçaõ deste mesmo governo.

Direito dos Reys de Portugal sobre as Malucas.

11 Estiveraõ as Malucas muitos annnos à obediencia de nossas leys, descubertas, e cõquistadas com as armas desta Coroa, que foraõ as primeiras da Europa, que viraõ aquellas Ilhas, as quaes entravaõ na nossa demarcação, conforme a repartição, que os Papas fizeraõ entre os Reys de Portugal, e Castella, tendo ElRey D. Manoel em seu favor o direito das armas, e o das leys, não sendo estas Ilhas de Portugal sómente por conquista, mas tambem por herança; porque no tempo de ElRey D. Manoel o ultimo, e primeiro deste nome, corriaõ naquellas Ilhas com igual prosperidade o divino, e humano, resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Evange-

lho.

lho nas trevas daquelle Paganismo, recebendo muitos Reynos de tão ditoso Principe Religiaõ, e Imperio. Fôi entre outros, ElRey D. Manoel (que em Goa recebeo o Bautismo) Rey, e Senhor das principais Ilhas de Maluco, o qual depois de bem instruido nos mysterios de nossa crença, voltando a governar, e doutrinar seus pòvos, faleceo em Malàca sem descendencia; por gratidaõ dos beneficios, que desta Coroa havia recebido, deixou a ElRey D. Joaõ o Terceiro deste nome por herdeiro dos Reynos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades civîs, para que andasse vinculado successivamente na Coroa Portugueza. Estas Ilhas descubertas com trabalho, defendidas com o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opiniaõ dos melhores Juristas, e Geografos.

12 Achou o Governador D. Joaõ de Castro em Goa a Cachil de Aeiro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, e da linha Real do ultimo Principe D. Manoel, o mais conjunto em sangue; porèm tão pobre por varios accidentes, que passou à India, encommendando-se à clemencia dos nossos. O Governador, parecendolhe suas miserias indignas de seu sangue (crendo que ficava a memoria de nossos Reys mais honrada com dar hum Reyno, do que recebelo) lhe deu a Envestidura da Coroa de Malùco, com que ficasse o uso da Regalía dependente do Cetro Portuguez, nelle, e seus descendentes; attribuindo os Reys da India tão grande donativo, huns a prodigalidade, outros a desprezo; espantando-se, que fizessemos tanto por acquirir, o que sabiamos largar tão facilmente. *O Governador as dà a Cachil Aeyro.*

13 Entretanto as cousas de Malùco estavaõ altera-

Vão Castelhanos à ellas. teradas com a vinda de tres navios Castelhanos, que derrotados avistárão aquellas Ilhas, desembarcando na de Tidòre para repararse das fortunas do mar, e levar a seu Principe sinaes mais certos de seu descobrimento. Deixarei de referir a opposição, que os nossos lhes fizerão, por caírem estes successos debaixo de outro governo, e andarem jà com melhor penna escrittos; tratarei só precisamente do succedido nos dias de Dom João de Castro, o qual mandou a Malùco a Fernão de Sousa de Tavora para desalojar os Castelhanos, que convidados da abundancia, e riqueza da terra, querião gozar o fruito dos trabalhos alheyos, perturbandonos a paz, e comercio daquellas Ilhas, de que a conquista, e herança nos fizerão duas vezes senhores. *Quem era Capitão dos Castelhanos.* Governava os Castelhanos Ruy Lopez de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentação soberba das grandes forças do Emperador Carlos V. seu senhor, e dos grandes uteis que podião receber de sua amizade aquelles Reys Gentios, na guerra, e no comercio, tratando a fama de nossas cousas com grande abatimento; e como na opinião dos homens he maior o esperado que o presente, algumas daquellas Ilhas tomarão a voz do Castelhano, buscando para isso motivos, ou aggravos, huns leves, e outros esquecidos.

Fernão de Sousa chega a Maluco. 14 Neste tempo aportou em Malùco Fernão de Sousa mandado pelo Governador, que informado de Jurdão de Freitas Capitão môr da fortaleza, do estado das cousas, entendeo, que o partido dos Castelhanos se engrossava na esperança do soccorro, e riquezas, que promettião de Espanha; porèm

rèm logo que Ruy Lopez teve aviso da vinda de Fernaõ de Sousa, e do negocio a que era mandado, querendo com arte escusar, ou entreter o rompimento comnosco atè chegar o soccorro de Espanha, que esperava; o mandou visitar, escrevendolhe saudaçoens corteses, lembrandolhe que estavaõ entre Gentios, desejosos de nossas discordias, para ficarem senhores de si mesmos; que assaz de guerras, e inimigos tinhamos na India; que para povoarmos sós hum Mundo taõ grande, eramos muito poucos; que nos offerecia suas armas para com ellas termos o Gentio mais obediente, porque como Espanhoes eraõ bons para soldados, e como Catholicos mui fieis para amigos; que considerasse, que era mais importante a Portugal a paz do Emperador que o cravo de Malùco, porque estas dissençoens entre vassallos podiaõ vir a ter os effeitos das minas, que rebentaõ muito distantes donde se pega o fogo.

O Castelhano trata entretelo.

15 A esta carta composta de féros, e lisonjas respondeo Fernaõ de Sousa, que elle era pequeno de corpo, mas taõ abreviado na resoluçaõ, como na estatura, que aquellas Ilhas eraõ de ElRey de Portugal seu senhor, que com a mesma espada com que as ganhàra podia defendelas; que bem sabia que era Espanhol, e Catholico, porèm que isso naõ lhe dava justiça para tomarlhe a capa; que o Emperador naõ faria guerra a Portugal, sem ler primeiro nas Chronicas de Castella os successos de seus antecessores, que ou se havia de embarcar para a India, ou meterse com os seus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcaçaõ segura para Espanha.

Reposta de Fernaõ de Sousa.

16 Desta

Continua o Castelhano no primeiro intento.

16 Desta carta taõ dura entendeo o Castelhano, que Fernaõ de Sousa naõ queria curar o negocio com remedios largos, porèm vendo que naõ podia resistir, nem lhe convinha obedecer, escreveo segunda vez a Fernaõ de Sousa, que suspendessem as armas, avizando a seus Princ pes do estado das cousas, para que elles com pacifico acordo determinassem a causa, porque se antes desta diligencia se derramasse sangue, ficaria por conta dos Reys vingar a injuria dos vassallos; que entre Portugal e Castella havia direitos, e aggravos, que a paz cobria, que naõ quizesse soprar o fogo sepultado nas cinzas de hum largo esquecimento; que se os Castelhanos se retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, e das doenças, se os obrigassem a condiçoens injustas, maior força lhes faria o brio, que a necessidade em que estavaõ.

17 Fernaõ de Sousa, entendendo dos rodeos desta carta, e de outras noticias, que os Castelhanos se queriaõ remir com dilaçoens, respondeo, que deixados argumentos, tratasse de defender com a espada seu direito.

Ven-se os dous Capitaens.

18 Ruy Lopez de Villalobos, vendo desta reposta que o entendiaõ, ou que o desprezavaõ, escolheo deixarse vencer da razaõ primeiro que da força, e logo respondeo a Fernaõ de Sousa, que se vissem ao outro dia no mar com sós tres companheiros, para assentarem as condiçoens da passagem, e embarcaçaõ, que lhe offerecia; o que assi se fez saindo Fernaõ de Sousa da fortaleza em huma embarcaçaõ lustrosamente toldada, e emproando com a dos Castelhanos, que jà o aguardavaõ, sobre qual

dos

dos Capitaens havia de passarse à outra, em cèremonias prolixas gastáraõ largo tempo. Entrou o Castelhano na de Fernaõ de Sousa, onde entre saudaçoens, e urbanidades, abrio a conversaçaõ porta ao negocio.

19 Tratou Fernaõ de Sousa com grande comedimento das razoens de sua causa, reduzidas a escrituras outorgadas entre os Reys de Portugal, e Castella, que Ruy Lopez de Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assi ficaraõ acordados que dentro de tres dias viriaõ os Castelhanos meterse dentro na nossa fortaleza de Ternàte, onde lhes dariaõ embarcaçaõ para a India, levando livremente a roupa, drógas, e armas que tivessem; e que ElRey de Tidòre seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que rematàraõ esta concordia, foraõ hum largo banquete, brindando alegremente às saudes dos Reys: beneficio, que lhes repetíraõ muitas vezes. Ao convite acrescentou Fernaõ de Sousa o seu C,aguate, a uso da India, dando algumas joyas ao Capitaõ, e companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavaõ, porque com o sainete do cravo saboreavaõ os desabrimentos da terra. *Acordão que tomaõ.*

20 Despedidos os Capitaens se tornou Fernaõ de Sousa à fortaleza, contente de alhanar hũ negocio taõ escabrozo, por meios taõ commodos à sua honra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos se virem à nossa fortaleza, se poz Fernaõ de Sousa muy galante para demonstraçaõ do gosto com que esperava os hospedes, que foy buscar ao mar. O que sabendo Ruy Lopez despedio *Falta o Castelhano à promessa.*

pedio huma embarcaçaõ da terra, pedindolhe suspendesse o negocio para o seguinte dia, porque andava vencendo alguns inconvenientes, de que lhe daria conta. Fernaõ de Sousa entendendo, que a dilaçaõ era cautela, e que o Castelhano faltava no concertado; como lhe deraõ o recado no mar, mandou forçar a vóga, e com mais paixaõ, que acordo, se foi meter desacompanhado entre os Castelhanos. O que visto por Ruy Lopez lo veo esperar à praia com oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, e levando-o a seus aposentos, lhe deu conta da alteraçaõ, que entre os seus havia; porque Dom Alonso Henriquez Capitaõ de hum navio, cobrindo seu particular interesse com o zelo de servir a seu Principe, naõ queria estar polo capitulado, e tinha convocados amigos, e homens inquietos, que sustentavaõ seu partido, persuadindo cousas fantasticas a ElRey de Tidóre, e a outros por engrossar seu bando, chamando á sua sediçaõ zelo, e à moderaçaõ do General fraqueza, pois entregava as armas, e as bandeiras de Espanha, que juràra defender com a vida, e privava ao Emperador do Senhorio de taõ abundantes Ilhas, e aos pobres soldados do fruito, e premio de navegaçaõ taõ perigosa; e que os Portuguezes como naçaõ soberba, e sempre oppósta à sua, fariaõ riso, ou gloria de taõ vil rendimento. Porèm que elle sabia, que todas estas bizarrias armavaõ sobre falso, porque os naõ estimulava o serviço do Cesar, nem o zelo da honra, senaõ o amor do cravo, de que tinhaõ recolhido quantidades grandes, e naõ fiavaõ de nòs, que lhes deixariamos levar a Espanha as novas desta dróga, cuja valia lhes havia

E o que ninstosaz Fernaõ de Sousa.

via

via de compensar os perigos, e trabalhos passados. O que entendido por Fernaõ de Sousa, e os mais que seguiaõ sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receos; e como o brio dos Castelhanos servia de cuberta ao interesse, se vieraõ ao outro dia meter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreavaõ.

21 Mas jà o estrondo das armas de Cambaya naõ sofre esta pequena digressaõ de negocios menores. Governava Coge Ç,ofar esta guerra com absoluto imperio, livrando o bom successo della, parte na força, e parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagens, e soccorros, que pola grandeza delles necessitavaõ de espaços differentes; escreveo a Dom Joaõ Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre o Soltaõ, e o Estado, para que se lograssem com reciproco amor os fruitos de taõ justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento a que se fizesse hum muro entre a fortaleza, e a Cidade, o que se naõ executàra por naõ mostrar desconfianças em taõ tenra amizade; porèm agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, convinha satisfazer ao povo, que pedia esta separaçaõ, como sinal da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte desmantelamos a Cidade, fora com a ira, ou licença da victoria, e que naõ queriaõ os mercadores acordarse cada dia de sua injuria com taõ fea memoria; que os sinaes do odio, como naõ estavaõ no animo, naõ era bem que se conservassem nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, naõ convinha dar

Proposta de Ç,ofar ao Capitaõ de Dio.

leys como Senhores; e que levariaõ asperamente os moradores o que lhes ordenavaõ seus Reys, tolherlho seus vesinhos; que de vassalhos alheos deviamos querer amizade, e naõ obediencia; que o Soltaõ lhe dera aquella Cidade, a qual determinava engrandecer com novos moradores, aos quaes queria mostrar, que aquella fortaleza naõ estava como freo, se naõ como amparo de seus habitadores; que aos Portuguezes convinha dar grandes satisfaçoens ao povo, para assegurar huma paz fundada sobre aggravos.

Reposta do Capitaõ. 22. Por esta carta entendeo Dom Joaõ Mascarenhas, que Cofar buscava causas ao rompimento, havendo que se lhe concedia o muro, facilitava a empreza; se lho negava, justificava a guerra; e assi lhe respondeo, que em huma paz taõ assentada, como Mahamud tinha com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantalas; que o muro nem a nòs seria de perigo, nem a elles de amparo; que entre a fortaleza, e a Cidade estava outro reparo maior que a defendia, que era a fidelidade Portugueza; que do novo Senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes que alli estavaõ fizesse a mesma conta que dos outros vassallos; que o negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle lhe communicaria a sua proposta.

E avisa o Governador. E logo avisou ao Governador do Estado das cousas, que jà pelos enviados, que mandàra a Cambaya, tinha do cerco noticia mais inteira (recebendo do Soltaõ huma reposta incerta, sem declarar, nem encobrir a jornada, fazendo relaçaõ intempestiva

pestiva de passadas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

23 Porèm o Governador, dando-se todo a este só negocio, pesando a importancia daquella praça resolveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despesa, perigo, ou diligencia. As Cidades de Baçaim, e Chául, que eraõ as mais vesinhas, encomendou affectuosamente os soccorros de Dio, lembrandolhes a honra, o premio, a obrigaçaõ; e logo em Goa mandou apercebar hum caravelaõ com muniçoens, e bastimentos; e duzentos e cincoenta soldados, que por acharem jà os mares grossos, chegàraõ a Baçaim com trabalho, e tentando atravessar a Dio, foraõ os ventos taõ ponteiros, e furiosos, que tornáraõ a arribar destroçados. *Que ocorre Dio com gente, e munições*

24 Coge C,ofar em quanto naõ tinha as forças juntas, nos acommettia com ardís differentes. Com largas dadivas, e promessas maiores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite désse fogo à polvora, ou lançasse peçonha na cisterna, e que naõ podendo conseguir nenhum destes intentos, tentasse dar entrada na fortaleza aos Mouros pelas casas em que vivia, commodas a esta maldade, por estar vesinhas ao muro. O soldado temeroso, ou irresoluto, deu parte do negocio a hum Mourisco seu familiar amigo; e como nas traiçoens mais seguro he o premio de as descobrir q de as executar, delatou ao Capitaõ mòr o caso, o qual tendo noticia delle por duas vias mais, e considerando que este delicto era feo para exemplo, para castigo, pouco averiguado, e que a culpa naõ merecia perdaõ, nem o tempo permittia castigo, enviou *Traiçaõ intentada por C,ofar*

este

este soldado a Goa com cartas ao Governador, significandolhe os indicios da traiçaõ imaginada.

Prevençoens de D. Joaõ Mascarenhas.

25 E como D. Joaõ Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem os mantimentos que na Cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao comercio; diligencia, que entreteve, ou remediou a fome muitos dias; porèm logo se alterou a segurança do trato, entrando na Cidade hum Capitaõ com quinhentos Turcos, mais a dispor que a fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Ç,ofar para o Capitaõ mòr, nas quaes cauteloso, e importuno, instava em levantar o muro; a que Dom Joaõ Mascarenhas jà naõ quiz dar reposta, dizendo ao Turco, que os Portuguezes naõ deferiaõ a petiçoens escritas com o arcabuz no rosto. Naõ foi este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Ç,ofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendonos os soccorros da terra, porque os do mar começavaõ jà a impedir os temporaes do inverno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta praça foi o theatro em que os Portuguezes obràraõ maravilhas taõ grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

Chega Ç,ofar com gente de guerra.

Descripçaõ do Dio.

26 A Ilha de Dio, celebre pola riqueza de seu trato, lastimosa pola ruina de seus habitadores, illustre pola fama de nossas victorias, està situada em huma enseada, e ponta, que limita o Reyno de Cambaya, em altura de vinte dous gràos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundaçaõ fabulaõ os naturaes, dandolhe principios mais illustres, que averiguados, cuja memoria conservaõ suas tra-

diçoens

diçoens na falta dos efcritos. Foi fempre o porto da enfeada a principal efcala, frequentada das náos, que navegaõ a Meca, cuja viàgem fez aos Mouros grata a Religiaõ, e o comercio. He a Cidade apartada da terra firme por hum efteiro, que em torno a vai cingindo; pola qualidade do terreno he forte, e ajudando-fe da arte a natureza, a faz mais defenfavel. O efteiro, que a rodea, faz duas bocas, huma ao Norte, que por fer aparcelada, e baixa, he ao ferviço inutil; outra ao Sul, tambem defacommodada pola afpereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde pódem ancorar navios, e defte recébe a Cidade mais commoda paffagem. Naõ fegui a fórma, em que a defcreve Joaõ de Barros, por fe haver alterado com a differença dos Mouros que a fenhoreàraõ, fortificando-a cada huns delles com varia difciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes enfinava.

27 Entrando Coge Ç,ofar na Cidade com oito mil foldados, muitos delles Turcos, trazidos a feu foldo, feffenta peças groffas, em que entravaõ dezoito bafilifcos, com muniçoens, e baftimentos de homem que antevia a duraçaõ do fitio. Trazia mil Janizaros no campo com avantajado foldo, os quaes com fua ordinaria foberba defprezavaõ a empreza, accufando o temor de Ç,ofar, em convocar foccorros, e inquietar as armas do Graõ Senhor contra quatro miferaveis Chriftãos, defendidos de huma fraca parede, com os quaes nem na peleija fe ganhava honra, nem na victoria defpojo. Coge Ç,ofar nem louvava, nem reprehendia o animo dos Turcos mas da victoria fazia mais incerto juizo, enfinado do temor, ou da experiencia, e no abrir as trincheiras,

cheiras, plantar batarias, formar esquadroens, mostrou que era soldado; e logo que teve posto sitio à fortaleza, fez aos Turcos huma breve pratica, dizendo.

Pratica de Coge C, osar aos seus.

28 ,Companheiros, e amigos, naõ vos ensi-
,narei a temer, nem a desprezar esses poucos Portu-
,guezes, que dentro daquelles muros estais vendo en-
,cerrados, porque naõ chegaõ a ser mais que ho-
,mens, inda que saõ soldados. Em todo o Oriente
,atègora os acompanhou, ou servio a fortuna, e a
,fama das primeiras victorias lhes facilitou as ou-
,tras. Com hum limitado poder fazem guerra ao
,Mundo, naõ podendo naturalmente durar hum
,Imperio sem forças, sustentado na opiniaõ, ou
,fraqueza dos que lhes saõ sujeitos. Apenas tem
,quinhentos homens naquella fortaleza, os mais
,delles soldados de presidio, que sempre co-
,stumaõ ser os pobres, ou os inuteis; por ter-
,ra naõ podem ter soccorro, os do mar lhes
,tem cerrado o inverno. Estaõ faltos de muni-
,çoens, e mantimentos, assegurados na paz, ou
,na soberba, com que desprezaõ tudo. Como
,saõ poucos, sempre naquelle muro haõ de assistir
,os mesmos defensores, sem haver soldado reserva-
,do para o lugar de outro; faltalhes peonagem pa-
,ra reparar as ruinas da nossa bataria, e por força
,os ha de render o trabalho repartido em taõ pou-
,cos. Estaõ insolentes com o destroço que fizeraõ
,nas galés do Graõ Senhor no cerco desta mesma
,fortaleza. A taõ honrados Turcos, e valentes Ja-
,nizaros, como estais presentes, toca acudir po-
,la honra de vossa gente, e de vosso Imperio, co-
,mo causa mais justa da guerra, que fazemos; que
ainda

,, ainda que Cambaya tem exercitos, e ſoldados, naõ
,, convem à reputaçaõ do Graõ Senhor vingar ſuas
,, injurias com as armas alheas. Com eſte fim vos
,, trouxe a eſta empreza, porque vos naõ furtaſſem
,, outros a gloria de taõ juſta vingança. Eſta meſma
,, terra, que agora eſtais piſando, cobre os oſſos de
,, voſſos companheiros, parentes, e amigos, que a
,, cada hum de nòs (meparece) eſtaõ chamando por
,, ſèu nome, contandonos as mortes, e as feridas, que
,, deſtes homicidas recebéraõ, eſperando por voſſo
,, esforço poderem deſcanſar vingados. Eſtes meſ-
,, mos ſaõ os matadores de Badur, ingratos aos be-
,, neficios, atrevidos à Mageſtade de Principe taõ
,, grande, cuja vingança ſerà grata a todos os que
,, ſe chamaõ Reys, precisa a todos os que ſomos vaſ-
,, ſallos.

29 Acabada eſta pratica, ou querendo juſtificar mais a guerra, ou ganhar tempo para eſperar ſoccorros, tornou a tentar o animo de D. Joaõ Maſcarenhas com condiçoens mais graves; inſtando na porfia de levantar o muro, e pedindo, que as naos do Soltão, ſeu Senhor, podeſſem navegar livres ſem cartazes de noſſos Generaes; injuria, q̃ o Soldaõ tolerava como amigo, e não podia ſofrer como Monarcha. Pedio mais, que as naos de mercadores não foſſem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade, q̃ devia outorgar em beneficio do commercio. D. Joaõ Maſcarenhas lhe reſpondeo, que entre tambores, e bombardas não ſe faziaõ acordos de amizade; que aquella fortaleza eſtava coſtumada a dar leys a todos, e não a recebelas de ninguem; que em breve eſperava caſtigalo, como a quebrantador das pazes, e que então ſofreria a ſeu peſar condiçoens mais duras, eſcritas

Inſta de novo ao Capitaõ de Dio.

Repoſta do Capitaõ.

com o ſangue de ſeus meſmos Janizaros.

O Governador manda a Dio ſeu filho D. Fernando.

30 Jà neſte tempo o Governador tinha feito apreſtar nove embarcaçoens com eſtranha brevidade, dizendo aos ſoldados, que occaſiaõ tão honrada ſó a havia de fiar dos ſeus inimoſos; que elle trocàra agora as priſoens de ſeu cargo pola liberdade de qualquer ſoldado; que ainda que eſtava reſoluto em ir deſcercar Dio, não podia negar as envejas, que tinha aos que primeiro que elle haviaõ de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a ſeu filho D.Fernando lhe diſſe em falla publica.

,Eu vos mando filho com eſte ſoccorro a Dio, que
, pelos aviſos que tenho, hoje eſtarà cercada de mul-
, tidaõ de Turcos; polo que toca a voſſa peſſoa não fi-
, co com cuidado, porque por cada pedra daquella for-
, taleza arriſcarei hum filho. Encommendovos, que
, tenhais lembrança daquelles de quem vindes, que
, para a linhagem ſaõ voſſos avôs, e para as obras ſaõ
, voſſos exemplos; fazei por merecer o appellido que
, herdaſtes, acordandovos que o naſcimento em todos
, he igual, as obras fazem os homens differentes; e lem-
, brovos, que o que vier mais honrado, eſſe ſerà meu
, filho. Eſta he a benção, que nos deixàraõ noſſos maio-
, res, morrer glorioſamente pola Ley, polo Rey, e
, pola Patria. Eu vos ponho no caminho da honra,
, em vòs eſtà agora ganhala.

Com iſto lhe lançou a benção, e o encommendou a Diogo de Reynoſo, hum dos mais valentes Cavalleiros que paſſáraõ à India. Neſte ſoccorro foi Sebaſtiaõ de Sà, filho de Joaõ Rodriguez de Sà, que neſta occaſiaõ, e em outras deu de ſeu valor hum teſtemunho illuſ-

illuſtre. Com elle paſſou D. Franciſco de Almeyda, filho de D. Lopo, a acompanhar dous irmãos, que tinha jà em Dio. Com o meſmo ſoccorro foraõ Antonio da Cunha, Pedro Lopez de Souſa, Diogo da Sylva, Jorge Maſcarenhas, Antonio de Mello, e outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andavão apòs os perigos, como ſe lhes fugíraõ.

31 Eſcreveo o Governador a D. Joaõ Maſcarenhas huma carta mui honrada, dizendolhe, quanto maior couſa era neſta occaſiaõ ſer Capitaõ de Dio, que Governador da India; que naquelle ſoccorro lhe mandava ſeu filho D. Fernando, para que depois no Reyno, entre as vanglorias da velhice, contaſſe que fora ſeu ſoldado; que eſtiveſſe certo, que todas as forças do Eſtado ſe haviaõ de empenhar na defenſa daquella fortaleza; que naquelles navios hiaõ muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigaçaõ dos cercados ſó era defenderſe; que lhe mandava muniçoens, que baſtavaõ a eſperar ſegundo ſoccorro, dous engenheiros, e muitos officiaes mecanicos para reparar as ruínas da bataria, com os inſtrumentos, e materiaes convenientes; no q̃ D. Joaõ de Caſtro não ſó moſtrou zelo de miniſtro, mas pratica de ſoldado, antevendo as neceſſidades do ſitio, e occorrendo a todas.

32 Jà neſte tempo D. Joaõ Maſcarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava ſerventia por ſima da cava do baluarte Sanctiago à outra banda, mandando fazer outra levadíça. A torre de Sanctiago entregou a Alonſo de Bonifacio Eſcrivão da Alfandega; o baluarte S. Thomè a Luiz de Souſa; o de S. Joaõ a Gil Coutinho; o que ficava ſobre a porta, a Antonio Freire; e outro baluarte Sanctiago, que deſ-

Reparte o Capitão de Dio os poſtos da fortaleza.

cubria o rio, a D. Joaõ de Almeyda com seu irmão D. Pedro de Almeyda; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a couraça pequena a Joaõ de Venezeanos; a grande a Antonio Rodriguez. Por estes Capitaens repartiò cento e setenta soldados, ficando elle de sobre rolda com trinta, para soccorrer as estancias. Com tão pequenas forças esperava D. Joaõ tão numeroso poder, como contra si tinha, dispondo com tanta segurança a defensa, que lhe não fazia o perigo temor, ou novidade. Com as muniçoens, e mantimentos mandou ter grande conta pola contingencia, em que estava poder receber outros com os estorvos do tempo, e do inimigo. Entre os escravos, e outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de polvora, pedras, e mantimento, por desviar aos soldados de outra occupação mais que a da peleija. Neste serviço entreteve os mininos, os velhos, e as mulheres, para que na fortaleza não houvesse pessoa inutil, ou ociosa, pola idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no terreiro da fortaleza, lhes disse com alegre semblante.

E falla a seus soldados.

33 „Esses Turcos, e Janizaros, que deste lugar „estamos vendo, vem a restaurar comnosco a hon„ra, que no primeiro cerco perdèrão; porèm nem el„les valem mais que os que então foraõ vencidos, „nem nòs valemos menos que os vencedores. Eu vos „confesso, que me criei sempre com a enveja do me„nor soldado, que defendeo esta praça; pois ainda „agora a memoria de seu valor honra seus descen„dentes, que menos conhecemos polo appellido, pa„tria, ou solar, que por filhos, ou netos daquelles „que taõ gloriosamente acabàraõ, ou triumphàraõ

em

„ em Dio. Os mais illuſtres honrárão ſua familia ; os
„ mais humildes derão a ella principio. Trouxenos a
„ fortuna eſta empreza àquella nada deſſemelhante;
„ não ſepultárão comſigo aquelles valeroſos Portugue-
„ zes toda a gloria das armas, ainda nos deixárão eſta,
„ que nos farà illuſtres. Naõ nos aſſombre a deſigual-
„ dade do poder, porque a fama não ſe alcança com
„ perigos vulgares. Navegámos cinco mil legoas ſó a
„ buſcar eſte dia, para nelle ganhar a honra, que nos
„ não podem dar os Reys, nem as gentes; porque os
„ Reys daõ premios, não dão merecimentos. Naõ nos
„ faltaõ muniçoens, nem mantimentos para entreter
„ o cerco atè chegar ſoccorro; e ainda que andaõ os
„ mares levantados, por ſerem os tempos verdes, te-
„ mos hum D. Joaõ de Caſtro, que por debaixo das
„ ondas virà com a eſpada na boca a ſoccorrernos, e
„ tantos outros fidalgos, e Cavalleiros, que teraõ por
„ injuria ganharmos nòs ſem elles a honra que ſe nos
„ offerece, com a qual não temos, que eſperar mais
„ da fortuna, pois ſeremos contados no numero da-
„ quelles que ao Rey, e à patria fizeraõ algum memo-
„ ravel ſerviço, cuja honra viemos a ſuſtentar do ul-
„ timo Occidente a tão remotas partes. E o que mais
„ he que tudo, peleijamos com inimigos de noſſa fé,
„ e não nos pòde faltar favor para tão juſta cauſa, pois
„ ſervimos ao Deos das victorias.

34 Acabada a pratica, ſe ouvio logo no campo dos Turcos huma groſſa ſalva, com que Coge Çofar feſtejava hum ſoccorro de dous mil infantes, que lhe haviaõ chegado de Cambaya, todos ſoldados velhos, que faziaõ o ſoccorro maior naqualidade, que no numero. Acompanhavão eſta gente, entre outros, dous Capitães Mogores, peſſoas entre os ſeus de grande nome.

nome. No mesmo dia entrou graõ parte da nobreza da Corte, que se alojou separada do Campo, em mui lustrosas tendas, com tal concerto, que nào deviaõ nada à policia de Europa. Os nossos com a desestimação da vida divertiaõ o horror de tantos apparatos, animando-se com discursos conformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas presentes.

Entrão mais soccorros ao inimigo.

Começa a bater a fortaleza.

35 Ao seguinte dia, que foi Quinta feira maior deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, amanheceo vezinho à fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, e nellas algumas peças grossas, e por sima do muro quantidade de sacas de algodão, forradas de couros crùs para fazerem resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos, polo silencio, e brevidade, com que se havia obrado; mostrando bem, que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, e confusa; porque em todo o conflicto mostràrão igual o valor à disciplina. Logo começárão a bater ditosamente a nossa fortaleza, porque nos cegàrão quatro peças, das quaes a sua batarìa recebia mais dano.

Estratagema do inimigo em huma nao.

36 O bom successo deste dia lhe deu para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darem géral assalto por brechas differentes, a que não podiaõ resistir divididos tão poucos defensores. Ao designio pudèra responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus, lhes não fizera tanto dano, que julgàrão lhes convinha acudir primeiro ao reparo, que à offensa. Callàraõ as bombardas dous dias, em quanto, para segurança da primeira fabrica, maquinàrão segunda. Lançàrão ao mar huma nao alterosa

terosa chea de polvora, alcatraõ, e outros materiaes dispostos ao fogo; estes disposeráõ na primeira cuberta, com o ardil reservado para segundo intento; por sima delles fizeraõ huma grande esplanada, onde podiaõ peleíjar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala; ficava a nao senhoreando o forte, donde com a ventagem do numero, e lugar da peleija, entendiaõ que seriaõ os nossos entrados facilmente; e quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a nao, lhe pegariaõ fogo, que ateado no forte, o abrasaria sem dano, nem perigo dos seus; e que logo occupadas as ruínas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantariaõ outro, donde se pudesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros deste padrasto, com que poderia laborar sem dano a sua artelharia. Estratagema inventado com militar discurso.

37 Da obra, e do intento teve o Capitaõ mòr aviso por espias que trazia no campo, e chamando o Capitão do mar Jacome Leyte, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava a seu posto; que estimasse, que a primeira facção deste cerco fosse sua; e praticandolhe tudo o referido, lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tivesse tudo aponto. Sahio Jacome Leyte na hora determinada com dous catures, e trinta soldados, remando a vògą surda, e emproando com a não, a começou a servir de muitas panelas de polvora; vírão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que os estava abrasando, e acudindo às armas, turbados do temor, e do sono, se defendiaõ com huma resistencia tímida, e confusa, impedindo-se huns aos outros com as vozes, e desacordo, causado do subito acometimen-

Desbaratada pelos nossos.

metimento. Alguns se começàrão a lançar ao mar; estes fizerão aos outros caminho, e exemplo; em fim entre queixas, e alarídos despejàraõ a nao, fazendo pòr em arma o campo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo à nao, e trazela atoada; a quem o Capitaõ mòr deu muitos abraços, e louvores, estimando este successo por dar à guerra taõ ditoso principio. Os Mouros ordenàrão que se continuasse a bataría a risco aberto, custandolhes cada pedra, que derribavão da fortaleza, soldados, e artilheiros. Não fazia a sua bataría dano consideravel, só o baluarte Sanctiago, ou por mais fraco, ou por melhor batido, estava por duas partes aberto, e já com roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavão com alguns travezes, fazendo reparos do entulho, que furtavão de noite.

E trazida à fortaleza.

38 Continuava a bataría não sem effeito, porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas aballado, e não podia pelas ameas assomar soldado, que não fosse encravado das settas do inimigo, ou ferido das ballas, que eraõ tantas, que pareciaõ huma continua salva, doendo pouco a Coge Çofar despender muniçoens, e arriscar soldados, como quem de tudo estava prevenido, e sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia a meudo a nossa artelharia com mais dano, porque como era tanta a multidão dos Mouros, nenhuma balla se jugava perdida.

39 Instavão os Turcos, porque se désse o assalto, porque já em muitos lugares polas ruínas da bataría se podia subir ao muro; porèm Coge Çofar os detinha, ou esperando maior poder, ou querendo, que o trabalho, e feridas quebrantassem o orgulho dos nossos, cuja furia esperava domar com lentas ar-

mas,

mas, apurando as forças, as muniçoens; e ainda a paciencia dos cercados; discurso, que não era de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os soccorros necessarios, e forçosos desde o primeiro dia, em razaõ de que os descuidos da paz, e a subita invazaõ do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para soster o peso desta guerra; sendo nesta parte tão demasiada nossa confiança, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, só com o respeito daquella victoria se defendia a praça; e D. Joaõ Mascarenhas se achava só com quarenta barrìs de polvora de bombarda, e vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão duzentos, os mais delles soldados de guarnição, a quem a gloria deste cerco deu a primeira fama.

40 Traziaõ ao Capitão mòr solicito o estado das cousas, e a incerteza dos soccorros, que importava encobrir tão cautamente aos de casa, como aos de fóra, e não queria nos principios do cerco taixar os mantimentos, e muniçoens, vendo por huma parte ser danoso, e por outra preciso; quando as vigias lhe vierão dar aviso, q̃ a huma vista appareciaõ nove vèlas, e que pela feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegàrão os soldados todos ao muro com o alvoroço desta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista, e cerração do tempo; porèm dentro de huma hora divisàraõ as bandeiras de quadra, e logo com as armas Reaes a Capitania, que com os ventos ponteiros vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhão todas com flamulas, e galhardetes, empavezadas, e guerreiras. Salvàrão logo as

Chega D. Fernando a Dio.

as torres, donde lhes respondérão com a mesma cortezia naval. Os Mouros lhe tirârão muitas peças de terra, em quanto davão fundo. Foraõ desembarcando as muniçoens, e mantimentos, tras elles os soldados, e o ultimo de todos D. Fernando; ou fosse instrucção do pay, ou brio do filho.

Dom Joaõ Mascarenhas o recebe.

41 O Capitão mòr depois de receber aquelles fidalgos; como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli D. Fernando, o foi buscar ao navio, e o encontrou na escada da fortaleza, por onde já sobia, e levando o nos braços, lhe disse palavras acommodadas ao lugar, e tempo, e offerecendolhe sua mesma pousada, a não quiz aceitar D. Fernando, pedindolhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desviado da muralha. D. Joaõ Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonìs em annos tão verdes.

42 Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, e bastimentos, com que se podia entreter o cerco atè outro soccorro; tambem se lembrou o Governador de mandar aos enfermos, e feridos, remedios, e regalos. Mostrou o Capitão mòr aos soldados a carta do Governador, em que (como dissemos) o asseguràva de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a maior diligencia, e forças, que sofria o Estado; o que deu coraçoens novos aos cercados, com que já as necessidades, e aprestos da guerra mostravaõ outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Çofar cada dia soccorros, e traçando artificios, para o que tinha conduzido engenheiros de differentes partes, que a emulação, e premio incitava a inven-

inventar cousas novas, que fazia os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descuberto.

43 Porém o Governador, logo que despedio seu filho D. Fernando, mandou pregoar guerra a fogo, e sangue, contra ElRey de Cambaya, como perjuro, e quebrantador da paz, que tinha com o Estado, e isto com instrumentos militares, e solemnidades legaes, para fazer publicas, e justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Escreveo aos moradores de Baçaim, lembrandolhes, que como mais vezinhos lhes tocava a obrigação de soccorrer a Dio; que as outras praças acodiaõ ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batiaõ a Dio, abalavão os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir descercar a fortaleza, e fazer a Cambaya as hostilidades possiveis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reys do Oriente; que lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios, e gente, como de tão honrados Cidadãos, e leaes Portuguezes se devia esperar; que o serviço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer delles, com a fidelidade, e amor de seu Rey, excederia à possibilidade.

Publica o Governador guerra contra Cãbaya.

44 Na mesma fórma escreveo a todas as praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispostos a servir, e despender as fazendas: felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrarà a Historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada; e achando o Estado pobre para tantas despezas, pedio aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro, e diamantes,

Empresstimo que pede aos mercadores.

que só enthesouràra; prenda sobre a qual os homens de negocio lhe offereciaõ tudo: e naõ sei se entre os poderosos correm hoje fazendas desta ley em tanta estima. Mandou fazer oraçoens publicas, e secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos Fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios, que das armas. Discorria de ordinario com os soldados de experiencia sobre as cousas de Dio, naõ se inclinando ao voto mais authorisado, senaõ ao mais experto.

Recorre a Deos com preces publicas.

45 Em Dio naõ descansavaõ as armas. Foy o Capitaõ mòr avisado, que no exercito se esperava por huma grande càfila de mantimentos, que se haviaõ de carregar por aquella costa de Balsar atè Damaõ; o que entendido, despedio o Capitaõ do mar Jacome Leyte com tres navios, para que a fosse esperar àtè a Ilha dos Mortos, o qual saindo de noite pela barra fóra correndo a costa, na qual tomou muitas Cotías, que vinhaõ bastecer o exercito, passou os Mouros à espada, excepto alguns que reservou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entrasse a barra; o que assi se fez, dando com elles ao exercito huma lastimosa vista, certificado mais do successo com o fogo, em que vio arder as Cotías; os mantimentos se recolhéraõ na fortaleza, que era a dròga mais importante para o tempo.

Tomaõse aos inimigos muitos mantimentos.

46 Tinha jà Coge Çofar perdido muita gente, sem ver na fortaleza, nem nos animos dos cercados quebra, que lhe désse esperanças de ganhala; os nossos passeavaõ no muro com galas, e plumagens, que mostravaõ o gosto, ou desprezo da guerra que sostinhaõ. Vendo Coge Çofar que estavamos

mos ſenhores do mar com taõ pequenas forças, e que as proviſoens, que recebia o exercito, vinhaõ furtivas, e arriſcadas, mandou ſahir huma armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcaçoens noſſas, que de Baçaim, e Chàul vinhaõ prover a fortaleza. Peleijàraõ os Portuguezes deſeſperadamente, mas como era taõ deſigual o poder, os mais ficàraõ mortos, vendendo taõ bem as vidas, que naõ tiueraõ os Mouros, que feſtejar na preza, ou na victoria. Dom Fernando de Caſtro pedio ao Capitaõ mòr licença para ſahir ao inimigo em alguns navios do ſoccorro, que lhe naõ deu, por entender ſeria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella ſahida furtado, e ſe recolheo logo.

O Capitaõ de Dio aviſa por terra a El-Rey.

47 Tratou Dom Joaõ Maſcarenhas de avizar por terra a S. Alteza do eſtado das couſas, para o que ſe lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua, e coſtumes dos Mouros; o qual deſpachou em hum Catùr ligeiro, para que o lançaſſe na coſta de Pòr; e dahi em trajos de Jogue (que entre elles he habito religioſo, e pobre) ſe paſſaſſe ao Cinde, e dahi a Ormùz, com cartas ao Capitaõ. Eſte fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorà, que o paſſàraõ a Babylonia pelo rio Eufrates, onde havia de eſperar as cáfilas, para àtraveſſar os deſertos da Arabia.

48 Continuava Coge Çofar as obras da fortificaçaõ com naõ menos perigo que trabalho, e com porfia taõ barbara, e cruel, que os meſmos corpos dos gaſtadores, que os noſſos matavaõ, lhe ſerviaõ ao entulho, uſando taõ deshumana diſciplina, quiçà por encobrir o dano, que começava jà a ſer conhecido

nhecido no exercito, se bem se restaurava com quotidianos soccorros, q̃ por horas engrossavaõ o campo. Mandou Coge Çofar assestar nas estancias sessenta peças grossas, em que entravaõ Basiliscos, Salvagens, Aguias, e Camelos, sem outra artelharia miuda, de que era maior o numero. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas em tantas voltas, que os naõ podia pescar a nossa artelharia. Com este artificio chegàraõ os Mouros a senhorear a cava da fortaleza, onde assentàraõ dezoito Basiliscos, com que tiràraõ quinze dias continuos, fazendo na fortaleza tal estrago, que os nossos, por ultimo remedio, se reparavaõ com suas mesmas ruìnas, fazendo contramuros, e reparos das pedras derribadas.

Senhoreaõ os inimigos a cava.

49 Tinhamos jà perdido oitenta homens, e mais de cem feridos, e pola estreiteza, e ruim qualidade dos mantimentos, muitos andavaõ enfermos. As muniçoens em grande parte gastadas tinhaõ reduzidos os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Çofar de alguns escravos, que fugiraõ da fortaleza, mandou reforçar as batarías, crendo, que não poderiaõ durar os animos em tão quebradas forças; e logo, como homem, que queria partir com seu Rey os mimos de sua fortuna, avisou ao Soltaõ, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar a fortaleza com o primeiro assalto. Na fé desta promessa acodio o Soltão com dez mil de cavallo, e grão parte de sua Corte, onde foi recebido com huma salva Real a volta de muitos instrumentos de guerra, e de alegria, consonancia, que os nossos ouviraõ, aos animos temerosa,

Chega o Soltaõ com muita gente.

sa, aos ouvidos barbara.

50 Pareceo aos nossos, que a alegria do campo solemnizada com duplicadas salvas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavão. Logo D. Joaõ Mascarenhas ordenou a Fernão Carvalho Capitão do forte do mar, que mandasse huma almadía a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que trazia no campo, ou se haviaõ feito dobres, ou eraõ descubertas; o que se fez na mesma noite, trazendonos hum Mouro, que referio a vinda do Soltão, as promessas de Coge C,ofar, e confianças da empreza. Mandou o Capitão mòr soltar o Mouro, e que dissesse a ElRey de Cambaya, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava irlhe pagar a visita a seus alojamentos. O Mouro se foi contente com a liberdade, e assombrado com a reposta do Capitão mòr. Foi o Mouro levado ante Mahamud, e referindo as palavras do Capitão, lhe disse, que os Portuguezes tinhão a fortaleza derribada, e os animos inteiros.

51 Coge C,ofar mandou continuar a batería, e dizer a D. Joaõ Mascarenhas por Simão Feo (hum prisioneiro nosso, que contra as leys da guerra havia represado) que se espantava de o ver encurralado, sem sair a peleijar ao campo, como fazia o bom Cavalleiro Antonio da Sylveira; que mal respondiaõ as obras às palavras; a qual mensagem os soldados com pilouros respondérão do muro. Cinco horas durou a batería, fazendo no edificio já aballado estrago grande. Porèm as nossas peças lhe respondéraõ com maior dano, e com melhor fortuna, porque dentro na tenda do Soltaõ huma bala perdida matou hum Mouro, com quem o mesmo Soltaõ estava praticando, e co- *Retira-se, e fica Juzarcaõ em seu lugar.*

mo

mo estes Mouros Orientaes saõ credulos em agouros, tomando ElRey o caso, como aviso de algum mao successo, quiçà cobrindo com a superstição o medo, sahio logo do campo, deixando a Juzarcaõ, hum Abexim valente, que nas guerras do Mogor tiràra soldo contra Soltão Mahamud, e agora, como soldado mercenario, fora chamado com algumas vantagens a servir nesta guerra.

52 Partido ElRey do arrayal, mais bellicoso na paz, que no conflicto, retirandose na mesma Ilha à quinta de Melique, dava calor aos soccorros, que cada dia reforçavaõ o campo, porèm D. Joaõ Mascarenhas, que polo aperto do sitio não tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com os fidalgos, e Cavalleiros quanto importava tomar alguma lingoa. Ouvio esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hum fidalgo que vivia do soldo, porèm com espiritos mui dignos de seu sangue; este se offereceo ao Capitão mòr, e lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quarteis do inimigo, e a poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estavão praticando; duvidou de os acometter, porque trazer dous naõ era possivel, peleijar com elles não convinha; porèm tomando da occasiaõ conselho, derribou com hum bote de lança a hum delles, e abraçando-se com o outro, que se defendia bradando, mordendo, e forcejando, o levou atè as portas da fortaleza, onde achou o corpo da guarda, que entre louvores, e envejas o levàraõ ao Capitaõ mòr com o seu prisioneiro. Referirei agora a circunstancia, por ser maior que o caso. Levou Diogo de Anaya prestado hum capacete de hum soldado, e vendo se na fortaleza sem elle, crendo q̃ com a luta, e bra-

Acçaõ notavel de Diogo de Anaya.

cejar

cejar do Mouro o perderia, se tornou pela mesma corda a derribar do muro, e buscando-o à vista de hum exercito jà alterado, o recolheo, e trouxe, tão temerario, como ditoso.

53 Pelos avisos do Mouro soube o Capitão mór, que Coge C,ofar, e Juzarcaõ, hum valente, e outro desconfiado, fizeraõ reciprocos juramentos a Mafoma de ganhar Dio, ou acabar na empreza, dizendo, que se nos não podiaõ soportar amigos, mal nos poderiaõ sofrer victoriosos. Com a continuação da bataría, lhe rebentàraõ muitas peças, em lugar das quaes encavalgàraõ outras, batendo furiosamente os baluartes S. Joaõ, S. Thomè, e Sanctiago, de que eraõ Capitaens D. Joaõ de Almeyda, Luiz de Sousa, e Gil Coutinho, os quaes sempre com as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomavaõ algum breve repouso, sempre constantes no perigo, e ao trabalho promptos.

54 O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fez maiores ruínas, e jà nelle podiaõ os Turcos peleijar quasi iguaes aos nossos; não ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que naõ fosse arrasada; e do baluarte S. Joaõ atè o de Sanctiago, todo o lanço do muro estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel, e forçoso, tão poucos defensores, com tão quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago de huma fortaleza por tantas partes rota; porèm todos conformes se dispunhão ao trabalho, que não podiaõ vencer, nem escusar.

55 Acodíraõ as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defensa, sobindo sem temor ao muro, tropeçando em lanças, espadas, e pelouros, vencendo a natureza, e o sexo, como se trouxe- *Valor das mulheres de Dio.*

raõ coraçoens varonís em habitos alheos; taes houve, que vestindo armas, fizeraõ aos inimigos rosto, correndo da agulha à lança, do estrado à muralha; entre todas mereceo maior gloria Isabel Fernádez, a quē nossos Escritores em lugar de elogios, que honrassem sua memoria, chamão: a Velha de Dio, celebre por este nome nos Annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos, e regalos, com que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortando-os à defensa, e à peleija, com razoens maiores, que de hum espirito, e juizo feminil. En fim a diligencia destas matronas servia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas, e opportunas.

56 Vendo Coge Çofar, que tudo quanto suas armas arruínavão de dia, nossa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais sutil pela traça, que util pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomè, que pola materia, e disposição do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido polo alto derribasse as ameyas, tolhendo peleijar aos defensores, e ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, e rama, para entulhar a cava, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terrapleno. A quantidade dos gastadores, que serviaõ o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entretanto a artelharia do nosso baluarte jugava com dano do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada,

e des-

e descuberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

57 Reparou Coge C,ofar no dano, por ser grande, ordenando, que na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, e vaga, fosse menor o effeito, mandãdo fazer maior ruído onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tino do rumor, e dos eccos. O que entendido por D. Joaõ Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavão amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porèm Coge C,ofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encubertas, por onde continuaraõ os Mouros mais seguros a elevação do forte, gastando a nossa artelharia ballas inuteis, e perdidas.

58 Deu o negocio ao Capitão mòr cuidado; porque crescendo aquella maquina, não ficava na fortaleza lugar algum seguro, jugando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, não havia no lugar vantagem, ficando os Mouros com a do numero tão desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conheciaõ o perigo, e nenhum o remedio. Alguns com maior ouzadia, que prudencia, votáraõ que saissem os nossos, e lhes estorvassem a obra a risco descuberto, sem ver que era maior o perigo que acomettiaõ, que o de que se livravaõ. Poucos approvaraõ este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizeraõ os nossos algumas sortidas, porèm de pouco effeito, porque o inimigo poderoso,

e vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes soe o perigo ser o melhor conselheiro, lembrouse D. João Mascarenhas, que na fortaleza havia huma eminencia, que sobrelevava o forte S. Thomè, por sima do qual podia jugar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algumas peças, as quaes tiràraõ com taõ ditoso effeito, que em poucos dias derribàraõ aquella maquina, levantada, e caída com o sangue dos que a fabricàraõ. Porèm como esta Hydra tinha tantas cabeças, emprendeo Coge Çofar cegar a cava com as mesmas ruínas; o que lhe era mais facil, por ser obra que não havia mister medida, disposiçaõ, ou engenho.

59 Começàraõ dous mil piaens a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, settas, e espingardaria impedia os nossos assomarse ao muro. Cresceo a obra, e perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza estavaõ desmantellados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelavase o Capitaõ mòr por lhe frustrar o intento, e vacillando nos meios convenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe disseraõ, que no lugar onde estavaõ, tinha o muro hum postigo, que o discurso dos tempos cubríra com terra movidiça, e que por aquella parte sem risco, e com facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessidade execuçaõ prompta; mandou cavar o Capitão mòr, e achou o postigo accommodado a seu intento. Sahiaõ os nossos de noite, e furtavaõ o entulho por baixo, deixando a superficie vãa, que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porèm como aquella terra estava no ar violentada, trouxeà seu mesmo peso ao centro, caindo

do todo aquelle vulto fantaſtico à viſta do inimigo.

60 Foi logo aviſado Coge C,ofar da induſtria, com que lhe fruſtramos taõ cuſtoſo trabalho, e acudindo àquella parte, impaciente na contrapoſiçaõ que achava a todos ſeus deſenhos, ſahio da fortaleza huma balla perdida, que no meio de hum eſquadraõ de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito ſentimento publico pola falta de taõ grande ſoldado. Víraõ os noſſos com deſtemperadas caixas, e arraſtadas bandeiras dar ſepultura ao corpo com todo o funeral militar, e politico, que enſinou a vaidade da guerra. Jurou logo ſeu filho Rumecaõ ſobre o ſangue do pay tomar juſta vingança, que entre elles a dor, e a ira he a ultima piedade, que offerecem em ſacrificio a ſeus defuntos. *Morre Coge C,ofar de huma balla.*

61 Succedeo Rumecaõ ao pay no odio, e cargo, continuando a guerra com a obrigação de General, e ſentimento de filho, tão empenhado pola dor, como polo officio. Mandou continuar por ſeis partes o entulho da cava, ſendo por horas ſoccorrido o exercito de gaſtadores, baſtimentos, muniçoens, e ſoldados, creſcendo por toda parte a obra, que Rumecaõ esforçava, como diſpoſiçaõ para nos dar aſſalto. Tratou taõbem de continuar a maquina, que o pay começàra, contrapondo hum artificio a outro; lavrou ſeis eſtradas encubertas, que todas hiaõ a parar no poſtigo da fortaleza, por onde os noſſos lhe limpavaõ o entulho; eſtas hiaõ fechar ſobre a ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o meſmo intento de lhe furtar a terra, ſobre que armavão a maquina, que temos referido, e ſobre a ponte lançàraõ pedras, e tràves, de tamanha grandeza, que a fizeraõ encurvar com o peſo, e logo virſe *Succedelhe Rumecaõ ſeu filho.*

a ter-

a terra, naõ ſem dano dos ſervidores, que por de baixo della andavaõ recolhendo a terra. O que viſto pelo Capitaõ mòr, mandou cerrar o poſtigo por ficar jà eſta ſerventia inutil, e evitar alguma ſubita invazaõ do inimigo, o qual ſem eſtorvo continuava a obra, em quãto os noſſos vacillavaõ em deſcubrir algum engenho, ou força, com que pudeſſem contraſtar fabrica tão danoſa, porque os Mouros com feſtas, e algazàras, mais moſtravaõ gozar jà da victoria, que eſperala.

62 A eſtes cuidados ſuccediaõ outros naõ menos peſados, porque jà naõ havia na fortaleza duzentos homens defenſores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas, mais neceſſitados de reparar as forças, que de offerecelas a ſegundo trabalho. E nos ſoldados ordinarios jà a deſconfiança hia abrindo porta ao temor. Faltavaõ muniçoens, e mantimentos; os màres verdes, o inverno furioſo, tiravaõ toda a eſperança de ſoccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber era o tempo opportuno.

O Vigairo Joaõ Coelho vai ao Governador.

63 Era Vigairo da fortaleza Joaõ Coelho, que ſobre as virtudes do Sacerdocio, tinha reſoluçaõ para emprender qualquer juſto perigo. Eſte ſe offereceo ao Capitaõ mòr (a quem era ſingularmente aceito) para a reſpeito dos temporaes, tentar os màres, e aportando em Baçaim, ou Chàul, ſignificar aos Capitaens com certeza de viſta, o eſtado das couſas; e dahi aviſar ao Governador por correos de terra, prometendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira repoſta, como fiel companheiro da fortuna de todos. O Capitaõ lhe mandou logo eſquipar hum Catùr com doze marinheiros, onde o deixa-

o deixaremos lutando com as ondas atè darmos razaõ do succeſſo, que teve viagem taõ animoſa, e pia.

64 Os Mouros trabalhavaõ por força no entulho da cava, mas Rumecaõ cruel, e imperioſo, os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebiaõ por premio, na meſma obra, miſeravel ſepulchro. Em fim chegàraõ a igualar a cava, e pelo baluarte de Gil Coutinho, que ſe naõ podia entulhar, atraveſſáraõ grandes maſtos com tavoas pregadas, que lhes ſerviaõ de ponte, para picar o muro, o que ſe lhes naõ pode defender com a artelharia por trabalhar cubertos.

65 Ordenou logo D. Joaõ Maſcarenhas humas cadeas groſſas, que do muro alcançaſſem à ponte, das quaes pendiaõ muitas ſacas de gunes, envoltas em polvora, ſalitre, e outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateàraõ na ponte com tal braveza, que logo a desfizeraõ. Acudio Rumecaõ a ſuſtentar a obra com novo madeiramento, e maior copia de ſervidores, e ſoldados, huns que aſſiſtiaõ à defenſa, outros ao trabalho, a que os noſſos ſe oppozeraõ, dandolhes miudas cargas de artelharia, e eſpingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas inſiſtia Rumecaõ na obra taõ porfiadamente, que por ſima dos mortos fazia ſobir outros, que ainda que violentados, venciaõ o perigo com a obediencia. Chegou em fim por meyo de taõ cuſtoſo trabalho igualar a cava.

Partidos que aos noſſos offerece Rumecaõ.

66 Conhecendo pois Rumecaõ o eſtado em que nos achavamos polos poucos defenſores, que occupavaõ os pòſtos, nos quiz tentar os animos, crendo, que em taõ perigoſo eſtado nos enſina-

ria

ria a razaõ, e a natureza, a naõ engeitar as vidas. Cerrada a noite, ouviraõ os do baluarte Santiago bràdar pela vigia em lingua Portugueza, dizendo, que era Simaõ Feo, que queria fallar ao Capitaõ mòr em negocio importante. Foi logo avisado Dom Joaõ Mascarenhas, e pondo-se com o soldado à falla, elle lhe disse, que era Simaõ Feo, que vinha mandado por Rumecaõ, que affeiçoado ao valor de taõ grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendiaõ; que bem via a fortaleza arruinada toda; a maior parte dos defensores enfermos, ou feridos sem esperança alguma de soccorro, faltos de muniçoens, e mantimentos; que naõ quizessem parecer obstinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos taõ valerosos inimigos; que nos faria todos os partidos honrados, deixandonos com a liberdade as fazendas, e os navios para nossa passagem; o que naõ aceitando, passariamos pelas leys da guerra, e pelas licenças que dava nos estragos a ira, e a victoria. D. Joaõ Mascarenhas lhe respondeo, que a fortaleza, onde estavaõ Portuguezes, naõ havia mister muros, que no campo razo a defenderiaõ ao poder do mundo, que esta verdade conheceria no primeiro assalto: que tratasse de pedir ao Soltaõ mais gente, e melhores soldados, que os Portuguezes desprezavaõ victorias taõ pequenas; que as ruinas da fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os iria buscar como despojos; que em quanto seus soldados tinhaõ armas, naõ

Reposta do Capitaõ mòr.

naõ lhes podia faltar nada entre seus inimigos; que a boa passagem que lhes offerecia, esperava fazer cedo com a espada na maõ por meio de seus esquadroens armados; e a este Simaõ Feo dizia, que ainda que repetia forçado palavras alheas, naõ tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

67 Vendo pois Rumecaõ, que dos perigos, trabalhos, e fomes, nos serviamos como de alimento, injuriado no desprezo desta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hum temeroso dia, que foi aos dezanove de Julho deste anno de mil quinhentos quarenta e seis; em roda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcaõ com mil e quinhentos soldados escolhidos acometteo o baluarte S. Joaõ, de que era Capitaõ Luiz de Sousa, acompanhado de D. Fernando de Castro, Sebastiaõ de Sá, Diogo de Reynoso, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, e de outros fidalgos, e soldados, que naõ passavaõ de trinta. Estes esperàraõ o primeiro impetu do inimigo, com tanta gentileza, que rebatéraõ os primeiros oitenta que subíraõ, mostrando o dano que recebéraõ nas vozes, no sangue, e na caída. Logo lhes succedéraõ outros, fazendolhes a subida mais facil os corpos dos que cahíraõ mortos. Juzarcaõ os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os àres feridos de instrumentos de fogo, e de vozes humanas, faziaõ nas paredes da fortaleza huma impressaõ medonha. A bataría continuava nos outros baluartes; em Saõ Joaõ, e Saõ Thomè o assalto; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas,

Assalta o inimigo o baluarte S. Joaõ.

 68 Ru-

E o de S. Thomè. 68 Rumecaõ com os Turcos assaltou o baluarte Saõ Thomè, de que eraõ Capitaens Dom Joaõ de Almeyda, e Gil Coutinho; e como gente pelo valor escolhida, pela naçaõ soberba, arremetèraõ taõ furiosos, que pelas lanças dos nossos intentavaõ subir atravessados, buscando pela morte a victoria. Elles tinhaõ a vantagem do numero; a do lugar os nossos, e os que tinhaõ cavalgado o muro, ou haviaõ de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada, que a peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto, os nossos valendo-se de hũas mesmas forças, se mostravaõ superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudiaõ com armas, e panelas de polvora, vestindo os espiritos do tẽpo naõ os da natureza. Algumas com regalos, e bebidas alentavaõ aos soldados, e naõ podendo mostrar esforço proprio, serviaõ ao alheo. Taes houve, que com exhortações os animavaõ, merecedoras de forças varonis em coraçoens tamanhos; mas nos feitos deste cerco contaremos os seus pelos mais raros, se naõ pelos maiores. Via-se hum monte de corpos mortos aos pès dos baluartes, huns desangrados do ferro, e outros abrasados do fogo. Alguns agonizando entre a ira, e a dor, pediaõ vingança; e tal vez os que hiaõ a satisfazelos, acabavaõ primeiro. Enfim os nossos este dia fizeraõ cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escritura: porque sempre no particularizar accidentes, he a verdade incerta; mòrmente nos acontecimentos da guerra, onde a ira, ou o temor, e outros affectos, arrebataõ o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum

ser

ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

69 Dom Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, maior que seus annos. Sebastiaõ de Sá nos deixou de seu valor huma clara memoria, atè que atravessado de huma setta ervada por hum joelho, cahio quasi mortal; e naõ podendo sustentar a peleija, naõ queria deixala: Foi enfim retirado dos companheiros com lastima, e enveja, deixando jà nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos em fim obràraõ taõ valerosamente, que este só dia bastava par aos fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia q̃ começavaõ o assalto, obrando Rumecaõ, como quẽ queria acabar a guerra em hum só dia; mandou peleijar as naçoens divididas, ou para que a emulaçaõ as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia; e elle, mandando, e peleijando, com a voz, e com o exemplo os obrigava; e naõ se fartando do sangue, que via derramado, louvava os ousados, afrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, colera com acordo. Dom Joaõ Mascarenhas se mostrou naõ só Capitaõ, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos, peleijando, e governando taõ sabiamente, que naõ ficou devendo nada ao valor, menos à disciplina.

Resistencia dos nossos.

70 Vendo Rumecaõ os muitos mortos, que estavaõ em torno dos baluartes, e que os seus acodiaõ jà com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, e feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria; porèm delles mesmos soubemos, que perderaõ quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só solda-

Retirase o inimigo com perda.

do, os feridos foraõ menos de vinte. Nesta desproporçaõ se vè, que naõ se alcançou a victoria só com forças humanas, e que Deos defendia a causa como sua, sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos; de que ainda nos mostrarà a Historia argumentos maiores.

71 Recolhido o inimigo, chamou o Capitaõ mòr os nossos a segundo trabalho; o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era preciso reparar as ruinas da fortaleza; sendo as pedras, e o barro os leitos molles, em que os nossos haviaõ de restaurar as forças jà taõ quebradas; acodiraõ todos, faceis, e alegres ao serviço, a que o Capitaõ mòr os obrigava com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, respirando os nossos no trabalho, como em novo descanso; naõ lhes fazendo o peso das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo taõ cortado deste assalto, que se naõ atreveo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendo-o a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentava a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leves, para quebrantar os nossos com rebates continuos, e notar a disposiçaõ dos animos no occupar dos pòstos; naõ cessava porèm a batarìa, intentando enfraquecernos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossava o campo com diversos soccorros, e o Soltaõ significava o empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecaõ dar segundo assalto à fortaleza.

72 Considerando porèm o dano, que havia recebido, peleijando com taõ superiores forças; entendeo

tendeo que o eſtrago dos ſeus devia ter cauſas maiores, para o que convinha applacar o Prophéta. Ordenou logo, que ſe tiraſſe huma bandeira com a figura de Mafoma, e com ella déſſe o exercito diverſas voltas em torno da Meſquita, e com outras expiaçoens barbaras, e ridiculas, tiveſſem a Mafamede applacado, e propício, cuja ira retardava aos ſeus a victoria. Fernaõ Carvalho, Capitaõ do baluarte do mar, vio diſcorrer aquella noite o exercito com graõ copia de luzes, ouvindo a tempos as vozes, e clamores, que logo paravaõ em ſubito ſilencio, e tornavaõ a rebentar em huns gemidos de multidaõ confuſa, ſuccedendo aos ays, e alaridos, os inſtrumentos de guerra; e neſta ſuperſticioſa vaidade occuparaõ muitas horas da noite. Deu a Fernaõ Carvalho cuidado a novidade, de que naõ pode fazer juizo. Aviſou com tudo a D. Joaõ Maſcarenhas do que víra, que entendeo ſeriaõ diſpoſiçoens para o aſſalto; ajudadas de algum barbaro culto, ou ſuperſtioſo rito, com que entendiaõ conciliar a indignaçaõ de ſeu falſo Prophéta.

73 Apercebeoſe o Capitaõ mòr para eſperar eſta ſegunda invazaõ do inimigo, achando a todos os ſoldados eſpiritos ſãos em forças taõ quebradas; os feridos, e enfermos deſemparavaõ os leitos, e os remedios; mais promptos a buſcar o perigo, que a ſaude. Dom Joaõ Maſcarenhas obrava, e diſpunha as couſas neceſſarias à defenſa com valor, e juizo. Amanheceo o inimigo ſobre a fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, e alaridos medonhos entre bellicos inſtrumentos, que fazia mais temeroſos o ſilencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres eſquadras; traziaõ diante, entre

Outro aſſalto.

entre outras huma bandeira, em que estava figurado o seu Prophéta, para que os incitasse juntamente a Religiaõ, e a Regalia. Ao mesmo tempo assaltàraõ os baluartes S. Joaõ, e S. Thomè, e a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes naõ deixava ver, nem temer o perigo; porèm foraõ recebidos dos nossos de maneira, que voltàraõ mais de pressa do que haviaõ subido, cahindo muitos mortos, os mais feridos, e outros abrazados do fogo. Ouviaõ-se as vozes de Juzarcaõ, e Rumecaõ, que incitavaõ a outros a escalar os baluartes. Estes subìraõ de refresco, favorecidos da escopetaria do exercito, innumeraveis settas, e outros tiros missivos. Aqui se ateou com graõ calor o assalto, instando os Turcos por restaurar a opiniaõ perdida, peleijavaõ estimulados da furia, ou da vergonha, porfiando a sobir por entre o ferro, e fogo, como homens que estimavaõ a vida menos que a victoria, assim chegàraõ a igualarse com os nossos, peleijando corpo a corpo sobre o baluarte.

74 Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, com os fidalgos, e soldados de sua companhia deraõ neste dia novo credito a nossas armas, obrando de maneira, que Rumecaõ os nomeava aos seus, humas vezes para exemplo, e outras para injuria. Os Turcos tinhaõ por momentos soccorros successivos; os nossos sempre os mesmos, taõ valentes se mostravaõ aos ultimos, como aos primeiros. Fervia a guerra em todos os lugares. Dos inimigos eraõ jà muitos mortos, ou estropeados; porèm o furor, e a ira, ou encobriaõ, ou desprezavaõ o dano; porque sobre o corpo daquelle que cahia, estribava outro o pè para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventando o ar-

dor,

dor, e a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

75 Entràraõ emfim o baluarte S. Thomè, que sustentàraõ por hum espaço largo, cahindo huns, e succedendo-lhes outros. Aqui foy grande a furia do inimigo, e tambem o estrago. Os tres irmãos Dom Joaõ, D. Francisco, e Dom Pedro de Almeyda se mostràraõ taõ irmãos no valor, como no sangue, sustentando o pezo de tantos inimigos o tempo que durou o assalto. *Entraõ os Turcos o baluarte S. Thomè.*

76 Os Turcos do terço de Rumecaõ peleijavaõ com os nossos corpo a corpo iguaes no sitio, no numero maiores; o perigo acrescentou o esforço. Dos que entràraõ o baluarte, poucos baixàraõ vivos, mas como tinhaõ jà esta porta para a victoria aberta, a todo risco queriaõ sustentala. Rumecaõ, como este era o primeiro favor, que lhe deraõ as armas nesta guerra, com louvores, e promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou huma voz, que o baluarte era ganhado; e esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudèra perder a fortaleza, porque os que nas outras estancias peleijavaõ, quasi tinhaõ desemparado os pòstos por soccorrer o baluarte, que haviaõ por perdido; principalmente os que guardavaõ as casas da banda da rocha, acodíraõ com tanto impetu ao soccorro, que se aliviàraõ em parte os companheiros, que do trabalho, e feridas, tinhaõ jà as forças lassas, e quebradas.

77 D. Joaõ Mascarenhas andou pelas estancias certificando a todos, que estava por nòs o baluarte, e do valor com que nelle se peleijava; que Rumecaõ estava vendo o destroço dos seus, que banhados em

sangue

sangue, se precipitavão do muro, acabando de perecer na quèda. Durava o assalto, e com as mortes, e feridas, parece que cresciaõ em huns, e outros inimigos as forças, e a braveza; o que considerando Juzarcaõ, crendo que os poucos defensores, que tinha a fortaleza, estariaõ nos baluartes escalados, saindo do conflicto, se foi com alguns soldados torneando o muro, e chegando àquella parte da fortaleza, que chamaõ a Couraça, a qual a natureza fizera defensavel, sem arte, pola altura, e aspereza do rochedo, em que o mar batia, e vendo que estava deserta, sem presidio, ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha assegurados; e mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, e prevenir escadas, começàrão a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavão alli de guarda, com a nova do baluarte S. Thomè ser perdido, desampararão o posto, que guardavão, com mais valor que disciplina, se foraõ a soccorrello.

Juzarcaõ investe a Couraça.

78 Subiaõ os Turcos ouzadamente a rocha, e foraõ demandar humas casas, que estavão encostadas à Igreja de Sanctiago, e davão passo a huma varanda baixa, em que logo arvoràraõ escadas para subirem outros; e Juzarcão de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra, e a victoria. Ganhàrão os Turcos as casas, pelas quaes forão descendo à fortaleza, e hum mais atrevido, ou diligente, entrou em casa de huma mulher casada, pedindolhe dinheiro com seguro da vida; a pobre da mulher cortada do temor mostrou que sahia a buscalo, e entrando na casa de outra vesinha, lhe contou desmayada o perigo em que estavaõ; e esta com o sobresalto da nova, deu aviso a outra, a qual com acordo, e for-

Valor de huma mulher Portugueza.

ças

ças de varaõ, tomou huma chuça, e indo a demandar a casa, em que os Turcos estavão, vio hum delles à porta, como vigiando o que passava fóra, e remetendo a elle, tirandolho alguns botes de chuça, o fez recolher dentro, ficandolhe o juizo tão livre no perigo, que teve acordo para cerrar a porta, e animo para esperar os Turcos, e impedirlhes a saida; digna por certo, que entre os varoens mais claros ficasse sua memoria.

79 As mulheres, que viviaõ para aquella parte assombradas de hum temor tão justo, foraõ em demanda do Capitaõ mòr, gritando: Turcos na fortaleza; o qual acharão com tres soldados correndo os baluartes, e ouvindo as vozes das mulheres, não menos acordado, que animoso, mandou que se callassem, levando-as comsigo por guia à casa, onde estavão os Turcos; e despedindo hum soldado dos que o acompanhavaõ, lhe mandou que tirasse alguma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, calando o perigo da fortaleza aos que peleijavão; e logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente, que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou Andre Bayaõ com outro companheiro; e chegando à casa onde estavaõ os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendolhes a saida com esforço mais que varonil; faltandolhe na vida premio, nesta Historia nome.

Acode o Capitaõ mór.

80 D. Joaõ Mascarenhas, havendo por presagio da victoria achar em huma mulher valor tão novo, sabendo della, que estavaõ os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que acaso alli apparecèra,

recèra, q̃ lhe trouxesse hũa panela de polvora, e porque se despachava lentamente, lhe travou de hum braço, a tempo que do eirado da Igreja, onde jà estavaõ alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou o Abexim, servindo ao Capitaõ de escudo. Chegou logo hum soldado com huma panela de polvora, e tomandolha das mãos D. Joaõ Mascarenhas, lançando de hum vaivem as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abrasou os mais delles, sem lhe tocarem muitos pelouros, q̃ de dentro tiràraõ com pontaria certa; o que a muitos pareceo fortuna, a outros mysterio; e mostrandose neste dia igualmente Capitão, que soldado, cuberto de huma rodela com a espada na mão, envestio os Turcos com mais quatro que o acompanhàraõ, e à força de cutiladas os levou atè a varanda, onde os apertou tanto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo ao de que fogiaõ, porque os mais delles mortos, ou estropeados, perecerão na queda.

E lança fora os inimigos.

81 Aqui foi D. Joaõ Mascarenhas avisado, que sobre o eirado da Igreja se viaõ muitos Turcos com dous guioens arvorados, os quaes do alto começavão a escopetear os nossos, que jà vinhaõ chegando. Foi aqui grande o perigo, porque como tudo eraõ armas de fogo, obrava menos o valor, que a contingencia. Os nossos eraõ menos de sessenta, os Turcos mais de cem. E vendo D. Joaõ Mascarenhas, q̃ em quanto aquelles sustentavão o lugar, cresciaõ outros, mandou que lhe trouxessem escadas, ordenando o caso, e a necessidade, que na sua mesma fortaleza désse elle o assalto. Encostarão os nossos ao muro huma pequena escada, e o primeiro soldado, que se lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas, que os

Sobem Turcos à Igreja.

Vai o Capitaõ mòr a elles.

Turcos lhe derão. Chegarão logo escadas mais capazes, e arrimadas ao muro, querendo o Capitão mòr subir primeiro, lhe fizerão os soldados justa força para que não passasse. Acommettèrão os nossos a subida pelas paredes do Apostolo Sanctiago, cuja a Igreja era, assegurandolhes o lugar a victoria. O sitio fazia desigual a peleija; huns firmes, outros dependurados quebràrão duas escadas, porque entre os nossos a competencia, e o ardor de qual havia de subir primeiro, era outra nova guerra. O Capitão mòr com as palavras, e com o exemplo animava os soldados, mais por officio, que por necessidade. Andava a briga mui travada; dos nossos alguns caírão mortos, nenhum se retirou ferido. Nos que estavão debaixo, a impaciencia de não ter lugar para subir, causava maior dor, que as feridas, que viaõ receber aos companheiros, porque ainda em tão prolixo, e perigoso cerco os não fartava a guerra. Cortavão-se huns aos outros com estranha crueza.

82 Juzarcão animava, e soccorria os seus com nova gente; assi encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que era o eirado, ou abobeda da Igreja. Enfim os nossos a preço de seu sangue cavalgàrão o muro, depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar, e do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se achàrão, obràrão de maneira, que merecia só esta facção particular Historia; porèm nem ainda os nomes lhes achamos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Forão mortos quasi todos os Turcos, huns na quèda, outros na resistencia; e sempre serião os melhores os que merecèrão ser escolhidos *E retirão-se.*

para facção tão grande.

83 O Capitão mòr entendendo, que nos baluartes inda durava o aſſalto, levou os companheiros a deſcanſar em ſegundo perigo; e viſitando as eſtancias achou os noſſos tão empenhados na reſiſtencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o aſſalto. Ao pè dos baluartes eſtavão tantos mortos, que lhes faltava a terra, cujos corpos facilitavão a ſubida do muro. Rumecaõ de fóra animava, ou reprehendia aos ſeus, ſegundo o brio, ou fraqueza com que ſe combatiaõ, incitando-os com premios, ou caſtigos, moſtrando em todas as facçoens deſte cerco valor, e diſciplina. D. Joaõ Maſcarenhas não deſcanſava, ordenando, e provendo o neceſſario em todas as eſtancias, de ſorte, que em nenhum perigo o achavão os companheiros menos. Neſte dia, que foi do Apoſtolo Sanctiago, parece que nos quiz moſtrar o Santo, que era a victoria ſua, não menos poderoſo contra Mouros agora na Aſia, que antes na Heſpanha.

Morte de Juzarcaõ.

84 Durava a briga de huma, e outra parte cruel, e temeroſa, e Juzarcaõ com a dor viva de não effeituar a eſcala da fortaleza, que lhe foi tão cuſtoſa, vinha com os ſoldados de ſua obediencia dar calor ao aſſalto, porèm de hum pelouro da fortaleza, que lhe deu pelos peitos, cahio atraveſſado, e morto. E como era peſſoa de tanta conta pelo valor, e poſto que occupava, foi logo a nova derramada pelo exercito, e chegando aos ouvidos de Rumecaõ, a recebeo com grande ſentimento; ou foſſe temor, ou piedade; mandou logo tocar a recolher, e retirar o corpo de Juzarcaõ; perda que ſe não pode encubrir aos ſeus, que como foſſe ſobre outras muitas, ajuizavão, que jà a victoria não valia o que tinha cuſtado; e quando bem a alcan-

cançássem ¿quem havia de ficar que lograsse o triumpho? Que nem se mostrava o Prophèta estarcontra elles indignado, pois sofria ver sua bandeira ignominiosamente rota; e a estas consideraçoens juntavão outras, accusando a fortuna do General, e as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes. Rumecaõ curava estas desconfianças com varios artificios, cubrindo a perda dos seus, e encarecendo a nossa; pondolhes diante dos olhos as merces do Soltaõ, e a fama, como parte melhor do premio que esperavão. Em este assalto perdemos sette soldados, e feridos trinta; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos, e foraõ perto de dous mil os feridos. *E de muitos Turcos.*

85 D. Joaõ Mascarenhas, depois de ordenar o enterro dos mortos, e cura dos feridos, em que não faltou com o cuidado, e menos com a fazenda, que despendeo sem conta, avisou por hum Catùr ao Governador do estado das cousas, significando a falta que tinha de gente, muniçoens, e mantimentos. Nesta fusta, ou Catùr se embarcou Sebastiaõ de Sà a rogo do Capitão mòr, e amigos, dizendo elle, que só no baluarte onde fora ferido, podia ter saude; a qual lhe desejavão poupar todos, porque naquelle cerco merecérão suas obras fama, e vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo aõ receber, e hospedar D. Jeronimo de Menezes Capitão da fortaleza, enviando logo ao Governador as cartas com os avisos de D. Joaõ Mascarenhas. *O Capitaõ mòr avisa o Governador.*

86 Andava neste tempo D. Joaõ de Castro mui cuidadoso dos successos de Dio, porque os temporaes do inverno lhe impediaõ ter novas, e despachar soccorros;

Cuidados do Governador sobre soccorrer Dio.

corros; porèm sem perdoar a despesa, ou perigo, quasi por debaixo dos màres, lhe acodio com muniçoens, e gente, nos maiores apertos, como mostrarà a Historia. Tinha aballado todo o poder da India com animo de ir em pessoa descercar Dio, e parece que os successos lhe respondiaõ ao intento, porque os Reys da India lhe faziaõ mui honradas offertas; e os fidalgos, e soldados, sem soldo, ou mercè, se lhe offereciaõ.

87 Neste tempo, que era jà na entrada do mez de Julho, chegou à barra de Goa a náo Espirito Sancto, Capitaõ Diogo Rebello, a qual era da conserva do Governador, e por roim navegaçaõ havia invernado em Melinde; e ainda que chegou com alguma gente enferma, os àres da terra, o cuidado do Governador, e o alvoroço da jornada de Dio, lhes fez em breve reparar a saude. Alegrouse Dom Joaõ de Castro com taõ opportuno soccorro para engrossar a armada, porèm tardavaõ novas da fortaleza, que o povo interpretava como indicio de algum máo successo, quando chegàraõ as cartas enviadas pelo Vigairo, das quaes o Governador entendeo o aperto do sitio; as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavaõ de gente, e bastimentos; e como o tempo pedia mais conclusaõ, q̃ conselho, assentou comsigo enviar a seu filho Dom Alvaro de Castro com hum troço da armada contra o parecer dos mareantes, que haviaõ por temerario este acometimento no principio do inverno. Porèm Dom Joaõ de Castro sem deixarse vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar o soccorro; o que entendido pelos soldados, e fidalgos, se lhe vieraõ offerecer, ainda aquelles, que

Chegalhe o aviso do Vigairo.

Mandaseu filho D. Alvaro com soccorro.

que pelos annos, e authoridade jà eſtavaõ eſcuſos. Entre eſtes foi Dom Franciſco de Menezes, que depois de occupar grandes poſtos, ſe offereceo ao ſoccorro com praça de ſoldado: o Governador o levou nos braços, pedindolhe ſe guardaſſe para paſſar na armada em ſua companhia; mas vendo que eſtava reſoluto a ir neſte ſoccorro, lhe deu ſete navios, para que com elles tentaſſe o golfaõ, com muitos ſoldados de brio, e alguns parentes ſeus, amigos de ganhar honra, que o acompanhàraõ.

E primeiro a D. Franciſco de Menezes com ſete navios

88 Dahi a tres dias partio Dom Alvaro, reconciliado jà com o pay da queixa de enviar ſeu irmaõ Dom Fernando primeiro, como ſe lhe tocaſſem por herança os primeiros perigos. Neſte ſoccorro ſe embarcou graõ parte da nobreza, a quem o goſto da empreza, e o da companhia do General, fazia deſprezar os Turcos, e as tormentas. O Governadar lhe lançou a bençaõ, e o embarcou com grande ſaudade do povo, entregando os filhos pola Patria, de quem ſe moſtrou mais amoroſo pay, que de ſeu meſmo ſangue. Depois de o Governador dar ao filho algumas inſtrucçoens ſecretas, lhe ordenou, que eſtiveſſe à obediencia de Dom Joaõ Maſcarenhas, ſem embargo de o eximir o poſto, e aſſi lho eſcreveo; porque foy ſempre Dom Joaõ de Caſtro juſto eſtimador de virtudes alheas. Eraõ dezenove os navios da armada, cujos Capitaens foraõ Dom Jorge de Menezes, Dom Duarte de Menezes, filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça ſeu irmaõ, Dom Antonio de Attayde, Garcia Rodriguez de Tavora, Lopo de Souſa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanaſio Freire, Pero de Attayde Inferno, Dom Joaõ de Attayde

Parte Dom Alvaro com dezenove

Capitaens que com elle hiaõ.

tayde, Balthasar da Sylva, Dom Duarte Dèça; Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, e Francisco Guilherme.

Aprestos do Governador.

89 Logo que o Governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, e dinheiro, pedido sobre sua verdade, que era só o thesouro, que conservou na India, com que se fez senhor dos coraçoens, e fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, como argumentos vivos.

As mulheres de Chàul offerecem suas joyas.

90 As dónas, e donzellas de Chàul movidas de hum mesmo espirito, juntàraõ todas as joyas com que se adornavaõ, de ouro, e pedraria, e com liberalidade maior que de mulheres, as enviàraõ ao Governador, sem preceder obrigaçaõ, ou rogo, significandolhe, que de seus proprios filhos, e maridos tinhaõ menos saudade, que enveja, pois o acompanhavaõ: naõ lemos nos Annaes dos Cesares acçaõ mais generosa das matronas de Roma.

91 Acaso se achava em Goa huma dóna de Chàul, chamada Catherina de Sousa, quando chegou o presente, e juntando em huma boceta todas as joyas que tinha, as enviou ao Governador com esta carta:

Offerta, e carta de huma dóna

,, Senhor, eu soube como as mulheres de Chàul ,, tinhaõ offerecido a Vossa Senhoria as suas joyas ,, para a guerra. Ainda que eu me achasse em Goa, ,, naõ quiz perder a parte da honra que me dahi cabe. Por Catherina minha filha mando as minhas ,, joyas a Vossa Senhoria. Naõ julgue, em quam poucas saõ, as que póde haver em Chàul, porque certifico, que eu sou a que menos tenho, porque as tenho repartidas por minhas filhas. E crea Vossa Senhoria

,nhoria que ſó das joyas de Chàul, póde fazer a
, guerra dez annos ſem ſe acabarem de gaſtar. E a
, merce que peço a Voſſa Senhoria he gaſtar logo
, eſtas minhas na ida do Senhor Dom Alvaro, por-
, que eſpero em Noſſa Senhora, que haja elle ta-
, manhas victorias, que eſcuſe a ida, e trabalhos a
, Voſſa Senhoria. Iſto peço em minhas oraçoens,
, e aſſi que acreſcente a vida a Voſſa Senhoria, e o
, deixe hir a Portugal diante dos olhos da Senhora
, ſua mulher, e filhas. Eſcrita em Goa nas caſas de
, Dona Maria minha filha, hoje onze de Junho.
, Minha filha Catherina empenharei, ſe for neceſ-
, ſario, para o ſerviço de V. Senhoria.

Naõ ſei ſe do amor da Patria, ſe da benevolencia do Governador, naſciaõ eſtes eſtremos. Vimos iguaes neceſſidades na India, mas naõ iguaes finezas, como nos dias de Dom Joaõ de Caſtro. Muitos fidalgos acabàraõ de ſer Generaes, e os velhos arrimados nos bordoens ſe vinhaõ offerecer para ſoldados, porque naõ havia corpo, que pola authoridade, ou polos annos pareceſſe peſado.

92 Deſpedido hum, e outro ſoccorro, ficou o Governador juntando o reſto do poder, diſpondo o governo da Cidade em ſua auſencia; e ſempre com hum braço na paz, e outro na guerra, todas as occurrencias do Eſtado o achavaõ preſente. E porque de muniçoens, e mantimentos havia na fortaleza falta, àlem dos que jà tinha enviado, carregou hum caravelaõ grande, que por ſer embarcaçaõ peſada, podia mal ſofrer os màres. Alguns ſoldados lha tinhaõ engeitado, parecendolhes riſco ſem gloria, lutar com os elementos, mas pola importancia do negocio, deſejava entregar a caravella a

pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo, que pelo valor, e juizo, lhe era muito aceito; este lhe disse, que Antonio Moniz Barretto tinha brio, e industria para cousas maiores; que inda que tinha delle Governador alguma leve queixa, seria para naõ pedir, mas naõ para engeitar o serviço Real em occasiaõ taõ ardua; que elle o tentaria, e da resoluçaõ traria reposta. Assi foy, que entendido por Antonio Moniz o gosto do Governador, e que dava huma viagem engeitada de alguns, só por difficultosa, a aceitou promptamente. Do successo, e perigos que teve, diremos a seu tempo.

Antonio Moniz aceita ir a Dio.

93 Com a vigilancia do Governador haviaõ entrado na fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, e trabalho carregavaõ sobre forças maiores, bem que naõ tinhaõ proporçaõ com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ao exercito, era de treze mil infantes, conduzidos por outro Juzarcaõ, naõ menor no valor, nem melhor na fortuna, que o primeiro. Este trouxe apertadas ordens do Soltaõ para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecaõ, que naõ era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos Principes deCambaya injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empreza, porque antes queria hum Imperio deserto, que sogeito; que pois nas ruinas do fortaleza estavaõ jà os Portuguezes meios enterrados, quando os naõ pudessem render como a homens, os matassem como a leoens em suas mesmas covas. Rumecaõ naõ respondeo com mais, que apontar para as muralhas, e baluartes, todos postos

Vem outro Juzarcaõ a continuar o cerco.

ctos por terra, jà para gloria, jà para desculpa; furioso de lhe parecer que o Soltaõ estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometteo satisfazerlhe com a morte, ou com a victoria; e como a crueldade o fazia mais obedecido, que o cargo, mandou levantar hum bastiaõ defronte do baluarte Sanctiago, que se obrou com incrivel presteza; o qual guarneceo de artelharia, e gente, que ficando a cavalleiro dos nossos, naõ podiaõ assomarse, que os naõ pescassem as ballas do inimigo. *Levanta o inimigo hum bastiaõ.*

94 Deu este negocio ao Capitaõ mòr naõ pequeno cuidado, porque se Rumecaõ dera por aquella parte o assalto, como era seu desenho, naõ podiaõ resistirlhe os nossos defensores, sem que ficassem descubertos às ballas do inimigo, e resoluto a derribar esta maquina, encomendou a facçaõ aos dous irmãos Dom Pedro, e Dom Joaõ de Almeyda, os quaes sahindo com cem soldados no quarto da modorra, achàraõ os Mouros, huns dormindo, e outros descuidados na confiança do lugar, e da hora, e dando subitamente nelles, fizeraõ em pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se metiaõ nas lanças, e espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que pudèraõ escapar fogindo, despertàraõ o arrayal com gemidos, e vozes, sem saber affirmar cousa certa. Com a mesma confusaõ chegou a Rumecaõ a nova, e como os perigos da noite se fazem parecer maiores, entendeo elle, que o atrevimento dos nossos estribava em forças grandes trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto das suas sentinellas. Chamou os Cabos a conselho, em quanto se punha *Os nossos o desfazem.*

 o exer-

o exercito em arma, e resoluto em soccorrer o bastiaõ com o poder todo, entre ordens, e apressos, gastou o tempo de obrar, e quando jà chegou, achou a fabrica desfeita, degolado o presidio, os nossos recolhidos; facçaõ naõ menos ditosa, que importante; morrèraõ 300. inimigos, nenhum dos nossos.

95 Rumecaõ mandou logo levantar humas grossas paredes defronte do baluarte S. Joaõ, asseguradas com huma tropa de Mouros, que por quartos faziaõ sentinella, e sobre o terrapleno hia plantando alguma artelharia, para daquelle sitio, em mais proporcinada distancia, bater o baluarte. Porèm D. Joaõ Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os desenhos do inimigo, em huma noite tormentosa, e escura, lançou quatorze soldados por hũa bombardeira, q̃ dando de subito nos Mouros, os lançàraõ do posto, em quanto os servidores com picoens, e outros instrumentos desfizeraõ a obra, do que sendo Rumecaõ avisado, resolveo assaltar a fortaleza com força descuberta, ordenando hum assalto gèral para o seguinte dia, no qual fez huma pratica aos soldados, incitando-os com as injurias que tinhaõ recebido de taõ poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, e das feridas; que mais honrados estavaõ os que alli acabàraõ, que os que ficaraõ vivos, sendo no Mundo testimunhas infames de huma afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rey, vingar seus companheiros, e deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercès do Soltaõ estivessem seguros, porque havia de premiar, e contar huma a huma as feridas de todos; que se algum

Valor de quartoze soldados.

gum

gum se atrevia a governar o bastaõ de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro.

96 Assi os despedio igualmente irritados da gloria, e da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se aballou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras desenroladas, que se viaõ tremolar dos nossos, e chegando aos muros, começàraõ em torno da fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do corpo do exercito, com innumeraveis, e differentes tiros de settas, pelouros, e outras armas, ajudando o horror deste conflicto, confusas, e duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, e turbando os juizos, impediaõ mandar, e obedecer. Subíraõ os Mouros ouzadamente os muros, e os Turcos por outra parte, como envejando cada hum o perigo alheo, trabalhavaõ todos por ser primeiros no risco, e nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum Capitaõ, e despertador de si mesmo, obravaõ de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que subíraõ, com o sangue, e as vidas pagàraõ a ouzadia; mas logo com o mesmo ardor lhes succediaõ outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou reprehendia aos que subiaõ; segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

Assalto geral.

97 Lançavaõ os Mouros nos baluartes granadas, panelas, e alcanzias de fogo em tanta quantidade, que os nossos peleijavaõ entre as chamas, que prendendo nos vestidos os abrasavaõ vivos. Occorreo o Capitaõ mòr neste perigo com alguns

Reparo dos nossos contra o fogo.

mas

mas tinas de agoa, que em parte extinguiaõ, ou refrigeravão o ardor do fogo; porèm como o inimigo entendia o dano, continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inventàraõ hum remedio mais facil, que efficaz, vestindo-se muitos d- couro, em que o fogo naõ podia prender taõ levemente; e Dom Joaõ Mascarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar a muitos, ficandolhe as paredes nùas, e os soldados vestidos.

98 Fervia a guerra, e apenas se divisava a fortaleza, escondida entre nuvens de fumo, e só a descobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros; fazia horror o que se via, e o que se ouvia. Estavaõ ao pè do muro innumeraveis corpos, huns mortos, outros agonizando, e tudo o que se representava à vista, e ao juizo, era hum feo espectaculo de mortes, horrores, e feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes com grande valor, ainda que desigual pola desproporçaõ do numero entre cercadores, e cercados. Mas o baluarte de Luis de Sousa, onde estava D. Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto com maiores ruínas, e foi accomettido pela gente mais escolhida do campo. Porèm fizeraõ os defensores illustres provas de valor peleijando entre chamas de fogo com taõ nova constancia, que nenhum desamparou o lugar, mostrando-se sobre valentes, insensiveis. Aqui se singularizou Dom Fernando de Castro com esforço de maiores annos; parece que o valor naõ esperou a idade. Obràraõ este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna, e mais larga escritura. E os mesmos Turcos foraõ testimunhas fieis de suas proe-

zas, dizendo, que só os Frangues mereciaõ trazer barbas no rosto.

99 Em quanto durou o assalto, deu o baluarte do mar muitas cargas aos inimigos, que como peleijava em tropas descuberto, recebeo grande dano. O que advertido por Rumecaõ, vendo suas bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, e que os Portuguezes haviaõ defendido as ruínas da sua fortaleza, sem perder huma pedra, mandou tocar a recolher, sentindo o dano menos que a injuria. Foi este dia a nossas armas muitas vezes felice, porque morrendo dos inimigos trezentos, e levando dous mil feridos, não faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficàraõ bem sangrados. Proveo logo o Capitaõ mòr na cura dos feridos, sendo a benevolencia, com que lhes assistia, o primeiro remedio; acodindo aos enfermos com as despesas, e tambem com a dor, e sentimento, parecendo pay na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as batarías derribavão de dia; porèm acodiaõ todos taõ alegres ao serviço, que parecia vinhaõ a descansar, acarretando as pedras, a terra, e a faxina.

Recolhese o inimigo.

Com morte de trezentos.

100 Vendo Rumecaõ o risco, e difficuldade, que tinha tomar a fortaleza por escala, mandou correr com o entulho da cava do baluarte S. Joaõ atè o de Sanctiago, obra que encomendou aos Janizaros, os quaes por opiniaõ, ou por valor soberbos, buscavaõ com ambição os maiores perigos deste cerco. Eraõ jà mortos quatrocentos, deixando entre os seus fama, e sentimento; os que restavão assistiaõ a esta obra, que para elles foi de nenhum fruito, e de grande perigo; porque a nossa artelharia os pescava, e a muitos ser-

Trata Rumecaõ entulhar a cava.

vido-

vidores, cujos corpos lançavão no entulho com disciplina barbara, e cruel. Crescia a obra, como era de faxina, e terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis, que nella trabalhavão, chegàraõ a encavalgar algumas peças, com que faziaõ dano aos baluartes, principalmẽte ao de S. Thomè, onde nos cegàraõ hum Camelo, e mostrava jà a batarìa disposição para cousas maiores.

Torna o Vigairo a Dio. 101 Neste tempo chegou à fortaleza o Vigairo João Coelho com nove soldados em huma embarcação pequena; e ainda que achou os mares grossos, e os ventos ponteiros, o trabalho, e a necessidade fez vencer o perigo. Referio, que o Governador se apresstava com vivas diligencias para acodir ao cerco, e os grossos soccorros, que jà tinha enviado. Que em Baçaim ficavão quinhentos homens, que com o primeiro tempo esperavão atravessar o golfaõ; e que muitos impacientes na tardança tinhaõ tentado os mares. Pela fortaleza se derramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados com folías, e musicas; e pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes pareciaõ navios: tão credulos saõ os homens em qualquer esperança. Foraõ os Mouros sabedores das novas do soccorro, e antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperavão, dispuserão hum assalto gèral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dara o mundo, e ao Soltão desculpa com as mortes, com o sangue, e com as ruínas.

Novo assalto. 102 Começou a batarìa aquelle dia com vinte e tres Canhoens, e alguns Basiliscos, e a continuàraõ atè o por do Sol, e no seguinte dia atè as tres da tarde. Arruinàraõ a mòr parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou traveszes,

zes, polas continuas cargas, que dava a efpingardaria do inimigo. Chegàraõ logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé pelas ruínas da batarìa; porém o Capitão Luiz de Soufa, D. Fernando de Caftro, e D. Francifco de Almeyda com outros valerofos, foldados q̃ o guarneciaõ, os recebéraõ nas lanças com tal furia, que os fizeraõ voltar, huns mortos, outros eftropeados. Succederaõ logo outros de novo, q̃ cortados do noffo ferro fizeraõ aos primeiros companhia. Nos outros baluartes fe peleijava com a mefma fortuna, fendo o dano igual nos Mouros, e o valor nos noffos. Eftava taõ rafa a batarìa, que os Mouros peleijavão com os noffos iguaes no fitio, como em campo partido, fervindolhes as ruínas de efcada, mas com grande vantagem do numero, e inftrumentos de fogo. Porém os noffos merecéraõ nefte dia huma immortal memoria, fuftentando muitas horas o pefo de tão defigual batalha; porque dos inimigos aos canfados, ou feridos, lhes fuccediaõ outros; os Portuguezes fempre os mefmos, não moftravão no valor, ou no tempo differença.

103 D. Joaõ Mafcarenhas andava por todas as eftancias mandando, e peleijando, humas vezes Capitão, e outras companheiro de todos; e vendo que o baluarte S. Thomé tinha o maior perigo, por fer mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de polvora por aquellas honradas matronas, que defprezando o rifco, e o trabalho, acodiaõ opportunas a fervir entre as lanças, e os pelouros, com nunca vifto exemplo, e algumas exhortaçoens aos foldados com juizo, e valor grande; outras com regalos, e mimos os esforçavão, parecendo que bufcavão, ou mereciaõ fama igual com elles. Tinhamos o *Refiftencia dos noffos.*

vento contrario, e levantando nuvens do pò da terra movediça, que os Mouros pisavão, quasi cegava os nossos, que estiverão a risco de perderse só por este accidente; porém elles peleijando com os olhos cerrados, acomettiaõ os Mouros, mais attentos a offender, que a repararse. Os inimigos peleijavão desesperadamente, acordandolhes Rumecão por momentos a honra de seu Rey, e a sua.

Juzarcaõ envefte o baluarte S. Joaõ.

104 Juzarcaõ com os soldados de sua obediencia acometteo o baluarte S. Joaõ com tanto valor, que estiveraõ os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que haviaõ subido, tornàraõ outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentàraõ a peleija igual por muitas horas; até que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desfalentados, perderaõ o lugar, e as vidas. Aqui foi maior o esforço, e tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças jà lassas, e quebradas, sobrevieraõ outros Mouros de novo, porém elles, como se tiveraõ poupadas as forças, e o espirito para o maior trabalho, assi rechaçàraõ os ultimos, como os primeiros.

Perda grãde dos inimigos.

105 Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com não menor valor, nem desigual fortuna; e sem particularizar accidentes, podemos ajuizar pelo successo os casos deste dia; porque deixou o inimigo mil e seiscentos mortos, fóra inumeravel copia de feridos; cousa incrivel de pouco mais de duzentos soldados, que seriaõ os nossos; assi o achamos escrito nas Relaçoens, e Historias deste cerco, que sendo nossas, costumaõ escrever louvores proprios com penna mui escaça. Nòs ficamos com tres soldados menos, e com trinta feridos.

106 Da bataria, que precedeo a este assalto, ficou a fortaleza quasi em roda arruinada, e aberta, faltandonos para reparàla tempo, materiaes, e gente; porém furtavão os nossos as horas ao descanso, trabalhando de noite, e derribando as casas da fortaleza, se serviaõ das pedras, e madeiramento, fazendo huma forma de defensa subita, e furtiva, mais conforme ao tempo, que à necessidade.

107 Faltavaõ as municoens, e os mantimentos, porque não havia mais polvora, que a que se podia fazer dia por dia, pouca, e mal enxuta; falta que jà começavaõ a conhecer os Mouros, concebendo esperanças, e ouzadia para aturar o cerco, avisados, que a esta necessidade respondiaõ as outras, porque jà valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, e ainda a falta delle era maior, que o preço. Os doentes, na falta de galinhas, comiaõ gralhas, que acodiaõ a cevarse nos corpos mortos, as quaes os soldados matavão, e vendiaõ por excessivo preço. Chegou em fim a tanto extremo a fome, que não perdoavaõ a cães, e gatos, e outras viandas semelhantes, nocivas, e immundas; e com tão miseravel alimento reparavaõ as forças, desprezando perigos, e trabalhos, vencendo com a grandeza dos animos as paixoens, ou affectos da mesma natureza. *Necessidades da fortaleza.*

108 Entre outros instrumentos offensivos, que faltavaõ, eraõ panelas para a polvora, de que se serve a milicia da India em mar, e terra; e neste cerco foraõ de não pequeno effeito. Esta falta se reparou, juntando duas telhas com os vazíos para dentro, e breadas por fóra, de que pendiaõ murroens com as pontas acesas, e arrojandoas entre os inimigos, abrasavaõ a muitos, e com este facil engenho, ajudàraõ *Como se remediou a falta de panelas de polvora.*

os nossos a victoria.

109 Desejava o Capitaõ mòr tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz, e ardiloso nos encobria seus desenhos com estranho recato; àlem de que do forte do mar havia tido aviso, que as mais das noites chegavaõ alguns Mouros atè a ponte da fortaleza, onde paravaõ, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, a hora, e a continuação, mostravão não ser a diligencia acaso; polo que D. Joaõ Mascarenhas encõmendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, e que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hum destes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando só espadas, e rodelas; e chegando ao lugar determinado, se baqueàraõ em terra para naõ ser vistos dos Mouros, e a pouco espaço applicando o ouvido sentiraõ gente, que vinha a demandar a ponte, e levantados acomettèraõ subitamente os Mouros, que eraõ dezoito, que como se víraõ de improviso assaltados, voltàraõ as costas aos primeiros golpes, ficando só hum Nobi no campo, que se defendia com huma lança mui valerosamente; porém Martim Botelho, vendo que era mais importante prendelo, que matalo, lhe desviou hum bote de lança com a espada, e arcando com elle, o trouxe apertado nos braços atè a fortaleza, onde foi recebido com a honra, que merecia o feito.

Tomaõ os nossos huma lingua.

110 Deste prisioneiro soube o Capitaõ mòr os intentos do inimigo, servindose do aviso para se vigiar de alguns ardis, que maquinavaõ os Turcos.

Que novas deu do inimigo.

Mais

Ma's lhe disse, que faltavaõ no exercito cinco mil homens mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome; e que os soldados de melhor voto, desconfiavaõ da empreza, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga, que o mar fizesse; porém que Rumecaõ com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empendado na honra, e na palavra, que havia dado ao Soltaõ. E assi aconselhado de hum engenheiro Turco de Dalmácia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomè, onde estava D. Fernando com Diogo de Reynoso, e outros Capitães, e Cavalleiros; o que se fez com estranho silencio, sem que os nossos pudessem rastrear o intento, quiçà por lhes parecer, que os instrumentos de fogo naõ eraõ taõ praticados na Asia, como na nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito eraõ Turcos, parece que assi trouxeraõ o valor, como a disciplina.

Minase o baluarte S. Thomè.

111 Em quanto se trabalhava na mina, mandava Rumecaõ picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo publico, naõ dessem no secreto; e por nos divertir a attençaõ com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira, e postos naquella parte, que olhava o baluarte S. Thomé, dava huns longes de o tomar por escala, e determinando dar o assalto aos dez de Agosto, aos nove mandou recolher a artelharia, que tinha nas estancias; e porque desta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mandou na mesma noite hum Abexim à fortaleza, industriado de hum sotil engano, o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, brådou pela vigia,

Trata Rumecaõ divertirnos.

gia, dizendo, que o recolhessem dentro, porque queria tratar com o Capitaõ cousas de grande peso. Recolhido, e escutado por D. JoaõMascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdiçaõ do estado em que se achava, pois nacido de pays Christáos, perjuràra a fé paterna em que fora criado, como fruito abortivo de Catholicas plantas, que agora jà com os olhos abertos vinha bater às portas da Igreja, para que os Sacerdotes Latinos encaminhassem ao curral de Christo taõ perdida ovelha; que esta era a miseravel relaçaõ de taõ desconcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava, que o Soltaõ tivera aviso, como o Mogor com poderoso exercito entrava pelos confins do Reyno, pondolhe tudo a ferro; e que Juzarcaõ, que pouco antes viera ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para se unir com Rumecaõ, e juntos fazerem opposiçaõ ao inimigo; que com esta resoluçaõ mandàra recolher a artelharia; porèm que estivesse avisado para esperar hum assalto gèral ao seguinte dia, porque queriaõ os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. Dom Joaõ Mascarenhas lhe louvou, e confirmou a resoluçaõ Catholica, que havia tomado, e no mais lhe agradeceo o aviso, tornando-o a lançar pelo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade, que houvesse no campo.

112 Derramou-se pela fortaleza a nova de levantar-se o cerco com a certeza do futuro assalto, e os soldados alegres vestíraõ aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitaõ mòr achou a gente mui disposta a esperar o assalto, que como na opiniaõ de todos

dos era o ultimo de taõ prolixo cerco; cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

113 Dom Fernando de Castro estava de cama, curando-se de febres, e sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio à natureza; o que D. Joaõ Mascarenhas tratou de lhe impedir, humas vezes como Capitaõ, e outras como amigo; mas como nesta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude, que contra a opiniaõ, vestindo armas, e acodindo ao baluarte.

D. Fernando doente acode ao baluarte.

114 Amanheceo o dia do glorioso Saõ Lourenço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acodìraõ a suas estancias fidalgos, e soldados com tanto alvoroço, como se jà tiveraõ posse do premio, e da victoria. Logo vìraõ de longe aballarse o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da fortaleza. Laborava a nossa artelharia com naõ pequeno effeito, porque o inimigo, como soldado, sofreo a carga sem descompor a ordem, com que vinha marchando, atè ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assalto. Chegàraõ a acometer os baluartes com resoluçaõ grande, querendo cevar os nossos na peleija, para que a confusaõ do conflicto servisse de cuberta ao engano do fogo, que tinhaõ maquinado. Faziaõ os nossos grandes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descançar na victoria promettida no termo deste dia.

Finge o inimigo novo assalto.

115 No baluarte S. Joaõ se resistia à violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavaõ os inimigos tibiamente, atè que lhes chegou o final de se dar fogo à mina, retirando-se a hum mesmo tempo

po todos ; porèm o temor igual , e subito nos descobrio o engano. Bradou logo o Capitaõ mòr dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem dano rebentasse a mina, jà conhecida na improvisa retirada do inimigo. Obedecèraõ todos às vozes do Capitaõ mór, deixando o posto; porèm Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustentou o lugar, tratando de covardes aos que o desemparavaõ. A estas vozes tornàraõ todos a occupar o posto, naõ querendo seguir a razaõ, senaõ o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentáraõ mortos o lugar, que defenderaõ vivos. Aqui acabou D. Fernando de Castro em idade de dezanove annos, levantado de huma doença, que a natureza pudéra fazer leve, e o valor fez mortal. Morreo D. Francisco de Almeida, continuando-se nelle o valor, e as desgraças dos de seu appellìdo. Aqui ficáraõ Gil Coutinho, Ruy de Sousa, e Diogo de Reynoso, que pagou com huma vida tantas mortes, de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. D. Diogo de Sottomaior, voando com huma lança nas mãos, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesaõ do fogo, nem da quéda. Alguns caìraõ no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens perecèraõ nesta desaventura, e treze que escapàraõ com a vida, ou ficaraõ feridos, ou disformes do fogo. Escrevem outros com dilatada penna os casos deste incendio. Nòs por naõ lastimar a attençaõ de quem ler esta Historia, quizeramos nos successos de taõ illustre cerco deixar antes em silencio este infelice dia. Admiraraõ-se os nossos de ver, que foy taõ grande o effeito da polvora opprimida, que as pedras da fortaleza,

Dà fogo à mina.

Pessoas que perèceraõ nella.

taleza, arrebatadas do violento impulso, matáraõ muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais à vontade da natureza, que ao regulado limite do inventor da mina.

116 Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumecaõ entrar quinhentos Turcos pelas ruínas do baluarte abrasado, seguindo os de tropel o restante do campo, porèm achàraõ cinco valerosos soldados, que lhes fizeraõ rosto, sustentando largo espaço o peso de taõ nova batalha. Verdade taõ estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porèm calificada entaõ na confissaõ dos proprios inimigos, e agora nas cãas de tantos annos. Acodio logo àquella parte Dom Joaõ Mascarenhas com quinze companheiros, e vio dous espectaculos; hum que merecia lastima, outro espanto; e soccorrendo aos cinco soldados, fizeraõ todos taõ dura resistencia ao inimigo, que bastàraõ a retardar a furia de hum exercito jà quasi victorioso; caso que referido só com a verdade nùa, excede tudo o que escrevéraõ, ou fabuláraõ os Gregos, e Romanos.

Valor notavel de cinco soldados nossos.

117 Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estavaõ jà senhores do baluarte abrasado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias peleijavaõ, corréraõ àquella parte como de mòr perigo, e quiçà que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formàraõ hum grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contaõ nossas Historias, que comettéraõ o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acodíraõ a ministrar lanças, pelouros, e pa-

Esforço de Isabel Fernandez, e mais mulheres.

nelas de polvora; e aquella valerosa Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, e com as palavras, dizendo em altas vozes. Peleijai por vosso Deos, peleijai por vosso Rey, Cavalleiros de Christo, porque elle està com vosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria huma taõ larga porta, determinàraõ este dia concluir a empreza, incitados do General, e da occasiaõ, peleijando jà como favorecidos; os que combatiaõ no baluarte, pola ambiçaõ de ser primeiros em facçaõ taõ illustre, se portavaõ com mais ardor, que os outros; e como eraõ Janizaros, e Turcos queriaõ só para si a gloria deste dia. Rumecaõ mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversaõ, em poder taõ pequeno, facilitar a entrada.

118 Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, e descansados; os nossos, sobre taõ poucos, vencidos do trabalho de resistencia taõ desproporcionada. Aqui acodio o Vigairo Joaõ Coelho com hum Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa defendiaõ, era o Autor das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, e fortes companheiros, parecia que obravaõ com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, e espirito, com que a começàraõ.

119 Jà declinava o dia, e os Turcos com os nossos mortalmente abrasados, por humas mesmas feridas vertiaõ sangue proprio, e alheo; e como hum exercito inteiro carregava sobre taõ poucos defen-

defenſores, chegàraõ os noſſos ſoldados a receber muitas lançadas em huma ſó ferida. Parecerà exageraçaõ o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obràraõ neſte dia, o Oriente os diga; eu cuido, que da Illuſtre Dio, lhes ſerà cada pedra hum epitafio mudo. Porèm dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, naõ deixaremos com ingrata penna os nomes em ſilencio. Eſtes foraõ Sebaſtiaõ de Sà, Antonio Peçanha, Bento Barboſa; Bertholameu Correa, Meſtre Joaõ Cirurgiaõ de nome. Com a peleija acabou o dia; mandou Rumecaõ tocar a recolher depois de haver perdido neſte aſſalto ſettecentos ſoldados, e ſem conta os feridos, de que morrèraõ muitos, mal aſſiſtidos na cura, porque pola multidaõ canſavaõ os meſtres, e faltavaõ os remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defenderaõ o baluarte, morreo ſó Meſtre Joaõ deſpedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, ſem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retiràraõ como peſſoa taõ importante pela arte, pelo valor não menos. Iſabel Madeira ſua mulher acodio a atarlhe as feridas mortaes, e depois de o enterrar por ſuas mãos com poucas lagrymas, e grande ſentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor eſtranho, ou raras vezes viſto ainda no varaõ mais conſtante.

Nomes dos cinco ſoldados.

Retira-ſe Rumecaõ.

Particular valor de Iſabel Madeira.

120 Logo que ſe retirou o inimigo, mandou Dom Joaõ Maſcarenhas enterrar os mortos, que eſtavaõ nas ruinas do baluarte, ſendo levados de hum ſepulchro a outro. Foraõ enterrados juntos pola eſtreiteza do lugar, e do tempo; faltando funebres honras, e piedoſas lagrymas a taõ honradas

 cinzas,

cinzas; porèm dormem com ſaudade maior da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabaſtro deixàraõ de huma vida ſem nome ocioſa memoria. A Dom Fernando de Caſtro depoſitàraõ em ſeparado enterro, por ſe o Governador ſeu pay quizeſſe trasladarlhe os oſſos a lugar differente; lavrarlhehia tumulo mais ſoberbo, porèm não mais illuſtre. Depois que o Capitaõ mòr cobrio aos companheiros de piedoſa terra, acodio a reparar o eſtrago, que deixára o aſſalto nas paredes; a que ajudáraõ as mulheres companheiras do trabalho, e perigo, ſem reſervar tempo, e lugar para a dor, e lagrimas dos filhos, e maridos, que víraõ eſpirar com ſeus olhos, e ellas meſmas haviaõ ſepultado, encobrindo o ſentimento natural com nunca viſto exemplo.

Determinaçaõ do Capitaõ mòr.

121 Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do ſangue, e do incendio; chamou o Capitaõ mòr a conſelho os poucos companheiros, que ſobrevivèraõ ao eſtrago, repreſentandolhes o miſeravel eſtado em que ſe achavaõ; a maior parte dos defenſores mortos; os que ficavaõ, enfermos, e feridos; deſtroçadas as armas, corrupto o mantimento, as muniçoens gaſtadas, a fortaleza pôſta por terra, os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados; o inimigo vigilante, e ſoccorrido por horas, com a noticia de todas eſtas faltas; o que conſiderado pedia a todos, que naõ ſe lembrando das vidas, o aconſelhaſſem, como melhor poderiaõ ſalvar a honra de ſeu Rey, e as ſuas; que entendeſſem, que eſtavaõ como eſpectaculo do mundo, e tinhaõ ſobre ſi os olhos do Oriente todo, expoſtos a merecer

a maior

a maior fama, ou a maior infamia; que se naõ podiaõ alcançar a victoria, podiaõ privar della aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando maior honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resoluçaõ em que estava, esperando, que todos a approvassem, a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento, e muniçoens que havia, queimar a roupa, cravar a artelharia, e sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que naõ pudesse chamar victoria aquella, em que naõ acharia cativos, nem despojos. Ouvido Dom Joaõ Mascarenhas, naõ houve soldado, a quem naõ parecesse que tardava o effeito de resoluçaõ taõ valerosa. Diga Roma se acha nos seus Annaes escrita huma acçaõ taõ illustre dos seus Fabios, Scipioens, ou Marcellos!

122 Em quanto estas cousas passavaõ, andava D. Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte e quatro de Junho, tempo, em que se naõ deixaõ navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, e desprezando o da armada, forçava o remo navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessaõ, e os mares andavaõ taõ crusados, e soberbos, que comiaõ os navios; huns abertos com a força do vento, outros sem mastos, e desenxarceados andavaõ sem governo à vontade das ondas, e se hiaõ alagando por hum, e outro bordo, sem nenhum obedecer ao leme. Dom Alvaro obstinado em soccorrer a Dio, andava a huma, e outra parte errando, vendo-se por momentos soçobrado; atè que

Viagem de D. Alvaro de Castro.

que com o trabalhar do navio lhe ſaltou o leme fóra, com o que impaciente arribou a Baçaim deſtroçado com alguns navios de ſua conſerva; outros tomàraõ differentes portos, e enſeadas. Aqui achou Dom Alvaro a Dom Franciſco de Menezes arribado com a meſma fortuna, depois de haver huma, e outra vez tentado o golfaõ, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as muniçoens, e mantimentos que levava, por ſalvar o caſco.

Arriba a Baçaim.

Chega Antonio Moniz a Baçaim.

123 Neſte tempo chegou Antonio Moníz Barretto com o caravelaõ das muniçoens; e como era taõ gèral a tormenta, eſteve muitas vezes perdido, e ſurgindo o entregou a Dom Alvaro com animo de paſſar a Dio, a deſpeito dos mares, em qualquer embarcaçaõ que achaſſe, como ſaboreado de hum perigo para entrar em outro. Eſte dia, creſcendo o tempo, começou a caſſear o caravelaõ, e trincou duas amarras, e como era baixeltaõ importante, por trazer as muniçoens do ſoccorro, tentou Dom Alvaro acodirlhe; e por mais que trabalhàraõ os marinheiros, naõ pudèraõ chegarlhe com a força do tempo. Porèm Antonio Moníz Barretto, metendo-ſe em huma Galveta, que acaſo achou na praia, os de terra o viraõ mil vezes ſoçobrado; mas como era embarcaçaõ taõ leve, e naõ fazia reſiſtencia aos mares, ſobre elles vagamente ſe ſoſtinha. Emfim chegou, deu cabo ao caravelaõ, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razaõ, trouxe atoado. E fazendo diſcurſo, que ſó aquella embarcaçaõ, por leve, e pequena, poderia penetrar mares taõ groſſos, na qual faria menos impreſſaõ o choque, e

Salva o caravelaõ dos mantimentos.

embate

embate das ondas, a comprou a hum mercador ſecretamente, e com alguns marinheiros pagos à ſua vontade, ſe veo embarcar nella. Eſtava a caſo na praya Garcia Rodriguez de Tavora, e vendo a reſolução de Antonio Monìz, lhe pedio o levaſſe conſigo; eſcuſou-ſe o Monìz dizendo, que lhe não convinha acompanharſe de homem tão grande, que lhe fizeſſe ſombra, porque queria ſó para ſi eſte perigo, ſem que na ſua embarcaçaõ pareceſſe ſegundo. Garcia Rodriguez lhe affirmou, que em toda parte confeſſaria, que elle era o que o levava, e que diſto lhe paſſaria eſcritos. Com tanto eſcrupulo ſe tratavão naquelle tempo os pontos da opiniaõ! Satisfeito Antonio Monìz deſte comedimento, deu lugar a Garcia Rodriguez; e vendo os fazer ſe ao mar Miguel de Arnide, hum ſoldado de corpo agigantado, e maior ainda no brio, que na eſtatura, bràdandolhes de terra, lhes diſſe: Como ſenhores, ſem mim paſſais a Dio? Naõ cabeis cá (lhe reſpondeo hum delles) Mas o valeroſo ſoldado, lançando ſe ao mar veſtido, com huma eſpingarda na boca, hia nadando demandar a Galveta. E vendo Antonio Moníz taõ grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo, que levava hum bom ſoccorro a Dio em taõ bom companheiro.

Partẽ dous fidalgos para Dio.

Miguel de Arnide os acompanha

124 Foraõ aquelles Fidalgos navegando com tempos tão rijos, que andàraõ todo aquelle dia, e noite à miſericordia dos ventos, obedecendo a Galveta aos mares ſem carreira, ou governo. Humas vezes a faziaõ ſurdir as ondas, outras perder o que tinhaõ canjado. Foraõ correndo com huma moneta ao pè do maſto à diſcriçaõ dos mares, que

Perigos da viagem.

que a alagavaõ por hum, e outro bordo, os quaes apenas podiaõ vencer com baldes. Nesta fadiga, e risco passáraõ a noite toda rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridaõ della, e cerraçaõ do tempo, pudessem conhecer a paragem em que estavaõ. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, e elles continuando com a luta das ondas, atè que sobre a tarde houveraõ vista da fortaleza; porèm taõ arrasada, que apenas se dava a conhecer polas ruìnas. Chegàraõ emfim a dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumento de ser a fortaleza perdida. Brádou Antonio Monìz alto, e sendo ouvido dos de dentro, foraõ correndo dar aviso ao Capitaõ mòr. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem eraõ? Respondéra hum soldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; o que Antonio Monìz sofrendo mal, disse, que elle era o que alli vinha; e pudéra a desconfiança chegar a maior rotura, se Garcia Rodriguez cortèz, e comedido, naõ temperara o animo de Antonio Monìz justamente sentido; se bem o tempo, e o motivo pudèraõ fazer desprefar queixa taõ leve. Chegou Dom Joaõ Mascarenhas, e levando-os nos braços, lhes disse, quanto estimava tão opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Monìz, onde se achava Dom Alvaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouviraõ: Aqui, senhor, em Madrefabat o tendes com sessenta navios, e com a primeira vaga do tempo lhe vereis as bandeiras. E em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas taõ impaciente na tardança, que naõ esperaria tempo

Chegaõ a Dio.

Desconfiança briosa destes dous fidalgos.

Daõ novas de D. Alvaro.

para

para vir ſoccorrelo. Eſta nova foy feſtejada de maneira, que os ſoldados com danças, e folías, eſqueciaõ os trabalhos paſſados, na eſperança do ſoccorro veſinho; e os que haviaõ militado com D. Alvaro, com a experiencia de ſeu brio, certificavaõ a vinda a deſpeito dos mares, e dos ventos.

125 Dom Joaõ Maſcarenhas agaſalhou os hoſpedes no baluarte S. Joaõ, e S. Thomé, que eraõ os mais arruínados, dandolhes eſtes mimos da guerra, como a benemeritos dos maiores perigos. Naõ era neſte tempo menor o riſco, mas jà menos témido. Mandou Antonio Moniz a embarcaçaõ, em que viera, a ſeu primo Luis de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Paſſáraõ nella alguns ſoldados eſtropeados, com cartas do Capitaõ mór a Dom Alvaro de Caſtro, em que lhe dava conta de todo o ſuccedido, referindolhe em ſomma as neceſſidades que temos relatado. Chegou a Galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a víraõ, polas novas de eſtar ainda por El-Rey a fortaleza, ſe bem miſturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foi mui ſentida a de Dom Fernando de Caſtro, que em taõ verdes annos deixou de ſi taõ honrada memoria. D. Alvaro a recebeo com a conſtancia de ſoldado, tomando por alivio acharſe com a eſpada na maõ para vingala. E logo aquella meſma tarde mandou ſair a armada com ordem, que todos puzeſſem a proa em Dio, e que nenhum navio aguardaſſe por outro.

Aviſa o Capitaõ mór a Dom Alvaro.

O qual ſae de Baçaim.

126 Entretanto Rumecaõ vendo, que obravão mais as minas, que os aſſaltos, ſabendo de alguns eſcravos, que da fortaleza haviaõ fogido, da fome, e

Continua Rumecaõ as minas.

do perigo, o ſentimento com que os noſſos eſtavaõ pola falta de tantas peſſoas illuſtres, que acabàraõ na mina, e a eſtreiteza com que ſe repartiaõ as muniçoens, e mantimentos, reſolveo continuar as minas, que ſe obravaõ com menos riſco, e com maior effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Sanctiago, e o lanço de muro que para elle corria, tudo por eſtradas torcidas, e encubertas, para nos eſconder o deſenho, e aſſegurar os ſeus trabalhadores. D. João Maſcarenhas cauto, e prevenido, arguindo daquella breve pauſa, que faziaõ as armas do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendoſe do baluarte de Antonio Peçanha, mandoulhe fazer alguns repairos, e abrir eſcutas, por onde conheceo, que por aquella parte ſe picava o muro; o qual o inimigo achou tão forte, que o não podia romper o picaõ; difficuldade que venceo com vinagre, e fogo. Donde ſe vè, que a eſtes inimigos da Aſia, não faltava valor, nem diſciplina, como erradamente eſcrevem, os que em abatimento de noſſas victorias, imaginaraõ os Mouros Orientaes barbaros, e biſonhos. Com eſte artificio começou a arruínar o muro; e logo entre o baluarte S. Thomè, e o Cubello, ordenou Rumecaõ, que ſe lavraſſe a mina, a qual ſendo conhecida dos noſſos, lhe fizeraõ contramina, e levantàraõ por dentro huma parede forte; e como eſtavão faltos de materiaes, e gente, acodiraõ aquellas honradas matronas ao ſerviço de taõ peſada obra em beneficio dos feridos, e enfermos, que não podiaõ ſupprir eſte trabalho, nem tão pouco eſcuſalo.

Os noſſos acodem ao reparo dellas.

127 Logo que Rumecaõ teve poſta em perfeição a mina, determinou à ſombra della dar hum gèral aſſalto, e chamando a ſi os Cabos do exercito, e os que

que eſtavão eſcolhidos para eſcalar o muro, eſcrevem, que lhes fez eſta falla.

;Aquellas ruinas, que eſtais vendo, tintas no ſan-
, gue de noſſos companheiros, hão de ſer hoje noſſo
, ſepulchro, ou noſſo alojamento. Cem ſoldados ſaõ
, os que guardaõ aquellas eſtragadas muralhas, aos
, quaes a fome, e as feridas tem tirado as forças de
, ſorte, que ſó peleijamos com as ſombras dos que jà
, foraõ homens, offerecendo os miſeraveis aos noſſos
, alfanges vidas ſem ſangue. A honra, que neſte cer-
, co tem ganhado com valor infelice, ha de ſer toda
, noſſa, porque do fim da guerra tomaõ nome as em-
, prezas; que o mundo julga ſempre o valor da parte
, da lutima fortuna. Acabemos de ganhar aquella
, fortaleza; ſubamos a eſte monte de triumphos, vin-
, garemos infinitas injurias com huma ſó victoria.
, Livremos eſta eſcrava da Aſia das priſoens do tribu-
, to; livremos noſſos mares, que debaixo de ſuas ar-
, madas violentados gemem. Com eſte ultimo aſſalto
, poremos fim a tão illuſtre empreza, e ſe acordarà o
, Oriente idades largas com alegre memoria de tão
, fermoſo dia.

Anima Rumecaõ os ſeus para outro aſſalto.

128 Acabada a pratica, fallou, e animou aos particulares com razoens accommodadas ao tempo, e às peſſoas, ſinalando premios aos primeiros, que ſubiſſem aõ muro, como pudèra o mais ſabio, e pratico Capitão da Europa. No meſmo dia, que foi o de dezaſeis de Agoſto, ſahio o inimigo com todo o poder de ſeus alojamentos, e repartindoſe ordenadamente pelos baluartes, deixou o maior groſſo do exercito, para acometter o de Sanctiago, por onde eſperavão abrir a porta à victoria; ao qual ſe arrojà-

Cõmettem o baluarte Sanctiago.

rão tumultuariamente, dando espantosas vozes, e tirando sobre elles grande copia de armas de arremesso para chamarem à defensa a maior força dos nossos. Ateouse por esta parte com maior calor a briga, atè que na força do conflicto, fingindo o inimigo, que cedia à nossa resistencia, se retirou subitamente, como a final certo. Os nossos, que estavão sobre aviso, conhecendo o engano no temor simulado, com que se retrahiaõ, se apartàrão tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Deraõlhe os Mouros fogo, o qual achando resistencia nos repuxos, e escarpas do muro, que lhe contraposerão, rebentou pela face fóra retrocedendo; e voando a cortina do muro, a lançou sobre os Mouros com tão grande violencia, que matou mais de trezentos, e muitos mais ficarão estropeados.

Rebenta a mina com dano dos inimigos.

129 Ficou a fortaleza espaço grande escondida em nuvens de pò, e fumo, sem que de huma, e outra parte se conhecesse o dano; mas logo que se começàrão a adelgaçar os àres, acodio o inimigo em tropas a subir pelos estragos, e ruínas do fogo com tanta certeza de victoria, que huns aos outros faziaõ impedimento, estimulados da cobiça do premio, ou da ambição da honra. Porèm os nossos os recebérão nas lanças, fazendo-os voltar em pedaços sobre os opprimidos da mina. Tras estes acomettérão outros, que depois de peleijarem grande espaço, forão tambem derribados dos nossos; aos quaes desatinavão muitas settas, chuços, e alcanzias de fogo, que tiravão do campo, com que nos encravavão alguma gente, e impediaõ a defensa aos soldados attentos a hum, e outro perigo; porém assi abrasados, e feridos, não houve algum que largasse o lugar que sostinha,

nha, onde fizerão tão heroicos feitos, como se deixaõ ver no successo, e na desigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançavão no baluarte, era tanto, que os nossos peleijavão em hum incendio vivo, a que o Capitão mòr occorreo mandando trazer tinas de agua; onde mitigavão, ou extinguiaõ os vestidos, e corpos abrasados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo, tambem aqui lhe fez opposição maior a força dos nossos, com que se acendeo a peleja mais viva soccorrida dos Mouros por momentos com gente de refresco, e assistida com a presença, e voz do General, que os esforçava.

130 Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodriguez de Tavora, deraõ aqui de seu valor huma illustre prova, sostendo o peso dos inimigos com constancia naõ vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da honra deste dia coube àquellas nunca assaz louvadas matronas, naõ só companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandez com huma chuça nas mãos animava aos soldados com palavras, e melhor com o exemplo; e as de mais entre as settas, as lanças, e pelouros, ou mostravaõ seu esforço, ou serviaõ ao alheo. *Continuaõ as mulheres seu valor.*

131 Nos outros baluartes não estavaõ as armas ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversaõ facilitar a entrada pelo de Sanctiago, onde havia rebentado a mina. Ordenou tambem Rumecaõ, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrasada por estar eminente.crêdo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porém os nossos deraõ taõ grande pressa aos inimigos, que chegavaõ jà froxos, e tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

132 Man-

Retiraõ-se os inimigos com perda. 132 Mandou Rumecaõ tocar a recolher impaciente, deixando ſobre quinhentos mortos, ſem conto os feridos. Qualquer dos noſſos ſe podia contentar com a honra, que ganhou eſte dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroſo ſoldado ſe aſſinalou tanto, que moſtrou ſer ainda aquelle corpo pequeno para tamanho eſpirito; e como a tão crecida creatura acompanhavão forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, eſcuſava o ſegundo. Mojatecaõ, que tinha vindo ao exercito com hum ſoccorro groſſo, e do valor dos portuguezes fallava com deſprezo, formando differente juizo com as experiencias deſte dia, dizia, que eraõ dignos de que os ſerviſſem as gentes; e que a fortuna do mundo eſtava, em ſerem elles tão poucos, porque a natureza, como a leoens, os tinha feito raros, encerrando-os nas covas do ultimo Occidente.

Mojatecaõ louva o valor dos noſſos.

Aviſado Rumecaõ de tres eſcravos fugidos. 133 Eſte dia perdemos ſete ſoldados, e ficàraõ vinte e dous abraſados, e jà os ſãos eraõ taõ poucos, que não baſtavaõ a curar os feridos, e menos a repairar as ruínas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, e gente; mas como Rumecaõ achava nos aſſaltos taõ dura reſiſtencia, fazia de noſſas forças differente conceito. Neſte tempo fugìraõ para o inimigo tres eſcravos noſſos, os quaes levados a Rumecaõ, lhe affirmàraõ, que na fortaleza naõ havia ſeſſenta ſoldados, que podeſſem tomar armas, e eſtes muito debilitados com a fome, e continuo trabalho das obras, e vigias, nos quaes não acharia mais que obſtinação ſem forças. Com a certeza deſte aviſo, reſolveo Rumecaõ aſſaltarnos com todo o poder para o ſeguinte dia, declarando aos ſeus o eſtado em que nos achavamos, e mandando, que todos o ouviſſem

da

da boca dos eſcravos; os quaes diſcorrendo pelo exercito, eſpalhavaõ alegres a relação de noſſas miſerias.

134. Logo que amanheceo ſe ordenou o exercito para dar o aſſalto, no qual como o ultimo da guerra, ſe quizeraõ achar todos, e alguns veſtíraõ galas, crendo, que hiaõ mais a triumpho, que a peleija. Saìraõ de ſeus alojamentos com todas as inſignias arvoradas, tocando diverſos inſtrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulavão eccos barbaros, e medonhos; e como traziaõ vencido o medo com as noticias, que temos referido, de longe ſe avançàraõ ao baluarte S. Thomè, que por eſtar quaſi todo arraſado, as ruínas lhes ſerviaõ de eſcada. Era de Turcos eſta primeira tropa, que arremetèraõ confiados, como a dar a victoria; porém os noſſos quebrando entre elles algumas panelas de polvora, os fizeraõ retirar abraſados. Com a meſma furia chegàraõ outros, que depois de peleijarem algum eſpaço, voltàraõ tambem como os primeiros, ſangrados do noſſo ferro. Mas Rumecaõ, crendo, que taõ continua reſiſtencia nos teria conſumidos, como o ferro, que cortando ſe gaſta, ajuizando noſſa fraqueza de ſeu meſmo eſtrago; bràdou aos ſeus, que ſubiſſem a tomar poſſe da fortaleza, que jà naõ havia quem ſe lhes oppoſeſſe. Aqui arremeteo tumultuariamente hum graõ troço de Mouros esforçados, ou credulos às vozes do General. Eſtes com o primeiro alento cavalgàraõ o muro, e começàraõ a peleijar com os noſſos braço a braço, e deſcanſados contra poucos jà laſſos, e feridos; porém tirando forças do brio, e neceſſidade, ſe moſtràraõ tão valentes aos ultimos, como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahiaõ, e ſuccediaõ outros, com

Dà outro aſſalto.

Valeroſa reſiſtencia dos noſſos.

que

que esteve a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui acodio D. Joaõ Mascarenhas animando os seus, como graõ Capitão, peleijando como o melhor soldado, e pròvido a todas as occurrencias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de que se ajudàvaõ os nossos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luiz de Sousa Capitão daquelle baluarte fez grandes gentilezas nas armas neste dia. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, D. Pedro; e D. Francisco de Almeida, fizeraõ obras dignas de maior escritura; e todos os mais Cavalleiros, e soldados, que aqui se achàraõ, alcançàraõ bem merecida fama.

Acomete Rumecaõ o baluarte S. Joaõ, e retirase.

135 Mandou Rumecaõ acometter o baluarte S. Joaõ, crendo pela informação dos escravos, que achasse a entrada franca, mas obràraõ tanto os poucos defensores que tinha, que obrigàraõ a retirar o inimigo com perda, e com vergonha. Rumecaõ assombrado do que via, affirmava, que eramos instrumentos da indignação do Ceo contra Cambaya, e segunda vez tratou de applacar Mafoma com algumas expiaçoens barbaras, e ridiculas; e porque nos assaltos perdia muita gente sem fruito, e os soldados jà timidos desprezavaõ a obediencia com o horror de tão quotidiano estrago, tornou a tentar as minas, como artificio, ou mais efficaz, ou mais seguro. E primeiro mandou abrir muitas sétteiras na parede, que dividia o exercito da nossa fortaleza, por onde recebiaõ os nossos muito dano, porque peleijavão como em campo raso, sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começàraõ a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

136 Ordenou que hum Quartão se batesse a cis-

terna,

terna, a qual ſe chegàra a arrombarſe, nos perderiamos com ſede, como mal ſem remedio. Eſta ciſterna eſtá à entrada de huma rua, que chamamos a Cova, que foi a cava antigua dos Mouros, onde ſe recolhia a gente inutil. Aqui cahiaõ muitos pelouros com dano dos miſeraveis, que alli ſe abrigavão, e perigo da abobeda que cobria a ciſterna. A eſte perigo occorreo o Capitão mòr, ordenando huma tranqueira alta de vigas, e entulho, com que remediou hum, e outro dano, furando as caſas pela parte de dentro, com que de humas a outras ſe dava ſerventia ſegura.

Intentaõ arrombar a ciſterna.

137 Entretanto trabalhavão os Mouros na mina, que hia demandar o baluarte Sanctiago, o que entendido dos noſſos, ordenàraõ por dentro repuxos fortes, e abriraõ alguns vãos por onde ſe vazaſſe o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal reſiſtencia nas eſcarpas, que deu com parte do baluarte para a banda de fóra, matando quantidade de ſoldados, e mineiros, que aſſiſtiaõ na obra, ſem que dos noſſos perigaſſe algum, ficando inteira a cortina do muro; ſeria caſo, mas tão raro, que pareceo milagre. Em rebentando a mina, ſubiraõ de tropel os Mouros pelas ruínas do baluarte, donde ſe lhe oppoſeraõ os noſſos, deſvelados das continuas vigias, debilitados das fomes, e feridas, ſuſtentados mais na grandeza do eſpirito, que em forças naturaes; mas ainda aſſi os animou a honra, e o perigo, de ſorte que pareciaõ peleijar com forças deſcanſadas, e inteiras, detendo a furioſa corrente do inimigo à cuſta delle meſmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, e a deſigualdade do numero fazia o perigo maior. O ruído das armas, a confuſaõ das vozes, impediaõ mandar, e obedecer. Caìraõ muitos Mouros, mas

Rebenta outra mina com dano dos inimigos.

Perigo grãde dos noſſos.

Arvora o inimigo tres bandeiras no baluarte Sanctiago.

pela diligencia dos Cabos, lhes ſuccediaõ outros; com o que naõ deixavão reſpirar os noſſos, acomettidos de longe com armas de arremeſſo, e de perto pelejando braço a braço. Aſſi aturàraõ muitas horas eſta dura contenda. Tiveraõ os inimigos lugar de arvorar tres bandeiras no baluarte, defendidas de boa copia de eſpingardeiros. Deſte lugar foraõ decendo ao muro até a Igreja do Apoſtolo Sanctiago; que ficava encoſtada ao meſmo baluarte, metendo ſe nos altos da caſa; com o que ficou o baluarte, e a Igreja, ametade ſuſtentada dos Mouros, e a outra dos noſſos.

Cuidado do Capitaõ mòr nos reparos.

138 Sobreveo a noite, pondo termo à diſcordia, naõ a paz, ſe naõ a natureza; e ainda aſſi com golpes vagos, e incertos continuàraõ huma cega batalha. Ordenou logo o Capitaõ mòr huma fraca trincheira, que mais nos dividia, que amparava do inimigo; a qual ſe obrou com as armas nas mãos, quaſi furtiva, ficando por alojamento dos ſoldados o lugar da batalha; onde, nem ſobre as armas, podiaõ ter ſeguros hum pequeno repouſo, porque nem para curar as feridas tinhaõ tempo, ou lugar opportuno. Naõ deſcanſava o Capitaõ mòr com as armas, e menos com o eſpirito. Mandou aquella noite aſſeſtar hum Camelo à porta da Igreja, que ficava a cavalleiro do baluarte, e com elle varejava os Mouros, que recebiaõ muito dano, em quanto conſervavaõ a poſſe do que tinhaõ ganhado, atè que ſe cubríraõ com huma trincheira groſſa, que os aſſegurava.

Sae de Baçaim Luis de Mello.

139 Naõ ſe paſſava menos perigo no mar, do que na terra, porque logo que chegou a Bàçaim a Galveta do Antonio Moníz, ao outro dia, que ſe contavaõ quatorze de Agoſto, ſe embarcou nella:

la Luis de Mello de Mendoça com quinze companheiros, e apos elle em hum Catùr Dom Jorge, e Dom Duarte de Menezes com dezesete soldados; e Dom Antonio de Attayde, e Francisco Guilherme cada hum em seu navio com quinze soldadados. Luis de Mello se foy logo engolfando, sordindo pouco, porque levava o vento pelo olho, e quanto mais se afastava da terra, via os mares mais grossos; e como a Galveta era pequena, e estroncada, e as ondas taõ soberbas, que rebentavaõ em flor, quebrando-se cruzadas com a força do temporal, começou a entrarlhe a agua por hum, e outro bordo, que os marinheiros despejavaõ com baldes, vendo-se por momentos soçobrados, com que jà areados, e tîmidos, grumetes, e soldados requeriaõ a Luis de Mello, que arribasse, dizendo, que sabiaõ peleijar com homens, e naõ com os elementos; que jà naõ era valor, se naõ porfia, perderem-se sem fruto; que contra a indignaçaõ de Deos naõ valia esforço. Porèm Luis de Mello os aplacou, dizendo, que naquella Galveta, e com a mesma tormenta passára Antonio Moníz, que naõ levava melhores companheiros que elle, nem lhe tinhaõ mais cortesia os máres, que ninguem acabàra cousas grandes sem perigo; e que quando seus companheiros, e amigos estavaõ às lançadas com os Turcos, naõ haviaõ de esperar os máres leite, e os ventos galernos para ir a soccorrelos; qne quando as ondas lhe comessem o navio, sobre a espada havia de chegar a Dio; que trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

Perigos que tem na viagem

140 O temor, ou pejo destas palavras, fez por entaõ aquietar a todos; assi foraõ aquella tar-

de, e noite lutando com a tormenta, eſperando que cada onda os ſoçobraſſe, e naõ podendo jà as forças com o trabalho, vendo crecer o temporal por inſtantes, ſe conjuràraõ os marinheiros, e ſoldados, a obrigar a Luis de Mello por força, que arribaſſe: do que ſendo aviſado por hum Gomez de Quadros ſoldado de ſua obrigaçaõ, tomou as armas todas, e recolhidas no payol, ſe poz enſima com a eſpada na maõ, dizendo, que quem fallaſſe em arribar, às eſtocadas lhe havia de dar a repoſta; que a vida de nenhum delles era de maior preço que a ſua, para ſe naõ quererem perder, onde elle ſe perdia, que poſeſſem os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a ſalvaçaõ tinhaõ jà outro porto. Vendo os ſoldados eſta reſoluçaõ, e os marinheiros mais temeroſos do Capitaõ, que da tormenta, ſeguiraõ ſua viagem ſempre alagados, e com a morte bebida, parecendo, que cada rajada de vento os ſepultava. Aſſi foraõ em continuo naufragio navegando, atè que ſobre a tarde houveraõ viſta da fortaleza, donde foraõ olhados com eſpanto, e alegria. Os Mouros lhes tiràraõ muitas bombardadas ào entrar da barra; ſurgíraõ ſem dano na Couraça, onde o Capitaõ os veo a receber com grande alvoroço; a quem Luis de Mello affirmou, que naõ poderia tardar dous dias Dom Alvaro de Caſtro; nova que foy feſtejada de todos com demonſtraçoens que os Mouros entendèraõ, de que fizeraõ juizo, que andaria jà no màr o ſoccorro, a cuja cauſa determinou Rumecaõ apertar mais o cerco. Luis de Mello com os ſeus foy apoſentado no baluarte Sanctiago, de que o inimigo tinha a maior parte, que havia guarnecido com os ſolda-

Reſiſte aos que querem arribar.

Chega a Dio, e dà novas de D. Alvaro.

ſoldados mais eſcolhidos do campo; apoſtados a morrer na defenſa do do que tinhaõ ganhado. Ao ſeguinte dia chegàraõ Dom Jorge, e Dom Duarte de Menezes, havendo paſſado os meſmos riſcos, com a meſma conſtancia, que Luis de Mello. Com eſtes ſoccorros, maiores na qualidade, que no numero, parecia que tinha jà outro ſemblante a guerra.

Chegão outros fidalgos.

141 Importunavaõ os novos hoſpedes a Dom Joaõ Maſcarenhas, que os deixaſſe ver o roſto ao inimigo, tentando deitalo fóra do baluarte Sanctiago, o que elle concedeo levemente, querendo tambem acompanhalos. Apreſtaraõ-ſe para o outro dia, e em amanhecendo ſobíraõ pelos muros, com que o inimigo ſe cobria, lançando-ſe aos Mouros taõ impetuoſamente, que os deitàraõ fóra ſem lhes valer o esforço, e reſiſtencia com que ſe defendéraõ. O eſtrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumecaõ primeiro, que o aviſo, e acodindo com todo o poder àquella parte, tornou a travar com os noſſos com igualdade no lugar, e vantagem no numero. Aqui ſe peleijou de ambas as partes, braço a braço, e corpo a corpo, ferindo-ſe com as armas curtas, ſuſtentando cada hum com o ſangue, e com a vida o lugar, que occupava. Os noſſos com taõ inferior partido, fizeraõ tantas gentilezas nas armas, que os Mouros os olhavaõ de fóra com temor, e eſpanto; porèm como eraõ deſiguaes ás forças do inimigo; tornou a recobrar aquella parte do baluarte, que jà tinha ganhado, e reforçando-a com guarniçaõ dobrada, mandou dar hum aſſalto gèral à fortaleza. Peleijavaſe por todas as partes com huma meſma furia: cahiaõ

Peleija-se no baluarte Sanctiago.

cahiaõ muitos Mouros, huns cortados do ferro, e outros abrasados do fogo; mas no mais vivo deste conflicto se começou a escurecer o dia com huma cruel borrasca de vento, e agua, trovoens, e relampagos, parecendo, que no àr se accendia outra nova batalha.

Perigo da fortaleza, e valor dos nossos.

142 Os mouros vendo que a agua nos apagava as cordas, e que naõ podiaõ ser offendidos com as panelas de polvora, nem outros instrumentos de fogo, interpretando a favor divino o curso, ou variedade dos tempos; por entre espessos chuveiros se chegavaõ aos nossos sem medo, com vozes, e algazàras, como de quem tinha o Ceo propicio. Foi este o dia, em que maior valor mostráraõ os nossos, e em que a fortaleza teve maior perigo, porque os Mouros se metiaõ pelas lanças, e espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis horas taõ porfiado assalto, atè que tornou a abrir o dia, e os nossos se começàraõ a aproveitar das panelas de polvora, com que abrasavaõ muitos, cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleijando mais cautos, atè se que lhes acabou o dia, e Rumecaõ tocou a recolher, deixando quatrocentos mortos, e mais de mil feridos; dos nossos faltàraõ sette, foraõ mais os feridos. Neste assalto se achàraõ todos os fidalgos do soccorro, mostrando no valor as mesmas qualidades que no sangue. Dom Joaõ Mascarenhas fez as vezes de Capitaõ, e de soldado, sàbia, e valerosamente; assistindo sempre ao perigo, sem faltar ao governo. Esta noite passáraõ os nossos mui vigiados pola vesinhança do inimigo, que havia recebido do Soltaõ novas honras, polos apertos em que tinha os cercados; e lhe havia entrado

Retirase Rumecaõ com muito dano.

Entra soccorro ao inimigo.

entrado hum ſoccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos, que Rumecaõ quiz logo aviſtar com os noſſos, para lhes moſtrar os contendores que tinha, como em prova do que havia obrado.

143 Ao ſeguinte dia depois do aſſalto, entrárаõ pela barra Dom Antonio de Ataide, e Franciſco Guilherme, que naõ achàraõ menos bravos os mares, que os outros que temos referido. Differaõ que naõ podia tardar hum dia D. Alvaro de Caſtro, porque ſe tinha jà levado a armada com ordem, que nenhum navio eſperaſſe por outro. Os ſoldados feſtejàraõ a nova, e o ſoccorro, com muſicas, e folías continuas, com que já pareciaõ paſſatempos os perigos do cerco. *Chegaõ a Dio mais fidalgos.*

144 Entendendo Rumecaõ, que vinhaõ chegando à fortaleza alguns ſoccorros, e que em abrindo o tempo não ſeriaõ os Portuguezes tardos em darſe huns aos outros a mão nos maiores perigos, começou a deſconfiar da empreza, vendo, que os trabalhos não quebravaõ os animos dos noſſos, e que os ſeus ſoldados nas converſaçoens não tinhaõ por juſtificada a cauſa deſta guerra, accuſando aos quebrantadores da paz por nòs fielmente guardada. Temeo a diſpoſiçaõ, que via para algum motim, o que atalhava encarecendo o miſeravel eſtado dos noſſos, e a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos ſoldados, e mandou prégar pelos Cacizes a certeza de gloria para todos os que morreſſem neſta guerra; e as mercès com que o Soltal havia de remunerar aos libertadores da patria, naõ ſe eſquecendo do temporal à volta do divino. E porque as minas eraõ de menos riſco, que os aſſal- *Deſconfia Rumecaõ da empreza.*

aſſaltos, e obravaõ com maiores effeitos, determinou de as ir proſeguindo. Com eſte deſenho, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. Joaõ a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porèm como os noſſos andavaõ ſobre aviſo, ainda que Rumecaõ cauto, e ardiloſo fazia aos outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite com eſtrondo, para com eſta diverſaõ cobrir o intento: com tudo Dom Joaõ Maſcarenhas teve noticias da mina, contra a qual ſe aſſegurou como das outras vezes, trabalhando os fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos ſoldados o trabalho mais leve.

Abre outra mina, que ſe atalha.

145 Chegado o termo de ſe dar fogo à mina ſe abalou o exercito, e começou a tornear a fortaleza. Vinhaõ diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que eraõ os que haviaõ de entrar pelas roturas, que ſe abriſſem ao rebentar da mina, a qual com tremendo eſtampîdo voou pelos àres toda a face do muro. Correraõ logo os Turcos, ainda cegos do fumo, e da terra, levantada nos àres com o impulſo do fogo, porèm achàraõ outro muro contrapoſto, a que o fogo, ou naõ chegou, ou achou reſiſtencia: viraõ com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficàra por tres partes aberta, e voltando áquella parte as armas, intentàraõ ganhala: mas os noſſos acodiraõ a defendela, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

Dàſelhe fogo, e os noſſos defendem as roturas.

146 Aqui andou por hum eſpaço a briga mui travada, peleijando cercadores, e cercados como em campo raſo. E crendo Rumecaõ, que eſtava naquelle lugar todo o poder dos noſſos, mandou

aco-

acometter aos outros baluartes, onde tambem os Portuguezes lhe mostràraõ o ferro. Metèraõ este dia os inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quaes naõ recebemos dano, estando ella quasi arruinada, caso, que por ser raro, pareceo milagroso. Durou enfim o combate algumas horas, retirando-se o inimigo com o mesmo dano que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna. *Retira-se o inimigo.*

147 Rumecaõ, que jà tinha por injuria a dilaçaõ do cerco, como homem, que buscava os perigos, e o dano por disculpa, acometteo o outro dia o baluarte S. Thomè em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, e mandou por differentes Capitaens escalar os outros baluartes, parecendo a invazaõ destes dias hum successivo assalto. Aqui peleijàraõ os Mouros, mais como desesperados, que valentes, correndo atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamente, mais promptos a offender, que a repararse, buscando a morte, como porta para a imaginada gloria, que lhe promettiaõ os Cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da empreza, e desprezo da vida. Com este ardor sofréraõ o peso da batalha muitas horas, perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijavaõ, incitados da dor, e da injuria dos companheiros mortos. Peleijaraõ enfim com tal porfia, que sustentàraõ aquella parte do baluarte, onde se combatia, e nelle arvoràraõ bandeiras, cobrindose com vallos, e estacadas. *Acomete Rumecaõ o baluarte S. Thomè.*

148 Naõ andavaõ menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tiveraõ ganhado os inimigos, mas foraõ taõ valerosamente resisti- *Successos no baluarte Sanctiago.*

 dos,

dos, que o tornàraõ a perder depois de bem sangrados. Aqui foy tanto o fogo, que os inimigos lançáraõ, que os nossos peleijàvaõ abrasados, soccorrendo-se, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerarse. Antonio Moníz Barretto com dous soldados se achavaõ sós no baluarte detendo a furia do inimigo; e querendo o Moníz sairse a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou delle hũ soldado, dizendo: Ah Senhor Antonio Moníz, deixais perder o baluarte delRey? Voume banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estaõ sãos para peleijar, tudo o al he nada (lhe respondeo o soldado.) Cuja advertencia aceitou o Moníz, taõ pagado do valor que o soldado mostrava, que o trouxe consigo para o Reyno, e lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para credito alheo; chamandolhe sempre com honrado appellido, o soldado do fogo; nem as relaçoens deste successo no lo daõ a conhecer por outro nome.

Valor particular de hum soldado.

149 Neste, e nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, e perigo igual, que naõ podemos relatar por extenso, por serem os casos taõ semelhantes, que parecendo huma mesma cousa repetida, se escrevem, e se lem com fastio; porèm ainda que a relaçaõ deste cerco naõ deleite com variedade, quem negarà, que foy esta facçaõ huma das mais illustres, que se achaõ nas historias humanas, da qual fizeraõ estimaçaõ justa as mais bellicosas naçoens da Asia, e da Europa? Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruínas da fortaleza, donde continuamente se mostravaõ as armas.

Retirase outra vez o inimigo.

150 Ao

150 Ao ſeguinte dia deſpedio Dom Joaõ Maſcarenhas em hum Catùr a Antonio Correa, com vinte companheiros, ſoldados de grande valor, a quem naõ ſabemos naſcimento, ſe bem ſuas obras o mereciaõ, ou o ſuppunhaõ illuſtre. Sahio da barra, e torneando a Ilha, como lhe foi ordenado, ſe recolheo ſem preſa; e como os ſoldados de valor ſe naõ contentaõ com obrar bem, ſenaõ ditoſamente; tornou o Correa ao meſmo negocio cinco vezes (mais deſconfiado, que obediente) à tentar a fortuna; mas como o que parecia caſo, era myſterio, ordenou, ou permittio o Ceo, que o valeroſo ſoldado fizeſſe da empreza porfia o qual, como ſe a deſgraça fora culpa, ſe accuſava a ſi meſmo. Tornou emfim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer ſua ſorte, e dando volta à Ilha, diviſou ao longe hum fogo, que a diſtancia fazia mais pequeno, e remando contra àquella parte, deixando os companheiros no Catùr, ſaltou em terra, caminhou algum eſpaço ſó, atè que à meſma luz do fogo lhe deſcobrio doze Mouros, que em torno delle reparavaõ o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo, que ſaiſſem, porque tinhaõ como nas mãos a preſa que buſcavaõ; porèm os ſoldados, ou eſquecidos de ſi meſmos, ou ſervindo à Providencia mais alta, o naõ acompanhàraõ, como dando lugar á fortuna do Capitão, o qual vendo a fea reſoluçaõ dos ſoldados, ſe foy ſó a demandar os Mouros, baſtandolhe o animo para acommetter o perigo, que naõ podia vencer. De repente enveſtio os Mouros, os quaes amedrontados com o ſubito accommettimento; huns fu-

Sae Antonio Correa a fazer alguã preſa.

Enveſte com doze Mouros, que o prendem.

 gíraõ

gìraõ, outros se defendiaõ timidos, e sobresaltados, mas tornados em si, e vendo-se acutilados de hum só homem, começàraõ a fazerlhe rosto já com mais ousadia, voltando os que fugìraõ a defenderse unidos; e em quanto Antonio Correa se acutilava com huns; outros o sojugàraõ pelos lados, e ainda depois de preso, como a féra, o temião atado; assi o levàraõ a Rumecaõ, mostrando as feridas, que recebérão, em credito do preso.

He presentado a Rumecaõ

151 Mandou Rumecaõ que o soltassem, perguntandolhe, que gente haveria na fortaleza? Se viria o Governador a Dio? Com que poder, e em que termo se esperava o filho? Elle lhe respondeo com grande segurança, que na fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavaõ o Capitão que os levasse ao campo; que esperava brevemente a vinda de Dom Alvaro com oitenta baxeis, o qual em desembarcando sairia a campanha, porque algumas galés que trazia, havião mister chusma de Turcos; que o Governador aprestava maior poder, porque queria acabar de huma vez com as cousas de Cambaya. Rumecaõ que sabia a verdade de nossas forças, envejou hum coraçaõ tão livre em tão baixa fortuna, fazendo estimaçaõ (como soldado) de quem entre prisoens o desprezava. Rogoulhe, que se fizesse Mouro, porque com melhor Ley teria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a hum Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porèm o valeroso Cavalleiro, escandalisado na injuria de favores taõ feos, lhe respondeo, que os Portuguezes, pola Ley, e polo Rey estavaõ sempre promptos a derramar

Quer persuadilo a deixar a Fè.

ramar o ſangue; que Mafamede fora hum enganador, infame por obras, e doutrina; que ſe em Cambaya havia renegados, ſeriaõ de outras naçoens, qual o fora ſeu pay Coge Çofar, que como monſtro da terra em que naſcéra, os pays, e a patria o negavão de filho.

152 Rumecaõ não podendo ſofrer de hum eſcravo as injurias da Ley, e as da peſſoa, inflammado do zelo, e do deſprezo, o mandou ante ſi afrontar no roſto, primeiro que lhe tiraſſem a vida, crendo, que lhe ſeria mais leve a pena, que a injuria; e logo entre baldoens, e móſas, o mandou paſſear nù as ruas da Cidade, inventor barbaro de tão novo ſupplicio, já contra o homem, jà contra a humanidade. Porèm o Cavalleiro de Chriſto, como ſoldado já de outra milicia, com mais caſtigado valor vencia ſofrendo. Rumecaõ depois deſtas injurias, dizendo que pedia ſatisfaçaõ de ſangue a honra do Propheta, mandou que foſſe degolado, e a palma, que começou a merecer ſoldado, alcançou martyr. Foi levantada a cabeça em huma pica, e póſta em lugar onde os noſſos da fortaleza a viſſem; os quaes com ſentimento natural (mas injuſto) como ſoldados, lhe vingàraõ o ſangue; como Catholicos lhe envejáraõ a morte. Entráraõ ao outro dia os ſoldados de ſua companhia, os quaes o Capitaõ mòr naõ quiz ver, nem caſtigar, tendo reſpeito ao tempo; porèm elles rèmiraõ a culpa, com ſe arriſcar em todas as occaſioens, como homens, que aborreciaõ huma vida ſem honra. Muitos delles morreraõ quaſi voluntariamente, accuſados de ſeu meſmo delicto. Os Mouros nos faziaõ moſas, e algazaras

Afrontas que lhe faz.

Manda-o degolar.

ras de longe, apontando para a cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfaçaõ de tantos danos aquella recompensa, e jà mais atrevidos faziaõ a despeito dos nossos algumas gentilezas.

153 Entre o baluarte Saõ Thomè, e o de Sanctiago estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hum Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, e pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos, e sobindo pelas ruínas travou da haste, e ainda que a abalou forcejando, nunca pode levala, e soltando a temeroso, a deixou encostada; e vendo o pouco que lhe custára a primeira ousadia; tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porém ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hum soldado nosso lhe encarou a espingarda, e o derribou morto. Aconteceo isto à vista do arrayal, que lhe tinha festejado o primeiro acomettimento com gritas, e louvores; agora o olhavaõ caído com hum profundo silencio; corrèraõ os nossos com graõ velocidade a cortarlhe a cabeça, que arvoráraõ, avistando-a com a de Antonio Correa.

154 Os Mouros, que estavaõ fortificados no entulho do baluarte S. Thomé, foraõ ganhando terra palmo a palmo, á custa de seu sangue, levando sempre diante montes de terra, e rama, que os cobria, e fortificava. Porèm D. Joaõ Mascarenhas mandou levar hum Basilisco ás portas da Igreja, que como lugar eminente lhe ficavaõ em batarìa os Mouros, donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defensas, e com morte de muitos foraõ desalojados.

155 Jà

155 Já neſte tempo eſtava arraſada a fortaleza, e os Portuguezes, em lugar de muros, defendiaõ ſuas meſmas ruìnas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns eraõ polo tempo corruptos; outros pola qualidade, nocìvos, de que reſultavaõ doenças de taõ má qualidade, que os ſãos recebiaõ maior dano do contagio, que da hoſtilidade. *Extremos em que eſtà a fortaleza.*

156 Tinha partido de Baçaim Dom Alvaro de Caſtro com cincoenta navios (aſſi chamaõ quaeſquer baxeis na India, ainda que ſejaõ caravelas latinas, ou embarcaçoens de remo) e como vinhaõ empachados com muniçoens, e baſtimentos, naõ podendo ſofrer máres taõ groſſos; tornáraõ a arribar em popa deſtroçados, e abertos, tomando diverſas angras, e enſeadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que foraõ correndo com a tormenta, foi o de que era Capitão Athanaſio Freire, o qual indo demandar a terra, ſe foi metendo na enſeada de Cambaya quaſi alagado, e tão perdido, que de commum acordo ſe aſſentou varar na primeira terra, que aviſtaſſem, havendo, que precedia a vida à liberdade; aſſi foraõ encalhar junto a Surrate, onde forão cativos, e levados a Soltaõ Mahamud, que os mandou apriſionar, e meter na maſmorra, onde tinha Simão Feo com outros Portuguezes. *Torna D. Alvaro a arribar.*

157 Ruy Freire, que vinha na conſerva de D. Alvaro em hum navio ſeu, com ſoldados pagos à ſua cuſta, ſofreo melhor os màres, e navegãdo aquelle dia, e outro com fortuna, aviſtou a coſta de Dio, para onde ſe foi chegando atè ir demandar a fortaleza; e entrando pela barra foi ſurgir na Couraça, onde foi bem recebido de todos, e deu ao Capitaõ mòr as novas da vin- *Chegã Ruy Freyre a Dio.*

da

da de D. Alvaro, taõ esperada, como importante, porque ainda não sabia da arribada, de que daremos conta.

Prosegue D. Alvaro a viagem.

158 D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menez esarribàraõ com tormenta gèral a Agaçaim perdidos, aonde se reformàraõ brevemente, e tornàraõ acometter o golfaõ com a maior parte dos navios de sua conserva; e vencendo a furia do temporal, houveraõ vista da outra costa por junto de Madrefaval. Nesta paragem appareceo de longe huma nao grossa, que se vinha furtando à nossa armada. Mandou D. Alvaro ao Mestre, que arribasse sobre ella, o que fizeraõ mais dous navios, que vinhaõ na sua esteira. Amainou logo a nao, que era delRey de Cambaya, e vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fóra, que vierão apresentar a D. Alvaro hum cartaz passado antes da guerra; o qual fez represaria na nao, e a mandou levar a Goa, para que visse o Governador se era de presa. As drógas que trazia, erão coral, chamelotes, làrins, e alcatifas, que tudo foy julgado por perdido. E logo D. Alvaro de Castro, seguindo sua derròta, tomou a barra de Dio com quarenta navios empavezados; traziaõ todos flamulas, e galhardetes, dando de si huma mostra bellicosa, e alegre. Saudou a Fortaleza com toda a artelharia, que tambem lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumentos de guerra. Mandou o Capitão mòr abrir as portas da fortaleza para receber D. Alvaro, baixando todos os fidalgos, e soldados a receber, e festejar a armada, em que de mais da pessoa de D. Alvaro, vinhão fidalgos, e Cavalleiros de muita conta. Traziaõ muniçoens, e bastimentos para mui largo tempo, porque não quiz o Governador deixar à cor-

Toma hũa nào de Cãbaya.

Chega à fortaleza com quarenta navios.

tezia

tezia dos máres, negar, ou abrir passagem a segundo soccorro. Aposentouse D. Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmão D. Fernando; passarão-se a elle os soldados de sua milicia, e os mais dos fidalgos, huns como companheiros de sua dor, outros de suas victorias; e como a General do már lhe hiaõ pedir o nome sem querer separarse de sua obediencia, opiniaõ encontrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porém D. Alvaro disse ao Capitão mór, que elle vinha sojeito a suas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a D. Joaõ Mascarenhas, lhe respondeo com a mesma cortezia; mas D. Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias do Governador, naõ foi a mais pequena, na qual dizia, que ainda que a jurdiçaõ do cargo, e as provisoens Reaes o eximiaõ de qualquer subordinação, que naõ fosse a do Governador da India, que elle mandava a seu filho Dom Alvaro, que estivesse às ordens de Dom Joaõ Mascarenhas, porque assi o pedia a muita honra, que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de varaõ verdadeiramente grande; porque onde havia perdido hum filho, e aventurava outro, da fama, que ajudàra a ganhar com seu sangue, naõ quiz para si nada; sem duvida maior neste desprezo, que depois na victoria.

159 Rumecaõ sabendo da vinda de Dom Alvaro, disse que jà tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triumpho, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo Dom Alvaro o seu navio com cartas ao Governador, do estado em que achàra a fortaleza; e Dom Joaõ Mascarenhas o avisou de todos os successos passados. Haveria já na fortaleza seiscentos homens, todos soldados de

Avisaõ ambos o Governador do Estado da Fortaleza.

opiniaõ, com os quaes lhe pareceo a Dom Joaõ Mascarenhas, que podia intentar cousas maiores que a defensa. Mandou logo assestar tres Camelos contra as estancias do inimigo, que as batèraõ taõ furiosamente, que Rumecaõ reforçou as fortificações, que tinha, taõ attento a offender, como a defender.

Enveste o inimigo outra vez, e retirase.

160 Dos assaltos passados ficou nas ruìnas do baluarte S. Thomè hum Basilisco soterrado de estranha grandeza, o qual o Capitaõ mòr desejou subir à fortaleza, e ordenando cabrestantes, e engenhos, nunca lhe foi possivel; e querendo ao menos seguralo, para que os inimigos senão servissem delle, o mandou liar com viradores grossos; porèm os Mouros foraõ cavando por baixo das paredes do baluarte, e picando as pedras do alicesse, atè que faltandolhe os fundamentos, vieraõ as paredes a terra, ficando o Basilisco atado, e suspenso nos àres. Acodìraõ logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fèz rosto Dom Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achavão, travando com os Mouros huma pendencia assaz de bem renhida; e como este era o primeiro dia, que vìraõ a cara do inimigo, o carregàraõ com as mãos taõ pesadas, que houve a seu pesar de retirarse, deixando muitos dos companheiros no campo; mas no tempo que mais fervia a briga, liàraõ outros o Basilisco com hum calabrote forte, e o levàraõ arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos à peleija naõ deraõ fé da obra, que os Mouros faziaõ.

Determinaõ os nossos ir buscalo.

161 Andava Dom Joaõ Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo; temendo

mendo mais as minas, que ser acomettido com força descuberta; o que entendido pelos soldados de Dom Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de Dom Fernando de Castro, e outros fidalgos, e soldados, que morrerão abrasados, se conjuràrão em sair a peleijar com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo.

162 Dizião, que não querião com obediencia inutil perecer abrasados, quando podião morrer na campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabião peleijar como homens, não querião acabar como féras, atados ao perigo; que de dous escolhião antes o que podião vencer, que o de que não podião fogir. Dom João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possivel; primeiro com razoens, depois com a authoridade do cargo, e da pessoa; mas tudo foi sem fruito, porque estavão tão vãos, e altivos com sua mesma culpa (como tinha semblante de virtude) que esperavão da desobediencia premios, e louvores. D. Alvaro de Castro acodio a detelos, estranhando-lhes resolução tão fea, dizendo: que ElRey sentia mais a desobediencia de hum soldado, que a perda de huma fortaleza; que ao Capitão mòr só tocava o governar, a elles obedecer, e peleijar. Dom Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portuguez, que a honra levavão jà perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião livrarse da indignação justa de seu Rey, ao qual desprezavão na pessoa de seu Capitão mór com sedição tão fea. Porém elles fatalmente obstinados, se ordenàrão para

O Capitão mòr trata dissuadilos.

D. Alvaro, e D. Francisco fazem o mesmo.

ra dar a batalha, dizendo, que de nenhum delicto se engeitava a victoria por disculpa; e quando se perdessem, ficavão fóra do premio, e do castigo; que ell.s acodiaõ pola honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que perder as suas.

Proseguem os soldados seu intento.

163 O mais que se pode acabar com os amotinados, foy, que ficasse a invazão para o seguinte dia, deixandolhes por conselheiro aquelle breve tempo, em que podiaõ considerar o que convinha á honra, e saude de todos. Porèm elles, fatalmente conformes, amanhecéraõ resolutos, e promptos à batalha, dizendo ao Capitaõ môr; que se os não quizesse governar, entre si mesmos escolheriaõ cabeça. Vendo pois Dom Joaõ Mascarenhas, que jà acompanhar aos desatinados, era hum lanço forçoso, e que os desfóra sempre julgaõ melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; elle, Dom Alvaro, e os mais fidalgos resolvèraõ seguilos, onde com nova disciplina, obedeciaõ os Capitaens, mandavaõ os soldados.

O Capitaõ mòr, e fidalgos os acompanhaõ por atalhar o maior perigo.

Saem os nossos, è em bue ordem.

164 Haveria na fortaleza (como temos dito) seis centos homens, dos quaes ficàrão nas estancias cento; dos outros fez Dom Joaõ Mascarenhas tres batalhas; as duas deu a Dom Alvaro de Castro, e Dom Francisco de Menezes, e outra tomou para si; logo saìraõ da fortaleza, e com o primeiro impetu ganhàraõ as estancias, que os Mouros tinhaõ feito na cava, deixandolhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruina, porque os nossos altivos, e desordenados remetèraõ ao muro. O primeiro que o

sobio

ſobio foi Dom Alvaro, ajudado dos dous irmãos Luis de Mello, e Jorge de Mendoça, que tras elle ſobìraõ. Dom Franciſco de Menezes entrou por outra parte, ſendo dos primeiros Antonio Monìz Barretto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Jorge, e Dom Duarte de Menezes, Dom Franciſco, e Dom Pedro de Almeida.

165 Rumecaõ, Juzarcaõ, e Mojatecão, vieraõ com groſſas companhias a encontrarſe com os noſſos, entre os quaes ſe começou a batalha, ſuſtentada de noſſa parte com mais valor, que diſciplina. Dom Franciſco de Menezes foi levando do campo os Mouros, que naõ podendo ſofrer o peſo deſte encontro, perdéraõ muita terra, atè que ſoccorridos de outros muitos, detiveraõ a corrente dos noſſos. Dom Joaõ Maſcarenhas ſobindo o muro, quaſi ao meſmo tempo que os outros Cabos, vio muitos ſoldados do motim, que eſtavaõ ao pè delle ſem ouzar cavalgalo, e em voz alta lhes accuſou, com palavras feas, a deſobedíencia, e fraqueza, os quaes calados, como querendo reſponder com as obras, o ſeguiraõ. E logo acomettendo os inimigos, que andavaõ baralhados com Dom Alvaro, lhes fizeraõ perder parte do campo; mas como o partido era taõ deſigual, os Mouros ſe foraõ melhorando, e carregando os noſſos, deſorte, que ſe deſordenaraõ. *Reſiſtencia dos inimigos.* *Reprende o Capitaõ mòr os amotinados.*

166 Dom Alvaro fez obras, que reſponderaõ bem ao ſangue, opiniaõ, e ao valor; naõ faltou à diſciplina, difficil de conſervar nas deſgraças; porque foi ordenando, e recolhendo os ſeus, quanto lhe foi poſſivel, retirando ſe mui acordado com *Valor, e diſciplina de D. Alvaro.*

o roſto

Sobe o muro donde cahio de huma pedrada.

o rosto sempre no inimigo, o qual lhe havia degolado alguma gente, e outra se desmandava, naõ podendo sofrer o impetu dos Mouros, o que vendo Jorge de Mendoça, inda que estava jà ferido, tomou a Dom Alvaro nos braços para o sobir ao muro; mas podendo-o mal fazer, por estar desangrado, foi ajudado de seu irmaõ Luiz de Mello; e estando Dom Alvaro jà sobre a parede, lhe deraõ huma pedrada, que o fez cair da outra parte sem sentido.

Passa hum pelouro a Luis de Mello.

167 Depois de Luis de Mello acodir a D. Alvaro, salvou tambem o irmão, ficando elle com Garcia Rodriguez de Tavora, Antonio Monìz, e outros fidalgos, detendo o impetu dos Mouros, em quanto os mais subiaõ, até que foi passado de hum pelouro, de que cahio quasi mortal. Os companheiros o levantàraõ, e pozeraõ em cima da parede, donde foi levado à fortaleza, e dahi a Chaul, onde acabou da ferida, merecendo seu singular esforço, senaõ mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

Morte de D. Francisco de Menezes.

168 Dom Francisco de Menezes, peleijando muy valerosamente, cahio atravessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começàraõ a retirar desordenadamente. Aqui foi o estrago maior, porque o inimigo, conhecendo o desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com maior ouzadia.

Acordo do Capitaõ mor.

169 Dom Joaõ Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor, e acordo, humas vezes retirando os seus, outras fazendo voltas ao inimigo, em quanto se recolhiaõ os desmandados, com que evitou grande parte do dano; e tendo jà salvado

vado as paredes, se derramou huma voz, que era a fortaleza perdida, em que os soldados se começàraõ a espalhar por differentes partes, como gente desbaratada. Neste taõ apertado conflicto brádou Dom Joaõ Mascarenhas aos seus, afeandolhes a retirada, e peleijando taõ valerosamente, que só com alguns poucos que o seguiaõ, deteve o inimigo. Os fidalgos, que aqui se achàraõ, alcançàraõ em dia taõ infelice illustre nome. Lopo de Sousa ao pé do muro se defendeo de hum graõ tropel de Mouros, fazendo-os afastar muitas vezes, com tal valor, que o acomettiaõ de longe com armas de arremesso, até que atravessado pelos peitos de hum dardo cahio morto, deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barretto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Duarte, e Dom Jorge de Menezes, que trazia dezesette feridas, fizeraõ ao inimigo mui custosa a victoria.

Fidalgos q̃ se assinalaraõ neste dia.

170 Rumecaõ, querendo tirar maior fruito de nosso desatino, mandou a Mojatecaõ, que fosse demandar a fortaleza com cinco mil soldados, cortando o passo aos que se recolhiaõ destroçados, e acomettendo o baluarte Saõ Thomè, achou nelle a Luis de Sousa, que com a artelharia, e espingardaria lhe matou muita gente; porém o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escala; mas foi taõ valerosamente resistido, que se tornou a retirar com dano conhecido. D. Joaõ Mascarenhas trabalhou tanto, que tornou a ordenar os soldados, que andavaõ derramados, dos quaes fazendo hum batalhaõ cerrado, guiou à fortaleza, e encontrando muitos Mouros, desmandados

Enveste Mojatecaõ a fortaleza e retirase.

Ordena o Capitaõ mór os soldados.

dados na segurança da victoria, deo nelles taõ valerosamente, que muitos deixáraõ as vidas, e os demais o campo. Perderaõ se nesta desgraça trinta, e cinco pessoas, em que entràraõ os fidalgos, que havemos referido; e foraõ mais de cem os feridos, mas em taõ desordenada empreza, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O Capitaõ mòr foi logo demandar a Dom Alvaro, que ainda achou sem falla, e a juizo dos cirurgioens, mui contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a Philosophia chama Decretorios, ou Criticos; porèm fez a doença termo, cobrando Dom Alvaro saude com alegria de todos, que o amavaõ polas qualidades do sangue, e da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual depois de peleijar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, e era casado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço delRey gastou graõ parte, atè perder a vida, como diremos.

Perda dos nossos nesta desordem.

171 Vendo se Rumecaõ com taõ inopinada victoria, havida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do successo, resoluto a ver o fim da empreza, para a qual começou a achar nos seus mais prompta obediencia, perdendo na experiencia daquelle dia muita parte do temor, que tinhaõ a nossas armas. Deu logo conta ao Soltaõ da victoria, que na Corte se festejou com alegrias publicas, e Rumecaõ recebeo delRey honras de homem victorioso, sendo daquelle dia em diante mais assistido de gente, muniçoens, e dinheiro, acodindo muita parte da nobreza a militar

Animase Rumecaõ cõ este successo.

litar com elle, esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtando-lhe por baixo a terra, para que descarnado arruinasse o peso, faltando o fundamento sobre que assentava. Este desenho divertio D. Joaõ Mascarenhas, mandando fazer outro forte por dentro, que fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra, era mais defensavel. Naõ se pode esconder a Rumecaõ a obra, e carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravaõ de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzías de fogo, huns com pontaria certa nas partes que descobria o muro, e outros por elevaçaõ, com que feriaõ a nossa gente, mais attenta ao trabalho, que à defensa; polo que o Capitaõ ordenou se trabalhasse de noite com luzes escondidas, pondo as pedras pela estimaçaõ, e tino, do que tinhaõ desenhado de dia. *Continua as minas, e os nossos os reparos.*

172 Rumecaõ altivo, e confiado com o bom rosto, que lhe mostrou a guerra na ultima peleija, como em desprezo da vinda do Governador, que se esperava, começou a edificar huma nova Cidade, como quem jà lograva os ocios do triumpho na imaginada victoria; ou fosse por dar aos seus confiança, ou que obrava como homem credulo na prosperidade dos successos, que jà se promettia; fez Palacios para sua pessoa com a policia, e grandeza, que pudéra em huma paz ociosa. Para os Cabos maiores ordenou aposentos, empenhando-os a defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica naõ menor artificio, que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte, que se serve da Alfandega *Fabrica huma nova Cidade.*

para a Villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui groſſas amarras, terraplenou igualmente, por onde (como em ponte, ainda que tremula ſegura) tinhaõ facil paſſagem os carros, que baſteciaõ a Cidade. Da confiança, com que Rumecaõ ſe dava a taõ cuſtoſa fabrica, ſe derramou huma voz por muitos Reynos veſinhos, e diſtantes de Cambaya, que era perdida a noſſa fortaleza; e eſta fama como grata aos ouvidos dos Mouros, e Gentios, ſe eſpalhou por todo o Oriente, atè chegar a receber o Soltaõ congratulaçoens de muitos Principes, que lhe davaõ emboras da victoria. Em Goa ſe ouviaõ os eccos deſta nova com temor, e ſilencio, e ainda que vaga, e ſem autor, chegou aos ouvidos do Governador, fazendo ſe mais certa pelo ſecreto, e recato, com que huns a referiaõ a outros.

Cuidados do Governador.

173 Eſta deſgraça que ſe temia, parecia, que tomava certeza da tardança que havia nos aviſos de Dio; porque nem da armada de D. Alvaro ſe ſabia couſa certa, e os que queriaõ divertir o Governador, mais podiaõ deſprezar, que negar a fama que corria, e elle, ſendo o mais intereſſado, vendo quaõ neceſſario era animar o povo, moſtrava hum coraçaõ inteiro, deſmentindo com o ſemblante as novas, que temia.

Chega do Reyno a Goa Dom Manoel de Lima.

174 Com eſte cuidado paſſava o Governador, divertindo-ſe com os negocios, e apreſtos da armada, que ſollicitava com viva diligencia, quando lhe deraõ aviſo, que na barra ſurgíra huma nao do Reyno, de que era Capitão D. Manoel de Lima, e ſe apartàra de cinco mais, que vinhaõ na meſma conſerva, à ordem de Lourenço Pirez de Tavora. Das outras vi-

nhaõ

nhaõ por Capitaens D. Joaõ Lobo, Joaõ Rodriguez Peçanha, Fernando Alvarez da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de D. Manoel de Lima, pola pessoa, e pola occasiaõ. Vinha provído na fortaleza de Ormuz, que ElRey lhe deu por desviar alguns encontros entre elle, e o Governador Martim Affonso de Sousa, com quem andava atravessado, esperando que viesse da India para lhe pedir satisfação de algumas queixas. Estes desabrimentos curou ElRey, como pay, interessado na paz de hum, e outro vassallo. Quizera D. Manoel partirse logo a Dio com trezentos soldados à sua custa, porèm o Governador o divertio, querendo acompanharse delle na armada, servindo se de seu valor, e experiencia na facção presente.

175 O Governador andava sobre maneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a Capitaina em que fora D. Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indiciar de longe as novas que trazia. Occorreo à praia grande parte do povo, solicito a perguntar pelos filhos, parentes, e amigos, e os menos empenhados pelo commum do Estado. O Capitaõ foi levado aos Paços do Governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas, e molestas perguntas. Achou o Governador com o Bispo D. Joaõ de Albuquerque, e Fr. Antonio do Casal Custodio dos Franciscos. A primeira cousa, que o Governador perguntou foi, se estava ainda a fortaleza por ElRey seu Senhor? ao que o Capitão respondeo, que estava, e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o Governador, com os olhos no Ceo, deu a Deos as graças, não sem derramar lagrimas, sig-

Tem o Governador novas de Dio.

Piedade, e alegria cõ que as recebeo.

Valor com que se portou na morte de D. Fernando seu filho.

nificadoras da piedade com Deos, e do zelo com seu Principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeo com tanta constancia, que os de fòra lhe não conhecèrão mudança no rosto, ou nas palavras, como se fora fraqueza parecer pay, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercè ao Capitaõ, e o mandou que fosse alegrar a Cidade com as novas que trazia, e logo recolhendo-se chorou em secreto o filho, esperando tempo à dor, sem injuria do lugar, e do animo. Aquelle mesmo dia aportou o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas falleceo no mar. Foi o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que se deviaõ à pessoa, acompanhado do Governador, Nobreza, e Povo, deixando de si este fidalgo saudosa memoria.

Procissaõ em acçaõ de graças.

176 Ao seguinte dia se fez huma solemne procissaõ de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o povo na morte de seu proprio filho. Por este navio soube da saida que os nossos fizeraõ desordenada, e forçosa, que fora occasiaõ de tantas mortes, e do perigo em que ficava D. Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida, que a memoria.

Soccorro manda a Dio.

177 No mesmo dia despedio Vasco da Cunha, para que fosse pelas bahias, e enseadas da Costa, recolhendo os navios da armada de D. Alvaro, e os levasse a Dio. Por elle escreveo a D. Joaõ Mascarenhas congratulaçoens da honra, que havia ganhado, não menos para si, que para o Estado; affirmandolhe, que em breves dias iria avistar a Dio com todo o poder do Estado, para o que não perdoava a nenhuma des-

pesa,

pesa, ou diligencia; e que em quanto se apreſtava a armada, lhe mandaria ſoccorros, que baſtaſſem a aſſegurar a fortaleza, e enfrear o inimigo; o que executou promptamente, porque logo apos Vaſco da Cunha, deſpachou a Luis de Almeyda com ſeis caravelas, e quatrocentos ſoldados, com muitas muniçoens, e baſtimentos, e graõ copia de materiaes importantes para as neceſſidades do cerco. E foi tão incanſavel a diligencia, com que ſe apreſtava, que em breviſſimo tempo ſe poz de verga dalto toda a armada, e ſó lhe faltavão os ſoccorros de Cananor, e Cochim para levarſe; porque era tal o amor, e obediencia com que lhe aſſiſtiaõ, que as Donas, e Cavalleiros de Goa, lhe vinhaõ a offerecer os filhos, e a fazenda; levando eſta armada tantas bençoens do povo, como outras ſoem levar lagrimas, e queixumes.

Chega Vaſco da Cunha a Baçaim.

178 Vaſco da Cunha ſeguindo a inſtrucção, que levava, foi recolhendo os navios, que achou naquellas enſeadas deſaparelhados da tormenta, e com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitão mòr D. Jeronymo de Menezes com quinze navios apreſtados para ſoccorrer Dio, empenhado de novo com o ſentimento da morte de ſeu irmão D. Franciſco, que temos referido; porèm havia retardado a partida alguns dias, por ter aviſos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o viſſe auſente, diverſaõ procurada pelo Soltaõ em beneficio dos cercadores. D. Jeronymo, vendo-ſe mais empenhado na defenſa de Baçaim, que no ſoccorro de Dio, entregou a Vaſco da Cunha os navios; o qual partido encontrou a Luis de Almeyda com as ſeis caravelas, e todos em conſerva entràraõ em Dio, repreſentando ſoccorro mais crecido no numero dos vaſos; porèm a

Entra em Dio com Luis de Almeyda.

for-

fortaleza ficou assegurada da fome, e do perigo; e os soldados pagos, e bastecidos, mais desejavaõ, que temiaõ a guerra.

Vay Luis de Almeyda esperar as naos de Meca.

179 Era jà o tempo em favor dos nossos, e começavaõ a senhorear o mar os navios do Estado. D. Alvaro, como Capitaõ mòr do mar, mandou a Luis de Almeyda com tres caravelas, de que elle hia por Cabo, e nas duas Payo Rodriguez de Araujo, e Pedro Affonso, com ordem, que fossem demandar a barra de Surrate a esperar as naos de Meca, que viessem buscar aquelle porto; os quaes seguindo sua viagem, a poucos dias vìraõ atravessar duas naos, huma grossa, outra de menos porte. Logo que Luis de Almeyda as avistou, foi demandalas com os traquetes dados. Vinhaõ as naos arrasadas em popa, e tanto que houveraõ vista de nossas caravelas, voltàrão noutro bordo; mas como as caravelas hiaõ mais boyantes, e eraõ mais ligeiras, soltando as vèlas, as alcançàraõ logo. Luis de Almeyda abordou a nao grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro parente de Coge Çofar, que fiado na grandeza da nao artelharia, e gente, que trazia, começou a defenderse, ateando se entre huns, e outros huma bem renhida contenda. De ambas as partes se derramava sangue; peleijavão os Mouros por necessidade, os nossos por officio; e como eraõ melhores no valor, e disciplina, entràrão a nao, onde os Mouros, com a ultima desesperação mais atrevidos, peleijavão como para acabar vingados, atè que com a morte dos principaes se rendèrão os outros. Ao Janizaro acharaõ atravessado de muitas feridas, o qual Luis de Almeyda mandou passar à sua caravela, e curar com resguardo. A outra nao rendeo Payo Rodriguez de A-

Toma duas.

raujo

raujo com leve resistencia. Depois deste feito se deteve Luis de Almeyda naquella paragem os dias de seu regimento, nos quaes tomou algumas embarcaçoens de mantimentos, que hiaõ bastecer o exercito, fazendo varar outras em terra, com que se conheceo alguma falta na provisaõ do Campo, e logo entrou em Dio com as naos da presa, e os Mouros enforcados nas vergas, dando estranho pesar ao Campo taõ lastimosa vista. Rumecão offereceo polo Capitão Janizaro, que (como dissemos) lhe era conjunto em sangue, trinta e dous mil pardaos de ouro; porèm D. Alvaro mandou que o enforcassem, porque não viera a vender sangue, senão a derramalo; que dos Mouros não queria outro despojo, que as cabeças. Espantou a Rumecaõ a ira, aos Turcos o desprezo, e por não ter D. Alvaro embainhada a espada dos seus, em quanto não chegava a batalha, mandou alguns navios de Baçaim, e Chàul tomar as Gelvas, que basteciaõ o inimigo; o que fizerão tão ditosamente, que prearão quatorze, trazendo pelas vergas os Mouros enforcados, de que jà era menor o sentimento, que o espanto, vendo que não tinha a colera, e vingança dos nossos, piedade, ou limite.

Entra em Dio com ellas.

Naõ quer D. Alvaro resgatar hũ Janizaro, e manda-o enforcar.

Tomaõ os nossos quatorze Gelvas ao inimigo.

180 Entretanto Dom Joaõ de Castro, resolvendo comsigo dar a ElRey de Cambaya hum castigo, de cujo exemplo resultasse nos Principes da Asia a paz, e reverencia do Estado; quiz primeiro palpar, ou satisfazer aos juizos de fóra, para que os que approvassem o intento, achasse dòceis na execuçaõ de seu mesmo conselho. Para este effeito chamou a si o governo da Cidade, Ecclesiastico, e Secular, com os fidalgos, e soldados de nome, aos quaes declarou o animo, com que

O Governador declara em conselho a resoluçaõ de ir a Dio.

que eſtava de ir deſcercar peſſoalmente a Dio; e dar a Rumecaõ batalha em ſeus alojamentos; que dado que todos o ſabiaõ como particulares, lho queria certificar em commum, para que na approvaçaõ da Republica levaſſe como parte da victoria a juſtiça da cauſa. Ouvido o Governador, agradecéraõ todos em primeiro lugar a modeſtia de ſe querer ſubordinar miniſtro independente; logo o fervente zelo, com que queria em ſerviço da patria ſacrificar a vida ſobre o ſangue ainda freſco de ſeus proprios filhos. Chegados a votar na materia, diſcorrèraõ com ſentimentos differentes. Dom Diogo de Almeyda Freire Capitaõ mòr de Goa, a quem os annos, e os caſos da guerra, tinhaõ dado experiencias largas, fallou deſta maneira.

Parecer de D. Diogo de Almeyda em contrario.

, As pequenas forças, que hoje temos, ſaõ , formidaveis a noſſos inimigos, em quanto as naõ , conhecem, porque toda eſta Aſia avalia noſſo po- , der pelas victorias, mais que pelos ſoldados, de- , ſorte, que ſó a fama das couſas paſſadas nos , conſerva as preſentes. Tem Voſſa Senhoria junto , neſta armada todo o poder da India, com que , apenas podemos contar dous mil Portuguezes, e , tentamos eſtremecer o mundo com brado taõ pe- , queno. Eſta arvore do Eſtado, de cujas ramas pen- , dem tantos troféos ganhados no Oriente, tem , as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas, , convem que a ſuſtentemos, arrimada na paz de , huns, e no reſpeito dos outros. Nunca podemos , reſponder ao que ſe eſpera de noſſas forças jun- , tas, porque huma victoria pouco nos acredita, , e hum ſó eſtrago nos acaba. Temos a noſſa for-

, taleza

,,taleza soccorrido, de que serve em huma chaga
,,jà curada esperdiçar o remedio das outras? Que
,,nova prudencia nos ensina aventurar em huma só
,,batalha, o que se tem ganhado em tantas victo-
,,rias? Temos poder para nos conservar inteiros,
,,naõ temos forças para nos reparar perdidos.
,,Nenhum grande soldado deu batalha campal,
,,senaõ necessitado, porque onde o destroço cos-
,,tuma ser igual, só fica com o victorioso o cam-
,,po, e a fama inutil. De Dio naõ queremos, nem
,,podemos ter mais, que a fortaleza, pois com
,,que furia cega tornamos a comprar com nosso
,,sangue, o mesmo de que somos senhores? Que
,,novos povoadores temos para habitar a Ilha?
,,De que parte do Mundo podemos trazer outros,
,,que deixem de ser Mouros, ou Gentios, de fé
,,taõ incerta com o Estado, como estes, que ago-
,,ra nos offendem? Vamos a peleijar com Turcos,
,,e com Mouros superiores em numero, iguaes em
,,armas, e disciplina; se tivermos hum successo
,,adverso, naõ temos salvaçaõ, porque a terra he
,,sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fruito
,,tiramos da victoria. Com armas navaes conquis-
,,tamos a India, com ellas a havemos de conser-
,,var porque temos a vantagem dos vasos, e da
,,marinharia. Se naõ queremos vencer, senaõ em
,,batalhas, arrasemos as nossas fortalezas, derri-
,,bemos os muros das Cidades. Se me dizem que he
,,honra do Estado arruinar por huma offensa hum
,,Reyno, jà estivera despovoado o Oriente, se to-
,,dos os que nos fizeraõ guerra, recebessem o ul-
,,timo castigo. Por ventura accusarémos a Affon-
,,so de Albuquerque, porque depois de sofrer

,, tantas hoſtilidades, e enganos dos Reys, e Go-
,, vernadores de Ormuz, o naõ deixou abraſar?
,, Perdèra aquella grande fama, que mereceo na
,, terra, porque nas offenſas, e cavillaçoens do
,, C,amorim, naõ deixou o Malabar deſtroido?
,, Macularà Nuno da Cunha aquelle illuſtre nome,
,, porque depois das traiçoens de Badur, naõ fez
,, guerra a Cambaya? Iremos deſtruir ao Turco,
,, polo atrevimento, com que cercou o ſeu Baxà
,, a noſſa fortaleza? Apreſtaremos noſſas armadas
,, contra o Achem, porque tantas vezes nos aſſal-
,, tou Malaca? Meteremos a fogo, e ſangue eſte
,, Hidalcaõ, por nos tolher cada dia os mantimen-
,, tos, e inquietar as terras de Bardés, e Salſete?
,, Que deſeſperaçaõ nos arraſtra a offerecer a gar-
,, ganta do innocente Eſtado ao cutelo inimigo?
,, Eſta armada taõ eſpantoſa nas apparencias, e
,, no poder taõ dèbil, he freo a Rumecaõ, aos
,, noſſos muro; porèm deſembarcados em terra
,, eſtes poucos ſoldados, abrirà o Oriente os olhos
,, ao ſegredo de noſſas forças, e todos eſtes Prin-
,, cipes trabalharàm por romper a fraqueza das pri-
,, zoens, em que os temos atados. Gloria foy do
,, Imperio Romano vencer muitas batalhas Quin-
,, to Fabio Maximo; depois foy ſalvaçaõ eſcuſar
,, huma. Os primeiros Conquiſtadores nos fizeraõ
,, a caſa, a nòs ſó toca o conſervala. Se na oppug-
,, naçaõ de Dio, perdeo o inimigo hum exercito,
,, que falta a eſta facçaõ para victoria? E que para
,, caſtigo? A offenſa intentaſe com forças iguaes; a
,, vingança com muito ſuperiores, porque naõ ſe
,, ha de ir a ſatisfazer hum aggravo com riſco de no-
,, va injuria. Mòrmente, que em nada tem a fortuna
,, maior

,, maior Imperio, que nas cousas de guerra; al-
,, cançaõ-se muitas vezes as victorias por leves ac-
,, cidentes, e por outros se perdem. Serà pois
,, justo deixar na contingencia de hum successo
,, o cetro Oriental, com espanto, e enveja das
,, gentes, fundado sobre tantas victorias? Se
,, perdermos esta armada, onde està junto todo
,, o poder da India, que thesouros poupados tem
,, Sua Alteza para nos mandar outra? Começare-
,, mos a rogar, ou a consquistar de novo os Prin-
,, cipes da India; tornaremos à sua infancia este
,, Imperio jà encanecido; viveremos na cortezia
,, das Coroas, que temos offendido, ficando crea-
,, turas miseraveis daquelles, de quem fomos Se-
,, nhores.

182 As razoens de Dom Diogo de Almeyda satisfizeraõ aos de sua opiniaõ; aballàraõ os que tinhaõ outra; porèm Dom Joaõ de Castro, seguro na resoluçaõ tomada, discorreo em contrario dizendo. Que nenhuma naçaõ dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz, e da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas, que tinhamos na India, se conservavaõ com as mesmas armas, com que foraõ ganhadas; que o respeito, que nos tinhaõ os Mouros, e Gentios, naõ duraria mais, que atè saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes Principes estavaõ attentos ao castigo de Cambaya, e naõ ouzàraõ atègora ajudala com forças auxiliares, temerosos de poderem cair sobre suas ruìnas; porèm se vissem que nos contentavamos *Reposta do Governador.*

com reparar os estragos de nossa fortaleza, e atar as feridas, que nos tinhaõ aberto, as tornariaõ a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coraçaõ do Estado; que a reputaçaõ era alma dos Imperios; o sofrimento nos particulares, virtude; nas Coroas, ruìna; que tinhamos perdido neste cerco tantos fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, e soldados de nome, que cobririaõ os vivos, como sinaes infames, as feridas que recebèraõ nesta guerra, se as naõ vissem vingadas; que ficava que contar ao Mundo deste cerco, senaõ a paciencia com que o toleramos? Que o Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drógas do Oriente; as quaes só eraõ de preço, quando as recebiamos, naõ por comercio, senaõ como tributo; que ultimamente, naõ queria que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de Dom Joaõ de Castro; que elle estava resoluto a pelejar, a culpa seria de hum só, a victoria de todos. Referio o Governador estas palavras com hum espirito presago do triunfo antevisto, ou da esperança do successo, ou da grandeza do animo.

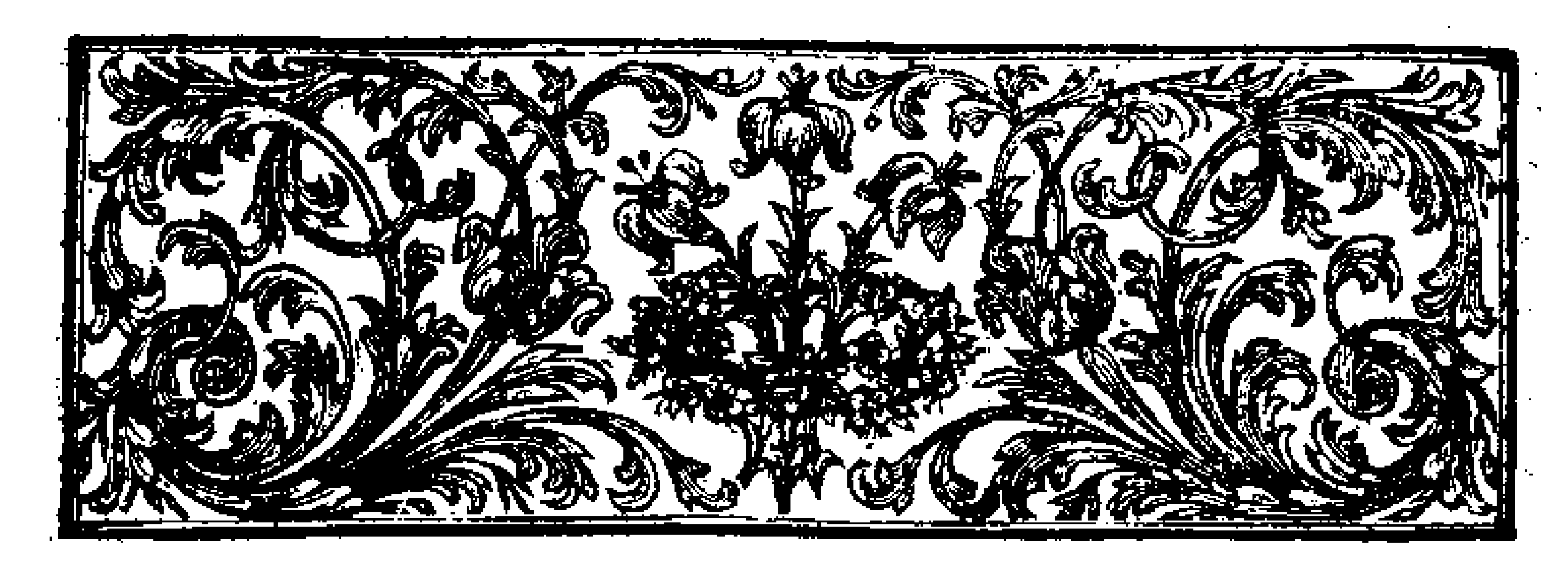
Continua Rumecaõ com outras minas.

183 Em Dio naõ estavaõ ociosas as armas; porque Rumecaõ valeroso, e constante, naõ o assombravaõ os danos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o Governador vinha em pessoa, ainda estimado por maior na fama, que na apparencia; mas nem assi dobrou da resoluçaõ de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta, em que estava Antonio Freire, e ainda que se trabalhava com estranho silencio

lencio, divertindo a attençaõ dos nossos com ar dìs differentes, o Capitaõ mòr, a quem nenhum caso, ou accidente achava descuidado, lhe penetrou a obra, à qual contrapoz os mesmos reparos, que outras vezes. Deraõ os Mouros fogo à mina em dez de Outubro, a qual rebentou sem dano pela face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, e viraõ os Mouros por dentro outra parede levantada, espantados de que àntevíamos os fins de todos seus desenhos, naõ lhes valendo a força, nem a industria contra taõ valerosos, e prevenidos inimigos. Rumecaõ ainda que experimentava que nas minas era menor o fruito, que o trabalho, ou por cansar os nossos, ou por ter os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo tambem conhecidas, se atalhàraõ, as quaes naõ referimos, porque naõ involvèraõ successo memoravel, como por evitar o fastio de relatar cousas taõ parecidas. *A que deu fogo, sem dano nosso.*



VIDA



VIDA DE DOM JOAÕ DE CASTRO.

IV Viso-Rey da India.

LIVRO TERCEIRO.

1 OS dezesette de Outubro deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, entregando D. Joaõ de Castro o governo da Cidade ao Bispo D. Joaõ de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeida Freire, soltou as vélas em direytura a Baçaim; onde quiz esperar alguns soccorros, e mantimentos, que vinhaõ retardados, porque fez opiniaõ de naõ estar o Governador da India em Dio hum só dia cercado, querendo com a felicidade de Cesar chegar, ver, e vencer.

Parte o Governador para Dio.

2 Constava a Armada de doze galeoens grossos,

ſos, de que era Capitaina S. Diniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros eraõ Capitaens Garcia de Sá, Jorge Cabral, Dom Manoel da Sylveira, Manoel de Souza de Sepulveda, Jorge de Souza, Joaõ Falcaõ, Dom Joaõ Manoel Alabaſtro, Luis Alvares de Souſa. Os navios de remo eraõ ſeſſenta, de que eraõ os principaes Capitaens Dom Manoel de Lima, Dom Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, Dom Diogo de Sottomaior, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Peres de Andrade, Dom Manoel Dèça, Jorge da Sylva, Luis Figueira, Jeronymo de Souſa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serraõ, Coſme Fernandes, Manoel Lobo, Franciſco de Azevedo, ~~Pero de~~ Ataide Inferno, Franciſco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Coſme de Payva, Vaſco Fernandes Tanadár mòr de Goa, Cabo de quinze fuſtas, cotìas, e taurins, em que hiaõ os Canarins de Goa, e outros navios de Cananor, e Còchim. *Com que armada, e Capitaens.*

3 Em ſeis dias afferrou Baçaim, vindo buſcallo ao navio Dom Jeronymo de Menezes ſeu cunhado, Capitaõ mòr daquella fortaleza, conſolando-ſe reciprocamente hum na morte do irmaõ, outro do filho. E porque o Governador naõ queria ter ocioſas as armas, deſpachou Dom Manoel de Lima com ſeis navios ligeiros, para que na enſeada de Cambaya fizeſſe algumas preſas nos navios, que ſoccorriaõ, ou baſteciaõ o Campo do inimigo. Naquella paragem andou alguns dias, em que tomou ſeſſenta cotìas de Mouros com mantimentos; mandou eſpedaçar os corpos, e trazidos à toa, os ſoltou nas bocas dos rios, para que a *Chega a Baçaim, e faz guerra a Cambaya.*

cor-

corrente os levasse à Ilha, onde fossem vistos com horror, e espanto, de que a ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento, se recolheo Dom Manoel com sessenta Mouros pendurados nas vergas dos navios, espectaculo mais grato à vingança, que à humanidade. O Governador alegrando-se com estes ensayos da guerra, que emprendia, tornou a mandar Dom Manoel de Lima com trinta navios, e instrucçaõ, que todo o maritimo de Cambaya pozesse a ferro, e fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruìnas.

4 Lourenço Pires de Tavora, Capitaõ mòr das nàos do Reyno (como temos referido) aportou em Cochim com os mais navios de sua companhia, e achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo que acharia o Governador em terra, e sabendo que se tinha levado toda a Armada, ròta batida foy demandar Dio, antepondo o serviço Real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguiraõ muitos Fidalgos Reinoes, sendo a primeira terra, que pisàraõ da India, as ruìnas da nossa Fortaleza. Entre os quaes passou Dom Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia, com sessenta Soldados à sua custa, que estas eraõ as riquezas, que os Fidalgos daquelle tempo hiaõ buscar ao Oriente, porque eraõ entaõ melhores drògas as feridas, que agora os diamantes. Nestas nàos teve o Governador cartas do Infante Dom Luis, que referiremos, porque se veja a attençaõ, com que o Rey, e o Infante olhavaõ as acçoens mais pequenas dos Ministros, fazendo dellas acertado juizo, para lhes responder com

Lourenço Pires o vay buscar.

E outros Fidalgos.

com premio, ou castigo, e a singeleza do trato, taõ alheo da soberania, ou altivez de outros tempos; e naõ serà para os saudosos daquella idade prolixa esta memoria.

Carta do Infante D. *Luis.*

, HOnrado Governador, pelas cartas, que escrevestes a ElRey meu Senhor, e a mim,
, ví o discurso de vossa viagem depois de partido
, de Moçambique atè chegar à India, e o que nel-
, la fizestes atè a partida das naos, e o estado em
, que achastes a terra, e a condiçaõ dos homens,
, e devassidaõ dos tratos, e a fraqueza da Armada,
, e como vos houvestes com o Hidalcaõ nas cousas
, do Meàle, e assi nas cousas de Ormuz, e com
, os Fidalgos, que tinhaõ licenças de Martim Af-
, fonso para levarem là drôgas, e tudo mais que
, por vossas cartas dizeis. E porque ElRey meu Se-
, nhor vos responde a todas estas cousas em parti-
, cular, o naõ farei eu, senaõ em somma. E po-
, rèm naõ deixarei de dizer quanto me assombrou
, cà em terra o perigo, que passastes a travez da
, Ilha do Comaro, porque verdadeiramente foi
, acontecimento mui grande, e temeroso; e po-
, rém eu o tômo como por boa estrea, porque me pa-
, rece que vos quiz nosso Senhor mostrar nisto,
, que vos ha de salvar dos perigos da terra da India,
, para que he necessario tanto milagre, como usou
, comvosco em vos salvar de tamanho perigo; po-
, lo que eu lhe dou muitas graças, e folguei de
, saber que Dom Jeronymo de Noronha vos teve

, companhia neste perigo, pois nosso Senhor tam-
, bem o salvou a elle, e he cousa de homem taõ
, honrado, como elle he, participar dos perigos,
, e trabalhos de seu Capitaõ. Quanto às mais cou-
, sas, que me escreveis, porque ElRey meu Se-
, nhor vos responde a todas em particular, e eu
, fui presente às mesmas repostas, me pareceo acer-
, tado tornarvolas a referir, porque por suas car-
, tas vereis o contentamento, que tem, de como
, nessas partes o começais a servir, e a boa opi-
, niaõ, que a gente tem de vós, o que particular-
, mente vos manda que façais em cada cousa. O
, que vos eu disto mais posso dizer, he que estou
, mui contente do modo, que levais nas cousas
, dessa terra, e do que nella fazeis, e dizeis,
, porque bem se mostra nisto, que o passar tantos
, climas, vos naõ mudou de quem ereis, e da
, conta, em que vos eu sempre tive: porque vos
, naõ contentais de mostrar isto assi por obras, mas
, àlem disso vos is sempre penhorando com palavras
, de demonstraçoens a fazer o mesmo; o que eu
, tenho por mui certo que vós fareis sempre intei-
, ramente, quanto humanamente se poder fazer.
, Do modo que escrevestes a Sua Alteza naõ estou
, menos contente, porque vieraõ vossas cartas mui
, bem ordenadas, e nellas todas as cousas neces-
, sarias, e nenhumas superfluas; e bem se vé nel-
, las o mesmo, que assima digo, e que entendeis
, as cousas, e que tendes zelo, e desejo de as fa-
, zer sem respeito temporal de amor, nem interes-
, se; o que muito folgo de vos ouvir, porque
, ainda que eu tenho por certo que o fareis assi,
, parece huma grande avondança de coraçaõ, e de
, virtu-

, virtude, que nelle tendes, folgardes tanto de o
, dizer; polo que eu espero em nosso Senhor que
, vos ha de comprir vossos bons desejos, e que vos
, ha de trazer dessa terra com muito vosso con-
, tento, e honra: porque naõ póde deixar de suc-
, ceder isto, a quem nenhuma cousa procura, se-
, naõ o serviço de Deos, e de seu Rey; ainda que
, vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembro-
, vos, que nelles està o merecimento das cousas;
, e que a Christo Senhor nosso conveo passallos
, para entrar na sua Gloria; e se vos parecerem
, as cousas difficiles, lembre-vos que estas saõ as
, em que Deos poem a maõ, e o que ajuda a quem
, o serve nellas com atençaõ, com que vòs o fa-
, zeis, e os homens naõ pódem pór mais de sua
, casa que a vontade, e diligencia; e porisso Saõ
, Paulo naõ attribuia a si, mais que o plantar das
, cousas, porque Deos ha de dar o incremento; e
, assi o darà elle em todas vossas cousas, como as
, plantardes com o zelo, que eu confio que vós
, tendes em todas, e por isso vos naõ espantem
, as grandes, nem tinhais em pouco as pequenas,
, fazei igual ponderaçaõ, e os fins dellas remetteios
, a nosso Senhor; e posto que algumas vos naõ sa-
, iaõ como desejais, nunca entre em vós descon-
, fiança, em quanto fizerdes as cousas com justo
, zelo, e limpa tençaõ: porque muitas vezes per-
, mitte nosso Senhor aos que o mais servem, que
, façaõ erros, para que mereçaõ na paciencia, e
, na confiança delle, e se espertem mais nas cou-
, sas, e se accrescentem em maior perfeiçaõ. Fa-
, zei justiça, como a entenderdes, tomando sem-
, pre conselho, e parecer nas cousas, como fazeis;

, conſervaivos na limpeza de voſſa peſſoa ; que
, uſais à cerca dos combates dos goſtos temporaes,
, e intereſſes deſta terra , e com iſto venha o que
, vier , porque tudo ſerà para bom fim. Nas cou-
, ſas , que tocaõ ao culto Divino , na converſaõ
, dos infieis , vos eſmerai muito , porque eſtas ſaõ
, as armas , que principalmente haõ de defender
, a India. Procurai de lançar deſſa terra as deſpe-
, zas ſobejas dos homens , e as branduras , e de-
, licadezas , de que uſaõ ; e os veſtidos , e para-
, mentos de caſas , que trataõ , diſpondo-os para
, eſtas couſas branda , e ſuavemente com o exem-
, plo , que lhe dais , e de voſſos filhos ; e com fa-
, zer favor , e mercè aos que uſaõ do contrario;
, e ſe eſtas couſas naõ puderdes emendar , naõ vos
, eſpanteis diſſo , porque as que ſe danaõ com
, tempo , com tempo ſe haõ de tornar a emendar,
, e naõ ſe podem remediar de improviſo ; poriſſo
, ide continuando com voſſo bom propoſito , e
, fazendo as couſas ſegundo a diſpoſiçaõ do tempo,
, e o ſujeito das peſſoas , em que haveis de obrar,
, que com iſto eſpero em noſſo Senhor, que encami-
, nhe todas as voſſas couſas a ſeu ſerviço , e ao de
, ElRey meu Senhor , e voſſa honra , como deſe-
, jais. Quanto ao que me dizeis ; que procure que
, voſſa eſtada ſeja là breve , bem vejo que tendes
, muita razaõ de o deſejar aſſi , e me parece que
, ſenaõ póde tratar atè naõ ver as voſſas cartas ,
, que eſte anno embora viraõ , e por iſſo deixo a
, repoſta deſte ponto , para o anno , que embora
, virà. E àcerca do que me eſcreveis de Dom Al-
, varo voſſo filho , eu fallei a Sua Alteza naquelle
, negocio , e Sua Alteza o conhece bem , e eſtà bem
infor-

, informado das qualidades de ſua peſſoa, e deſe-
, ja de lhe fazer honra, e mercè; e porèm por al-
, gumas razoens, que Sua Alteza vos manda eſcre-
, ver, e porque eſte anno eſcreve que naõ manda
, là nenhum deſpacho, houve por bem deferir eſ-
, te para reſponder a elle o anno que vem, e per
, entretanto lhe manda fazer a mercè, que vereis
, por ſuas Proviſoens. A mim me fica muito bom
, cuidado de lhe lembrar tudo o que a voſſos fi-
, lhos toca; eſpero em noſſo Senhor que ſe faça
, de maneira, que elle receba honra, e mercè de
, Sua Alteza, como voſſos filhos, a quem deſeja
, fazer o que vòs lhe mereceis; e podeis ter por
, certo, que Sua Alteza eſtà em mui verdadeiro
, conhecimento da vontade, com que ſervis, e
, mui contente do modo, que o tendes feito atè-
, qui. Eu fallei a Sua Alteza em Affonſo de Ro-
, jas, e por voſſo reſpeito lhe fizera logo a mercé,
, que lhe eu pedi, mas porque (como digo) man-
, da dizer às peſſoas, que andaõ na India, que eſ-
, te anno naõ manda là nenhum deſpacho, diffe-
, rio o de Affonſo de Rojas para o anno que vem,
, e diz que para entaõ lhe farà mercé; eu terei
, cuidado, ſe a Deos aprouver, de vos mandar a
, Proviſaõ, e folgo eu muito das boas novas, que
, me dais de Affonſo de Rojas, e de crer he, que
, ſendo irmão do Meſtre Olmedo, e eſtando em
, voſſa companhia, naõ pòde deixar de ſer ho-
, mem de bem. O que me mandaſtes nas nàos, que
, vieraõ, me foi dado, e com tudo folguei, por
, ſer couſa, que veo da voſſa maõ, agradeçovo-
, lo muito. Eſcrita em Almeyrim a vinte ſeis de

, Março

, Março de mil quinhentos quarenta e sette.

O Infante Dom Luis.

Danos que faz D. Manoel de Lima em Surrate.

6 Partido de Baçaim Dom Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, e subindo por elle com a marè, avistou huma povoaçaõ grande, que ainda que naõ era habitada de Abexins, tinha delles o nome. Estava a povoaçaõ da banda de Levante, derramada em huma estendida planicie, e ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil vizinhos, que asseguravaõ a defensa com algumas trincheiras, sem outra fortificaçaõ, fiados quiçá em que os seus nesta guerra eraõ os invasores, e nas espaldas, que lhes fazia o exercito, que tinhaõ na campanha. Sahio Dom Manoel em terra, e os nossos com a mesma ordem, com que desembarcavaõ, hiaõ envestir o inimigo, mais valerosos, que disciplinados. Os Mouros tiveraõ animo para esperar, naõ para resistir, menos assombrados do temor dos nossos, que do horror de seus primeiros mortos, cujo sangue os intimidou de maneira, que voltáraõ as costas. Perecèraõ muitos na fogida, poucos na resistencia; foi o estrago grande, porque naõ perdoou a espada dos Soldados a sexo, nem a idade. Mandou D. Manoel pòr fogo às casas, abrazáraõ-se fazendas, e edificios. O furor desprezou a cobiça; mandou cortar as mãos a hum só Mouro, que deixou com vida, para que naõ levasse novas sem sinaes da victoria.

7 Sahio do rio a Armada, e costeando dous dias, houve vista da Cidade de Antòte, conhecida

cida pela soberba dos edificios, e riqueza de seus habitadores, grossos com o commercio maritimo. Estes prevenidos com o estrago alheo, resolvèraõ-se a defender suas casas, ou morrer dentro nellas; taõ iguaes andaõ na estimaçaõ com a vida estes bens da fortuna. Tomou Dom Manoel terra, inda que naõ sem sangue, porque os Mouros vieraõ esperar os nossos, mostrando-se na resoluçaõ soldados, mas naõ na disciplina, porque divididos em magótes, acometiaõ aos nossos com tiros vagos, e incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fogida. Dom Manoel os foy levando atè os encerrar na Cidade onde a vista das mulheres, e filhos os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos que tinhaõ inimigos, porque peleijavaõ com amor de pays, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como o valor naõ era natural, e nacia de affectos piedosos, ou cobardes, cedeo a piedade ao temor, deixandonos a Cidade, os filhos, e a victoria. E como Dom Manoel hia mais a destruir, que a vencer, deu a Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a muitas donzellas Bramanas, na cor, e fermosura, como as da nossa Europa, naõ perdoou a victoria, eximindoas da culpa o sexo, o parecer da espada. *Assola a Cidade Antòte.*

8 Foy Dom Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o naõ fartava o sangue, nem a victoria. Em fim se recolheo com mais gloria, que despojos, e achou o Governador jà na Ilha dos Mortos com toda a Armada junta, com a qual no seguinte dia, que foraõ seis de *E outros lugares, e recolhese.*

de Novembro, se fez na volta deDio; hiaõ os navios boyantes cheyos de flamulas, e galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

Chegao Governador a Dio.

9 Tanto que da Fortaleza descobriraõ a Armada, foy o contentamento universal de todos, como os que depois de tantos diluvios de sangue viaõ quem lhes levava a paz pela victoria. Embandeirou-se a fortaleza toda, vestindo-se de alegria as prostradas ruínas. Mandou o Capitaõ mòr desparar a artelharia. O Governador lhe respondeu do màr com huma espantosa salva, a que succedèraõ os instrumentos musicos, e guerreiros das trombetas bastardas, solemnizando com alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambem desparavaõ muitas peças, mostrando da chegada do Governador alegria, ou desprezo.

Faz conselho no mar.

10 Ficou Dom Joaõ de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu navio o Capitaõ mòr, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge Cabral, e outros Fidalgos de conselho; aos quaes significou a resoluçaõ, com que vinha de peleijar, sobre que naõ queria parecer alheo; que o Governador da India naõ desembainhava a espada para se defender, senaõ para castigar; que no modo de cometer o inimigo o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resoluçaõ tomada, apontando razoens, que ao Governador foraõ muy gratas, pola pessoa, e polos fundamentos. Sobre a fórma de peleijar se discorreo, e assentou o modo, que se teve encuberto atè execuçaõ. Ordenou que se metesse a gente na Fortaleza no silencio da noite, e em quanto desembarcava, com musicos instrumentos,

e tiros

e tiros dos navios occultar a Rumecaõ o intento. Em tres noites passou a gente à Fortaleza por escadas de corda; o que se obrou taõ cautamente, que o naõ pode entender o inimigo. *Mette a gente na fortaleza.*

11 Rumecaõ mostrando-se mais ouzado no perigo vezinho, disse aos seus; que se o Governador quizesse peleijar na campanha, entrariaõ os Mouros na Fortaleza pelas portas, e naõ pelas muralhas; que com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do Propheta; que pelejavão pola liberdade de tantos Principes, que gemiaõ opprimidos do peso da servidaõ, e tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum só dia; que com o peso de tantas victorias jà naõ podia o Estado; que ordenava a fortuna trazelos juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco com mandar, que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; eraõ os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a fama do valor, fizera conhecidos. Haviaõ chegado de refresco ao campo setecentos Janizaros, que quizeraõ, com soberba, militar separados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria. Guarneceo Rumecaõ as estancias, e poz o grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento à disciplina. Desta sorte esperou a invazão dos nossos, à resistencia prompto, e na batalha incerto. *Discurso de Rumeçaõ.* *Que exercito tinha.* *E como o dispoem.*

12 Tendo o Governador recolhido na Fortaleza jà todos os Soldados, achou sobre acometter o inimigo opinioens diversas; e como as razoens de huns, e outros cahiaõ sobre a contingencia do successo, não *Resolveo o Governador dar batalha.*

ſe podiaõ eſcolher, nem reprovar ſem o conhecimento do futuro a todos eſcondido. Garcia de Sà com a authoridade dos annos, do valor, e do ſangue diſcorreo outra vez ſobre conveniencias da batalha; mas D. Joaõ de Caſtro mandando guardar ſilencio a todos diſſe; que a ſorte eſtava jà lançada; que dos valeroſos ſeria bem julgado, dos fracos não queria approvação; e os de fóra eſperariaõ o ſucceſſo para fazer juizo. Aquella tarde gaſtou em diſpor os Soldados para o ſeguinte dia, para que a dilação não alteraſſe os animos, ou a reſolução. Ordenou que os bateis da armada eſperaſſem ſinal com tres foguetes da fortaleza, para que no meſmo tempo, que os noſſos determinaſſem ſair, foſſem remando contra aquella parte, donde o inimigo ſe temia, tocando os inſtrumentos de guerra, fingindo todas as demoſtraçoens de ſaltar em terra, metendo pelas perchas das fuſtas muitas lanças, cuja viſta daria apparencias ao engano; e a do Governador ſe daria a conhecer de longe pelo lugar, e bandeira Real, e pelos attavìos; ſimulação, que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

Ordem que deu à Armada.

13 Amanheceo o dia, em que ſe contavão onze de Novembro, dedicado à memoria do glorioſo S. Martinho Biſpo Turonenſe, que nos podia favorecer Santo, e ajudar Soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da Fortaleza com baſtão de General, veſtido de armas brancas com tanta mageſtade, que na peſſoa ſe reſpeitava o cargo. Celebrouſe Miſſa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos ſe pediſſe a victoria. Commungou o Governador, e a maior parte dos Soldados, e o Cuſtodio dos Franciſcos publicou indulgencia plenaria aos que morreſſem na batalha.

Faz outras prevenções

Aca-

Acabado este acto, mandou tirar as portas da Fortaleza; e guizar com ellas hum almorço aos Soldados, para que a confiança do General, e a desesperação de algum abrigo, igualmente servissem à victoria, fazendolhes o pelejar preciso, por gloria, ou por necessidade; disse assi aos Soldados.

, Entramos em huma batalha, onde vencidos honraremos nosso Deos com o sangue, vencedores nosso Rey com a victoria. A força do exercito inimigo saõ Turcos, e Janizaros, os quaes como Soldados mercenarios buscaõ a guerra, aborrecem a peleja. A outra parte se compoem de naçoens differentes, o soldo as obriga a estar juntas, mas não a estar conformes. Naõ saõ estes mais valerosos que seus pays, e avòs, não seraõ mais felices; a todos sujeitàraõ nossas armas. Este Imperio da Asia he filho de nossas victorias, criamolo em seu primeiro berço, sustentemolo agora jà robusto, que depois de largas idades nos ha de mostrar ao mundo com o dedo a fama deste dia. Animar a batalha, fora esquecerme que somos Portuguezes.

Falla aos soldados.

14 Nesta fórma tinha ordenado a gente. Deu a vanguarda a D. Joaõ Mascarenhas, devendoselhe este maior perigo, como premio dos outros; aggregoulhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A D. Alvaro de Castro outros quinhentos Portuguezes, em que entravaõ todos os Fidalgos, e Capitaens de sua Armada. A D. Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que seriaõ oitocentos Portuguezes com alguns Canarins, e Malabares.

Ordem em que os poz.

15 Os Mouros cada dia engrossavão o campo, e de

Comette a Armada terra.

de frefco tinhaõ chegado Alucaõ, e Mojatecaõ com cinco mil Soldados. Mandou o Governador fazer final à Armada com os foguetes, o qual conhecido, partio à voga arrancada; e arrimando-fe à praia, defparou a artelharia toda nas eftancias dos Mouros; efcondeo a fumaça os navios por hum efpaço largo, com que o inimigo não acodio ao que havia de temer, fenão ao que temia, folicito no perigo imaginado, defcuidado no certo. Rumecaõ com o groffo do exercito carregou àquella parte do mar a impedir a defembarcação aos noffos. O Governador fahio a efte tempo da Fortaleza com efcadas prevenidas para encoftar ao muro. D. Joaõ Mafcarenhas foi com os de fua companhia cingindo a cava, por fubir por aquella parte, onde eftava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, Antonio Moniz Barreto, que hia nefta conferva, encomendou a fua efcada a tres valentes Soldados; eftes foraõ os primeiros que enfangoentàraõ a victoria, fem que chegaffem a vela. Tinhaõ vindo aquelle anno nas naos do Reyno com Lourenço Pires de Tavora; eraõ naturaes da Villa do Torraõ, e traziaõ cartas a Antonio Moniz de fua mãy, que lhos recomendava, as quaes lhe deraõ eftando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos Soldados, que fe livraffe com vida, lhes faria bons officios com o Governador, ao que elles refponderaõ conformes, que fó naquelle dia neceffitavão de feu favor, que ao diante feus procedimentos lhes fariaõ paffagem, que lhe pediaõ lhes entregaffe aquella efcada, feguro de que a faberiaõ arvorar, e defender com as vidas. Antonio Moniz vendo brios tão honrados em Soldados humildes, lha entregou confiado, dizendo, fiava delles o credito, e a efcada, a qual logo

Acode alli Rumecaõ.

O Governador fae da Fortaleza.

Brio laftimofo de tres Soldados.

logo que levantàraõ, com desgraciado valor hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

16 Refirirei hum estranho desafio, que deixàra de escrever por lastimoso, senão fora tão illustre. D. João Manoel, e João Falcaõ, fidalgos de muita opiniaõ, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens vem a pesar aquillo em que se estimaõ. Tratàraõ de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz desta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravão na contenda com mais livre juizo, reduzíraõ a questaõ a mais honrado duello, discorrendo, que o Governador tinha a pique a jornada, e que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo; que pelo bando perdiaõ as cabeças; e que D. Joaõ de Castro não era pay, ainda que o parecia; sofria culpas, mas não atrevimentos, que podiaõ sancar as honras, onde arriscavão as vidas; concertando-se, que o q̃ primeiro, e com maior valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, e na commum batalha; inventando, com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizeraõ-se da proposta, hum, e outro inimigo, pediraõ a parentes, e amigos lhes tivessem as escadas, como homens, que haviaõ de pelejar pola honra do Estado, e pola sua. Começàraõ de sobir a hum mesmo tempo. D. Joaõ Manoel, lançando huma mão ao muro, lha levàraõ de hum golpe; acodindo com a outra tambem lhe foi cortada; soccorrendo-se dos contos para ferrar o muro, com hum golpe de alfange lhe levarão a cabeça. Joaõ Falcão accometteo ao mesmo tempo o muro, e tendo-o jà vencido, defendendo se valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual destes dous contendores

Desafio estranho.

dores deu maiores provas de valor, fizeraõ os Soldados de brio juizos differentes; nòs diremos em beneficio de ambos, que naõ devia mais à honra, quem deu tudo por ella.

Que faz D. Joaõ Mascarenhas.

17 Começou D. Joaõ Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencèraõ a resistencia; estes compràraõ a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no Campo, tendo o peso dos Mouros, em quanto lhes chegavaõ os companheiros. Os feitos de armas, que se obraraõ nesta primeira escala, se deixarão conhecer da postura com que se combatia; pois os Mouros pelejavão firmes, e os nossos pendentes. D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima atravessáraõ o muro por differentes partes, recebendo na maior resistencia maior dano. Perdèraõ alguma gente em quanto pelejavão derramados, logo que se formàraõ, deraõ lugar mais franco a que os seus sobissem.

Que faz D. Alvaro de Castro.

Perigo do Governador na ponte.

18 O Governador achou no raso maior perigo, que teve na sobida, porque encaminhou logo à ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, e muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Cometteo-a o Governador a risco aberto; o valor foy singular, o caso milagroso; porque chegando muitas vezes os Mouros o murraõ às peças escorvadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre opportuno; para accidente raro. Porèm naõ quiz o Ceo toda a victoria, porque crecendo os Turcos na defensa da ponte com escopetas, panelas de polvora, e lanças de arremeço, retardàraõ o impeto dos nossos. Alguns voltàraõ os rostos aos pe-

Livra por milagre.

pelouros, quiçà para moſtrarnos Deos quanto valemos, deixados em nòs meſmos; fogiaõ os fracos, detinhaõ-ſe os valentes, porèm Dom Joaõ de Caſtro a nenhum inferior no esforço, maior que todos no acordo, com alguns que o acompanhavaõ, cerrou com o inimigo, bràdando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Eſta voz ſe derramou com taõ felices eccos, que os noſſos outra vez unidos, buſcàraõ ſua bandeira, e os inimigos timidos, ou credulos, foraõ perdendo o Campo, ſendo eſta voz do General a porta, por onde entrou a victoria. Aqui fizeraõ os noſſos eſtrago, como de vencedores, e o que era ardil, jà parecia verdade. O Governador, ſem perdoar inſtante a ſua fortuna, foy atraveſſando o Campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conſelho, Dom Joaõ cercado de quaſi todo o exercito inimigo ſe acclamou victorioſo, fogindo por aquella parte os Mouros, ſem dano, mas jà deſordenados. Em fim tivemos por ſeu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador ſe affirmou ſem contradiçaõ, fóra elle o primeiro que cavalgàra o muro, e deſte feito naõ achou teſtemunha contra ſi, mais que a ſi meſmo, que liſamente diſſe, que Lourenço Pires de Tavora primeiro afferrára o muro, naõ querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por eſcuſado furtar honra, quem ſabia ganhala.

Acclama victoria.

E proſegue-a.

Que diz de Lourenço Pires.

19 Aviſado Rumecaõ da deſordem com que os ſeus fogiaõ, acodio com hum groſſo batalhaõ de Turcos a deter, ou eſtorvar a victoria, e como a vantagem do numero era taõ ſuperior, retra-

Oppoem-ſe Rumecaõ.

tardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foy derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador, bràdou impaciente: Que he isto Portuguezes? Tiraõvos das mãos a victoria? Tiraõvos a bandeira? E remetendo ao inimigo cuberto de huma adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, e com o exemplo animou os Soldados de maneira, que com furiosa corrente, fizeraõ retroceder aos Mouros, fogindo os ultimos com o terror dos primeiros.

Peleja o Governador pessoalmente.

20 Dom Alvaro de Castro, e Dom Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizeraõ envejar de seus Soldados, e de seus inimigos. Acomettèraõ a Alucaõ, e Mojatecaõ valentes Turcos, e Cabos principaes do exercito, que por muito espaço lhes fizeraõ duvidosa a victoria. O sangue tingia as armas, tingia a terra; a vozarìa dos Mouros estremecia o Campo, como perigo novo; o horror, e a confusaõ arrebatava os sentidos de sorte que muitos sentiaõ as mortes, primeiro que as feridas; cedeo em fim ao valor o numero, e os Turcos se retiràraõ com infinitos mortos, as estancias perdidas. Dom Joaõ Mascarenhas accometteo a Juzarcaõ, ao qual ganhou o posto, com naõ menos valor, nem peor fortuna. Rumecaõ naõ perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça esperou a ultima, formando seus esquadroens no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em taõ numeroso exercito, mais se conhecia o temor, que a perda, e como he proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecaõ suas expiaçoens com vozes, e alaridos su-

Estancias dos inimigos ganhadas, e por quem.

Rumecaõ se forma no campo raso.

ſuperſticioſos, que os noſſos ouviraõ, como para conciliar a indignaçaõ dos Aſtros.

21 Dom Joaõ de Caſtro naõ querendo perder hum ſó momento de taõ fermoſo dia, juntou a ſi o pequeno exercito, e dando a vanguarda a ſeu filho Dom Alvaro, arroſtou o inimigo, que o eſperou formado, e eſtendendo as pontas da mea lua, com que eſtava plantado, veo cingindo a noſſa infanteria; porèm Dom Alvaro como ſe quizera para ſi ſó a gloria deſte dia, enveſtio o inimigo com tanta gentileza, que foy entre os ſeus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, commettendo, ou abrindo com eſpada, e rodela hum eſquadraõ cerrado. Suſtentou o inimigo o campo na primeira enveſtida, mas naõ podendo ſofrer o peſo da batalha, começou a retirarſe com deſordem. Os noſſos rompendo de todo as fileiras turbadas, ſeguiaõ mais, que deſtroçavaõ os inimigos rotos. Por eſta parte ſe começou a declarar a victoria; mas Rumecaõ com hum groſſo batalhaõ de Mouros, e Janizaros fez aos noſſos roſto, que derramados no alcance, ou deſprezáraõ, ou eſquecéraõ a diſciplina.

O Governador, e ſeu filho o enveſtem.

Dom. Alvaro o rompe

Torna Rumecaõ a fazer roſto.

22 Aqui eſteve Dom Alvaro perdido, porque naõ podendo ſeus Soldados reſiſtir divididos, hiaõ deixando aos inimigos o campo, e a victoria, ſem que as vozes de Dom Alvaro, e conſtancia, com que peleijava, podeſſe deter a huns, nem ordenar a outros; taõ pendente eſtà do mais leve accidente a fortuna da guerra! Frey Antonio do Caſal, de cujo valor religioſo fazem os Autores memoria, com hum Crucifixo arvorado, começou com piedoſas, e esforçadas razoens, a repren-

Perigo, e conſtancia de D. Alvaro.

Arvora Fr. Antonio do Caſal. hum Crucifixo.

der, e animar os nossos, mostrandolhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz a segundas injurias; aconteceo, que huma pedra perdida desencravou hum braço do Crucifixo, e lho deixou pendente, mostrando-se em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos fieis caìdo. Os nossos com maior espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado mostràraõ differente valor em differente causa, devendo mais à offensa, de quem eraõ creaturas, que ao imperio de quem eraõ Soldados. Subitamente se uniraõ conformes, e recobrando forças, mais foraõ os instrumentos da victoria, que os autores della. Rumecaõ se retirou desbaratado, e Dom Alvaro baralhado com elle, entrou de envolta na Cidade, achando jà maior estorvo nos mortos, que cahiaõ, que resistencia nos vivos, que se naõ defendiaõ.

Animaõ-se os nossos.

Rumecaõ se retira, e Dom Alvaro entra na Cidade.

23 A este tempo chegou Dom Manoel de Lima, taõ valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou, rompeo o inimigo até se juntar com Dom Alvaro, e entrados na Cidade fizeraõ cruel estrago nos Mouros, que rotos, e divididos buscavaõ salvaçaõ na fogida, mais que na resistencia; jà o semblante da guerra mais parecia saco, que batalha; os nossos achavaõ Mouros, naõ achavaõ inimigos; muitos metidos pelas casas roubàraõ suas mesmas fazendas, que occultavaõ, como furto à victoria, outros deixavaõ as armas, por fugir mais ligeiros. Dom Joaõ Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a taõ illustre cerco.

Ajunta-se-lhe Dom Manoel de Lima.

E D. Joaõ Mascarenhas.

24 O Governador, ainda peleijava no Campo soli-

folicito da victoria dos feus, certo na fua, quando lhe chegou avifo, que a Cidade eftava jà rendida; mas Rumecaõ, pondo tropeços à victoria, tornou a rebentar, como mina, com oito mil foldados, ordenandofe em fórma de dar, ou efperar nova batalha; que era o poder taõ grande, que das reliquias do feu eftrago fez outra nova guerra; fahiaõ a efte tempo da Cidade Dom Alvaro de Caftro, Dom Joaõ Mafcarenhas, e Dom Manoel de Lima a congratularfe da victoria com o Governador, quando viraõ a Rumecaõ no campo com outro novo exercito. O Governador naõ querendo, que a fufpenfaõ pareceffe temor, quafi com o mefmo alento da primeira batalha, cometteo a fegunda, ordenando tres efquadroens, os dous, que bufcaffem os inimigos pelos lados, e elle pela frente. Nefta ordem cometteo o inimigo, o qual mais defefperado, que conftante, aguardou o primeiro impeto dos noffos, mas como pelcijava jà timido, e defconfiado, e os feus com cobarde, e forçada obediencia lhe affiftiaõ, com leve refiftencia nos deixàraõ o campo: bem que em todas as facçoens do cerco, e da batalha, fe moftrou Rumecaõ taõ valerofo, como difciplinado; mas nas adverfidades merecefe melhor, do que fe alcança a fama.

Offerece Rumecaõ nova batalha.

O Governador o desfaz.

25 Abriraõ-fe os Mouros pela frente, e o Governador, à maneira de rio impetuofo, cuja corrente tudo leva diante, quafi indefefos os foi desbaratando. Jà no campo fe fazia eftrago fem batalha; os Mouros pareciaõ inimigos na fogida, e não na refiftencia; e como os noffos acomettiaõ algumas mangas, que fe mantinhaõ inteiras, elles mefmos fe deforde-

Alcançafe a victoria.

navão por remedio, fogindo huns dos outros com igual, ou mais certo perigo, que fogiaõ dos nossos. Outros, por não parecer inimigos, arrojavão as armas, como instrumentos, que nos podiaõ acordar aggravo, ou vingança. Em fim naquella tragedia se representavão todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecaõ vendo tudo perdido, vestindo huma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultando-se à ira, e à victoria; porèm huma pedra tirada de mão incerta, o livrou, com a morte, do triumpho. Muitos deste homicidio se fizeraõ authores, como jà nos tempos de Galba, de quem quizeraõ ser mais os matadores, do que foraõ as feridas. E em nossos dias, e nosso mesmo Reyno, vimos tambem hum caso nada dessemelhante.

Morre Rumeção.

26 Advertidamente callei os casos particulares desta batalha, porque se não podem louvar huns, sem injuria de outros; só dos Cabos, e pessoas maiores, démos breve noticia, por reverencia do lugar, e do sangue; demais, que na confusaõ de huma batalha, difficultosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; e he certo, que aquelles, a cuja penna não escapàraõ os atomos do caso mais occulto, ou buscáraõ soccorros para a historia, ou penetràraõ os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber, que taõ illustre empresa, honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa memoria; e creo, que em todas as facçoens da Asia, nos cercos, não tivemos maior, nas batalhas, naõ tivemos igual.

27 O numero do exercito inimigo se naõ pode averiguar ao certo, porque com estimaçaõ desigual, huns o sobem a sessenta mil, outros disseraõ menos, e nem os Mouros, que ficàraõ cativos, souberaõ formar

Varia estimação do numero dos inimigos.

mar juizo certo da gente, que perdéraõ. Mas de qualquer maneira foi a desproporçaõ taõ notavel de hum poder a outro, que bastou a dar pelo Mundo hum espantoso brádo; e nas Historias alheas achamos a victoria escrita com mais honrado applauso, do que em nossas memorias; e se a Patria imitàra a gratidaõ do Imperio Romano com filhos benemeritos, dera a ler ao Mundo as obras de D. Joaõ de Castro em sublimes estatuas, que como annaes de bronze, fossem volumes publicos a todas as idades. Naõ achamos, que respondessem os premios a seu merecimento, quiçà para o fazer maior, o alcançou nesta parte a desgraça dos varoens excellentes; logrou porèm, como premio de duraçaõ mais larga, a fama de seu nome. Os Principes da Asia com ambiciosas mensagens lhe deraõ emboras da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que o advertia, ou que o desejava. ElRey D. Joaõ o honrou com titulo de Viso-Rey da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios devia de os sepultar a mesma terra, que cubrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de tão grande ascendente.

Parabens da victoria.

28 Recolheo o Governador os despojos, que foraõ os Reaes, muitas bandeiras, e quarenta peças de artelharia grossa, em que entrava aquella, que hoje temos na fortaleza de S. Giaõ, que do lugar, em que se ganhou, inda conserva o nome. Entregou a Cidade ao saco, sem reservar para si hum só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. Desta, e outras virtudes nasceria affirmarem os Mouros, que fora o Governador assistido de algum poder divino, porque sobre o tecto da Igreja

Despojos della.

Saco da Cidade.

Favor divino que nos assistio.

Vi-

viraõ huma Donzella, cujos rayos naõ podia sofrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia os coraçoens, com que deixavaõ as armas, huns timidos, outros reverentes. Naõ temos este favor do Ceo por indigno de credito, se olhamos a piedade do General, a justiça da causa. Dos Mouros morrèraõ cinco mil, em que entravaõ Rumecaõ, Alucaõ, Accedecaõ, e outros Turcos de nome; ficàraõ seiscentos cativos, que depois serviraõ ao triumpho; dos nossos faltàraõ trinta, foraõ quasi trezentos os feridos.

Quantos Mouros morrèraõ.

Nossos mortos, e feridos.

29 Poucos dias descansou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar a fortaleza, desde a primeira pedra; obra, que a necessidade fazia precisa, o aperto impossivel, porque as despesas de taõ prolixa guerra tinhaõ apurado as rendas do Estado, e sobre ellas se haviaõ feito empenhos, que só se podiaõ remir com a paz de muitos annos; porèm o Governador sem se atar aos inconvenientes, começou a dar principio à nova fabrica, desenhando-a em fórma differente, que a antiga, porque a juizo de homens intelligentes, convinha estender o sitio, engrossar o muro, fazer os baluartes mais vezinhos, e lavrar armazens para recolher as muniçoens, e mantimentos, em parte enxuta, em que se conservassem bem acondiçoados, differentes dos outros, que pela humidade do terreno corrompiaõ os bastimentos. Os materiaes naõ se podiaõ comprar, nem conduzir sem pagas, e jornaes; pedreiros, pioens, e architectos pediaõ suas ferias. Naõ tinha o Governador baixellas, nem diamantes de que poder valerse, assi recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza naõ. Mandou desenterrar os ossos de seu filho

Reedifica o Governador a fortaleza.

lho D. Fernando para fazer delles à Cidade de Goa
hum nunca viſto empenho; mas como a terra inda *Empenha*
tiveſſe o corpo mal gaſtado, cortou da barba alguns *para iſſo os*
cabellos, ſobre que pedio vinte mil pardaos à Came- *cabellos da*
ra de Goa, abrindolhe o amor da patria huma eſtra- *barba.*
nha porta, por onde naõ ſouberaõ entrar aquelles fi-
deliſſimos Dècios, Curcios, e Fabios, de que Roma
ainda hoje ſoberba, de entre as ruìnas de ſeu Impe-
rio, lhe ſalvou a memoria. Acompanhava o penhor
a ſeguinte carta.

Carta, que o Governador D. Joaõ de Caſtro eſcreveo de Dio à Cidade de Goa.

, SEnhor Vereadores, Juizes, e Povo, da muito
, nobre, e ſempre leal Cidade de Goa; os dias
, paſſados vos eſcrevi por Simaõ Alvares Cidadaõ
, deſſa Cidade as novas da victoria, que me noſſo Se-
, nhor deu contra os Capitaens de ElRey de Cam-
, baya, e callei na carta os trabalhos, e grandes ne-
, ceſſidades em que ficava, porque lograſſeis mais in-
, teiramente o prazer, e contentamento da victoria;
, mas jà agora me pareceo neceſſario naõ diſſimular
, mais tempo, e darvos conta dos trabalhos em que
, fico, e pedirvos ajuda para poder ſupprir, e re-
, mediar tamanhas couſas, como tenho entre as
, mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio derriba-
, da atè o cimento, ſem ſe poder aproveitar hum ſó
, palmo de parede; de maneira, que naõ ſómente he
, neceſſario fabricala eſte veraõ de novo, mas ainda
, de tal arte, e maneira, que perca as eſperanças El-
, Rey de Cambaya, de em nenhum tempo a poder

,tomar, E com este trabalho tenho outro igual, ou
, superior a elle, aldemenos para mim muito maìs in-
, comportavel de todos, que saõ as grandes oppres-
, soens, e continuos achaques, que me daõ os Las-
, querins por paga, de que lhes eu dou muita certeza,
, porque de outra maneira se me iriaõ todos, e ficarei
, só nesta fortaleza;o que serà occasiaõ de me ver em
, grande perigo, e por esse respeito toda a India, co-
, mo quer que os Capitaens de ElRey de Cambaya
, com a gente q̃ ficou do desbarato,estaõ em Suna,que
, he duas legoas desta fortaleza, e ElRey lhes manda
, cada dia engrossar seu campo com gente de pè, e de
, cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar
, a fortuna, em querer dar outra batalha; para as
, quaes cousas me he grandemente necessario certa
, somma de dinheiro, polo que vos peço muito por
, mercè, que por quanto isto importa ao serviço de
, ElRey nosso Senhor, e por quanto cumpre a vossas
, honras, e lealdades, levardes avante vosso antigo
, costume, e grande virtude, que he acodirdes sem-
, pre às estremas necessidades de Sua Alteza, como
, bons, e leaes vassallos seus, e pelo grande, e entra-
, nhavel amor, que a todos vos tenho, me queirais
, emprestar vinte mil pardaos, os quaes vos prometto
, como Cavalleiro, e vos faço juramento dos Santos
, Evangelhos de volos mandar pagar antes de hum
, anno, posto que tenha, e me venhaõ de novo outras
, oppressoens, e necessidades maiores, que das que ao
, presente estou cercado. Eu mandei desenterrar D.
, Fernando meu filho, que os Mouros matàraõ nesta
, fortaleza, pelejando por serviço de Deos, e de El-
, Rey nosso Senhor, para vos mandar empenhar os
, seus ossos; mas acharaõ-no de tal maneira, que naõ
, so

,,foi licito inda agora de o tirar da terra: polo que me
,,naõ ficou outro penhor, salvo as minhas proprias
,,barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues
,,de Azevedo; porque como jà deveis ter sabido, eu
,,naõ possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cou-
,,sa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas
,,fazendas, sómente huma verdade secca, e breve,
,,que me nosso Senhor deu. Mas para que tenhais
,,por mais certo vosso pagamento, e não pareça a al-
,,gumas pessoas, que por alguma maneira podem fi-
,,car sem elle, como outras vezes aconteceo, vos
,,mando aqui huma provisaõ para o Thesoureiro de
,,Goa, para que dos rendimentos dos cavallos vos và
,,pagando, entregando toda a quantia que forem ren-
,,dendo, atè serdes pagos. E o modo que neste paga-
,,mento se deve ter, o ordenareis là com elle. Hei
,,por escusado de vos affeitar palavras, para vos en-
,,carecer mais os trabalhos em que fico, porque tenho
,,por muito certo, por todos os respeitos, que assima
,,digo, haverdes de fazer nesta parte tudo, e mais do
,,que puderdes; sem entrevir para isso outra cousa,
,,salvo vossas virtudes costumadas, e o amor, que
,,todos me tendes, e vos tenho. Encomendome, se-
,,nhores, em vossas mercès. De Dio a vinte e tres de
,,Novembro de mil quinhentos quarenta e seis.

30 Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o Povo com maior quantidade, que a pedida, vendo que tinhaõ hum Governador taõ humilde para os rogar, taõ grande para os defender. Remeteraõ-lhe outra vez aquelles honrados penhores, que hoje se conservaõ em maõs do Bispo Inquisidor Gèral seu dignissimo neto, que os reco-

Os Cidadãos de Goa lhos tornaõ.

Hoje se conservaõ.

lheo em huma urna, ou pyramide de cristal, assentada em huma base de prata, na qual estaõ gravados em torno disticos differentes, que fazem de acçaõ taõ illustre engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de Dom Joaõ de Castro. Levàraõ os portadores do dinheiro a carta que se segue.

Carta da Camera de Goa, em reposta da do Governador.

,, Illustrissimo, e excellente Capitaõ Géral, e Go-
,, vernador da India, pelo muito alto, e muito
,, poderoso, e muito excellente Principe ElRey nos-
,, so Senhor. Diogo Rodriguez de Azevedo che-
,, gou a esta Cidade segunda feira seis do mez de
,, Dezembro, e o dia seguinte deu em Camera hu-
,, ma carta de Sua Illustrissima Senhoria, que foy
,, lida com muito prazer, e grande contentamento,
,, por sabermos de sua saude; a qual boa nova
,, sempre queriamos saber, e muito melhores lhe
,, desejamos; e por ella a Cidade, e todo este po-
,, vo em géral, e em especial damos muitas gra-
,, ças a nosso Senhor, e temos certa esperança em
,, nossa Senhora Virgem Maria Madre de Deos nos-
,, sa avogada, que tendo os povos da India a V.
,, S. Illustrissima por seu Duque, e Governador,
,, que em nossas afrontas, e trabalhos nunca care-
,, ceremos de ajudas divinas, por merecimentos
,, de seu catholico, e modesto viver, e auto, e
,, obras de muitas louvadas virtudes; e com esta
,, espe-

, esperança vivemos em novo repouso, porque a
, presente, e gloriosa victoria, que por seu pru-
, dente conselho, e grande esforço, e cavallaria
, venceo, e descercou a fortaleza de Dio, e desba-
, ratar, e destruir o poder de ElRey de Cambaya,
, com mais outros vinte mil homens Mouros, Tur-
, cos, Rumes, Coraçoes, e Christãos renegados
, da fé de nosso Senhor, Alemaens, Venezianos,
, Genovezes, Francezes, e assi de outras, e diver-
, sas naçoens, dos quaes graõ parte delles foraõ
, mortos a ferro de lança, e espada, de que a Ci-
, dade tem certeza de pessoas de bem, que de vis-
, ta foraõ presentes; os quaes bons serviços nos
, mostraõ claros sinaes, que ao diante, prazendo
, a nosso Senhor, e a seu amparo, naõ temeremos
, outros trabalhos, que de futuro se apresentaõ do
, proprio Rey de Cambaya com outro novo poder,
, e outros Reys, e Senhores nossos comarcãos,
, e os de toda a India, que saõ de certo inimigos
, nossos, e de muitas inimisades, àlem de serem
, infieis, inimigos de nossa sancta fé Catholica,
, dos quaes huns, e outros naõ temos segura,
, nem firme paz, antes temos sinaes de faltas, e
, enganosas amisades. E quanto ao emprestimo que
, em nome de ElRey nosso Senhor nos manda pe-
, dir, responde a Cidade, que os moradores fa-
, remos de presente, e sempre, que cumprir, ser-
, virmos Sua Alteza com as fazendas, e vidas, e
, com as almas. E porque a tençaõ da Cidade, e
, e de todos he servir Vossa Illustrissima Senhoria,
, havendo respeito, que o tal emprestimo cum-
, pre muito ao serviço de ElRey nosso Senhor,
, cuja a Cidade he, todos somos com muita di-

 , ligencia,

,ligencia, e cuidado daquelle dia, que Diogo Ro-
,drigues de Azevedo deu o recado até o fazer
,desta, que saõ vinte e sete de Dezembro, se a-
,juntàraõ vinte mil cento quarenta e seis pardaos,
,e huma tanga, de cinco tangas o pardao; os
,quaes emprestou esta Cidade, a saber Cidadãos,
,e o Povo, e assi os Bramenes mercadores, ga-
,meares, e ourives. E escrevemos em certo a V.
,Senhoria que esta Cidade, e os honrados mo-
,radores, pelo servir, temos obrigaçaõ de pòr as
,vidas, e as fazendas com melhor vontade do que
,o faremos por nossas proprias honras, e interes-
,ses. E quanto, senhor, aos penhores que nos
,manda, a Cidade, e moradores nos temos por
,aggravados de Vossa Senhoria ter taõ pouca con-
,fiança em nòs, e em nossas lealdades, que para
,cousa que tanto cumpria ao serviço de ElRey
,nosso senhor, e a seu Estado Real, naõ era ne-
,cessario taõ honrados, e illustres penhores, por-
,que nossa lealdade nos obriga ao serviço de El-
,Rey, e a presente necessidade, e depois disso as
,obrigaçoens em que somos, e a grande affeiçaõ,
,e muito amor; que V. S. tem a esta Cidade, e mo-
,radores, e por ello, e tudo o mais que neste ca-
,so lhe sentimos, lhe beijamos as mãos, e roga-
,mos a nosso Senhor, que lhe dé perfeita saude,
,e o prospere de muita honra, e grandes victorias
,contra os inimigos de nossa sancta Fé. E todavia,
,senhor, Diogo Rodrigues de Azevedo lhe torna a
,levar os seus penhores; e assi lhe levaõ elle, e
,Bertholameu Bispo Procurador da Cidade o dito di-
,nheiro, que lhe a Cidade, e Povo della emprestàraõ
,de sua boa, e livre vontade. E assi lhe levaõ mais a
,provi-

„ provisaõ, que cà mandou para o Thesoureiro pa„ gar o ditto dinheiro, e lhe pedem por mercè „ que tudo aceite, como de leaes vassallos, que „ somos a ElRey nosso Senhor, e a Vossa Senhoria „ mui obrigados. Escrita em Camera a 27. de De„ zembro de 547. E eu Luis Tremessaõ Escrivaõ „ da Camera o mandei escrever, e sobreescrevi „ por licença que para ello tenho. Pero Godinho. „ Joaõ Rodrigues Paes. Ruy Gonçalvez. Ruy Dias. „ Jorge Ribeiro. Bertholameu Bispo.

Continua a obra da fortaleza.

31 Continuava a obra da fortaleza com tanto gosto dos officiaes, e jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo taõ pontuaes as pagas dos servidores, e soldados, que haviaõ, que só para o Governador estava o Estado pobre. Alem do emprestimo da Cidade, lhe enviaraõ as dònas, e donzellas em hum cofre a pedraria, e joyas, com que a fraqueza feminil serve ao poder, e à vaidade: offerta de que naõ podiaõ esperar retribuiçaõ, ou usura; donde se vè, quanto melhor servidas saõ dos pòvos as virtudes, que as tyrannias dos regentes.

E a guerra de Cambaya.

32 Ordenou a Dom Manoel de Lima, que com trinta navios avistasse os lugares da Costa de Cambaya, e os abrasasse todos, mostrando ao Soltaõ, que a vingança naõ acabàra na victoria; porèm que na Cidade de Goga naõ entrasse, por ter aviso, que a ella se recolhéra toda a gente que escapou da batalha. Dom Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foy correndo a costa, e a poucos dias de viagem lhe sobreveo hum temporal taõ rijo, que o levou a necessidade da tormenta a demandar abrigo no

Dom Manoel de Lima a faz.

mesmo

mesmo porto, que pela instrucçaõ lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhaõ presente a imagem do passado perigo, tanto que viraõ as mesmas armas, do que estavaõ cortados. desemparàraõ a Cidade assi os soldados, como a gente popular, e inutil, fogindo para o sertaõ com igual desacordo. Estava ancorada no porto huma náo de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual vendo a fogida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na Cidade. Dom Manoel, naõ entendendo o sinal do navio, pareceolhe que de confiado o chamava à peleja, e pondose logo em armas colerico, e impaciente, notou, que a Cidade se despejava, e o miseravel povo corria com hum tropel confuso a demandar huma pequena serra, que lhe ficava à vista, crendo, que a distancia, e aspereza do sitio, os livraria da invazaõ dos nossos. Conheceo Dom Manoel o intento com que lhe capeava o navio, e perplexo entre a occasiaõ, e a obediencia poz o caso em conselho; e como entre os soldados de valor, he sempre o brio o primeiro interprete das ordens, votàraõ, que se entrasse a Cidade, porque a instrucçaõ do Governador naõ podia comprender todos os accidentes, o qual se estivera presente, fora o primeiro que saltasse em terra. Seguio logo a execuçaõ o cônselho. Entrou Dom Manoel a Cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foy grande, e o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abrasou fazendas, e edificios, foy o dano maior do que a victoria. Cativou Dom Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente se salvara em hum lugar

Vai a Cidade de Coga.

Que saquea, e abrasa.

lugar da ſerra, que ficava em pequena diſtancia, determinou aſſaltalo para que aos fugitivos, e oppoſtos, igualaſſe o caſtigo. Foy amanhecer ſobre o lugar, levando os Baneanes por guia, forçados com miſeravel neceſſidade a entregar os filhos, e parentes; e os que ſe imaginavaõ no abrigo do ſertaõ ſeguros, viraõ primeiro ſobre ſi a eſpada, que viſſem o inimigo. Naõ fez o eſtrago differença de cauſa a cauſa, de peſſoa a peſſoa; naturaes, e eſtrangeiros; culpados, e innocentes pagàraõ com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheo. Das peſſoas paſſou à religiaõ a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de ſuas ſuperſtiçoens he culpa inexpiavel. Degollou os gados do contorno, ſalpicando as meſquitas com o ſangue das vacas, animal, que como depoſito das almas, veneraõ com culto abominavel.

33 Embarcado Dom Manoel de Lima, tornou a cortar a enſeada, onde ſe vio perdido ſem tormenta, porque o fluxo, e refluxo das ondas he taõ impetuoſo, que baſta a deſtroçar os navios. Paſſado mais adiante, houve viſta da Cidade de Gandar, povoada de mercadores Gentios, rica pelo commercio, e fraca pelos habitadores. Eſta foy na primeira enveſtida, rendida, e abraſada, ſendo que entregavaõ os naturaes as fazendas como preço das vidas, que naõ podèraõ ſalvar oppoſtos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos ſoldados antes buſcava o ſangue, que os deſpojos. Muitos outros lugares da enſeada deſtruio, durando nas cinzas, e ruinas muitos annos as memorias do eſtrago; e os naturaes,

Embarcaſe e perigo.

Deſtroe Gandar.

que

que ſobreviveraõ às miſerias dos outros, ſe recolheraõ ao interior do Reyno, onde com ſegura pobreza entretinhaõ as vidas.

Recolheſe a Dio.

34 Deu Dom Manoel volta a Dio, onde achou ao Governador entre os materiaes de nova fabrica, a cuja viſta creſcia o edificio. Deſejava deixar a fortaleza em defenſa, porque o chamavaõ a Goa differentes negocios. Porèm Dom Joaõ Maſcarenhas, ou canſado, ou ſatisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixaçaõ da praça, ſem acabar o tempo, querendo aquelle anno vir ao Reyno lograr taõ merecida fama. Quizera o Governador diſſuadilo, temendo, que ninguem lhe aceitaſſe a fortaleza, porque com a victoria, e alteraçaõ do commercio, faltavaõ os eſtimulos da honra, e do proveito, que ſaõ os mayores incentivos, de que os homens ſe vencem. Porém Dom Joaõ Maſcarenhas, reſoluto a paſſar ao Reyno nas náos de Lourenço Pires de Tavora, obrigou ao Governador a que buſcaſſe Capitaõ para a praça, que jà alguns fidalgos lhe haviaõ engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiçà polo perigo, que tem ſucceder a varoens excellentes: porèm Dom Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou por confiança de ſi meſmo, ſe offereceo para ficar na praça.

Deixa D. Joaõ Maſcarenhas a praça.

D. Manoel de Lima ſe offerece a ficar nella.

35 Entretanto que o Governador ſe apreſtava para paſſar a Goa, mandou Antonio Moniz Barreto com alguns navios a eſperar as náos de Cambaya, que por intelligencias ſecretas ſabia, que haviaõ de viſitar a coſta de Pór, e Mangalor, as quaes elle encontrou, rendeo, e trouxe a Dio, cujas fazendas ajudàraõ a reparar as deſpeſas do Eſtado

Toma Antonio Moniz algumas náos.

Estado. ElRey de Cambaya com o sentimento de tantas perdas rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficàraõ cativos, vingando-se de taõ grandes injurias em sombras taõ pequenas.

Vingança barbara de ElRey de Cambaya.

36 Concluidos os negocios de Dio, começou a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crecido poder tinhaõ lançado de Baçorà a Mahamet As-Enam fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Viaõ-se naõ de longe os perigos, e as consequencias, que resultavaõ de taõ roim vezinho, com quem apenas podiamos caber no Mundo, quanto mais no Estado. Ponderava-se a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas mayores; de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorá povoaçaõ de quatro mil vezinhos, situada na Arabia feliz, em altura de vinte e quatro gràos para a banda do Norte; apartase do rio Eufràtes em pequena distancia. Distarà da fortaleza de Ormuz duzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se navega ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. A Ilha he povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos, e ceremonias do Persa, a quem dà a beber o Demonio as abominaçoens de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificàraõ os Turcos, e começàraõ a ganhar os Arabios vezinhos, huns com

Avisos de Ormuz.

Discripçaõ de Baçoro.

Os Turcos se fortificaõ nella.

as armas, outros com beneficios, criando em Baçora novo Principe, que como descendente de seus antigos Reys, seria aos Arabios grato, e aos Turcos fiel; liberalidade, com que mostravaõ entrar com semblante de amigos, escondendo a ambiçaõ de senhores. A justiça deste, que os Turcos saudàraõ por Rey, escrevem outros em dilatadas letras, cuja relação deixo, por ser ao gosto importuna, e alhea da Historia.

Vai Dom Manoel de Lima para Ormuz.

37 Resolveo o Governador despachar a D. Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pela morte de D. Manoel da Sylveira lhe cabia, tomando a obrigaçaõ da guerra com os Turcos, como pensaõ da praça, ficando outra vez a fortaleza de Dio, como pedra reprovada dos que a edificavaõ; porque naõ havia fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificaçaõ, havendo Joaõ Mascarenhas levado as honras do perigo. Naõ sei, se as cousas da India correm hoje por esta opiniaõ. O Governador se molestava, de que lugar de tantas victorias ficasse tão aborrecido. O que entendido por D. Joaõ Mascarenhas se lhe offereceo para ficar aquelle inverno na praça; cousa que o Governador estimou sobre modo, dizendo-lhe, que em quanto a fortaleza estava imperfeita, a fama de seu nome serviria de muro. E porque se veja quaõ facil era este grande varaõ em authorizar honras alheas, referirei a carta, que escreveo a seu filho D. Alvaro, quando entendeo que D. Joaõ Mascarenhas iria a Goa para passar ao Reyno.

E D. Joaõ Mascarenha torna a ficar em Dio.

O que delle escreve o Governador a seu filho D. Alvaro.

,Là vai o Senhor D. Joaõ Mascarenhas, tal qual os ,Mouros, e Gentios confessaõ; e eu que sou bom ,Christão, faço a mesma confissaõ de seu esforço, , porque em todas as batalhas o achei sempre a meu , lado. Vai-se embarcar para o Reyno, rogovos muito,

,to, que lhe façais o mesmo tratamento, que a mi-
,nha pessoa, e naõ consintais, que tome outra pousa-
,da, senaõ a vossa; porque àlem de elle o merecer,
,espero em Deos, que tornarà muito cedo a estas
,partes a emendar meus descuidos.

Tambem escreveo a ElRey largamente sobre os merecimentos dos homens, de si não fallou nada, mostrando-se agradecido aos serviços de todos, e só aos seus ingrato. *E a E... de todo...*

38 Concluidas as cousas de Dio, deixou o Governador a D. Jorge be Menezes com seis navios, para que andasse o resto do veraõ na enseada de Cambaya; e mandou lançar pregaõ em todos os lugares confinantes, que todos os Mouros, e Gentios podessem tornar a povoar a Ilha, porque debaixo de sua justiça estariaõ as pessoas, e commercios seguros, gozando da paz, e liberdade antigua; e como a verdade recebe credito do valor, tornàraõ os Gentios a buscar assi o abrigo de nossas armas, como de nossas leys, vindo copia de mercadores, e vezinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz, que começava nos limites de guerra. *Deixa... quella... a D. J...*

39 Embarcou-se o Governador para Goa, onde o esperava o applauso universal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias, onde vieraõ a visitalo ao mar o Bispo, Capitaõ mòr, e Regentes, pedindolhe se detivesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triumpho, com que o queria receber, porque naõ reputasse o Mundo aquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumpho taõ merecido naõ era ambicaõ da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavaõ os Reys o *Embar... para G...* *Chega, visitad... mar.*

 fruito,

fruito, os vassalos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

40 Deixou-se o Governador vencer deste agrado do povo, como quem não podia desprezar as honras do triumpho, sem injuria dos que lho ajudàraõ a merecer; nem pòr limite às alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demostraçoens festivas tinhaõ na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarenta e sette se destinou o dia do triunfo, primeiro, e ultimo, que viraõ nossas armadas costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a Cidade no Bazar de Sancta Catherina hum espaçoso caes, cujo material cobriaõ varias alcatifas. Rasgou-se a porta da Cidade atè o alto do muro, como que se mostravaõ as pedras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza naõ podia sobir a mais; o gosto naõ se contentava com menos. Em partes era o adorno de diversos velludos, para que o ouro servisse à magestade, as cores ao deleite. Na portada se viaõ dous leoens dourados, sustentando em huma, e outra tarja as Roèlas dos Castros, sempre illustres, agora triumphantes. Junto ao caes corria hum dilatado bosque de arvoredo, que com interrompidas sombras mitigava o calor, sem occultar o dia. Via se o mar cuberto de nàos; e galeoens, de fustas, e almadias, que das Ilhas vezinhas concorreraõ, todas embandeiradas, e alegres. Estava no terreiro do Paço huma fortaleza, desenhada pela planta de Dio, e dentro algumas bombardas carregadas sem balla, e outros instrumentos de fogo, com que figuravaõ

Decretase-lhe triumpho.

Fabrica delle.

huma

huma reprefentaçaõ alegre dos paffados ho●ores. Na mefma fortaleza fe efcondiaõ curiofas danças, que com acordadas vozes cantavaõ ao Governador louvores a numeros atados, deleitando o ouvido na armonia, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as tellas de lavores por ufuaes fe olhavaõ com defprezo. As galas dos moradores, taes, e tantas, que parecia, que triumphava o Povo. Nem feria menos dos animos o applaufo, fe os coraçoens fe viraõ, pois eraõ demonftraçoens voluntarias de naturaes affectos.

41 Abalou o Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno fe fazia differente das outras; levava comfigo os fidalgos velhos, que o acompanharaõ na jornada, igualmente parciaes na gloria, e no perigo. Hiaõ diante os galeoens da armada, a quem feguiaõ as embarcaçoens de remo com as velas içadas nos palancos, e todos navegando affombrados com o verdor de differentes ramos, pareciaõ da terra hum bofque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que aviftàraõ a fortaleza, lhe dèraõ huma taõ temerofa falva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contrapófta lhe refpondeo a artelharia de terra com tal horror, que os fentidos naõ conheciaõ differença da batalha ao triumpho. Para dar paffo à galeota do Governador, fe abrio a armada toda. Vinha cuftofamente trajado, dando o que era feu ao tempo, veftindo naõ menos airofamente as galas, do que veftia as armas. Trazia huma roupa Franceza de fetim carmezim com trocaes de ouro, que lhe tomavaõ os golpes, e como *Entra o Governador.*

mo

mo quem naõ queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachoens de prata, gorra com plumas, mostravaõ ouro as guarniçoens da espada. No caes o esperavaõ os Cabos da milicia, Nobreza, e Regimento da Cidade, com os quaes entrou a primeira porta, onde hum Vereador na lingua Latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruìnas seriaõ de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas serviaõ tanto à Fè, como ao imperio, obrando, que em taõ remotas partes se ouvissem os bràdos do Evangelho; que agora os Mouros, e Gentios creriaõ, que naõ podia deixar de ser Deos grande o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente mostrariaõ com o dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradiçaõ o estrago de Cambaya de naçaõ a naçaõ, de Reyno a Reyno; que os pays o contariaõ aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que jà nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderiaõ descansar no templo da paz, aberto o da victoria. Sobre os accidentes de seu governo discorreo largamente, parecendo ao Povo, que antes abbreviava, que encarecia suas virtudes, maiores na consideraçaõ dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oraçaõ na suavidade de musicos instrumentos, differentes, e acordes. Logo se disparàraõ algumas peças, cujas ballas eraõ doces diver-

Hum Vereador lhe faz pratica.

diversos; que caindo em pequena distancia, foraõ à gentalha do povo convite, inda que arrebatado, alegre. Os Vereadores da Cidade receberaõ ao Governador com paleo, e logo hum Cidadaõ de authoridade, inclinado, e reverente, lhe tirou a gorra da cabeça, pondolhe nella huma coroa triumphal, e na maõ huma palma. Diante caminhava o Custodio dos Religiosos Franciscos com o Crucifixo, que levou na batalha, e o braço desencravado, e pendente (final com que jà de taõ longe aquella Magestade divina, nesta, e naquella idade nos assegura os Reynos, e as victorias.) Seguia se a bandeira Real de nossas Quinas, olhadas com admiraçaõ nova de Mouros, e Gentios. Logo os estandartes de Cambaya arrastados à vista de Juzarcaõ, e outros Capitaens maniatados, que representavaõ a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nòs alegre. Viaõ se seiscentos prisioneiros arrastando cadeas; tras elles as peças de campanha com varias, e numerosas armas. As damas das janellas banhavaõ ao triumphador em agoas destilladas de aromas differentes. Os officiaes, que tratavaõ o ouro, ou preciosas drógas, lhe vinhaõ a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos outra cousa maior, que o triumpho. Os Templos adornados, e abertos se mostravaõ benevolos, e gratos; nesta fórma chegou a visitar a Cathedral, Metropoli do Oriente, onde o Bispo, e Clero o recebèraõ com o hymno: *Te Deum laudamus*. Entrando na Sé reconheceo com piedosas offertas ao Autor das victorias, e por ser jà tarde com abbreviadas ceremonias se recolheo aos Paços, naõ cabendo a magestade do triumpho nas horas de hum só dia.

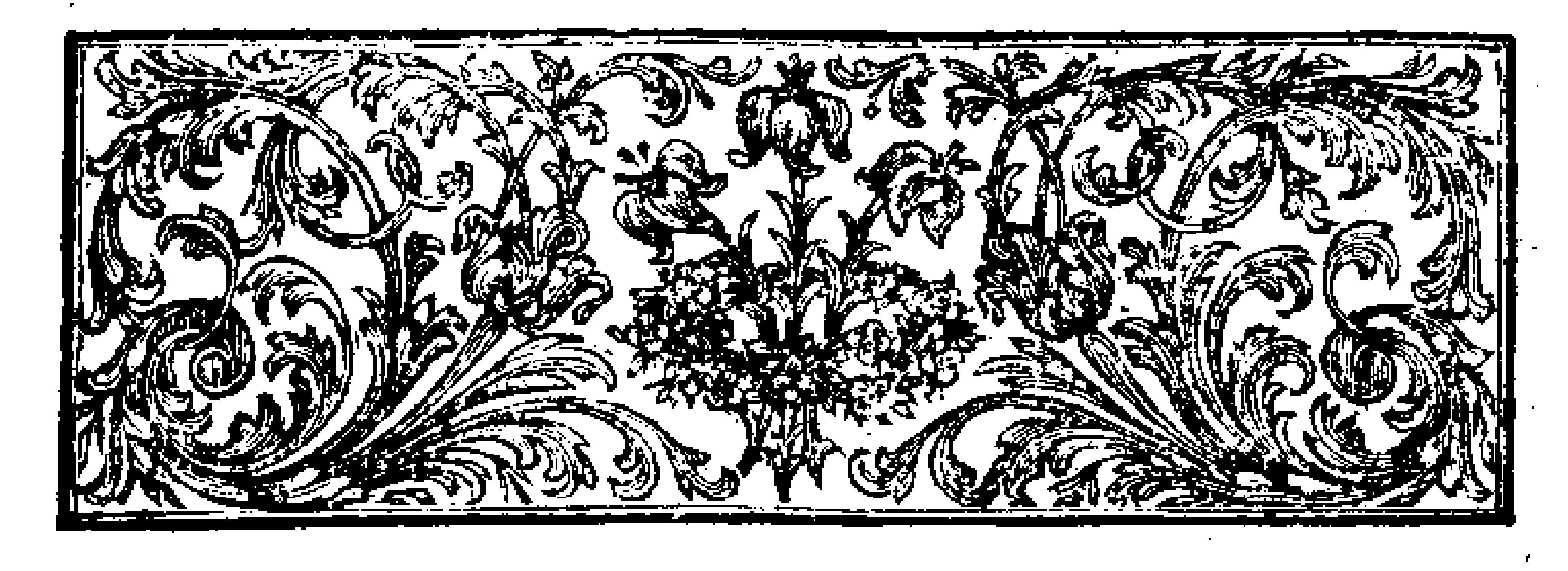
Recebem-no com paleo.

Ordem do triumpho.

Vay à Sè.

Reconhece a Deos por Autor de suas victorias.

VIDA



VIDA
DE
DOM JOAÕ
DE CASTRO.
IV. Viso-Rey da India.
LIVRO QUARTO.

POUCOS foraõ os Reynos do Oriente, que no Governo de D. Joaõ de Castro, naõ alterassẽ aquelle Estado com diversos movimentos de guerra; ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria, vendo-o muitas o Oriente em serviço da Religiaõ cingir a espada.

Religiosos Franciscos passaõ a Ceilaõ.

1 Havia ElRey D. Joaõ enviado alguns Religiosos Franciscos à Ilha de Ceilaõ, exemplares na vida, e na doutrina, para que com o sangue, e com a palavra testimunhassem a verdade Evangelica, sendo este o maior cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras

deiras mais vezes vio tremolar a Asia em obsequio da Religiaõ, que do imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha, foraõ recebidos de ElRey da Cotta com benigna hospedagem, começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo, e ao beneficio da terra inculta respondia o fruito, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

2 Passáraõ estes embaixadores do Evangelho a dar novas da luz a ElRey de Candea no coração da Ilha, o qual achàraõ grato no tratamento das pessoas, e facil na obediencia da doutrina; foi instruído nos mysterios de nossa crença, para que com fé mais robusta se lavasse nas agoas do Baptismo. Deu aos Religiosos terra, materiaes, e despezas para a fabrica de hum Templo, sendo esta a primeira fortaleza, que levantou a conquista do Evangelho naquella Ilha contra os erros da idolatría; porque das vozes do Apostolo S.Thomè (se alli chegàraõ) nem nos entendimentos havia luz, nem na terra memoria.

Prègaõ a Fe em Candea, e ElRey se inclina a ella.

Mostra inconstancia.

3 Mostrava-se este Principe aos preceitos de nossa Religiaõ obediente, mas ainda não constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da ley, lhe fazia, por não perder o que amava, deixar o q̃ entendia, porque como planta ainda sem raizes, o inclinavão a huma, e outra parte contradiçoens humanas. Tentàraõ os Religiosos desviarlhe estes tropeços do caminho da vida, affirmandolhe, que debaixo do amparo de nossa Religiaõ, e nossas armas, assegurava huma, e outra coroa, porque estava naquelle tempo governando o Estado aquelle D. Joaõ de Castro, que pola Fè sabia derramar o sangue, polos amigos arriscar o Estado.

Os Religiosos o animaõ.

Sua resoluçaõ.

4 Ouvio bem o Rey esta proposta, dizendo, que se o Governador lhe mandasse soccorro, não só professaria a Fè, porèm que a prègaria a seus vassallos. Com esta resolução partio hum Religioso a Goa, e certificado o Governador da causa de sua vinda, zelou a conversaõ daquelle Principe, como o mayor negocio do Oriente; não menos prompto a darà Igreja filhos, que ao Estado victorias. Despachou logo com sete fustas a Antonio Moniz Barreto, e ordem, que encontrando-se com navios nossos os levasse comsigo; escrevendo àquelle Principe honradas cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vai navegando, fallaremos na toma de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos.

O Governador zela esta conversaõ, e manda a isso Antonio Moniz.

5 Tinha o Governador despedido de Dio a D. Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltaõ, que com os estragos passados nossas armas não embotàraõ os fios. Tomou D. Jorge algumas embarcaçoens de mantimentos, que passavão a bastecer os portos do inimigo, porque acabasse a fome aquelles, a que perdoàra a espada. Deu huma tarde vista à Cidade de Baroche, cujos edificios lhe representàraõ na magestade a policia de Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais serviaõ ao adorno, que à defensa. Com tudo se deixavaõ ver diversos baluartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artelharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevação do sitio se descobriaõ portadas de cantaria lavrada, onde a correspondencia de torres, e janellas mostravão de seus habitadores o poder, e artificio.

Sitio, e fortificaçaõ de Baroche.

Era

Era o trato da terra de finiſſimas ſedas, dròga, que daquelle porto ſe navegava a muitos do Oriente. Poſſuìa Madre Maluco eſta Cidade, tributada das aldeas vezinhas, que na fertilidade, e na grandeza lhe compunhaõ hum mediano eſtado.

Trato dos moradores.

6 Acaſo tomàraõ os noſſos huma almadia de peſcadores da terra; que perguntados, diſſerão da Cidade o que temos referido. E querendo ſaber D. Jorge, que preſidios havia na Cidade, diſſeraõ, que toda a milicia levàra Madre Maluco a Amadabà, Corte do Soltaõ, e que ſó ficavão ao preſente alguns mecanicos, e outra gente de trato. D. Jorge parecendolhe opportuna a occaſiaõ de aſſaltar a Cidade, ainda que era o poder deſigual para facção tão grande; como os ſucceſſos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por aſſegurar os moradores, ſe fez na volta do mar, como quẽ navegava por differente rumo, levando conſigo os peſcadores, para na entrada lhe ſervirem de guias. Tanto que anoiteceo, tornou a armada a demandar o porto, e ſaltando em terra, ſem que a confiança, ou deſcuido do inimigo ſe aſſeguraſſe em defenſa, ou ſentinella alguma, forão ferindo os noſſos naquella gente deſarmada, e fraca, onde a noite, a confuſaõ, e o ſono os trazia a encontrar o perigo, de que andavão fogindo; errando miſeravelmente ſe deſviavão tànto dos ſeus, como dos inimigos, fogindo dos que tambem fogiaõ. Os gemidos dos filhos não moviaõ os pays à piedade, e menos à vingança, porque o temor ſubito obrava com os piores affectos da natureza. Os lamentos, e gritos das mulheres, eſſes as deſcobriaõ, ſendo ſeus ays ſeu maior perigo. E os que eſcondidos em ſuas caſas eſcapàrão ao ferro, nellas meſmas os abraſou o

Madre Maluco a ſenhorea.

D. Jorge a entra de noite.

incendio, não ficando aos miseraveis para a morte remedio, senão escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invazão, e saco. Foi o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em Cidade entregue. Alcançou em fim D. Jorge nesta empreza fama sem risco, victoria sem inimigo. Porêm não duvidamos, que se achàra opposiçoens mayores, podèra conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mandou dar a Cidade ao fogo, onde em breves horas os nobres, e plebèos, as plantas, e edificios se convertèraõ em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcouse alguma artelharia miuda, e rebentouse a grossa, sendo esta facção tão celebre entre os nossos, que fizerão tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como já as ruìnas de Cartago derão a Scipiaõ o nome de Africano.

Poemlhe fogo.

Toma della o appellido.

7 Acodio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo à lastima, tarde ao remedio; e vendo que o ferro, e fogo não deixàra cousa alguma com semelhança do que havido sido, voltou impaciente a ElRey de Cambaya, como quem levava em chaga fresca a dor mais sensitiva. Representoulhe o estrago da Cidade, aggravo, que parecia maior, por ser depois de tantos. Sentio o Soltão este novo accidente, jurando acometter outra vez Dìo, que era a pedra do escandalo, onde se quebravão as forças de tamanho imperio. Em tanto pois que os odios de Cambaya respirão na imaginada vingança, discorramos no espiritual de Candea, que como semente afogada entre espinhas, não chegou a lograr fruito.

Acode o Maluco tarde.

8 Entendia o Madune Rey da Cotta, como o de Candea buscava com a mudança da Religiaõ, a protecção

tecçào do Eſtado, e como eſtes Gentios ſaõ obſervantes zeladores de ſeus erros, buſcou meios para lhe perſuadir, que era a idolatría neceſſaria à Coroa; affirmandolhe, que com a nova crença faria aos vaſſallos deſobedientes, aos Reys inimigos, ingrato a ſeus antiguos Idolos, que haviaõ proſperado o cetro de Candea tantos annos em Reaes aſcendentes; que o Governador da India devia ſer o mais inſolente homem da terra, pois não ſofria, que o Mundo tiveſſe outro Rey, nem outro Deos, mais que os que elle ſervia, e adorava; que não negava ſer a Religiaõ dos Portuguezes, ou melhor, ou mais felice, pois cultivavão o Deos das victorias; porèm que a elle lhe baſtava ſervir aos deoſes da patria, em que naſcéra, ſem deſejar melhor poſteridade, ou mais ambicioſa fortuna, que os que lhe precedèrão. E quem ſabia ſe o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe uſurpar o cetro? Que não recebeſſe na Ilha homẽs tão valeroſos, que em nenhuma parte ſabiaõ jà eſtar, ſenão como ſenhores; que ſe os Frangues lhe promettiaõ trazer a caſa melhor Ley, e augmentarlhe o eſtado, quem com inteiro juizo havia de dar credito a tão nova bondade de homens, que nunca vira? E mais quando eſtes não erão tão deſprezadores do humano, que naõ vieſſem do fim do Mundo a dominar a Aſia? Que ſe queria exemplos, mais Reynos acharia por elles deſtroìdos, que doutrinados; que era verdade, que os ſeus Jogues (que elles chamão Sacerdotes) erão faceis em derramar o ſangue pola Ley, que enſinavão, mas que eſtes o fariaõ, ou como ambicioſos do nome, ou prodigos da vida; ſe jà não era, que no Occidente havia mais loucos, que nas outras Regioens, e davão todos naquella perigoſa teima de dou-

O Rey Cotta d[…] ſuade a[…] Candea […] conver[…]

doutrinar ao Mundo; que ultimamente lhe aconſelhava como Rey, e amigo, que devia degollar o ſoccorro dos Frangues que eſperava, para dar ſatisfação a ſeus antigos deoſes, juſtamente indignados de os querer deſamparar por divindade eſtranha; que pola ſoberba de lhe virem dar luz ao entendimento, ou pola ambição de lhe uſurpar o Reyno mereciaõ eſte caſtigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para eſte effeito o ajudaria com armas, e ſoldados, fazendo commum a cauſa, pois o era tambem a injuria dos Idolos de todos.

O de Candea conſente niſto.

9 O miſeravel Principe, não podendo levantarſe de todo com o peſo de ſeus antigos erros, ſe deixou perſuadir das razoens do barbaro, e fraudulento amigo, porque os olhos ainda cegos com as nevoas da idolatrìa não podiaõ ſofrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; e logo ou incauto, ou violentado conſpirou na traição do Madune, como enfermo frenetico, contra os inſtrumentos da ſaude indignado; eſperàrão em fim os hoſpedes, reſolutos em executar a maldade, que tinhão concebido.

Viage de Antonio Moniz.

10 Entretanto partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes pòrtos alguns navios noſſos, que conforme à inſtrucção, que levava, aggregou à ſua armada. Dobrado o cabo de Comorim, e paſſados os baixos de Manàr, foi demandar Baticalou, para dahi entrar em Candea, caminhando por terra. Levava doze fuſtas de remo, de que tirou cento e vinte ſoldados eſcolhidos, e com elles foi caminhando com a ſegurança, de quem hia buſcar hum Principe amigo, e obrigado, e ſobre tudo, ſenão fiel ainda, ao menos grato jà, e benevolo às verdades da Ley, que lhe prègavamos. Chegado a Candea, como tudo fervia em

Chega a Candea, acha tudo trocado.

ar-

armas, não pode ser a traição tão cauta, que Antonio Moniz a não entendesse por diversos avisos, e pela simulação,com que tentàrão dividirlhe os soldados para os poder matar a seu salvo. De mais que o Rey lhes não quiz ver o rosto, quiçà por não descobrir nos affectos a consciencia temerosa, e culpada. Antonio Moniz se sahio logo da Cidade, mandando queimar os impedimentos, e bagages, que trazia, ficando assi mais livre para a defensa, e para a retirada, e juntando os soldados lhes disse.

11 ,Companheiros, e amigos, todos sabeis a ,traição, que nos tem ordenado este Rey infiel, a ,quem viemos soccorrer, e servir; entendo, que nos ,cometterão com força descuberta, pois tem agora ,huma razão, ou causa mais para nos offender, que ,he havermos conhecido seus enganos. Nenhum de ,nòs terà mais vida, que em quanto a souber defen- ,der. Pòde salvarnos o valor, e a conformidade; soc- ,corros não esperamos de fòra, pois estaõ em nòs ,mesmos; e estes barbaros não se empenharão na trai- ,ção, se virem, que he custosa; e que muito, façamos ,nòs agora por nòs mesmos, o que vinhamos a fazer ,por elles, que he derramar o sangue? Os caminhos, ,que guiaõ a Batecalou,onde a está nossa armada,de- ,vem estar occupados do inimigo, polo que nos pa- ,rece, que vamos demandar o Rey de Ceitavaca, fiel ,amigo do Estado, onde acharemos hospedagem, e ,abrigo seguro, para dahi irmos a buscar nossa ar- ,mada. *Trata voltarse.*

12 Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobrírão os inimigos em tròpas, acomettendonos com settas, dardos, e pedras, e outras armas deste genero, com que nos ferirão alguma gente, *He comettido dos inimigos.*

de

determinando com eſte importuno modo de peleija acabarnos ſem riſco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por ſeus Cabos, a que chamão Modeliares, deſtros naquelle modo barbaro de cometter, e retirar, ſuperiores aos noſſos no numero, e na agilidade; e ſem duvida hum, e hum nos forão derribando a todos, ſe os não fizera afaſtar a noſſa eſpingardaria, de que recebèrão dano, e temor grande, vendo cair alguns ſubitamente mortos; de que eſpantados os outros nos ſeguiaõ mais timidos, e cautos; aſſi nos forão picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, e outras cobardes, e com eſte ſequito deſigual, e importuno, hiaõ dando aos noſſos a carga lenta, mas nunca interrompida.

Trabalhos que paſſa.

13 Sobreveo a noite, de que os noſſos recebèraõ mais ſegurança, que repouſo, porque ſempre os foraõ inquietando com tiros vagos, e perdidos, ſem que os pobres ſoldados podeſſem ainda ſobre as armas receber algum breve deſcanſo; maſtigando o biſcouto com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Aſſi paſſárão atè o ſeguinte dia, que ſe deſcobrião os barbaros mais ſoltos, e atrevidos, perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhes fazião os inſtrumentos do fogo. Chegàrão em fim a ferirnos de perto com armas curtas, com o que foi forçado Antonio Moniz deter a marcha, e fazer algumas voltas, em que lhe degollamos gente, e cativamos, entre outros, hum ſeu Modeliar, que no habito, e nas armas, parecia o Regente de todos; o que moſtrou ſer aſſi no riſco, e ouſadia, com que intentàrão livralo, fazendo muitas arremetidas, de que ſaírão cortados, porèm ſempre conſtantes naquella invazaõ

zão porfiada, que jà os noſſos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

14 Alguns forão de parecer, que fizeſſem roſto ao inimigo, e ſe livraſſem peleijando, ou acabaſſem vingados; porèm Antonio Moniz lhes diſſe, que a melhor parte do esforço era o ſofrimento; e que ſó eſte os podia ſalvar; que tinhão a maior parte do caminho vencido; que marchando vigiados, e unidos, naõ poderião receber grande dano; que por grande, que o perigo foſſe, ſeria depois maior o goſto, quando o recontaſſem glorioſos, e ſeguros. Aſſi lhes foi o Capitão criando eſpiritos novos, e enfreando a deſesperação de tão prolixa reſiſtencia, atè os viſitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia; na qual os barbaros tambem quebrados deixàrão em alguma maneira reſpirar os noſſos. Porèm tanto que amanheceo, tornàrão a ſeguir a preſa mais furioſos, parece que corridos de achar oppoſição tão valeroſa em poder tão pequeno. Aqui ſe deſenvolvéraõ mais ſoltos contra os noſſos, que jà ſe defendião, ainda que com os meſmos animos, com forças mais remiſſas.

Prudencia com que modera os ſeus.

15 Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, e lançalo na eſtrada, a quem os ſeus deixando a peleija, acodirão logo detidos do amor, ou da piedade do maioral, ou companheiro, que vião em tão miſeravel eſtado; ficàrão os noſſos hum eſpaço largo, como ſem inimigo; porèm ſubitamente movidos de hum eſpirito de laſtima, ou vingança, acomettérão impetuoſamente os noſſos em hum paſſo eſtreito, que hia fechar em huma ponte,

fundada sobre hum grande rio, que senão vadeava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros rosto aos inimigos, em quanto seus soldados passavão; e como os teve da outra parte, quebrou hum lanço da ponte, industria, com que tolheo aos barbaros a passagem, e sequito. Não alcançou Antonio Moniz fama popular por tão heroica defensa, porèm entre os poucos, que souberão fazer justa estimação das obras excellentes, mereceo esta retirada applausos de huma grande victoria. Chegàrão em fim ao Rey de Ceitavaca, onde achàrão benigna, e fiel acolhida, reparando-se da fome, feridas, e trabalho com liberalidade piedosa, e grata, offerecendo-lhes suas forças para a vingança de tão justo aggravo.

Esforço com que peleija.

Retira-se.

16 O pobre Rey de Candea arrependido da maldade comettida por inducção do Regulo vezinho, aborrecendo a traiçaõ, como cousa criada em peito alheo, enviou a Antonio Moniz hum mensageiro com dez mil pardaos para os gastos da armada, escrevendolhe, que o sentimento era seu, e os erros alheos; que pois o fora buscar infiel, não o desemparasse Christão; que o Deos, em que começava a crer, porisso era tão grande, porque perdoava offensas; que aquellas tenras flores, que começavaõ a abrir no jardim da Igreja, naõ as quizesse deixar desabrigadas às injurias do ardor da idolatrìa; que pois vieraõ com armas limpar aquelle matto de superstiçoens gentilicas, naõ se espantasse de sahir lastimado das espinhas, e cardos da infidelidade; que sendo taõ benigno o Deos, que lhe prègavaõ, com justiça sem mise-

Arrependese ElRey de Candea.

Mandalhe hum mensageiro.

ricordia

ricordia naõ ſalvaria os homens; que a quem não deſpreſava o Ceo, não deſprezaſſe a terra; que lhe pedia o ſoccorreſſe, porque eſtava prompto a offerecer polo amparo a fazenda, e pola Fé o ſangue.

17. Com eſta carta eſteve Antonio Moniz reſoluto em ſe tornar a Candea, repreſentandoſelhe maiores os intereſſes da Religiaõ, que os perigos da vida. Porèm os ſoldados, como abraçados com a tavoa, em que haviaõ eſcapado, não quizeraõ ſahir do abrigo do Principe amigo, dizendo, que o primeiro engano fora de traidor fementido, o ſegundo ſeria de Capitaõ crèdulo, e incauto; que ſe naõ queriaõ tornar a fiar da bibora, que huma vez os mordéra; porque ſe os quizera matar, quando obrigado de hum grato ſoccorro, que faria, quando offendido na injuria de ſeu exercito afrontado? Que queriaõ agradecer a Deos hum milagre antes, que pedir outro; que o Governador os não mandava como Apoſtolos, ſenão como ſoldados; que ſe hiaõ a derramar o proprio ſangue pela Fé, foſſem ſem armas, mas que a ſua vocaçaõ era defender a Ley com a eſpada, e naõ pregàla. Vendo Antonio Moniz, que os ſoldados eſtavaõ frios no zelo, e duros na obediencia, entendendo, que ſe Deos quizeſſe ſalvar aquelles póvos, abriria os caminhos; reſolveo buſcar ſua armada; e em quanto elle navega, tornaremos ás couſas do Hidalcaõ, que temos retardadas.

Quer Antonio Moniz tornar.

Os ſeus o encontraõ.

Recolheſe à armàda.

18 Sobreſaltado o Hidalcão com a preſença do Meàle em Goa, tentou com o remedio das armas purgar eſtes receos, e porque as guerras d[e]

O Hidalcaõ manda ſobre as terras firmes.

Dio tinhaõ hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo, a Cidade de Goa o tinha ausente, acometteo as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz estavaõ sem defensa. Despedio quatro mil soldados, que sem golpe de espada as senhoreàraõ, fazendo que os agricultores lhe acodissem com os fruitos, e fóros annuaes, que pagavaõ ao Estado. Chegou a Goa o aviso desta entrada, que deu grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolvéraõ esperar a vinda do Governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcaõ o orgulho, persidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar às incursoens do inimigo este pequeno freo.

Retiraõse de temor dos nossos.

19 Logo que o Governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, naõ querendo dar outros ao descanso, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a Dom Diogo de Almeida Freire, com novecentos homens para que desalojasse o inimigo, que estava com quatro mil soldados nas aldeas vezinhas. Em tanto que os Mouros tiveraõ aviso, que a nossa gente marchava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolheraõ ao sertão; o que a todos pareceo respeito às victorias de Dio, cuja fama tinha cheo de temor, e reverencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha à nossa obediencia, logrando com os receos da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de Principe queixoso,

Mãda outra gente, e quer elle vir.

so; e vezinho. O Hidalcaõ, dandose na fogida dos seus por afrontado, acodio pola opiniaõ das armas, como segunda causa para mover a guerra, mandando oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto aprestava poder maior, intentando (como elle dizia) onde aventurava o Reyno, arriscar a pessoa. Porèm em quanto o estrondo destas armas se não ouve em Goa, fallaremos das cousas de Malaca, e Maluco, por serem dispóstas com a providencia do Governador, e acabadas com sua fortuna.

20 Estava Bernardim de Sousa despachado com o governo das Malucas, Ilhas, que como taõ distantes do coraçaõ do Estado, recebiaõ mais tibia obediencia, assi na sojeiçaõ dos naturaes; como na liberdade dos Governadores, que obravaõ voluntarios, e independentes. Tinha Jordaõ de Freitas enviado a Goa a ElRey Aeyro, ligado com prisoens, indignas da Coroa, e criminado com processos alheos da verdade; os quaes Dom João de Castro mandou verificar por tela de juizo, e absoluto o pobre Rey dos delictos impôstos, depois de o hospedar com Real tratamento, lhe restaurou com honras, e favores as injurias do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar a posse do Reyno com maior reverencia, que de nossos Governadores costumavaõ receber seus passados, para que conhecessem aquelles pòvos a clemencia, e justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos, e amigos.

ElRey Aeyro preso em Goa.

He absoluto pelo Governador.

21 Chegou Bernardim de Sousa à Ilha de Ternatè, e saltando em terra, se foi meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambiçaõ daquelles

Levado a Ternàte.

daquelles povos costuma receber a seus Governadores. Jordaõ de Freitas, que na subita vinda do successor, e na consciencia culpada, estava lendo o processo de suas demasias, ficou sobre maneira alterado, conhecendo da inteireza de Dom Joaõ de Castro, que naõ permittia aos Capitaens móres, que aos Reys amigos fizessem, nem sofressem injurias, e que se naõ podia justificar Aeyro, sem o condenar a elle. Com tudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem logo acudiraõ os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pay, que a esperalo: taõ tímidos saõ os juizos dos homens nas cousas que desejaõ! Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da nào tão honrado, que parecia, que mais fora representar serviços, que responder a culpas. Os filhos ainda incredulos no gosto da insperada nova, foraõ correndo à praia, seguidos de multidaõ de povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirando-se da igualdade de nossas leys indifferentes a naturaes, e estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe deraõ victoria de nòs mesmos; e que das excellencias do Governador da India fallaria sempre com o dedo na boca. *E restituido aos seus.* Levantados em as mãos levava os grilhoens, com que dalli partìra preso, servindo-se da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousaraõ as cousas de Maluco em grata obediencia muitos annos.

Conjuraõ varios Reys contra Malaca. 22 Gozava neste tempo Malaca de huma profunda paz, assentada sobre as amizades, e commercio dos Princ ipes vezinhos; e porèm ElRey de Viantana achan-

achando-se com forças para intentar qualquer empresa grande, o poder, e o ocio lhe trouxerão à memoria muitos aggravos esquecidos, que dos Reys de Patane havia aquella casa recebidos; e como era bem correspondido dos Principes de Quedà, Paõ, e outros confinantes, teve meios para os colligar fazendo-os parciaes na vingança de alheas injurias. Poserão sobre o mar huma grossa armada, capitulando, que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo, e elles ficariaõ com os despojos da guerra, a respeito de aventurarem o sangue na satisfação dos aggravos de outro.

23 Era nesta occasiaõ Simão de Mello Capitaõ de Malaca, e sabendo das discordias destes Principes, escreveo a Diogo Soares de Mello, que estava no porto de Patane, que se viesse àquella fortaleza, porque como todos aquelles Reys eraõ amigos do Estado, queria antes ser arbitro, que parcial em suas differenças; de mais, que era razaõ politica deixar que a guerra os quebrantasse, para que desangrados vivessem na paz, e obediencia de nossas armas mais sujeitos, considerando, que o tempo lhes podia dar occasiaõ, e as forças ouzadia; porque para o odio bastava sermos nôs dominantes, e para a guerra o poder naõ busca outras causas. *Que faz o Capitaõ della.*

24 Diogo Soares naõ engeitando o aviso, despedio alguns navios de carga para a China, e elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava neste tempo o Achem às presas com vinte vélas grossas, fazendo com forças de senhor o officio de Cossario. Tomou alguns juncos de bastimentos, fez no mar outros insultos em navios de amigos. Com a fortuna crecco o atrevimento, chegando a desembarcar *Sabe em terra o Achem, e recolhese logo.*

de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que chegàra a pisar terra de nossa obediencia, e logo com esta gloria, ganhada tanto a furto, se tornou a embarcar.

25 Tocou-se na Cidade a rebate, onde o temor, e a noite fez maior o perigo, fogindo muitos de suas mesmas sombras. Chegárão à fortaleza as vozes dos que só temião porque vião temer, assombrados do medo sem perigo. Mandou o Capitão mòr a D. Francisco Deça com alguns soldados, que entrados na povoação dos Chelins, virão na confusão, e temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estava jà embarcado, sem levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello a covardia do Achem, como se fosse injuria; tão respeitadas estavão as paredes daquella fortaleza, que parecia insolencia comettellas, avistalas delicto! Mandou logo por hum Bantim ligeiro espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caraveloens, e seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasião Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudar à victoria. Nomeou a D. Francisco Deça por Cabo desta esquadra, o qual ainda mal armado, com a pressa de quem acodia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucção, que se em dez dias não achasse o inimigo, se recolhesse ao porto, porque não hia bastecido para mais largo tempo.

Sae a buscalo a armada.

26 Navegárão oito dias sem encontrar a armada, e chegados a huma Ilha tiverão novas, que o inimigo estava ancorado em Quedà, viagem de dous dias. Determinou D. Francisco passar avante, porém os sol-

Tem novas delle o Capitão, e quer seguilo.

ſoldados ſe amotinàrão, dizendo, que era de Capitão biſonho ſeguir a quem fogia; que os baſtimentos eſtavão jà acabados; que elles não hiaõ a peleijar com a fome; e ſe o regimento do Capitão mòr ſe eſtreitava a dez dias, melhor era a obediencia, que a victoria. Porèm Diogo Soares de Mello, ainda que inferior no poſto, maior na authoridade, diſſe, que todo o Capitaõ que ſe voltaſſe, havia de peleijar com elle primeiro, porque maior ſerviço faria a ElRey em meter no fundo ſoldados deſobedientes, que inimigos atrevidos. Applacado neſta fórma hum temor com outro, navegáraõ a Quedá, aonde ſouberaõ que o inimigo eſtava em hum porto oito legoas diſtante; reſolveo D. Franciſco ſeguilo, viſto eſtar taõ vezinho. Aqui foi a murmuraçaõ dos ſoldados maior, mas naõ o atrevimento, porque víraõ que a injuria era mais do temor que do perigo; aſſi foraõ ſeguindo a Capitania com maiores demonſtraçoens de goſto, do que nunca tiveraõ, ou foſſe por dourar os receos paſſados, ou que os coraçoens preſágos da victoria criáraõ mais honrados affectos.

Os ſoldados ſe amotinaõ.

Diogo Soares os applaca.

27 Aviſtáraõ naquella meſma tarde a Cidade de Parlés, em cujo porto eſtava o inimigo ſurto em huma enſeada, que fazia o rio em pequena diſtancia da Cidade. Mandou o Capitaõ mòr ſondar o rio, e abaliſar com ramas o canal para fogir dos bancos, e ſabendo pela ſonda, que tinhaõ as caravelas fundo, cometteo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galès, e outros navios buſcar a noſſa armada, porque pelas eſpias entendeo que erão navios mercantis, em razaõ de haverem viſta da terra dos caraveloens ſómente, por eſtarem as fuſtas, e galeotas cubertas com a ſombra de huma ponta torcida em

Aviſtaõ, e cometem o inimigo.

voltas, que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante, que davão escolta a outra muita fusta-lha; as quaes como achárão soldados, aos que imaginavão mercadores, quizerão voltar, mas como o rio era muito estreito, e ellas vinhão arrazadas em popa, o não podèrão fazer, sem que primeiro lhes chegassem os nossos. Atracados em breve espaço, tingírão as armas, e ainda o rio em sangue. Diogo Soares entrou a galé Capitania cõ 50. soldados, e achou nos Mouros tão porfiada resistencia, q̃ todos forão mortos, porèm nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijàrão os outros. Conheceose a victoria pelos vasos, mas não pelos cativos. Parece q̃ cõ obstinação honrada nenhũ quiz sobreviver à sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do valor dos nossos, pois não só peleijarão cõ valentes, mas com desesperados.

Rende Diogo Soares a Capitania.

28 Entretanto ElRey de Viantana, e os mais confederados recebèrão tantas satisfaçoens do de Patane, que assentarão com maiores vinculos a paz; estes sabendo que a nossa armada era saida, ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarnição bastante, vierão tentar, se esta occasião lhes abria caminho para tirar de Malaca tão pesado vezinho; e como o odio os fazia atrevidos, e o temor covardes, quizerão com o semblante da paz disfarçarnos a guerra. Enviàrão hum Capitão pratico a Simão de Mello, a significarlhe o sentimento, que tinhão de haver o Achem desbaratado a nossa armada; e que sabião que com o gosto da victoria juntava poder maior para vir sobre a fortaleza, que como tinha tão poucos defensores, era forçoso que o valor cedesse à multidão, pois o numero, e a occasião dava as victorias; que elles como amigos do Estado lhe pedião licença para desẽbarcar naquel-

Embaixada dos conjurados.

naquelle porto, e remirem com seu sangue a fortaleza de taõ certa ruina, e faria o Mundo juizo, que eraõ melhores amigos no trabalho, que na prosperidade. Alem desta mensagem cautelosa, vinha o Enviado instruîdo, que notasse os soldados que tinha a fortaleza, e do semblante do Capitaõ conjecturasse o valor, ou receo com que ouvia o destroço da armada: por ser o coraçaõ nos affectos mais fiel, que a lingua.

29 Porêm Simaõ de Mello entendendo que a offerta era traiçaõ, e o mensageiro espia, determinou ferilos pelos seus mesmos fios, servindo-se de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a taõ opportunos soccorros, como lhe offereciaõ, e que em retorno de taõ grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria, que os seus navios alcançàraõ do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; e que na fortaleza tinha gente, e muniçoens sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem saira daquelle porto fogindo; que os Portuguezes tiveraõ no alcance difficuldade, na victoria nenhuma. Estas palavras recebèraõ credito da segurança com que se disseraõ, ficando o Mouro crèdulo, e descontente no esforço do Capitaõ, e na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitaõ mòr ou entendéra o ardil, ou desprezára o medo. *Reposta do Capitaõ de Malaca.*

30 Simaõ de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusando-se de leve, e temerario, por haver empenhado as forças daquella praça contra hum inimigo, de cuja paz naõ tiravamos fruito, nem gloria da ruina; porque humilde prova de valor seria destroçalo com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assim discorria o Capitaõ, *Faltaõ novas da armada.*

pitão, como ſenão pudéra haver deſgraça ſem culpa.
Queixaſe o vulgo. Hiaõ na armada embarcados os caſados de Malaca, cujas mulheres, e filhos com lagrimas antecipadas ao ſucceſſo choravão a victoria, que ignoravão, queixando-ſe do Capitão, que quizera comprar fama com o ſangue alheo; ſendo mais conveniente ao Eſtado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E
O P. Xavier o ſoſſega. jà o tumulto popular tocára em liberdade, ſe o Meſtre Franciſco Xavier (que então a India reſpeitava Penitente, e agora o Mundo venera Santo) não enfreára o povo, lembrandolhe a paciencia nas adverſidades, não ſó como virtude, ſenão como remedio; deſcobrindolhe cauto, mas tambem compaſſivo huns longes de mais alegres novas, que mais pareciaõ alivios de proximo, que annuncios de Propheta. Quan-
Pronoſtica a victoria. do no meſmo dia, em que ſe deu a batalha, eſtando à viſta de numeroſo povo, enſinando os caminhos da vida, ſe arrebatou ſubitamente em hum extaſis profundo, como bebendo em ſuave ſilencio os ſegredos divinos; atè que deſpertando da myſterioſa pauſa dos ſentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que poſtrados ante os altares, deſſemos graças ao Autor das victorias, porque naquella hora desbaratára Deos com noſſos braços a armada do inimigo. O povo reverente no preſagio do Interprete divino, com gratas, e piedoſas lagrimas louvava a Deos no Santo, começando dos extremos do peſar mais ſegura a ale-
E annuncia o modo della. gria. Aquella meſma tarde eſtando doutrinando a plebe em huma Ermida vezinha, referio os caſos da batalha com tão particulares accidentes, como quem ſabia o ſucceſſo, de quem deu a victoria; e deſta felicidade cremos, foi o glorioſo Santo interceſſor, e oraculo, o qual com muitas outras illuſtraçoens di-

vinas

divinas antevio os ſegredos eſcondidos com eſpirito preſâgo do futuro. Ficou Malaca gozando de huma honrada paz, aſſegurada com a victoria, que temos referido; porém o Governador em Goa ainda com as armas quentes no ſangue de huma batalha, o chamavão a outra.

31 Entre o Hidalcaõ, e o Eſtado deixou Martim Affonſo de Souſa vivas as cauſas dos odios, que temos referido, de que Dom Joaõ de Caſtro lhe naõ podia dar ſatisfaçaõ ſem afronta, nem negarlha ſem guerra. Com a retirada dos Mouros eſtavão à noſſa obediencia as terras de Bardèz, e Salſete, naſcendo os fruitos da agricultura, quaſi debaixo das armas com que os defendiamos. O Hidalcaõ, como via com ſeus olhos as terras, e tambem os aggravos continuados na retenção que avaliava injuſta, cada dia nos acordava com as armas ſeu dereito, ſobreſaltado juntamente com a preſença do Meàle em Goa, que era veneno, que acomettia o coraçaõ do Reyno; entendendo, que com as entradas dos ſeus ſubitas, e furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Eſtado; e que com a negaçaõ dos mantimentos, empobrecia os vaſſallos, e engroſſava os vezinhos, de cujos pòrtos os recebiamos; entrou em conſideração de nos fazer a guerra com poder deſcuberto, em que aventuraſſe o Reyno, e a peſſoa, deixando na fortuna de huma batalha a juſtiça de humas, e outras armas; e como a paz, e a tyrania o tinhão feito rico, eraõ lhe faceis as deſpezas da guerra, que havia de mover quaſi dentro em ſua meſma caſa. Deſpachou logo oito mil ſoldados a ſenhorear as terras da contenda, em quanto

Cuidados do Hidalcaõ.

Manda gente à terra firme.

quanto se dispunhaõ forças maiores para sustentar o que aquellas ganhassem.

32 O Governador com o primeiro aviso desta entrada ordenou, que Dom Diogo de Almeyda Freyre com novecentos Portuguezes, e alguns Canarins de soldo, e huma companhia de cavallos, fosse encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcão viesse pessoalmente; fama, que os Mouros derramavão, e nos querião persuadir, ou se persuadiaõ. Dom Diogo de Almeyda partio com esta gente, e fez alto na fortaleza de Rachol, a cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo, que náo quiz empenhar o poder, nem aceitar a batalha, que lhe offereciamos, quiçá conhecendo, que naõ podiamos sustentar guerra lenta pola falta de provizões, e incommodidades do terreno alagadiço, e retalhado em estreitos, onde naõ podiamos ter alojamento enxuto, nem servirnos de cavallaria em todos os lugares da campanha; huns, que pola humidade nos tolhião a passagem, outros pola aspereza; inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabião melhor os passos, e estavão feitos ao trabalho de calcar os pantanos com agilidade, e soltura; demais, que erão bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois Dom Diogo, que o inimigo tinha a escolha de peleijar, ou retirarse, e que os mantimentos lhe faltavão, consultou o Governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de Rachol, em quanto resolvia o que se devia obrar.

Dom Diogo de Almeida da lhe sae.

O Governador o faz recolher.

33. Vol-

33 Voltou o Governador de Pangim a Goa, onde poz em confelho o eftado das coufas, e defejos que tinha de opprimir o Hidalcaõ com guerra mais pefada, para evitar as moleftias de repetidas entradas, ficando de huma vez com as mãos livres para acodir a negocios differentes, o que não poderia fer, deixando armado, e fem caftigo tão importuno vezinho. Porèm a todos pareceo, que a guerra fe differiffe para tempo opportuno, qual feria o do verão feguinte, em que os noffos podião campear jà no terreno enxuto, e com forças maiores, engroffadas com os foldados reynoes, que nas nàos de viagem fe efperavão; que o fim das emprezas não era a brevidade, era a victoria.

E poem efta guerra em confelho.

34 O Governador ainda que bellicofo, e mal fofrido, houve de fojeitar a vontade ao entendimento, efperando monção, em que pudeffe pedir ao Hidalcão mais rigorofa conta de feus atrevimentos. O que affentado ordenou a Dom Diogo de Almeyda Freire, que retiraffe a gente, deixando a fortaleza de Rachol com fufficiente prefidio, pondo às correrias do inimigo efte pequeno freo. E como o Governador era no exercicio das armas incanfavel, em quanto não tinha real a guerra, parece que fe deleitava com a imagem della. Hia todos os dias ao campo, onde mandava aos foldados tirar a barra, jugar as armas, formar efquadroens, incitando a huns com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulação, e exercicio, crecer eftas virtudes, trocando huma Cidade pacifica, e politica, em efcola de armas, que eftes erão os ferãos, e comedias, onde com util, e bellicofa diverfaõ fe recreava

Dilatafe para outro tempo.

Exercita a guerra na paz.

creava o povo, tendo com a frequencia destes ensayos os soldados tambem disciplinados, que nas occasioens da guerra verdadeira, nenhum caso, ou accidente os tomava de novo. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz vio em huma casa terrea quantidade de armas em hum cabide, tratadas com tal lustro, e asseo, que se pagou da limpeza, e concerto, com que estavão dispóstas, e tendo a redea ao cavallo, perguntou, quemna casa vivia? Acodio a lhe responder o mesmo dono, que era hum Francisco Gonçalves soldado de fortuna. O Governador depois de o louvar de curioso, e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que lustrasse o ferro; sendo que nos dias de seu governo tiverão pouco tempo as armas para criar ferrugem.

Favorece os soldados.

35 Era jà entrado o mez de Agosto; e o Governador como antevendo as occasioens futuras, não perdia momento em municionar, e bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes, Capitão de hum Catùr, com cartas de Dom Joaõ Mascarenhas, em que o avisava, que o Soltaõ de Cambaya juntava todas as forças de seus Reynos com voz de pór segundo sitio àquella fortaleza, que convinha mostrarlhe este verão as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa deixaria de inquietar a alhea; mòrmente, que impedindolhe nossas armadas a liberdade da navegação, e os uteis do commercio, abriria os olhos para ver, que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

Tem avisos de Dio.

36 O Governador mandou juntar o governo da Cidade, a quem deu copia da carta de D. João Masca-

Communicaos ao Senado, e pedelhe ajuda.

Mascarenhas, pedindolhe o ajudassem, para acabar de domar, ou reduzir este inimigo; e ainda que esta exacçaõ os tomava sobre tão fresco empenho, foi a propòsta do Governador tão grata a todos, que lhe offerecérão as vidas, e as fazendas, se como fora o serviço do Estado, alimento, e herança dos filhos, que criavão. *Offerecemlhe quanto tem.* Esta felicidade de tempos naõ alcançou a India em todos os governos. D. Joaõ de Castro lhes pedio dez mil pardàos, com que o povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns Cidadãos ricos lhe mandàrão quantidade de joyas, com huma carta chea de honradas queixas polas não haver aceitado, nem despendido na primeira offerta; mostrando se as de Chaùl, ainda que no exemplo segundas, na offerta maiores. *E as mulheres suàs joyas.* Porèm o Governador escasso no uso, e dispendio de tão fieis donativos, lhos tornou a remetter agradecido, e pagandolhes nas honras dos maridos, e filhos tão liberal, e opportuno serviço. Avisou aos moradores de Baçaim, e Chaul das noticias do Capitão de Dio, e despezas da armada, e necessidade em que estava para que o ajudassem; os quaes lhe responderaõ tão faceis ao serviço Real, que parecia, recebião as novas occasioens de perigo, e despeza, como premio do que tinhaõ servido. *Avisa à Chaul, e Baçaim.*

37 Andava o Governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou nova, que na barra de Goa havião lançado ferro duas nàos do Reyno, que se apartàrão da conserva de outras. *Chegaõ nàos do Reyno.* Tinhão aquelle anno partido do Reyno seis, sem Capitão mòr; das que chegàrão, erão Capitaens Balthasar Lobo de Sousa, e Francisco de Gou-

vea, das quatro que faltavão, Dom Francisco de Lima em São Philippe, e vinha provido na Capitanía de Goa; Francisco da Cunha no Zambuco; e estas duas partírão tarde, e vierão tomar a barra em vinte e tres de Setembro. De outra nào, que era a Burgaleza, vinha por Capitão Bernardo Nazer, invernou em Socotorà, e aportou em Goa nos ultimos de Mayo. Era Capitão da outra Dom Pedro da Sylva da Gama filho do Conde Almirante, despachado para Malaca, e por roim navegação do seu Piloto se perdeo nas Ilhas de Angoxa, salvou-se porèm a gente, que passou a Moçambique, e dahi repartida por outras embarcaçoens chegou à India. Nestas nàos veo ordem ao Governador, que mandasse alargar o sitio à fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem Rumes de vir a ella, e convinha assegurar os moradores, e o porto como escala principal de nossas náos, tolhendo ao inimigo o impedimento, que nos podia fazer no commercio de C,ofala, e Cuàma.

Ordens que trazem.

38 Achava-se o Governador com tres mil soldados Portuguezes, e alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as maiores forças, que juntou na India; e considerando, que o Hidalcão com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento a não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscalo no interior do Sertão, necessitando-o a aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa taixado o poder, e o tempo. Communicou esta resolução com os Regentes da Cidade, e aos Cabos da milicia, e a todos pareceo a occasião opportuna. E como o Governador era nas execuçoens sobre maneira presto, e tinha

Resolve a guerra do Hidalcão.

a gente

a gente prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho Dom Alvaro, Dom Bernardo, e D. Antonio de Noronha filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, e Vasco da Cunha. Hia tambem D. Diogo de Almeida Freire com duzentos cavallos, e os casados de Goa, a quem se aggregárão os pioens da terra, em numero de mil e quinhentos. Presidiava a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com trezentos soldados Portuguezes, e alguma infantaria dos naturaes, ao qual avisou o Governador, que se aprestasse para se juntar com elle na Villa de Margão.

Ordena sua gente.

39 Neste tempo chegàrão a Goa Embaixadores do Rey do Canarà, que pretendiaõ a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidalcão seu confinante. Foi este Reyno entre os Orientaes, pola grandeza do imperio o mais illustre, polos principios da origem o mais desvanecido, fabulando mil tradiçoens apòcrifas, com que à veneração real servio a lisonja. Ouvio o Governador a embaixada com ceremonias decentes à ambição do Rey, e grandeza do Estado; e logo capitulàrão amizades com condições honestas a huma, e outra Coroa. Tanto que o Hidalcão entendeu a resolução do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invazão, querendo cansar o Estado com aquella fórma de guerra repentina, e furtiva, aos nossos intoleravel, a elle facil.

Vemlhe Embaixadores do Canara.

Ouveos, e despedeos.

Retira o Hidalcaõ a gente.

40 Soube o Governador, que os Mouros erão recolhidos a Pondà, onde estavão abrigados com

a artelharia do seu forte; alguns Capitães forão de parecer, que o Governador não seguisse o inimigo, que fogia, opinião envelhecida dos maiores soldados; porèm Dom Joaõ de Castro, não querendo vestir debalde as armas, mandou passar avante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcão em sua mesma casa. Foi esta resolução grata aos soldados crendo, que levavão na fortuna do General graõ parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia duas legoas, e jà sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

O Governador os segue.

41 D. Alvaro de Castro, que levava a vanguarda se lançou ao rio, vadeando, e peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente; porèm sem impedir, ou retardar aos outros, que passavão. Os demais Capitaens cortàrão o rio por differentes partes, e quando chegàraõ, achàrão a D. Alvaro batalhado com os Mouros, e jà tão apertados, que hião deixando o campo, porque como não era seu intento peleijarem no raso, tanto que vencemos o rio, cessáraõ da opposição, que nos fazião, retirando-se ordenados à sua fortaleza de Pondá. O Governador mandou seguilos, o que se fez aquelle dia por sima de alguns estrépes, que encravàrão a muitos; e chegando a Pondà, vio a todos os Capitaens do Hidalcão ordenados em fórma de dar, ou aceitar batalha. O Governador com o mesmo passo da marcha, que levava, mandou acometelos; os Mouros na resoluçaõ, parece que conhecérão a pessoa de Dom Joaõ de Castro, e como se deraõ

D. Alvaro peleija na vanguarda.

Os Mouros fogem.

Manda o Governador seguilos.

deraõ lugar à fama de ſeu nome, lhe deixàraõ o campo, onde ſó com o reſpeito alcançou a victoria. Retirou-ſe ao ſertaõ o inimigo, onde pola aſpereza da terra naõ podia ſer ſeguido. Entrou D. Alvaro na fortaleza, que achou deſamparada; foraõ muitos de parecer, que ſe deſmantellaſſe; o Governador porèm com mais altivo acordo mandou que aos miſeraveis fugitivos ſe deixaſſe aquelle abrigo, era deſprezo, e pareceo piedade. *Retiraſe ao Sertaõ.*

42 Ficàraõ outra vez as terras à noſſa obediencia, ſem paz ſegura, nem guerra continuada. O Hidalcaõ tinha forças para nos tolher os fruitos, mas naõ para logralos; e peleijava mais pola reputaçaõ, que polos intereſſes da campanha. Voltou o Governador a Goa, onde tinha a armada prompta para paſſar ao Norte, não tendo outro lugar para o deſcanſo, que o mar, ou a batalha; e como o tempo chamava as vélas, e os ſucceſſos traziaõ aos ſoldados contentes, naõ foi neceſſario para ſe embarcarem bando, ou diligencia. *Volta a Goa.*

43 Achou-ſe o Governador no mar com cento e ſeſſenta fuſtas, de que eraõ os Capitaens D. Alvaro de Caſtro, D. Roque Tello, D. Pedro da Sylva da Gama, D. Joaõ de Abranches, D. Jorge Deça, D. Bernardo da Sylva, Vaſco da Cunha, Franciſco de Lima, Franciſco da Sylva de Menezes, Dom Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Souſa de Sepulveda, Cide de Souſa, Duarte Pereira, Diogo de Souſa, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Joaõ de Attayde, Dom Joaõ Lobo, Gaſpar de Miranda, Dom Bras de Almeyda; Jorge da Sylva, Dom Pedro de Almeyda, Pedro de Attayde Inferno, Antonio Monìz Barretto *Torna à Dio.*

Coſme

Coſme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebaſtiaõ Lopes Lobatto, Antonio de Sà, Alvaro Serraõ, Dom Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthaſar Dias, Balthaſar Lopes da Coſta, Damiaõ de Souſa, Manoel de Sà, Fernaõ de Lima, Alonſo de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodrigues Pereira, Melchior Cardoſo, Coſme Fernandes, Nuno Fernandes, Franciſco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Franciſco Alvares, Franciſco Varella, Luis de Almeyda, Franciſco de Britto, Gonçalo Gomes, Gregorio de Vaſconcellos, Gomes Vidal Capitaõ da guarda do Governador, Antonio Peſſoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcaõ, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaſpar Pires, Joaõ Fernandes de Vaſconcellos, Fernando Alvares, Joaõ Soares, Ignacio Coutinho, Joaõ Cardoſo, Joaõ Nunes Homem, Joaõ Lopes, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soares, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manoel Affonſo, Marcos Fernandes, Nuno Gonçalves de Leaõ, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Pires, Pero Affonſo, Pero Preto, Luis Lobatto, Simaõ de Areda, Franciſco da Cunha, Simaõ Bernardes, Thomè Branco Patraõ mòr da ribeira, Coge Percoli lingua; e os navios, que vieraõ de Cochim, de que os Cabos eraõ noſſos. Foraõ neſta conſerva alguns navios de particulares, que por benevolencia do Governador ſervìraõ graciosamente o Eſtado.

Chega a Baçaim.

44 Com toda eſta frota foi o Governador ſurgir em Baçaim, donde mandou algumas eſpiaŝ a Cambaya para reconhecer as forças, e deſenhos do inimigo,

inimigo, de cujo poder ſe fallava em todos aquelles portos com temor, e eſpanto; e os Guzarates credulos, ou ſoberbos diziaõ, que o Soltaõ poria deſta vez o Eſtado debaixo de ſeu açoute. Aqui teve o Governador aviſo, que Caracêm genro de Coge Ç,ofar eſtava na fortaleza de Surrate com pequeno preſidio na confiança do exercito vezinho. Dom Joaõ de Caſtro deſejando cometter alguma das praças, que cobria a ſombra do inimigo, mandou a ſeu filho Dom Alvaro com ſeſſenta vèlas, para que ſobindo o rio de Surrate, deſpachaſſe alguma peſſoa de confiança, que notaſſe o eſtado da fortaleza, ou tomando lingua da terra ſoubeſſe, com que muniçoens, e preſidio Caracêm ſe achava, e parecendo, que ſe podia tomar a fortaleza por eſcala, lhe déſſe logo o aſſalto, porque pelas meſmas piſadas que deixaſſe, iria a ſoccorrelo. *Manda D. Alvaro a Surrate.*

45 Chegou Dom Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, e logo deſpachou a Dom Jorge de Menezes Baroche com ſeis fuſtas para reconhecer a fortaleza. Sobio Dom Jorge pelo rio remando à voga ſurda, atè que ſendo viſto da fortaleza, lhe tiraraõ algumas bombardadas. Os das fuſtas voltaraõ logo os remos, ou timidos, ou cautos, por mais que lhes bràdou D. Jorge que eſperaſſem. Aqui foi o perigo mayor, donde ſe naõ temia, porque de huma povoaçaõ de Abexins, que eſtava ſobre o rio, tiràraõ muitas peças; o que viſto por Dom Jorge ſaltou em terra, e entrando a povoaçaõ ganhou a artelharia dos redutos com valor, e animo taõ quieto, que a baldeou nas fuſtas ſem que lhe fizeſſe eſtorvo a *Deſpede D. Alvaro a D. Jorge.*

gente

gente, que acodia de terra. Esta segurança fez parecer o poder maior, quicà medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

46 Logo que D. Alvaro despedio a D. Jorge com as fustas, mandou traz elle outras, de que erão Capitaens Francisco da Sylva de Menezes, e João Fernandes de Vasconcellos; os quaes desejando tomar lingua em terra, surgírão em hum poço antes da povoação dos Abexins, donde mandàrão os marinheiros que fizessem aguada, que saltando em terra caminhárão quasi hum tiro de espera. Caracèm, tanto que ouvio as bombardadas, que se tirárão da povoação dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes achàrão as estancias perdidas, e a artelharia embarcada; e passando mais avante forão vistos dos marinheiros, que faziaõ aguada; que bradarão a Francisco da Sylva, dizendo, que no campo havia inimigos; e Francisco da Sylva encaminhou logo a soccorrelos, acompanhado de João Fernandes de Vasconcellos, e fazendo hum esquadrão cerrado, envestirão com os Turcos, e os rompérão, ficando alguns caídos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes derão. D. Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, e que os nossos peleijavão em terra, poz nella a proa, e acodio a tempo, que pode carregar ao inimigo, o qual se recolheo fogindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Custounos a victoria hum soldado.

E outros Capitaens.

Que lhes succede.

47 Embarcarão se os nossos, e forão na companhia de D. Jorge a demandar a armada, o qual referindo a D. Alvaro o successo, e a observação que fizera, pareceo aos Cabos, que não tinha lugar a facção,

Voltaõ a D. Alvaro.

ção, viſto eſtar a armada deſcuberta, e a terra appellidada. Só D. Jorge ſuſtentou tenazmente, que ſe devia cometter a fortaleza, ſendo a grandeza de ſeu animo a maior razão, com que o perſuadia; porèm erão as contradiçoens tão vivas, que não podia acontecer ſem culpa o mais feliz ſucceſſo.

48 Em quanto D. Alvaro eſteve no rio de Surráte, o Governador ſurto deu expediente a diverſos negocios, e como ſobre valeroſo, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltão dentro em Amadabá, onde à viſta dos Turcos, que o aſſeguravão, o havia de aſſar vivo. E como eſta voz recebia credito de tão grandes victorias, huns aos outros a referiaõ os Mouros temeroſos, ou crèdulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galantaria, mandou lavrar huns eſpetos grandes, como quem para deſcanſar dos negocios mais graves, ſe deleitava em diverçoens brioſas. Coſtumavão os ſoldados daquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas mui polídas, que ſerviaõ de cortar as driças, e enxarceas dos navios de preſa, e tambem de arrombar caixoens, e fardos; eſte era o uſo, o outro era cuberta. Deſgoſtava-ſe o Governador de armas, que tinhaõ tão humilde ſerviço, e vendo acaſo paſſar Fauſto Serraõ de Calvos, ſoldado limpo, com huma machadinha, lhe diſſe, que os homens de conta ſó a eſpada cingiaõ airoſamente: Senhor (lhe reſpondeo o ſoldado) ſem eſta machadinha não ſervem os eſpetos de Voſſa Senhoria, porque não poderemos aſſar inteiro a ElRey de Cambaya.

Que fez o Governador em Baçaim.

49 Foi o Governador ajuntarſe com D. Alvaro na barra de Surrate, onde ſoube que a fortaleza eſtava ſoccorrida. Paſſou dahi com toda a armada junta

Ajuntaſe com ſeu filho.

a avistar Baroche; de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira Capitão dos Naires de Cochim para sondar o rio, e ver o que se podia obrar, informando-se do estado da fortaleza com vista de olhos. Este Capitão subio pelo rio atè haver vista do exercito do Soltão derramado por huma dilatada campina. Era fama, que trazia duzentos mil soldados; o certo he, que era a multidão tão grande, que cobria os campos vezinhos, e distantes. Referio ao Governador o que vîra, o qual altivo de se ver temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro a armada, e foi sobindo atè dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder secava os rios. E desembarcando em terra formou campo, e apresentou batalha ao Soltão; acção tão valerosa, que entre as memoraveis do Mundo não deve esta ser segunda. O Soltão nem aceitou, nem recusou o conflito, esperou ser comettido, assi como buscado. Vio ao Governador, não lhe quiz ver a espada. Porèm D. Joaõ de Castro, como buscando nova gloria em facçoens não vulgares, chamou a si os Cabos, e fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

Avista o Soltaõ.

Apresenta-lhe batalha

50 ,Temos à vista o maior Rey da Asia, e o ,maior exercito; ainda buscando occasioens a fortu-,na de nos fazer famosos, para que sobre esta victo-,ria na obediencia do Oriente descansemos as armas. ,Confessovos a desigualdade tão grande entre hum ,poder, e outro; porèm nossas esquadras não se con-,tão pelo numero, senaõ pela virtude. Aquelles saõ ,os mesmos, que ha poucos dias destroçamos em ,Dio, naõ he necessario a estes fazer novas feridas, ,rasguemos mais as que ainda trazem abertas. Seu

Falla aos seus.

,mes-

„ mesmo numero os faz mais temerosos, vendo emba-
„ raçados os caminhos para poder salvarse; se hon-
„ tem nos deixàraõ o Campo tendo-nos sitiados, co-
„ mo nos haõ de resistir agora victoriosos? Mal sus-
„ tentaràõ a honra de seu Rey, os que perdèrão a sua.
„ Maior poder he o nosso, que o do inimigo; pelei-
„ jaõ de nossa parte a fama, e a victoria. Não creo,
„ que haverà quem engeite a grande parte, que lhe
„ cabe na gloria deste dia.

51 Os fidalgos, e soldados dissuadirão o Governador de tão perigoso acomettimento; porque em forças tão desproporcionadas ainda era digna de reprehensaõ a victoria; que os homens grandes fiavão mais da razão, que da fortuna; que olhasse pola conservação, pois jà lhe sobejava fama; que assaz era haver desembarcado, e offerecer ao Soltão batalha, pisando sua mesma terra. O Governador se deixou vencer destas razoens, temendo mais a culpa, que o perigo. D. Jorge lhe pedio quinhentas espingardas, para com ellas fazer alguma sorte no inimigo; porèm D. Joaõ de Castro, como lhe desviàrão o golpe da batalha, parece que não quiz lastimar o Soltão com chaga tão pequena. Esperou tres horas na Campanha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou embarcar os soldados, que o fizerão tão desassombrados, e seguros, como em porto do Estado; facção a mais gloriosa, que tivemos sem sangue.

Reposta dos fidalgos, e Cabos.

Està no Campo tres horas, e embarcase.

52 De Baroche foi o Governador atravessando a Dio, e despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da Costa, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes talàrão as hortas, e palmares plantados para a recreação, e ali-

Danos que faz

Mm ii mento

mento de seus habitadores, abrasárão grão copia de navios, derribàrão soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, e a memoria nas prostradas ruínas.

Chega a Dio.

53 Aportou o Governador em Dio, onde o Capitaõ mòr o veo receber à praya, e os naturaes da Ilha fizerão festas, como soberbos na sojeição de tão valeroso inimigo. D. Joaõ Mascarenhas lhe lembrou a licença que jà tinha para passar ao Reyno, a qual o Governador lhe não quizera conceder, nem podia negar; alguns fidalgos lhe haviaõ engeitado a praça, temendo, parece, não ter as occasioens, que seus antecessores: quando chegou àquelle porto Luís Falcão, que vinha de governar Ormuz, e primeiro que elle haviaõ chegado ao Governador algumas notas de seu procedimento, toleraveis por não tocarem no valor, e justiça de seu góverno. O Governador o chamou, e lhe disse os cargos de que o sindicárão, os quaes descjava esquecer como amigo, e não podia como superior, que com novos serviços podia pôr silencio em defeitos passados, ficando naquella fortaleza, em que Sua Alteza, e o Mundo tinhaõ postos os olhos. Luis Falcão a aceitou rendendo ao Governador as graças por tão honrado castigo, offerecendo despender na praça a fazenda, que adquirira em Ormuz, e a que no Reyno tinha. Este brio lhe louvou, e accendeo D. Joaõ de Castro com favores publicos.

D. Joaõ Mascarenhas faz deixação da praça.

O Governador a entrega a Luis Falcaõ.

54 Concluidas as cousas de Dio se embarcou o Governador em direitura a Baçaim, dando vista à costa de Pór, e Mangalór, onde abrasou as Cidades de Pate, e de Patane. Os moradores fogindo ao açoute salvarão no sertão as vidas, e parte das fazen-

Embarcase, e danos que fe[...].

fazendas, faltandolhes valor, e acordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento e oitenta embarcaçoens, que estavaõ em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incendio com lagrimas inuteis. Ouviaõ-se de longe as vozes, e os gemidos, desprezados da ira, e da victoria. Alguns velhos, e mininos que não podérão salvarse, mandou o Governador livrar do incendio; misericordia aos soldados importuna, grata à humanidade. Os despojos se entregàrão ao fogo, sendo menor a presa, que o destroço. Muitos outros lugares daquella Costa, sem nome, forão arruinados, ficando este cerco de Dio mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

Compaixão do Governador.

55 Daqui se passou o Governador a Baçaim, determinando gastar o que restava do verão na guerra de Cambaya, donde despachou algumas espias para saber os passos do inimigo, das quaes soube, que na Corte de Amadabà não havia casa sem lagrimas, e que o Soltão mandàra com rigoroso decreto, que senão fallasse no cerco, e batalha de Dio, como se tiverão as leys imperio na dor, ou na memoria. Destes mesmos enviados entendeo o Governador, que as fortalezas de Surrate, e Baroche se despejàrão à vista da armada de Dom Alvaro, que podéra tomalas por escala, se não fora encontrado dos Cabos, que lho dissuadírão; de que Dom Joaõ de Castro mostrou tão vivo sentimento, como se acertar as occasioens fora necessidade; chegando sua modestia a romper em palavras, que accusavão os Capitaens da armada de tibios, e remissos.

Passa a Baçaim.

Sente naõ se tomar Surrate.

56 Nes-

Lembra a ElRey os que servirão. 56 Neste breve ocio, que o Governador teve em Baçaim, começou a escrever para o Reyno, fazendo honradas lembranças a ElRey dos homens que servírão, que mostrava ser este zelo, ou gratidão, virtude singular entre tantas; e os soldados se avantajavão no valor, assegurados, que naõ lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

Torna o Hidalcaõ com guerra. 57 O Hidalcão entendendo, que as forças do Estado estariaõ, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tornou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, à ordem de CalaBatecaõ, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, pratico nas linguas, e disciplina de Europa. Este senhoreou sem contradição as terras, fazendo recolher à fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que avisáraõ a Goa do poder do inimigo.

O Capitaõ de Goa lhe quer sair. 58 Recebido este aviso, D. Diogo de Almeyda com conselho do Bispo, que governava, e de alguns fidalgos, e soldados, resolveo desalojar os Mouros com a milicia da terra, primeiro que se fortificassem, e crecendo em atrevimento, e forças, chegassem a avistar as muralhas de Goa, Cidade dominante. *A Cidade o encontra.* Ordenada a gente, que o havia de acompanhar, e estando para marchar jà prompto, vierão os Vereadores, e governo da Cidade com requerimentos, e protestos, que naõ passasse avante, nem arriscasse com forças taõ desiguaes, a Cabeça do Estado; que o Governador estava em Baçaim com armada chea de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome, e sua fortuna.

59 Du-

59 Durou entre Cidadoens, e soldados a con troversia de maneira, que por pouco chegàra a sedição, e discordia; zelando huns a conservação da Cidade; outros a reputação das armas. Em fim partírão, e composerão a differença, com que se désse aviso ao Governador, pois estava vezinho; o qual logo que entendeo, que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprendeo aspera- mente sua animosidade; e a Dom Diogo de Almeyda agradeceo, e confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenandolhe, que o esperasse em Pangim com a gente, onde seria em breves dias. *Avisa ao Governador.*

60 Não bem tinha Dom João de Castro soltado da mão a penna, com que escreveo ao Reyno, quando tomou a espada. Aquelle dia, que recebeo o aviso, mandou tirar peça de leva, e ao seguinte desamarrou a armada, e indo costeando, avistou a Cidade de Dabùl, jà famosa pelo castigo que lhe derão nossas armas, e agora dos pórtos do Hidalcaõ a principal escala. Deixavão-se ver de longe muitos jardins, pomares, e edificios polídos, que mostravão a delicia, e grandeza de seus habitadores; seria a Cidade de quatro mil vezinhos, com dous fortes, e alguns redutos, que defendião a entrada do porto; e dado, que a facção era para mui discursada, resolveo o Governador entrependela. *Embarcase logo.* *AvistaDabul.* *Sae D. Alvaro em terra.*

61 Aquella tarde andou a armada pairando à vista da Cidade, notando os surgidouros, e defensas; e ao seguinte dia no quarto da Alva mandou o Governador passar aos bateis a seu filho D. Alvaro com dous mil homens para saltar em terra, sendo elle dos primeiros, que a pisárão por meyo

de

de muitas bombardadas. Aqui fizerão os inimigos rosto impedindo, ou retardando a passagem dos nossos; esteve a batalha igual hum largo espaço; fazendo os ouzados na peleija o lugar, e a causa, as vozes das mulheres, e filhos que ouviaõ, lhes fazia receber as feridas sem dor, e sem receo; os mortos que cahiaõ, naõ lhes faziaõ exemplo ao temor, senaõ à vingança. De ambas as partes se derramava sangue, e a constancia de huns, e outros inimigos fazia contingente o successo. Quando chegou o Governador com o resto do poder, e carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defensa; pouco a pouco nos foi largando o cãpo, atè que com declarada fogida nos deixou a victoria. Entrou o Governador com os Mouros de envolta na Cidade, onde perecèraõ muitos à vista das mulheres, que naõ souberaõ deixar, nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça; o despojo igualou à victoria; apenas se pode recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a Cidade com terrivel incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pela memoria de hum, e outro estrago. Perdemos nesta facçaõ cinco soldados, o inimigo duzentos; maior numero seria o dos feridos.

O Governador o segue, e toma a Cidade.

62 O Governador deixando a Cidade abrasada, se tornou a embarcar, e foi demandar Agaçaim, onde o esperava D. Diogo de Almeyda com cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Deteve-se o Governador aqui hum dia, em que se informou dos desenhos, e forças do inimigo; e logo no seguinte, que era vespera do Apostolo São Thomè,

Chega a Agaçaim.

Thomé, se resolveo commetter os Mouros, e invocar o nome do Santo na batalha, naõ lhe querendo tirar a honra da protecçaõ da India comprada com a doutrina, e sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

63 Estava o inimigo alojado na Villa de Morgaõ, que de Agaçaim ficava em pequena distancia; o que sabido pelo Governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deu a seu filho D. Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias; com quem foraõ os Naires de Cochim, e os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os Fidalgos, e soldados da armada; aos quaes a Cavallaria da Cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo. *Encuestе os inimigos.*

64 Os Mouros estavaõ derramados sem ordem, ou disciplina, como gente que naõ temia o inimigo, ou o naõ esperava; porèm tanto que alguns soldados, que andavão pelo campo, viraõ nossas bandeiras, e por vista, ou aviso entenderaõ, que o Governador os buscava, foraõ dar conta a Cala Batecaõ sobresaltados, encarecendo o poder, que o temor, ou a distancia fazia mais crecido. O Turco assombrado de ter já sobre si tão victoriosas armas, naõ teve mais acordo, que para fazer com a fogida aos seus exemplo. Deixàraõ nos quarteis as tendas, bastimentos, e bagagens, e ainda as viandas da cea jà quasi cozinhadas, que foraõ para o trabalho da marcha necessario, e suave despojo. Nesta fogida começou a tomar o Governador posse das terras, e da victoria. *Fogem.*

D. Alvaro os segue. 65 Passaraõ-se os Mouros à outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados à maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porém com tanta pressa, que ainda a terra movedissa deixava passo aberto, e ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou D. Alvaro a passagem do rio, começando poucos, e poucos vadealo, como a estreiteza do lugar o sofria.

66 Não estava tão alheo de si o inimigo, que perdesse a occasiaõ de peleijar com tão conhecida vantagem. Voltou cos seus ao rio, mostrandonos, que fora ardil o temor cauteloso. Carregárão os Mouros sobre os que hiaõ passando trémulos, poucos, e desordenados. O Governador os animava a que passassem com a voz, com o imperio, com a presença, *Voltaõ.* mas o temor venceo a obediencia; voltárão os primeiros, não sem derramar sangue, e com peores sinaes, que os das feridas. Já a este tempo a impaciencia do Governador fez commetter o rio por differentes partes. D. Diogo de Almeyda o vadeou com hum troço da cavallaria, achando por aquella parte melhor váo, e melhor fortuna; porque se topou com o General dos Mouros, que a cavallo andava ordenando, e animando os seus, ao qual envestio com grande gentileza. Do encontro veo o Turco a terra caído, mas não desacordado, porque levantando-se, meteo mão ao alfange, e buscou a D. Diogo, que ainda que não perdeo a sella, ficou desarmado com a força do golpe por hum pequeno espaço; mas tornando a cobrarse, cometteo segunda vez o Turco, soccorrido de dous soldados, e o deixou com muitas feridas estendido no campo. *Mata D. Diogo o General.*

67 Os outros Capitaens, ainda que com difficuldade, atravessárão o rio, estimulados do exemplo do Governador, que viaõ andar com os inimigos envolto, mais envejado, que obedecido de seus mesmos soldados, que derramados, e sem ordem, se lançavão ao rio, huns tardos, outros precipitados; porém depois que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que não podendo sofrer o peso da batalha, foi desamparando o campo. O Governador, que não perdoava accidente à sua fortuna, foi apertando os Mouros já timidos, e desordenados, de sorte, que em breve espaço rematou a victoria. Morréraõ poucos dos nossos, forão muitos feridos; nos Mouros foi o estrago grande, e no alcance maior que no conflicto; porque como os nossos não tomavão cativos, com o mesmo golpe cortavão oppostos, e rendidos. D. Alvaro de Castro mandando, e peleijando, nunca pareceo mais filho de tal pay, que neste dia. Os outros Fidalgos, e Cavalleiros se houvèrão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomè, e em seu dia se venceo esta batalha, dando de seu favor aos Catholicos Orientaes hum testimunho illustre. Foi esta rota memoravel, e ainda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na singeleza de versos faceis, louvores sem artificio, nem lisonja.

Peleija o Governador.

Alcançou a victoria.

Em dia de S. Thomè, e com seu nome.

68 Despedio o Governador a gente, e foise descansar a Pangim, escusando-se de ter a festa em Goa, desprezando as palmas, e triumphos Marciaes justamente; pois era jà seu nome na voz do Mundo maior que todo applauso. Aqui esteve despachando as náos de carga, que haviaõ de voltar ao Reyno, em que foi embarcado D. Joaõ Mascarenhas, varaõ mais

Despacha as náos do Reyno.

conſtante nos perigos da Aſia, que nas adverſidades da patria. Foi recebido de ElRey, e da Nobreza com honras não vulgares. Os premios não reſponderão com igualdade aos ſerviços. Foi Conſelheiro de ElRey D. Sebaſtiaõ no Eſtado, depois hum dos Governadores do Reyno. Caſou com Dona Elena filha de D. Joaõ de Caſtello-branco, de que deixou illuſtre, e fideliſſima poſteridade.

Elogio de D. Joaõ Maſcarenhas.

69 Não pareceo a D. Joaõ de Caſtro que eſtava o Hidalcaõ ainda bem cortado de noſſas armas; reſolveo quebrantalo com mais peſada guerra. Aſſegurou com groſſo preſidio as terras de Salſete, deixando a D. Diogo de Almeyda com cento e vinte cavallos, e mil pioens da terra; e nos rios de Rachol ordenou, que ficaſſem alguns navios para defenſa das aldeas vezinhas; cujos lavradores deſamparavão as terras, vendo o dominio dellas incerto, e contingente pola inſtabilidade dos ſucceſſos da guerra. Entendendo pois o Governador, que ſeria facil de poſtrar hum Reyno declinado, foi continuando com o Hidalcão a guerra, querendo que de ſeu caſtigo fizeſſem argumento os emulos do Eſtado. Mandou embarcar os ſoldados, que tinha ſempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, e nos trabalhos pay; e dando à vela, foi navegando por aquella Coſta do Hidalcão, a qual deſtruhio com tão igual açoute, que naõ deixou lugar, que podeſſe conſolar as miſerias de outro; naõ ſe livrou nenhum pela reſiſtencia, alguns pela diſtancia.

Continua o Governador a guerra.

Danos que faz.

70 Outro Dabùl, que chamavaõ de ſima, que por eſpaço de duas legoas ſe apartava da praia, eſtava por forte, e por diſtante rico com os depoſitos, e fazendas de muitos; mas nem aſſi lhe valeo o abrigo da

Aſſola Dabul de ſima.

da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foi demandar o Governador, dando a seu filho D. Alvaro o primeiro perigo, a que chamaõ os soldados vanguarda (que estes eraõ os favores daquelle pay, e os daquelle tempo) porèm quando chegou, os Mouros tinhaõ assegurado no interior do sertaõ pessoas, e fazendas. Naõ achàraõ os nossos cousa, que servisse à victoria, ao estrago si; porque os edificios, que naõ podèraõ servir ao despojo, pagàraõ com a ruína. Vieraõ as Mesquitas, e Pagòdes a terra, deixando os Idolos desfeitos, e postrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizesse differença, chorando aquelles Mouros, e Gentios com humas mesmas lagrimas as miserias de seus deoses, e as suas. Passou a indignaçaõ de nossas armas a talar a campanha, destroindo os gados, e palmares, para que a fome acompanhasse a guerra; espada de que os naõ podia livrar a fuga, ou resistencia. Ficou em fim taõ assolado tudo, que das povoaçoens à campina se naõ fazia differença pela vista, senaõ pela memoria.

Tala a campanha.

71 Recolheo se o Governador a Baçaim, donde voltou as armas à guerra de Cambaya, despedindo alguns Capitaens, para que danassem todo aquelle maritimo, fazendo presas nas nàos de Meca, que vinhaõ ancorar nos portos da enseada; o que D. Antonio de Noronha, e D. Jorge Baroche fizeraõ com felices armas, crescendo com presas, e victorias, reputaçaõ, e forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, e temidas nos dias de D. Joaõ de Castro, de maneira, que os mais dos Principes da Asia, vesinhos, e distantes, com voluntaria obediencia tributavaõ ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender, ou assegurar os Reynos. Desta verdade nos daràõ os

Vai a Baçaim.

Faz danos a Cambaya.

Reys

Reys de Campar, e Caxèm naõ leves argumentos.

Rax Solimaõ quem foy.

72 Escrevem nossas Chronicas, e com maior espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, que defendeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebèraõ na India ou a primeira, ou a maior affronta. Foi General da empreza Rax Solimaõ, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas nàos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar fogindo, e deixando em terra bagages, e feridos. Este vendo, que não podèra conseguir a facção promettida a seu Senhor, o qual soberbo, e imperioso não costumava aceitar satisfação de culpas, ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça.

Chega a Adem.

Entrou no porto de Adèm com voz de amigo, onde o Rey o mandou visitar com mimos, e refrescos da terra, cauto porèm, e vigilante em guardar a Cidade, porque a fè, e o poder faziaõ ao Baxà sospeitoso. O Turco que vio sua traição temida, ou descuberta, quizera por escala cometter a Cidade, porèm temeo a fortaleza da praça, o valor dos Arabios; assi recorreo a outro ardil mais vil, e mais seguro; qual foi mandarse desculpar com o Rey de não entrar na Cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do graõ Senhor, em beneficio de seu Reyno. O pobre Rey facil, e crèdulo em prosperar o estado, se foi logo ver ao mar com o Baxà, assegurado da consciencia innocente, mas o tyranno esquecido da fé, e humanidade o mandou descabeçar na galè entre baldoens, e mofas, deleitando-se cruel em traição tão fea. Morto o Rey, foi facil ao Baxà occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe, temerosa, e confusa. E porque pola vezinhança dos Turcos cus-

Degolla o Rey.

tou

tou cuidado, e ſangue ao Eſtado, daremos della huma breve relação.

73 Jaz ſituada na Coſta da Arabia feliz em altura do Polo Artico de doze graos, e hum quarto, abrigada de huma pequena ſerra, que com alguns caſtellos lhe defende a entrada da terra. Eſtà aſſentada na boca do Eſtreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte; ainda que deſcuberto aos Ponentes, que ſaõ os ventos, que alli curſaõ nas monçoens do Eſtio. A arte, e a natureza a fizerão defenſavel por terra, aſſegurando-ſe da ambição dos Regulos vezinhos, e incurſoens dos Alarves Arabios, que com importunas correrías moleſtão a campanha. Eſtà no porto huma pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamão Cirà, defronte fica outro ſurgidouro, abrigado de muitos ventos, onde coſtumaõ dar fundo nàos, que navegaõ a Meca. Naõ tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, e tambem as aguas do Ceo lhe faltaõ por dous, e por tres annos, ou ſeja condiçaõ do clima, ou caſtigo ſecreto; aſſi a conduzem em cafilas de camelos de partes mui remotas. A dròga principal da terra he Ruyva, mas o que mais lhe importa he a ancoragem das nàos, que navegaõ o Eſtreito. A gente he bellicoſa, e cruel; ſegue com promptidaõ a guerra, polos deſpojos mais, que pola victoria. *Sitio de Adem.*

74 Occupada pelo Baxà a Cidade, vendo ſe inda que intruſo, obedecido, começou a quebrantar o povo com diverſos gravames, tirandolhe as forças, para melhor os dominar, tímidos, e ſujeitos. Aos poderoſos mandava degollar, e confiſcar ſem cauſa, ſendo á vida culpa, a riqueza delicto. O ſofrimento dos miſeraveis era melhor para virtude, que para reme- *Solimaõ a occupa.*

dio;

dio; porque atè da paciencia servil dos innocentes se cansava o tyranno: No dominio da Cidade lhe succedeo Marzão, e tambem nos insultos; tão crueis, que apurárão de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendo-se a podelo sofrer como inimigo, mas não como senhor. Tiverão meios para offerecer a ElRey de Campár a Cidade, e a obediencia, dizendo, que com qualquer soccorro acometteriaõ os Turcos descuidados com o dominio pacifico, e quasi hereditario, e muito mais com o desprezo de homens, que tinhaõ ao parecer, perdido a memoria de sua liberdade, e sua injuria.

Quem lhe succede.

Os morado-res a offerecem a El-Rey de Cãpar.

75 O Rey vezinho com palavras de lastima, e agrado, lhes aceitou a offerta, ou fosse ambição, ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facção tão grande, querendo ser o mesmo Rey companheiro, e Capitão de todos. Partírão no silencio da noite, e chegando à Cidade, lhe derão os conjurados huma porta, por onde entrárão, fazendo-se senhores do castello com leve resistencia. Marzão com quinhentos Turcos se fez forte nos Paços, mais certo do perigo, que das causas, e autores delle. Com a primeira luz do dia appareceo ElRey capitaneando os seus, e logo enviou a Marzão hum trombeta, dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, e agora por eleição dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusaõ do Baxà, tiverão a voz, e a liberdade atadas para não pronunciarem o nome de seu natural Principe; que elle os vinha amparar como a affligidos, e mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos; permittindolhes levar as armas, e roupa que tivessem; e quando não a justiça, e a vi-

Aceita-a o Rey, e que faz.

a victoria o fariaõ duas vezes Senhor de seus mesmos vassallos.

76 O Turco, entendida a conspiração dos Arabios, e que para se defender lhe faltavão forças, e bastimentos, obedeceo ao tempo, saindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, a occupar hum castello distante oito legoas, do qual intentou com os soccorros de Baçorà reduzir a Cidade à servidaõ primeira. Começou assaltando aos de Adem as cafilas, que basteciaõ a Cidade, a qual, como recebe do sertão agua, e mantimentos, padeceo em breves dias grandes necessidades; porque se alguns bastimentos lhe entravão, erão poucos, custosos, e furtivos. Com lagrimas o povo lastimado pesava em huma mesma balança a fome, e tyrannia; males, de que só tinha miseravel escolha. Engrossava o tyranno seu partido com soccorros continuos, a que não podia o Rey fazer opposiçaõ com forças iguaes, e discorrendo com as cabeças do povo sobre os meios de salvar a Cidade, lhe trouxerão à memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, e a fidelidade de nossa protecção aos confederados. Resolvérão mandar huma Terrada ao Capitão de Ormuz, que então era D. Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, e os rendimentos da alfandega, dandonos juntamente a conhecer o perigo do Estado, se os Turcos firmassem o pé naquella praça.

Que fazem os Turcos.

Saõ soccorridos.

Mensageiro dos moradores a Ormuz.

77 Era fama, que o Marzaõ esperava de Baçorá em breve importantes soccorros; e que se o deixassem engrossar o poder, commetteria a Cidade com força descuberta; polo que ElRey de Campár, mostrandose no discurso, e no valor soldado, naõ querendo que este tronco prendesse com maiores raízes, determi-

nou com tres mil homens escolhidos cercar a fortaleza; o que emprendeo com maior resoluçaõ, que fortuna, porque nos primeiros assaltos o matáraõ. Os Arabios cortados do temor com a morte do Rey, deixando o sitio, vieraõ a sepultar o corpo, sendo na occasiaõ a vingança mais opportuna, que a piedade.

Topa Dom Payo de Noronha.

78 A Terrada que navegava a Ormuz, entrando o cabo de Rosalgate se encontrou com D. Payo de Noronha, que com doze navios de remo guardava aquelle Estreito, e entendida a pertençaõ do Arabio, parecendolhe este soccorro digno de todo grande soldado, escreveo ao Capitaõ de Ormuz, que se naõ houvesse de tomar esta honra para si, lha não negasse a elle. D. Manoel lhe mandou mais dous navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava maiores forças; e ao Embaixador de ElRey de Campàr, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconselhou que pedisse ao Governador da India armada, que elle era tal, que naõ negaria amparo aos amigos do Estado, mórmente contra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de nossas armas.

Chega a Adem.

79 Chegou D. Payo a Adem, onde foi recebido com a benevolencia, e grandeza, que podéraõ a seu proprio Principe, entregandolhe a Cidade, tanto para a defensa, como para o governo. Arvoráraõ huma bandeira nossa, pola qual se apostáraõ a morrer todos, sangrando se nos peitos com demonstraçoens, e ceremonias barbaras, mas fieis, protestando, que defendiaõ aquella Cidade, como membro do Estado, de quem já eraõ por obediencia vassallos, e filhos por amor. Porém D. Payo se portou de maneira, que fez declinar a opiniaõ de nossas armas no Oriente, e nós

E não se ha bem.

tron-

troncaremos os accidentes desta Historia em benefi cio de taõ grande appellido; dado que andaõ de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

80 Desamparados os de Adem por D. Payo, nem assi perdéraõ a devaçaõ do Estado, defendendo a Cidade com a voz de Portugal na boca; e porque ou naõ tinhaõ, ou naõ quizeraõ outro abrigo, que o de nossas armas, resolveraõ enviar huma pessoa Real ao Governador, que lhe significasse o estado, em que se achavaõ; de cujas miserias podiamos tirar nova fama, naõ desprezando a gloria de amparar afligidos; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leys, e a Coroa, á quem se faria feudatario com hum grato, e honesto tributo. *Os moradores enviaõ a Goa.*

81 D. Joaõ de Castro se alegrou de ver soar seu nome, e suas victorias nos ouvidos dos Principes remotos, fazendo-os naõ só reverentes, mas sogeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do Governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal haviaõ chegado por noticia, as suas chegavaõ por imperio. *Alegrase o Governador.*

82 Deu o Governador esta empreza a seu filho D. Alvaro, taõ benemerito de todas, que naõ pareceo a eleiçaõ de pay, mas de ministro. Quizeraõ-se embarcar com elle muitos fidalgos velhos, que o Governador desviou com hum modesto decreto, ordenando que se ficassem em Goa, porque necessitava delles para cousas maiores; era porém taõ grande o gosto da jornada, que recebéraõ o decreto como aggravo de todos; parece que era o vicio daquelles tempos a ambiçaõ dos perigos. O Governador os satisfez alegre de ver aquelles espiritos criados debaixo *Mandaseu filho.*

 de

Com que Armada. de ſua diſciplina. Mandou logo cifar, e baſtecer trinta navios de remo, de que fez Capitaens a D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provido na fortaleza, que ſe havia de fazer em Adem, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attaide Inferno, D. Joaõ de Attayde, Alvaro Paes de Sottomayor, Fernaõ Peres de Andrade, Pero Lopes de Souſa, Ruy Dias Pereira, Pedro Botelho Porca, irmaõ de Diogo Botelho de caſa do Infante D. Luis, Alvaro Serraõ, Luis Homem, Melchior Botelho Veador da fazenda, Gomes da Sylva, Antonio da Veiga, Luis Alvares de Souſa, Joaõ Rodrigues Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

83 Poucos dias antes que çarpaſſe a armada, chegou a Goa hum Embaixador de ElRey de Caxém, a quem os Fartaques vezinhos haviaõ uſurpado grande parte do Reyno. Eſte, como reynava na outra contracoſta da Arabia, ſabendo que Adem era ſoccorrida de noſſas armas, ajuizando, que com a meſma armada o podiamos reſtaurar, eſcreveo ao Governador, que naõ ſeria menos grato ao Mundo reſtituira Caxém, que defender a Adem. Repreſentava quaõ fiel hoſpedagem achàraõ noſſas armadas em ſeus portos, fazendo reſenha das que alli haviaõ ancorado em tempos differentes, a cuja cauſa ſe fizera aos Turcos ſoſpeitoſo; offerecia àlem da fidelidade moderado tributo. O Governador, entendendo, que eſtes ſoccorros reputavão noſſas forças, e criavão amigos ao Eſtado, aſſentou, que com a meſma armada ſe dèſſe favor ao de Caxèm, viſto ſer huma meſma viagem, com que ſe podia obrar huma, e outra empreza.

Outra embaixada de Caxem.

Repoſta do Governador.

presa. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando o intento, e cabedal, despachou logo a D. Joaõ de Attayde com quatro navios para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco atè chegar D. Alvaro D. Joaõ de Attayde deu à véla, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais foraõ seguindo sua viagem.

84 Entretanto peleijavão em Adem obstinadamente cercadores, e cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o peso desta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de D. Payo, que mostrárão valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhárão na resistencia, como se defendérão sua patria no principado alheo. Estes bastárão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, e como erão soldados de fortuna, nossas Chronicas com ingrato silencio lhes callàrão os nomes, como se a virtude necessitàra de heroicos ascendentes, e fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros polas alheas. Creo que com injuria da natureza criàraõ novas leys os poderosos, em que não só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos. *O que passou em Adem.*

85 Estando as cousas de Adem na contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés Reaes, e algumas galeótas, as quaes deraõ vista à Cidade, e surgindo fóra da enseada, sairaõ em terra, armàraõ tendas, e fortificaraõ alojamento, avisando ao Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que viraõ *Chegaõ Turcos.*

sobre

sobre si forças tão grandes, acodiaõ remissos à defensa, huns tibios, outros desconfiados, parecendolhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos, e jà em privadas juntas accusavão em seu Rey a ambição de dilatar a Coroa com o sangue do innocente povo, não cabendo seu espirito na fortuna de seus antecessores. Porém os Portuguezes, que com elles estavão, vendo que dos casos mais arduos era mais gloriosa a fama, esforçàraõ os Arabios, mostrandolhes a resistencia necessaria, e possivel; offerecendo-se de novo por companheiros voluntarios de sua fortuna; o que bastou a criarlhes outros espiritos novos, com que se apostárão a morrer na defensa, menos pola obrigação, que polo exemplo.

Poemlhe cerco.

86 Sitiàraõ a Cidade os Turcos, pondolhe duas batarias com algumas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamavão Quartaos, jugavão balla de quatro palmos de roda; fizerão nos muros mais ruínas, que brechas, com que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, fazendo seus reparos, e travezes por dentro, com que entretinhaõ, e rebatiaõ os assaltos, e faziaõ aos Turcos duvidosa, e custosa a victoria. Porèm D. Payo de Noronha (arrastado de algum fatal destino) privou aos Arabios da victoria, aos nossos da honra, mandando secretamente avisar a todos os Portuguezes se viessem a elle, desamparando a defensa do Principe feudatario, e amigo, faltando às obrigaçoens do cargo, e às do sangue. Os mais dos Portuguezes obedecèrão, só Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, disseraõ, que aquella Cidade era de El-Rey de Portugal, e que na defensa della haviaõ de perder as vidas: parece que na milicia daquelles tempos

Dom Payo manda recolher os nossos.

pos primeiro se preguntava pelo valor, que pela disciplina. Estes sustentárão a Cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opiniaõ na ruína, que os Turcos na victoria.

87 Logo que os Arabios entendérão, que eraõ os Portuguezes recolhidos, perdida a esperança da defensa, tratárão de partidos; mandou porém o Principe cessar a pratica, dizendo, que antes sairia da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira de ElRey de Portugal não havia deixar ganhala aos Turcos sem nodoas de seu sangue: fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas. Continuou os assaltos o inimigo, conhecendo jà nos moradores divisaõ, e fraqueza, com q̃ tornou a tomar calor a pratica da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, a si mesmo fiel, e ao Estado. Porém o perigo, a fome, e a desconfiança dobrárão alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade promettida ao Estado, peleijando com espirito Real, mas infelice. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salvárão a hum Infante, que levárão a Campár, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco. *Que fazem os Arabios.*

88 D. Joaõ de Attaide, que deixamos no mar com tres navios, foi fazendo viagem, e porque tinha ventos de servir, em poucos dias vio a Costa da Arabia, e foi demandar a Cidade de Adem, e entrando a remo na bahia, deu de rosto com as galés que estavão surtas; e porque ainda cursavão os Levantes, se tornou a saír para o pègo. Os Turcos logo que vírão os navios, levárão as ancoras, e os forão seguindo tão apressadamente com a vantagem do remo, que os navios *Successo de D. Joaõ de Attaide.*

vios de Gomes da Sylva, e Antonio da Veiga lhes ficavão já quasi debaixo dos esporoens das galés, e vendo que lhes naõ era possivel a fogida, menos a resistencia, varáraõ os navios na terra, que lhes ficava perto, onde salváraõ as vidas. Dom Joaõ de Ataide, como levava melhor navio, foi metendo de lò tudo o que pode; vendo-se muitas vezes perdido, até que sobreveo a noite, com que se fez na volta do Abexim; em cuja costa espalmou o navio no Ilheo de Mete, que faz frente às Cidades de Barbara, e Zeila. Os que se salváraõ em terra, foraõ buscar o abrigo de ElRey de Campár, onde achàraõ Manoel Pereira, e Francisco Vieira, de quem souberaõ os successos, que temos referido; foraõ hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

Viagem de D. Alvaro. 89 Dom Alvaro de Castro partindo com toda a armada junta, como levava os Levantes em popa, fez a viagem breve, e tanto avante como os Ilhéos de Canecanim, lhe sahio D. Joaõ de Ataide, do qual soube a perda de Adem, e como lhe corrèraõ os Turcos, de cujas galès se livrára com o favor da noite. Dom Alvaro, e os fidalgos, e soldados da armada mostràraõ justo sentimento desta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opiniaõ entre naturaes, e estranhos dura sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado de ElRey de Campár, que hia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado, e sobrinho, consolando-se porém muito com saber que nada ficàraõ devendo à honra, nem à fidelidade, mostrando nestas consideraçoens animo taõ inteiro, como se buscára

cára alivio a dor alhea. D. Alvaro com os Cabos da armada poz em conſelho o que ſe devia obrar; e pareceo a todos, que viſto o ſoccorro de Adem eſtar fruſtrado, voltaſſem as armas em beneficio do Rey de Caxém, como trazia por inſtrucçaõ a armada, a quem os Fartaques vezinhos tinhaõ tomado a fortaleza de Xaél; a qual ſenhoreava hum porto, que era dos poucos, que eſte Regulo tinha, a principal eſcala; empreza mais util, que difficil. *Faz conſelho, e que aſſenta.*

90 Mandou D. Alvaro governar a Xaél, e ſurgindo à viſta do caſtello, os Fartaques temeroſos, ou amigos, recebérão como de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tão pequenos, que baſtavaõ para o guarnecer trinta e cinco ſoldados, que o preſidiavão. Eſtes, tanto que viraõ a armada, lançárão fóra huma mulher, que entendia, e fallava a noſſa lingua, a qual perguntando pelo Capitaõ mòr, lhe diſſe, que os Fartaques eraõ amigos do Eſtado; que ſe vinhamos em demanda daquella fortaleza, a largarião logo. A muitos pareceo, que ſe lhe aceitaſſe, porque de inimigos taõ poucos, e ſem nome, naõ eſperavamos gloria, nem deſpojo; os mais votáraõ, que por authoridade de noſſas armas os mandaſſem render à diſcriçaõ. Entendida pela mulher eſta reſoluçaõ, diſſe, que os Fartaques ſaberiaõ defender as vidas, e o caſtello, mal ſatisfeita da repoſta dos noſſos. Os Mouros tiràraõ logo huma bandeira branca, e arvoráraõ outra vermelha, a que ſuccedeo tirarem os noſſos algumas bombardadas, com pontaria taõ incerta, que naõ fizeraõ dano. D. Alvaro rodeou com todos os ſeus a fortaleza, que mandou commetter por eſcala por differentes partes, aſſegurando os *Vai a Xael.* *Intenta a eſcala.*

que subiaõ com a espingardaria debaixo; e porque era a carga continua, naõ ousavaõ apparecer os Mouros. Fernaõ Peres foi o primeiro, que começou a sobir por huma escada, levando o seu guião diante, que arvorou, e sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo subio Pero Botelho com o mesmo risco, e fortuna que o primeiro. Estes franqueárão aos mais a subida.

Peleijaõ os Arabios até morrer.

91 Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. Joaõ de Atayde, e outros foraõ demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e naõ podéraõ entrar, sem que os nossos viessem por dentro, e a desentulhassem. Os Fartaques se retiráraõ a dous cubellos, donde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas, que D. Alvaro lhes offerecia, que parece queriaõ perder para vingança, ou para desculpa da força, que naõ podéraõ defender; que até entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijàraõ em fim os Mouros até acabar todos, não merecendo nome de esforço a obstinaçaõ barbara, donde naõ podiaõ esperar victoria, nem vingança. Dos nossos morrérão cinco, e passáraõ de quarenta os feridos.

Ganhase a praça.

92 Ganhada a fortaleza (facçaõ mais importante ao Regulo, que a nossas armas) a entregou D. Alvaro ao Embaixador de El Rey de Caxém, que mostrou a gratidão do beneficio, então em bastecer a armada, depois em ter com o estado fiel correspondencia; e porque se hia gastando a monçaõ, se fôi D. Alvaro invernar a Goa, onde foi recebido com applauso maior, qne a victoria; festas que o Governador fomentou como pay, e D. Alvaro estimou como soldado.

93 To-

93 Tomou Lourenço Pires de Távora a barra de Lisboa com as cinco náos de ſua conſerva ; as quaes tiveraõ não ſó breve , mas facil , e proſpera viagem. Diſſemos como nellas vinha D. Joaõ Maſcarenhas , cheo de fama, e de merecimentos. As novas de Dio ſe derramáraõ logo pelo povo, ajuizando cada hum como entendia a paciencia do cerco, a reſolução da batalha. O vulgo não ſabia pòr taixa nos louvores de D. Joaõ de Caſtro , como gente ſem enveja das peſſoas , e fortunas maiores. Os fidalgos, e grandes ajudavão , ou conſentiáo a voz univerſal de todos , ſendo virtude rara , poder ſofrer de ſeus iguaes a fama ; e naõ houve algum taõ ambicioſo, que deſejaſſe para ſi melhor nome , nem mais illuſtres obras. *Chega Lourenço Pires a Lisboa.*

94 Veſtírão galas os Reys , e a Corte , e determinàrão dia para dar graças na Capella com offertas pias , e Reaes. Houve hum douto Sermaõ , em que ſe diſſerão do Governador encomios , e virtudes. ElRey deu conta da victoria ao Summo Pontifice , e aos maiores Principes da Europa , que todos lhe congratulárão , como a mais illuſtre facçaõ do Oriente. Na carta , que eſcreveo a ElRey D. Joaõ de Caſtro , pedia licença para ſe vir ao Reyno , moſtrando que naõ buſcava pòſtos , quem deixava os maiores ; e porque naõ pareceſſe ambição nova o deſprezo de tudo , pedia a ElRey duas geiras de terra , que partem com a ſua quinta de Sintra , e rematão em hum pequeno cabeço , que inda hoje conſerva o nome do monte das Alviçaras. Parece, que nas honras teve ElRey conſideraçaõ a ſeus ſerviços , e o premio à ſua fortuna. Tudo ſe verifica da ſua carta , de que damos a copia. *Feſtejaſe a nova de Dio.* *Que pede o Governador de alviçaras.*

Carta de ElRey D. Joaõ Terceiro.

95 „ Viso Rey amigo. Eu ElRey vos envio
„ muito saudar. A victoria, que nosso
„ Senhor vos deu contra os Capitaens de ElRey de
„ Cambaya, foi de taõ grande contentamento para
Que mercés lhe faz ElRey. „ mim, como era razaõ, que eu tivesse por tal, e
„ tamanho vencimento, e por quam grandes mer-
„ cés, e ajudas nisso recebestes de nosso Senhor, po-
„ las quaes elle seja muito louvado; e muito se deve
„ à vossa prudencia, e grande animo, que naquelle
„ dia mostrastes; e assi no que fizestes no grande, e
„ apressado soccorro, que mandastes à fortaleza de
„ Dio em taõ desvairado tempo, offerecendo ao
„ mar vossos filhos, em que se vio, quanto mais
„ pode com vosco o que importa a meu serviço, que
„ o affecto natural de pay; o que eu assi estimo, co-
„ mo he razaõ, vendo, que não sómente desbara-
„ tastes taõ grande poder de inimigos, mas ainda
„ déstes muita segurança a toda a India, no grande
„ receo, que aos inimigos della fica com esta tama-
„ nha victoria; cujo serviço assi he razaõ, que eu
„ tenha na conta que elle merece, como que tenha
„ delle o contentamento, que se requere. E do fal-
„ lecimento de vosso filho D. Fernando recebi mui
„ grande desprazer, assi por ser elle vosso filho, co-
„ mo porque hia bem mostrando naquella idade,
„ quem houvera de ser em toda a outra; e pois aca-
„ bou taõ honradamente, e em taõ grande serviço
„ de nosso Senhor, e meu, deveis de sentir menos
„ sua perda, e dar graças a nosso Senhor por como
„ foi

, foi servido, que acabasse; o que sei, que vós fi
, zestes, mostrando ainda no esquecimento da mor-
, te do filho a lembrança, do que cumpria a meu
, serviço; das quaes cousas assi serei sempre lembra-
, do, que não sómente volas conhecerei com gran-
, de contentamento dellas, mas ainda com muita
, mercé; a que agora quiz dar principio nas que
, faço a vós, e a vosso filho D. Alvaro, guardando
, o remate dellas para o cabo de vosso serviço, que
, eu confio, e tenho por mui certo, que será tal,
, como forão os que atégora me tendes feitos; e
, com esta confiança, e com a experiencia, que eu
, disso tenho, desejando muito neste tempo vos fa-
, zer mercé em tudo; considerando porém quanto
, isto cumpria a meu serviço, e vendo por vossas
, obras, quanta mais conta tinheis com elle, que
, com todas vossas cousas, houve por bem de vos
, não dar licença para vos virdes, como me pedieis.
, Polo que vos encommendo muito, e mando, que
, o hajais assi por bem, e que nesse carrego me quei-
, rais ainda servir outros tres annos, no fim dos
, quaes vos mandarei licença para vos virdes em-
, bora. E eu espero em nosso Senhor, que vos dé
, mui boa disposição para o fazerdes: e porém se
, por sima do que tanto cumpre a meu serviço, co-
, mo he ficardesme ainda servindo nessas partes por
, este tempo, vos a vós parecer, que tendes toda-
, via necessidade de vos virdes, folgarei de mo es-
, creverdes, e entretanto esperareis minha reposta.
, Pero de Alcaçova Carneiro a fez em Lisboa a vin-
, te de Outubro de mil quinhentos quarenta e sette.

REY.

Creo,

Creo, que nos pede attenção maior a carta da Rainha Dona Catherina, onde não he só Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acções da victoria com madureza de varão; e brios de soldado.

Carta da Rainha D. Catherina.

96 ,VIso-Rey. Eu a Rainha vos envio mui-
,to saudar. Vi a carta, que me escre-
,vestes, na qual particularmente me dais conta do
,que tendes feito, e provido em todas as cousas,
,que vos pareceo, que cumpriam ao serviço de
,ElRey meu Senhor, e à defensaõ, e segurança des-
,sas partes; e de tudo ser tão conforme a quem vós
,sois, e á grande confiança, que Sua Alteza de vòs
,tem, recebo tanto contentamento, como he ra-
,zaõ, assi por ver, que Sua Alteza he de vòs taõ
,bem servido, como pola muita honra, que nisso
,tendes ganhada. E quanto ao cuidado, e grande
,diligencia, com que logo entendestes no corregi-
,mento, e provimento da armada, foi grande prin-
,cipio, e mui necessario para remedio de tamanhas
,cousas, como depois se offerecéraõ, e por certo
,tenho, que por mui grande, que fosse o trabalho,
,que nisso levastes, seria maior o contentamento,
,q̃ tereis de ser taõbem empregado. E a guerra, que
,fizestes ao Hidalcaõ, foi cousa mui bem acertada,
,pois taõ claro se vio nella o contrario da opiniaõ,
,que dizeis se tinha, que da guerra dos Portugue-
,zes lhe não podia vir dano; o que seria causa de
,a mover tantas vezes, nem de sua paz se lhe se-
,guia

,guia proveito, polo que não estima a quebrala. E
, se elle soubera quem vós sois, e quanto mais vos
, lembra a honra, que o proveito, nem curàra de
, vos fazer o offerecimento, que vos fez àcerca de
, Meàle, mas a pouca impressaõ, que fez em vòs,
, e vosso claro desengano, lho daria a conhecer. E
, quanto ao negocio do cerco, e guerra da fortale-
, za de Dio, foi mui grande mercé de nosso Senhor
, a victoria, que alli deu contra tamanho poder, e
, numero de inimigos de sua Santa Fé Catholica,
, que de tão diversas partes alli eraõ juntos, e mui
, claro sinal de elle ter de sua mão o Estado de essas
, partes, e lhe dou por tudo tantos louvores, co-
, mo he razaõ, e lhe devo. E muito acrecenta no
, grande contentamento, que ElRey meu Senhor, e
, eu temos de tamanho vencimento ver com quan-
, ta prudencia, e discriçaõ provestes em todas as
, cousas, que para se poder alcançar eraõ necessa-
, rias, e quam animosamente vos houvestes no dia
, da batalha, e com quanta presteza soccorrestes
, aquella fortaleza, offerecendo a isso vossos filhos
, em taõ fortes tempos: o conhecimento, que Sua
, Alteza, e eu temos de todas estas obras, e do
, grande fruito, que dellas se seguio, he mui con-
, forme à qualidade, e grandeza dellas; e assi con-
, fio, que Sua Alteza o mostre na honra, e mer-
, cé que vos farà, e porque tudo se vos deve; e
, bem o deu a entender no gosto, e contentamen-
, to, com que logo quiz dar a isso principio, nas
, que agora fez a vòs, e a vosso filho D. Alvaro,
, segundo vereis por sua carta. E do fallecimento
, de D. Fernando vosso filho recebi mui grande des-
, prazer, assi por quanto sei, que o havieis de sen-
, tir,

,tir, como pola perda de sua pessoa, que segundo
, tinha mostrado naquelle feito, se pode bem ver,
, que foi grande; mas eu tenho tal conhecimento de
, vòs, e de vossa muita prudencia, e virtude, que
, sei certo, que em todo tempo, em que nosso Se-
, nhor o levàra para si, vos conformàreis vòs com
, sua vontade, e tomàreis de sua mão; quanto mais
, sendo naquelle, em que por defensaõ de sua Fé
, e em tamanho serviço de Sua Alteza, taõ honra-
, damente acabou, e cumprio com a obrigaçaõ de
, quem era, que são razoens mui grandes para vós
, muito o deverdes fazer assi, e muito menos sentir-
, des sua morte. E quanto ao que me pedis àcerca
, de vossa vinda, em que Dona Leonor vossa mu-
, lher (que eu muito folguei de ver polo mereci-
, mento de sua pessoa, e virtudes, e pola muito boa
, vontade que lhe tenho) me fallou de vossa parte;
, como em cousa que tanto deseja; estimàra eu mui-
, to de com gosto, e contentamento de ElRey meu
, Senhor, poder nisso satisfazer a vòs, e a ella; mas
, polo muito, que Sua Alteza tem de vosso taõ
, bom serviço, e pola grande falta, que là poderia
, fazer em tal tempo vossa pessoa, houve por bem
, de se servir ainda lá de vós outros tres annos, se-
, gundo por sua carta vereis. E tenho por mui cer-
, to, que por todas estas razoens o havereis assi
, por bem, e vos rogo muito, que assi seja, e es-
, pero em nosso Senhor, que vos dará saude, e for-
, ças para o poderdes fazer, e vos ajudará, e esfor-
, çará em todos vossos trabalhos, pois delles se se-
, gue tanto seu serviço; e pois sabe, que o prin-
, cipal respeito, porque Sua Alteza o ha assi por
, bem, he saber que será elle lá de vós inteiramen-
, te

, te servido. E na lembrança, que entre tamanhos
, trabalhos, e taõ importantes negocios, tivestes
, daquellas cousas minhas, que levastes a cargo, se
, vè bem quanto desejo tendes de nisso, e em tudo
, me servir, o qual eu estimo, como he razaõ. E
, quanto o que toca a Diogo Vaz, por outra carta
, vos escrevo o que nisso folgarei, que se faça. Com
, o benjoim de boninas, e com todas as mais cou-
, sas, que me enviastes por Lourenço Pires de Ta-
, vora, recebi muito prazer, por ser tudo taõ bom,
, que bem parece ser enviado com taõ boa vontade,
, a qual eu ainda mais estimo, e tudo vos agradeço
, muito. E dos criados meus, e pessoas, que me es-
, creveis, que là tem bem servido, e assi das cou-
, sas, em que vos parece necessario prover, farei
, lembrança a ElRey meu Senhor, como pedis, que
, faça. O que Sua Alteza houver de prover assi nas
, mercés, que houver de fazer a todos os que lá o
, servem, há de ter tanto respeito ao que vós em
, tudo lhe escreverdes, e pedirdes, como he razaõ,
, que seja; e muito vos agradeço a boa informaçaõ,
, que a Sua Alteza dais dos meus criados, que na-
, quelle feito de Dio se achárão, e assi o muito fa-
, vor, e boas obras, que sei que a todos lá fazeis
, por meu respeito. Pero Fernandes a fez em Lisboa
, a trinta dias de Outubro de mil quinhentos qua-
, renta e sette.

A RAINHA.

Naõ he de menor estimaçaõ a carta, que lhe es-
creveo o Infante D. Luis, como de Principe em fim,

que taõ grande juizo soube fazer de merecimentos, e virtudes.

Carta do Infante D. Luiz.

97 ,, HOnrado Viso Rey. Recebi vossa carta, ,, que veyo nesta armada de Lourenço Pi- ,, res de Tavora, em que me dizeis, que recebestes a ,, minha, que por Luiz Figueira vos mandei; e agra- ,, deçovos muito dizerdesme, que vos parecéraõ bem ,, as lembranças, que vos fazia, e muito mais o por- ,, delas em obra; e bastava para o eu crer, que seria ,, assi, ainda que vos eu naõ conhecéra, ouvir o que ,, là fazeis, e ver, que com a boca chea me escreveis ,, vossos trabalhos, pobreza, e abstinencia, cousas ,, com que se vence o Diabo, o Mundo, e a Carne, ,, que nessas partes da India tem tanto poder; o que ,, he maior victoria, que a de ElRey de Cambaya, ,, nem ainda de todo o poder do Turco. Polo que em ,, quanto viverdes, não deveis de temer cousa alguma, ,, mas antes esperai em nosso Senhor, que vos ajuda- ,, rà, como agora fez na defensaõ, e batalha de Dio, ,, em cuja victoria vòs tendes muito que lhe louvar, ,, pois vos fez instrumento de tanto serviço seu, e de ,, ElRey meu Senhor, e de tanta honra vossa, e de to- ,, dos os Portuguezes, assi dos que se achàraõ com ,, vosco, como dos que estiveraõ ausentes. E certo que ,, vòs tendes feito nesta jornada, desdo primeiro dia, ,, que tivestes novas do cerco de Dio, atè o de vossa, ,, e nossa victoria, tudo o que entendo, que hum va- ,, leroso, e astuto Capitaõ podia fazer, assi na preste- ,, za dos soccorros, como em pordes vossos filhos por ,, ba-

,balisas da fortuna, e perigos do inverno, e màres
, da India, para que os outros os tivessem em menos;
, no que se mostra bem claro, quanta mais parte tem
, em vòs o serviço de ElRey meu Senhor, e a obriga-
, ção de vosso cargo, que os effeitos naturaes de pay,
, que saõ os que mais forção a natureza. E no sofri-
, mento, que mostrastes na morte de D. Fernando de
, Castro vosso filho, se confirma bem esta opiniaõ, e
, certo, que eu o senti por mim, e por vòs, e houve
, por mui grande perda, por quam certos sinaes nelle
, via de seu grande esforço, e creo, que nisso lho quiz
, Deos pagar com o tirar de vida taõ trabalhosa por
, meios taõ honrados, e de tanta gloria sua, que de-
, ve de ser grande causa de vossa consolação. D. Al-
, varo de Castro vosso filho naõ empregou mal sua
, jornada, pois com tantos trabalhos, e perigos soc-
, correo a fortaleza de Dio, a tempo, que sua che-
, gada foi por entaõ o remedio della; e de como se
, nisto houve, e no dar nas estancias dos inimigos, e
, em tudo o mais lhe lanço muitas bençoens por vos-
, sa parte, e minha. E tornando a vossa determina-
, ção de aventurardes vossa pessoa, e o Estado da In-
, dia, por soccorrerdes Dio, foi mui boa, pois de o
, não fazerdes estava tanto mais aventurado; e o che-
, gardes a Dio, e ordenardes vossa embarcação, e
, mandardes, que os navios comettessem a tempo, que
, havieis de dar a batalha, e o modo de cometter, que
, nisso tivestes, tudo me pareceo digno de agora, e
, sempre darmos muitas graças a Deos nosso Senhor,
, e de Sua Alteza vos fazer muitas mercès, a que
, agora dà principio, como vereis àcerca de vòs, e
, de vosso filho, e assi o deve fazer, e farà aos fidal-
, gos, e Cavalleiros que nessa jornada comvosco o

,, serviraõ, em especial a D. Joaõ Mascarenhas, que ,, se houve no peso deste cerco, como honrado Capi- ,, taõ, e esforçado Cavalleiro. Folguei muito de ver ,, o modo, que tivestes no escrever a Sua Alteza sobre ,, os serviços, que os fidalgos, e Cavalleiros, que ,, nessas partes andaõ, lhe fizeraõ no negocio de Dio, ,, no que se vio, que tinheis com seus trabalhos con- ,, ta. Isto fazei sempre por amor de mim, e folgai de ,, louvar os homens, porque jà que està certo naõ ,, faltar, quem diga delles os males (que haveis de ,, castigar os que nelles sentirdes) razaõ he tambem, ,, que os bons os levanteis, para que os que là naõ ,, poderdes galardoar, Sua Alteza por vossa informa- ,, çâo o faça. Eu fallei sobre vossa vinda, como me ,, escrevestes, que me elle naõ concedeo, e me deu ,, para isso duas razoens, que a meu parecer, ainda ,, que vòs tenhais muitas para vos desejardes de vir, ,, Sua Alteza tem muitas mais para vos mandar ro- ,, gar, que o sirvais nesse governo outros tres annos, ,, o que haveis de folgar de fazer por servirdes a nos- ,, so Senhor pola grande mercè, que vos tem feito, e ,, a Sua Alteza pola confiança, que de vòs tem, e con- ,, tentamento de vosso serviço. E confiai em Deos, ,, que vos darà forças para poderdes com os grandes ,, trabalhos, e desordens da India, e eu espero nelle, ,, que fazendo-o vòs assi, venhais encher estes picos ,, da serra de Sintra de Ermidas, e de vossas victo- ,, rias, e que as visiteis, e logreis com muito descan- ,, so vosso. Nas cousas particulares vos naõ fallo, ,, porque ElRey meu Senhor vos escreve o que hà por ,, seu serviço em reposta da carta gèral, que lhe es- ,, crevestes, que vinha em muito bom estylo, e em ,, muito boa ordem. Escrita em Lisboa a vinte e dous

de

, de Outubro de mil quinhentos e quarenta e sete.

O INFANTE D. LUIZ.

98 Deixa-se bem ver destas cartas, quam gratos eraõ aos Reys os serviços de D. Joaõ de Castro. Negoulhe ElRey D. Joaõ a licença que pedia para vir descançar ao Reyno, como em beneficio da patria, e do Oriente, prorogoulhe outros tres annos do governo com nome de Viso Rey; não teve vida para lograr este acrecentamento, para o merecer, si; fezlhe mercè de dez mil cruzados de ajuda de custo, e patente de Capitaõ mòr do mar da India a seu filho D. Alvaro, cargo, que jà exercitava com menos annos, que victorias.

99 Tinha entendido ElRey D. Joaõ pelos avisos do Viso-Rey, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado, e que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criavaõ odio nos Principes vezinhos, cuja ruína era para outros exemplo. Com estas, e outras consideraçoens despachou este anno para a India seis náos, que partiraõ em monçoens differentes. Das primeiras tres, que partiraõ em Novembro, era Capitaõ mòr Martim Correa da Sylva, que levava a fortaleza de Dio. Os outros Capitaens eraõ Antonio Pereira, e Christovão de Sà; e porque na costa da India teve a Capitaina os ventos ponteiros, esgarrou, e não podendo ferrar Goa, foi tomar Angediva; donde mandou aviso ao Viso-Rey para o prover do necessario, visto serlhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovão de Sà soubese marcar melhor, porque tanto que avistou a cos-

Manda ElRey seis naos á India.

a costa da India foi metendo de lò para se pòr à barlavento de Goa, e houve vista da terra por Carapataõ, donde foi demandar a barra.

Chega hũa a Goa. 100 Logo que o Viso-Rey soube, que entrava nào do Reyno, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foi visitar, e prover. E certo, que entre as excellencias deste bom Viso-Rey, podemos dar o primeiro lugar à charidade, porque não costuma ser virtude de soldado, e menos de ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, e mercés, que havemos ditto, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os fidalgos a si proprio se davão parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rey outro triennio governando, como quem entendia, que tinhaõ nelle os soldados pay, e o Estado homem.

Adoece o Viso-Rey. 101 Achava-se D. Joaõ de Castro gastado menos dos annos, que dos trabalhos de taõ continuas guerras, com que veo a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou o Bispo D. Joaõ de Albuquerque, D. Diogo de Almeyda Freire, ao Doutor Francisco Toscano Chanceller mòr do Estado, a Sebastiaõ Lopes Lobatto seu Ouvidor Gèral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha Védor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos Principes vezinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da Cidade, ao Vigario Gèral da India, ao Guardiaõ de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda de ElRey, a quem fez esta falla.

Deixa o governo.

102 Nào

108 ,, Naõ terei, senhores, pejo de vos dizer, ,, que ao Viso-Rey da India faltão nesta doença as ,, commodidades, que achaõ nos hospitaes o mais po- ,, bre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao ,, Oriente; a vòs mesmos quiz empenhar os ossos de ,, meu filho, e empenhei os cabellos da barba, por- ,, que para vos assegurar, naõ tinha outras tapeçarias, ,, nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinhei- ,, ro, com que se me comprasse huma galinha; por- ,, que nas armadas que fiz, primeiro comiaõ os sol- ,, dados os salarios do Governador, que os soldos ,, de seu Rey; e não he de espantar, que esteja pobre ,, hum pay de tantos filhos. Peçovos, que em quanto ,, durar esta doença, me ordeneis da fazenda Real ,, huma honesta despesa, e pessoa por vòs determina- ,, da, que com modesta taixa me alimente. *Falla aos do Conselho.*

E logo pedindo hum Missal, fez juramento sobre os Evangelhos, que atè a hora presente não era de vedor à fazenda Real de hum só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de Christaõ, Judeo, Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfayas, que as que de Portugal trouxera; e que ainda a prata, que no Reyno fizera, havia jà gastado, nem tivera jà mais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama viaõ; só a seu filho D. Alvaro fizera huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao Reyno. Que disto lhes pedia mandassem fazer hum termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, ElRey como a perjuro o castigasse. Esta pratica se escreveo nos livros da Cidade, a qual se pudéra ler como instrucção, aos que lhe succedèrão *Juramento que toma.*

cederaõ; nos quaes, ainda ficou a memoria mais viva, que o exemplo.

103 Logo que o Visò-Rey entendeo, que era chamado a mais dura batalha, fugindo à importuna diversaõ de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xavier, buscando para taõ duvidosa viagem taõ seguro piloto; o qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, e mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispor de novo, não fez outro testamento, que o que deixou no Reyno, quando passou a governar a India, em mãos do Bispo de Angra D. Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito de sua idade, e quasi tres de governo daquelle Estado. As riquezas, q̃ grangeou na Asia, foraõ suas heroicas obras, que neste papel viràõ a ler os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se achàraõ tres tangas larins, hũas disciplinas, com sinaes de usar muito dellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em S. Francisco de Goa depositar seu corpo, para que dalli se tresladassem os ossos à sua Capella de Sintra. Tratouse logo do funeral, não menos lastimoso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrymas illustres, e plebèas.

Recolhese com o Padre Xavier.

Sua morte.

Enterro, e sentimento.

104 Depois de alguns annos vieraõ seus ossos ao Reyno, que foraõ recebidos com reverente, e piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas nà recebido a patria, e trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Convento de S. Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fizeraõ sumptuosas exequias. Daqui foraõ segunda vez tresladados ao Con-

Vem seus ossos ao Reyno.

Depositòse em S. Domingos de Lisboa.

Convento de S. Domingos de Bemfica, onde (poſto que em Capella alhea) eſtiveraõ alguns annos com tumulo decente, atè que o Biſpo Inquiſidor Géral D. Franciſco de Caſtro ſeu neto lhes fez capella, e ſepultura propria, na traça, na maneira, e na eſcultura depois das Reaes, a nenhuma ſegunda; cuja relação não deſagradará em beneficio da memoria do avó, e piedade do neto. *Tresladaõ-ſe a Bemfica.*

105 Diſta o Convento de S. Domingos de Bemfica dous mil paſſos da Cidade de Lisboa. Hum lugar vezinho lhe dà aquelle nome. Foi o ſitio delle em propriedade dos Senhores Reys de Portugal; no qual por ſua freſcura tinhaõ huma caſa de campo, que frequentavão, jà para diverſaõ dos negocios, jà para o exercicio da caça. ElRey D. Joaõ o primeiro vendo-ſe devedor a Deos de tantas victorias, entre outras acçoens de graças fez deſtes Paços doação à Ordem de S. Domingos, com terras, hortas, e pomares vezinhos, em vinte e dous de Mayo de mil trezentos noventa e nove, para ſe fundar eſte Convento, que não ſó teve os aliceſſes Reaes, ſenão os augmentos. Obrigou ſe o fundador (por proviſaõ, que nos archivos do Convento ſe guarda) a amparar, e defender as couſas, e Religioſos delle; ſolicito na cauſa de Deos, valeroſo na ſua. ElRey D. Joaõ o ſegundo lhe dotou huma groſſa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje poſſue a caſa, ſem lhe impor obrigação, que pudeſſe fazer menos grata, ou liberal a eſmola. ElRey D. Manoel, ainda que repartido em cuidâdos, e fabricas maiores, deixou nos ſacrificios deſte Templo religioſa memoria, ordenando, que ſe diſſeſſem cada ſomana aos Anjos duas Miſſas cantadas a favor dos navegantes; que era *Onde eſtaõ hoje.*

era o Astrolabio de seus descobrimentos, e as forças das victorias Orientaes daquella idade. A Rainha Dona Catherina trâtou esta casa como Capella sua, offerecendolhe de seu Oratorio Reliquias de reverencia, e preço; entre outras, em huma grande Cruz de prata hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por mãos Reaes, calificaõ a certeza de taõ superior donativo; accumulando os Senhores Reys nesta casa a beneficios temporaes os sagrados. ElRey D. Philippe o segundo lhe acrecentou os proprios com huma honesta esmola. Foi sempre dos mais observantes da Religiaõ este Convento, que com nome de Recoleta não permitte declinação, ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle como em escola de virtudes se costumavão retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; huns a fugir, outros a descansar das Prelasias, para vagar a Deos em ocio santo, e reformar o espirito.

106 Nesta casa por fundação, e disciplina illustre descansaõ as cinzas victoriosas de D. Joaõ de Castro, em huma Capella, e sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituição de Corpus Christi, tem a porta principal no claustro do Convento, e sobre ella pendente hum escudo relevado das Armas do fundador; abraça o largo della quarenta palmos; tem mais de settenta o comprimento; proporção a que os Architectos chamaõ Dupla, e à obra, Dorica. He de huma só nave de pedraria brunida; o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, e proporcionado pedestal, sobre que se funda a armonía da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos sobre bazes, capiteis, e simalhas tambem em tor-

tornó, com seis luzes obradas com respeito á architectura. Tem hum retabolo, e Sacrario (em que sempre està o Santissimo Sacramento alumiado com duas alampadas de prata) de obra de talha com floroens, tudo dourado, e no alto hum painel da Cea do Senhor. Detras do altar, e retabolo hà Coro dos Noviços, para cuja criação, e melhor serviço do Senhor, se lhes fez casa com vinte cellas, e mais officinas, que formaõ o corpo de hum Convento. O tecto da Capella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria apainelado com artezoens, e molduras. Dos seis arcos, que a compoem, ficaõ os dous primeiros nos Presbyterios; no da parte do Evangelho està huma porta, que dà serventia para a tribuna, e aposentos do fundador; e no da parte da Epistola outra para o serviço da Sanchristia. Os outros quatro occupão quatro sumptuosas sepulturas, cujas urnas formão pedras de cores lustradas, que descansaõ às costas de elefantes de pedras negras.

107 No primeiro arco, que fica junto ao do Presbyterio da parte do Evangelho, està a sepultura de D. Joaõ de Castro, onde antes de se fechar forão recolhidos seus ossos com o seguinte epitaphio.

, D.Joannes de Castro XX.pro Religione in utra-
, que Mauritania stipendiis factis, navata strenue
, opera Tunetano bello, Mari Rubro felicibus
, armis penetrato; debellatis inter Euphratem,
, & Indum nationibus: Gedrosico Rege, Persis,
, Turcis uno prælio fusis, servato Dio, imo
, Reipub. reddito, dormit in magnum diem, non
, sibi, sed Deo triumphator; publicis lachry-
, mis compositus, publico sumptu præ pauper-

 , tate

, tate funeratus. Obijt octavo id. Junij. Anno
, M.D. XLVIII. ætatis XLVIII.

Estaõ em o seguinte arco junto a este os ossos de Dona Leonor Coutinho sua mulher.

108 Da parte da Epistola em o arco, que responde ao da sepultura de D. Joaõ de Castro, está a de D. Alvaro seu filho, em que do mesmo modo foraõ postos seus ossos, tem o epitaphio, que se segue.

, D. Alvarus de Castro, magni Joannis Primo-
, genitus, cui pene ab infantia discriminum So-
, cius, pugnarum Præcursor, triumphorum
, Consors, Æmulus fortitudinis, Hæres virtu-
, tum, non opum: Regum prostrator, & resti-
, tutor: in Sinai vertice Eques feliciter inaugu-
, ratus: a Rege Sebastiano summis Regni au-
, ctus honoribus; bis Romæ, semel Castellæ,
, Galliæ, Sabaudiæ legatione perfunctus obijt
, IV. Kalend. Septemb. anno M.D. LXXV. æta-
, tis suæ L.

E logo no outro arco junto a este està Dona Anna de Attayde sua mulher. No vaõ desta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em hum dos quaes há altar para se dizer Missa; e os mais tem repartimentos para ossos, e corpos dos defuntos.

109 Dotou o Bispo Inquisidor Géral, fundador desta Capella, ao Convento de Bemfica, para sustento dos Religiosos, que haõ de assistir às obrigações della, duzentos e quarenta mil reis de juro em cada anno, situados nas rendas da Camera desta

ta

ta Cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento e vinte mil reis, por tres Missas quotidianas. Cincoenta (anticipada esmola) pelos anniversarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para a fabrica, e provimento da Capella. Trinta, para se poder acudir às necessidades dos Religiosos, que naquelle Noviciado residem, para a custodia, e limpeza da Capella. Alem do que a ornou de muitas peças ricas, e devotas; e a Sanchristia della de todo o necessario ao culto divino; assi ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios; roupa, castiçaes, tocheiras, lampadas, ciriaes, e mais cousas semelhantes; tudo com abundancia, e perfeiçaõ.

110 Dom Joaõ de Castro taõ claro pelo sangue, como pelas virtudes, naceo em Lisboa a vinte e sette de Fevereiro de mil e quinhentos; foi filho segundo de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, e de Dona Leonor de Noronha, filha de D. Joaõ de Almeyda segundo Conde de Abrantes, neto de D. Garcia de Castro, que foi irmaõ de D. Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto, filhos de D. Fernando de Castro, netos de D. Pedro de Castro, e Bisnetos de D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, e primeiro Condestable de Portugal, irmaõ da Rainha Dona Ines de Castro, que foi mulher de ElRey D. Pedro o Cruel. Era este Condestable filho de D. Pedro Fernandes de Castro, a quem chamaraõ em Castella, o da guerra, que vindo a este Reyno principiou nelle a illustre Casa dos Castros, que em tanta grandeza se tem conservado. O qual D. Pedro era por baronía descendente do Infante D. Fernando, filho *Ascendencia de D. Joaõ de Castro.*

lho de ElRey D. Garcia de Navarra, casado com D. Maria Alvares de Castro, filha unica do Conde Alvaro Fanhez Minaya, quinta neta de Lain Calvo, de quem diriva sua origem esta familia. Sendo moço casou D. João de Castro com Dona Leonor Coutinho sua prima segunda, maior na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada, fogio com anticipada velhice às ambiçoens da Corte. Passou a servir a Tanger, aonde deu de seu valor as primeiras, mas naõ vulgares provas, bem que destas alcançàmos mais fama, que noticia. Tornou à Corte, chamado por ElRey D. Joaõ o terceiro, e como jà seus brios naõ cabiaõ no Reyno, passou à India com D. Garcia de Noronha. Acompanhou a D. Estevaõ da Gama na jornada do Estreito do mar roxo, e fez desta viagem hum roteiro, obra util, e grata aos navegantes. Tornado a Portugal se retirou à sua quinta de Sintra, descansando na liçaõ dos livros, sempre exemplar no ocio, e na occupaçaõ. Outra vez cingio espada para seguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunez, onde a seu nome ajuntou gloria nova. Acabada esta empreza se recolheo a Sintra, escondendo-se a sua propria fama; soube fogir dos cargos, naõ pode livrarse. ElRey Dom Joaõ o chamou para General das armadas da costa, serviço, em que a seu valor respondéraõ os successos. Passou ultimamente a governar a India, onde com as victorias, que havemos referido, assegurou, e reputou o Estado. Nas horas, que lhe perdoavaõ os cuidados da guerra, descreveo em curioso tratado toda a costa, que jaz entre Goa, e Dio, sinalando os baixos, e recifes; a altura

tura da elevaçaõ do Polo, em que estaõ as Cidades, restingas, angras, e enceadas, que formaõ os portos; as monçoens dos ventos, e condiçoẽs dos mares; a força das correntes, o impetu dos rios: arrumando as linhas em taboas differentes; tudo com taõ miuda, e acertada Geographia, que o podéra esta só obra fazer conhecido, se já o naõ fora tanto pelo valor militar. Com igual semblante o viraõ as incommodidades da patria, e as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de naõ pedir nada. Fazia razaõ, e justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas taõ justificado, que mais se podiaõ queixar da ley, que do ministro. Era com os soldados liberal, e com os filhos parco, mostrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava com grande respeito as acçoens de seus antecessores, honrando atè aquellas de que se apartava. Sem estragar a cortezia conservou o respeito. Dos grandes parecia superior, dos pequenos pay; vivia de maneira, que emendava as culpas com o exemplo, mais que com o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado: nenhuma virtude deixou sem premio; alguns vicios deixava sem castigo, melhorando assi muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos, que recebia dos Principes da Asia, mandava carregar na fazenda Real, virtude, que louvàraõ todos, imitàraõ poucos. Os soldados enfermos achavaõ nelle estima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Evitou (como ruina do Estado) chatinar aos soldados; nenhuma facçaõ emprendeo,

que

que naõ conseguisse, sendo nas execuçoens promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupaçoens de soldado conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos ministros da Igreja, compassivo, e liberal com os pobres; devotissimo da Cruz, cujo sinal adorava com inclinaçaõ profunda sem differença de lugar, ou tempo. E taõ religiosamente ardia no culto deste sinal sanctissimo, que quiz mais lavrar templo a sua memoria, que fundar casa a sua posteridade, deixando como em piedosa bençaõ a seu filho D. Alvaro, que se na graça, ou justiça dos Reys achasse alguma gratidaõ de seus serviços, do premio delles edificasse na serra de Sintra hum Convento de Recoletos Franciscanos, advertindo, que com a invocaçaõ da Cruz se titulasse a casa. D. Alvaro de Castro, que das virtudes de taõ piedoso pay foi legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do Convento menos grande pela magestade do edificio, que pela santidade dos varoens penitentes, que o habitaõ. Sendo a primeira vez mandado pelo Senhor Rey D. Sebastiaõ com embaixada ao Papa Pio IV. impetrou delle privilegiar o Altar do dito Convento para todas as Missas, e para o dia da Invençaõ da Cruz indulgencia plenaria a todos, os que rogassem polas necessidades maiores da Igreja; e advertidamente pola alma de D. Joaõ de Castro: graça taõ singular, e nova, que a naõ vimos concedida a Principes soberanos. Parece que andava em Italia taõ viva a fama de suas vitorias, como de suas virtudes, qualificadas com taõ illustre testemunho do Vigario de Christo. Por estas, e outras virtudes cremos, terá alcançado no Ceo melhores

lhores palmas em mais alto triumpho. Teve tres filhos, que todos como benção do pay seguiraõ os perigos da guerra. D. Miguel o mais moço, que nos dias de ElRey D. Sebastiaõ passou à India, e falleceo Capitaõ de Malaca. D. Fernando, que falleceo abrasado na mina do baluarte de Dio. D. Alvaro, com quem parece que partio as palmas, e as victorias, filho, e companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reyno, sem outras riquezas, que as feridas, que recebeo na guerra, casou com Dona Anna de Atayde filha de D. Luis de Castro, senhor da casa de Monsanto. Foi a ElRey D. Sebastiaõ particular aceito, fiandolhe os maiores negocios, e lugares do Reyno; fez diversas embaixadas, a Castella, França, Roma, e Saboya. Foi do Conselho do Estado, e unico Veador da fazenda; e entre cargos taõ grandes, acabando valído, morreo pobre.

CARTA

FIELMENTE TRESLADADA, QUE ESCREVEO

S. FRANCISCO XAVIER

AO PADRE

IGNACIO MARTINS

Da Companhia de JESU,

Em que lhe dá conta da morte do Viso-Rey

DOM JOAM DE CASTRO,

A qual Carta se conserva original no Cartorio da Serenissima Casa de Bargança.

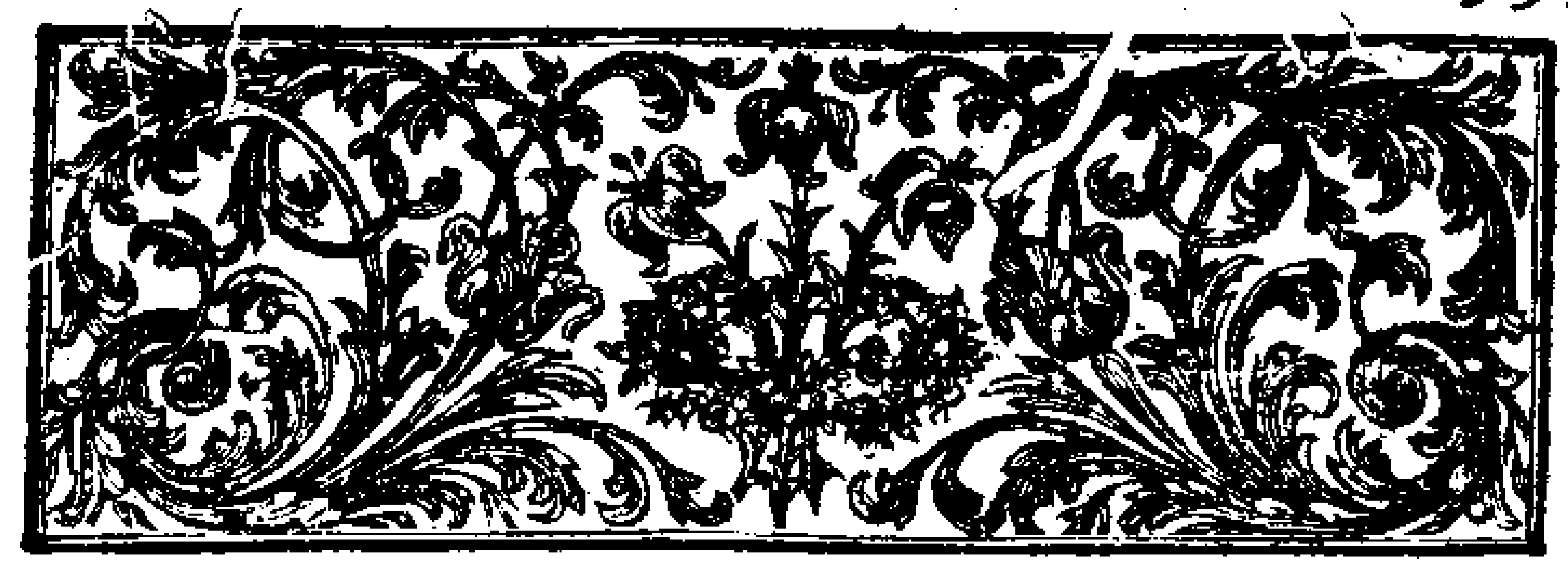
„EL Santissimo Nombre de Jesu sea siempre alabado, para q̃ le amemos, y sirbamos, como el merece. Amen. Es la general tan larga, que en ella dixo todo, pero mucho quedò por dizir; la impensada muerte del Virey D. Juan de Castro dexó deshausiado a todos estes pueblos, y cierto perdiò S. A. en el el mejor bassallo, que podia desearse, y aun si no siente su muerte que piense fue sueño, la Compania mas que todo, que si en su vida fue espejo de la birtud, y del balor, en su muerte fue verguença a los Ecclesiastes, y assombro a los seglares; a los Ecclesiastes porque su muerte no parecia si nò de angel, si dizir se puede, y a los seglares porque exo la baliza de la cudicia mas darraya dexando en el desprezio de los bienes profanos una memoria, de que puede lhebantarse estatua, estimando en tanto la pobreza, que aun para la comida de su dolencia pedio prestado, que con tan limpias manos de la hazienda real, que al pũto de morirse diò testimonio jurado, que por la cuenta, que

„tenia

,temia que dar a su Creador, nada, ni balor de un
, Xarafin era deudor; dio el Espirito al Senhor con
, tantas muestras de justo, que en mi estimacion boiò
, al Cielo, y si nò, no sé que sere yo. Solamente tubo
, el renombre de Virey treze dias, es loque se metio
, de la llegada de la flota al de su obito: queda gover-
, nando Garci de Saa, pero las cosas del Oriente se
, allan assàs turbiadas, y pienso que el govierno ade-
, lantarà la muerte al Governador, porque aun que
, tiene buena disposicion, y juizio bueno habla ver-
, dad, el refran que dize no ay pocos aunq̃ malos, ni
, muxos buenos, el Sá tiene hartos, y poca salud, es
, caluroso en la oblacion, y los malos aficionados le
, pican en lo que no debieran de que há pesadumbre,
, que allá vá siendo pollilla que gasta. El Señor com-
, ponga todo en bien, y se acuerde de su Iglesia para
, ser servido, y amado como el merece. De Goa
, xxviii. de Octubre de mdxlviii.

Siervo nel nombre de Jesu.

Francisco de Xavier.



RESPONDE

JOAÕ PINTO RIBEIRO

A HUMA CARTA

DO

D. SIMAÕ TORRESAÕ COELHO

Amigo ſeu.

SOBRE O

ELOGIO

DO MUY VALEROSO, E DE RARAS virtudes

DOM JOAÕ DE CASTRO

Illuſtriſſimo Governador, e Viſo-Rey da India.



UY bem ſabe voſſa mercè quam faceis ſaõ em faltar com agradecimentos os homens, a que nunca faltaõ queixas. Mas naõ ſey ſe reparou V. M. na razaõ natural, que eu aqui conſidero; que ſem melindres, merece lugar entre os preceitos do Eſtoyco Cordovez. Agradecimentos reſpeitaõ goſtos, que

que durando pouco, fogem com elles lembranças da causa do agradecimento. Queixas que respeitaõ desgostos, sempre de vida mais larga, duraõ quanto a causa de que procedem. Olhe V. M. a força da necessidade! Ella me abrio esta vereda, com que salvo culpas de todos, por me salvar a mim de desagradecido. Que nos tempos de agora ninguem zela o bem commum, alheyo de interesse proprio.

Li este Elogio, obra de V. M. huma, e muitas vezes, mas aconteceume com elle o que aos golosos, que na falta da iguaria levaõ o castigo do primeiro deleite. Jà V. M. vè a razaõ de minha queixa. Injusto fora eu senaõ sentira ver reprimida em tanta brevidade a excellencia do engenho de V. M. e a grandeza do mayor sogeito. Pois ainda minhas queixas naõ paraõ aqui. Os papeis saõ como os passaros, que amaõ os ninhos, em quanto naõ crecem, e temome que este por pequeno tome por descalpa de naõ sair a publico, sua brevidade, e ame, como outros, natural inclinação de V. M. a quietação de huma gaveta.

Os esmaltes naõ acrecentaõ quilates ao ouro, nem este valor à fineza do diamante, à graça da esmeralda, à alegria do rubi, ao deleite da safira. Essas crecenças pretendem negar desculpas a tanta brevidade, certas de que se derem ornato, naõ podem subir de preço as virtudes naturaes desta pedra. Mando-as seguro, naõ no credito de nossa amizade, que lhe podia dar confianças, mas em ficar certo, que saõ da condiçaõ, que os episodios poeticos, que se podem separar sem offensa do sogeito, alma da poesia, se a V. M. ainda lhe parecer, que naõ merecem lançadas como corpo morto, para que

viva

viva o elogio, que lhes dà alma, e lhes infunde vida, e espiritos. Alguma desculpa hey de dar a esta brevidade, mas porque V. M. leve a pena de meu sentimento, a dilato.

DISCURSO.

OS feitos gloriosos de varoens illustres saõ as leys mais apertadas, e os mais apurados regimentos, que se podem dar a animos altivos, e generosos, e que amaõ honra, e gloria. Que por juizo de Seneca aquelles saõ os tresllados, porque se aprendem virtuosos procedimentos: *Nati sunt in exemplar.* Isto sentio Clemente Alexandrino na sua tapeçaria. Falla elle de Noe, Abram, Moyses, e outros varoens de nome: *quorum actiones sunt nobis pro legibus.* Nem quer Nazianzeno que Basilio seja senaõ regra de bem viver. *Non enim verebor eum dicere virtutis legem omnibus fuisse.* E estas leys tem grande força por serem vivas. Que isso chama Bernardo à Malachias Bispo de Hibernia: *vita tua lex vitæ, & disciplinæ.* Leys escritas forção vontades, não obrigaõ, porque as guardamos por medo. Exemplos illustres obrigaõ suavemente, e naõ forção com rigores. Das leys disse Seneca: *quid aliud quam minis mixta præcepta.* A razão he, porque como a enveja he natural nos animos dos homens, e esta se reparta em duas especies; huma muy perigosa, e abatida, e como tal indigna de gente de juizo, e entendimento: inclinados estes a outra parte da boa enveja, a que chamaõ emulação, que he o fogo, em que as virtudes se acrisolaõ, e apuraõ: vendo taõ cheyos de gloria aquelles varoens illustres, a que

de prov. cap. 6.

Stromat. l. 2. c. 8.

Orat. 10.

Serm. Malach.

Epist. 49.

seus

ſeus feitos a ſouberaõ grangear, incitaõ ſe, e animaõ-ſe aos ſeguir, e imitar, ganhando tambem gloria para ſi, e formando exemplo para os outros. He iſto quanto neſte verſo fechou o meſmo poeta, fallando com hum Heroe deſtes.

Sonêto 86.

A vòs encheis de gloria, a nòs de exemplo.

A eſta conta animava Jaſaõ aos ſeus em Valerio Flacco:

lib. 1.

Ite viri mecum, dubiiſque evincite rebus,
Quæ meminiſſe juvet, noſtriſq nepotibus inſtent.

Que não ſaõ menos que poderoſos brados, feitos glorioſos, que eſtaõ ſempre toando nos animos virtuoſos, e excellentes, iſto do meſmo Valerio.

Tendite in aſtra viri

Eſtes brados, que Hercules, e Achilles deraõ ao animoſo Alexandre, lhe ganharaõ em taõ breves dias o ſobrenome de Magno, e o fizerão hum dos Monarchas do Mundo. E os de Alexandre forão tão poderoſos nos de Julio Ceſar, que vendo no templo de Hercules em Cadiz huma Imagem ſua, não pode reter as lagrymas, e ſenhorear os ſoluços; conſiderando que não tinha feito couſa digna de memoria naquella idade, em que o valeroſo Alexandre tinha ſogeitado a mayor parte do Mundo. *Animadverſa apud Herculis Templum Magni Alexandri imagine, ingemuit, & quaſi pertæſus ignaviam ſuam, quod nihil dum à ſe memorabile actum eſſet in ætate, qua jam Alexander orbem terrarum ſubegiſſet.* Eſcreve Suetonio na vida daquelle Emperador, e Dion Caſſio. E aquelle valeroſo mancebo, que Seneca em huma controverſia nos repreſenta em contenda com ſeu pay ſobre hum exceſſo, e reputação do valor, iſſo dá por deſculpa de ſua fortaleza, enſinaremno a obrar façanhas as lembranças

cap. 7.
lib. 37.
controverſ. 31.

branças de Horacio Cocles, Mucio Scevola, e Decio. *Parvi adolescens* (diz elle) *magnis exemplis deceptus sum, dum cogito mecum Horatium Etruscas acies corpore suo summoventem, & Mutium in hostilia arma ruentem: & dum te, Deci, cogito, qui & ipse noluisti patri cedere.* Os Scytas com grande cuidado punhaõ em memoria feitos gloriosos, a cuja imitação os moços criassẽ iguaes pensamentos, e se animassem a obrar virtuosamente: e para que lhes fossem mais presentes, entalhavão suas memorias em colunas de bronze, em que ficassem mais seguras do esquecimento: *ea maiores nostri reposuerunt in templo Orestis: ac leges statuerũt, ut ea columna prima esset institutio, disciplinaque liberis suis, si meminissent, quæ in illa essent adscripta.* Escreve Luciano no Taxaris, ou de Amicitia. Porèm não he muito achar o valor humano tanta força nos exemplos, quando o mesmo Deos com hum quiz inculcar sua ley àquelles, que a desobedeciaõ. Essa foy a razão, porque deu o exemplo de Job ao mundo, considera S. Gregorio Magno na prefação dos seus Moraes, querendo que à sua vista nos envergonhassemos, e confundissemos, vendo taõ obediente a Deos hum homem, que estava fóra da ley, no meyo da gentilidade, quando os que professavão essa ley, lhe não guardavão o respeito devido, e assim acabasse o exemplo o que não acabavaõ preceitos: *Et quia præceptis obedire contempsimus, exemplis confunderemur.* *cap. 3.*

Esta tenção tiverão os historiadores graves, que escreveraõ vidas de Principes, e Varoens excellentes, querendo aproveitar suas patrias, deixandolhe exemplos, e modellos, por onde cortassem suas obras os espiritos altivos. Tal considero eu a de vossa merce

 neste

neste elogio do excellentissimo Capitaõ D. Joaõ de Castro, gloriosissimo triunfador; e neste amor da patria se podem tambem acreditar estes meus discursos. Mas tardo jà com o mayor exemplo.

E L O G I O.

De D. Joaõ de Castro, Governador, e Viso-Rey das Indias Orientaes.

Naceo D. Joaõ de Castro na Cidade de Lisboa no anno de 1500. *Seu pay se chamou D. Alvaro de Castro Governador da casa do Civel, assentada hoje na Cidade do Porto, e descendente por baronia da Illustrissima familia dos Castros: que teve por ascendentes D. Pedro Fernandes de Castro, a que chamáraõ em Castella*, el de la guerra; *& D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, & primeiro Condestable deste Reyno: sua mãy foy Dona Leonor de Noronha, filha de D. Joaõ de Almeida Conde de Abrantes.*

D I S C U R S O.

Naceo. Considera v. m. e com razaõ, no primeiro lugar deste elogio a nobreza de Dom Joaõ, continuada desde muy atraz, em descendencia de sangue, e repetiçaõ de cargos, e honras maiores; e porque em tudo ficasse igual, se lhe ajuntou a da patria, tendo por sua a Lisboa cabeça do Reino, naõ menor consideraçaõ entre os gráos da nobreza. Convem ella muito a quem ha de mandar, e governar, porque os homens com maior vontade obede-

obedecem a ministros nobres, que aos de baixa geraçaõ; ainda por aquella natural inclinaçaõ de senaõ verem sogeitos, que tem mais eficacia contra os de inferior estado. Naõ passou por alto este aforismo de bom governo a Seneca de beneficiis. *In petendis honoribus quosdam turpissimos nobilitas industriis, sed novis prætulit.* Tanto a houveraõ naquella occasiaõ por fundamento de grandes cargos. Naõ approvo eu a eleiçaõ da nobreza viciosa, pois os vicios saõ a maior baixeza, e humildade do homem: mas parece que se considerou naquelle tempo serem taõ proprias, e hereditarias da nobreza occupaçoens maiores, que huma vez encarregados dellas (e naõ lhe faltavaõ exemplos) veriaõ verdadeiro isto de Claudiano no Consulado de Probino, e Olibrio.

lib. 4. cap. 30.

Et prolem fata sequntur.

Que no voto de Jeronymo Santo, nobres per necessidade seguem virtudes de avòs. *Nobiles quadam necessitate constringuntur, ne ab antiquorum probitate degenerent.* O mesmo disse, mas diferente nas palavras, Boecio: *Ut imposita quædam necessitas nobilibus sit, ne degenerent à virtute suorum maiorum.* Daqui vem serem taõ lampans, e antecipadas as acçoens virtuosas nos bem nacidos, que Hercules no berço mata serpentes em prova de ser filho de Jupiter. Claudiano de laudibus Herculis.

lib. 3. prosa 6.

Tardo vix editus ortu
Fecisti de patre fidem.

Assi que per obras mostra quem he:

Animosque superbos
De genitore tenes.

Davaõlhe brios, e confianças a qualidade do sangue

para honrar valores. Essa obrigaçaõ poem Gedeaõ a Jether filho morgado: leva-o comsigo à guerra, ainda taõ criança, que entregandolhe o pay Reys presos, para lhos matar: *Surge, & interfice eos*:
Judic. 8. o moço naõ ousa: *Timebat enim, quia puer adhuc erat*. E porque lhe manda o pay remeter a esses
q. 16. Reys? Abulense dá por rasaõ. *Quia volebat illi auferre timorem Regum gentilium*; e hum feito nobre dá novos brios para não temer difficuldades. Houve Gedeaõ, que tinha Jether obrigaçaõ de se mostrar valente jà naquella idade, por filho de quem era: que essas obrigaçoens poem a nobreza; razaõ, porque lhe saõ devidos os cargos de maior honra, e credito. A esta conta contou Plinio no panegyrico a Trajano por parte, e condiçaõ de bom Principe deferir à nobreza. *Siquid unquam stirpis antiquæ; si quid residuæ claritatis, hoc amplectitur, & refovet, & in usum reipublicæ promit: sunt in honore hominum, & honore famæ magna nomina ex tenebris oblivionis indulgentia Cæsaris: cujus est ut nobiles conservet, & efficiat*. Que na republica aonde os nobres, e virtuosos medraõ pouco

Intereunt segetes, subit aspera sylva,
Georg. 1. *Lappaque tribulique interque nitentia culta*
Infelix lolium, & steriles dominantur avenæ.

Falta o respeito aos maiores, e com respeito o bom successo das cousas. Porque como he parte da nobreza a cortezia, e bom tratamento, com que povos, e soldados se obrigaõ, e empenhaõ em bem
lib. 5. obrar: *Quo obsecro nobilitas ipsa, nisi morum benignitas adsit, & humanitas?* Dizia Eliano; que
cap. 16. he quanto confirma Lipsio nos avisos politicos, achan-

achando que desmentem sua nobreza os que ao cõtrario procedem. Assi tambem saõ parte desta nobreza as grandezas dos cargos, e os bons successos nelles. Sentio-o a meu ver Claudiano, fallando desta maneira no 3. consulado de Honorio.

Ardua privatos nescit fortuna penates,
Et regimen cum luce dedit.

Per huma, e outra via era a nobreza de Dom Joaõ o primeiro penhor de seus procedimentos, e felicidades. Lá disse Felippe ao senado em Salustio: *Adest novus exercitus, & adhuc coloniæ veterum militum, nobilitas omnis, duces optimi, fortuna meliores sequitur.* Nobreza, e prudencia de Capitaõ saõ os requebros da fortuna; e assi com razaõ se inculca a nobreza de Dom Joaõ, sobre que assentaõ todas suas partes boas, e o certo de suas eleyçoens.

E L O G I O.

OCcupou Dom Joaõ de Castro os seus primeiros annos no estudo das letras humanas, em que foi doutissimo: e teve por mestre nas Mathematicas, que soube com felicidade, o doutor Pedro Nunes, a que por insigne em sua profissaõ honrou seu discipulo o infante Dom Luis. Que nos Principes naõ acrecenta magestade a ignorancia, como erradamente se persuadio Luis XI. de França; e as sciencias obrigaõ a veneraçaõ, e qualificaõ aquella superioridade, que sobre os outros homens a natureza communicou aos grandes. A conformidade dos estudos, e mais que ella o valor de Dom Joaõ,

Joaõ, merecéraõ o amor do infante, que grande arbitro dos talentos, sabia avaliar em muito os que por suas virtudes se faziaõ dignos de estimaçaõ.

DISCURSO.

NO *estudo.* Naõ he de menor momento a primeira occupaçaõ dos estudos para a perfeiçaõ de hum Capitaõ famoso. Ao menos ElRey Theodorico dizia em Cassiodoro, que eraõ os estudos a

lib. 5. epist. 21. base de todas as virtudes. *Sed omnium crederis intelligentiam habere virtutum, qui exerceri meruisti militia literarum.* Deste acordo estava Dom Affonso Principe de Napoles, tomando por empre-

cap. 8. za hum livro aberto, porque dizia elle: *male se omnium regnorum jacturam facere, quam minimam doctrinæ*: escreve Lipsio nos avisos politicos. Na mesma ara juntavaõ Gregos, Hercules, e Mer-

lib. 8. curio, affirma Pausanias; porque letras ajudaõ muito a valentes de fama. A estas divindades sacrificava o Emperador Graciano, de quem aponta Ausonio.

Et Geticum moderatur Apolline Martem.

Valeroso, certamente, foi Julio Agricola, de quem em sua vida nos afirma seu genro Cornelio Tacito, darse aos estudos em seus primeiros annos com tanto excesso, que passara o modo, se lho naõ refrearaõ, mas assentando com a razaõ, e com a idade, foi-lhe depois de grande aproveitamento: *Mox mitigavit ratio, & ætas: retinuitque quod est difficillimum ex sapientia modum.* E de Helvidio Prisco nos dei-

hist. l. 4. xou escrito o mesmo Autor: *Ingenium illustre altioribus*

tioribus studiis juvenis admodum dedit. Porém o emprego, que nesses estudos fez, foy para aproveitar a republica, como Dom Joaõ, e naõ para o tomarem por capa de occupaçaõ dados a huma poltronaria, e ociosidade inutil: *Non ut plerique* (continua) *ut nomine magnificio segne otium velaret, sed quó firmior adversus fortuita rempublicam capesseret: doctiores sapientia secutus est, qui sola bona quæ honesta, mali tantum quæ turpia: potentiam, nobilitatem, cæteraque extra animum neque bonis, neque malis annumerant.* Gosto muito de trazer este lugar por ver quam bem Dom Joaõ praticou aquelles estudos em huma filosofia Christã, esquecido de tudo o mais, que naõ era a consideraçaõ de sua alma, e de seu officio. Que as almas seguem muito as balizas, e esteiros dos officios. E todas as manhas, e condiçoens de hum alto espirito se aperfeiçoaõ, e fazem lustrosas com o estudo. Com elle: *Quidquid animo, quidquid manu, quidquid lingua admirabile est, ad cumulum laudis perducitur.* Affirma Valerio Maximo, que neste ensejo nos emprestava bons exemplos, mas he a materia taõ tratada de Joaõ de Torres em sua Filosofia moral, de Bobadilha em sua Politica, de Lipsio no lugar acima, e de que eu já disse noutra parte alguma cousa, que contente com advirtir, que a ninguem a ignorancia foy proveitosa, passo a fallar das Mathematicas, em que Dom Joaõ valeo tanto.

hist. l. 4.

l. 8. c. 7.

lib. 6.

lib. 1. c. 10.

Mathematicas. Mapheo aponta, que por esta arte se acreditara Dom Joaõ com o infante Dom Luis, porque louvandolhe Pedro Nunes o discipulo: *Ab ipsa commendatione in Ludovici principis amicitiam*

lib. 13.

tiam

tiam pervenit, e ajunta o muito que aproveitara na sciencia Dom Joaõ. Quanto ellas convenhaõ para a guerra, mostraõ Torres na Filosofia moral, e
l. 6. c. 6. Lipsio no cap. citado. Tocara-o primeiro Onosandro no seu Strategico capit. 39. bem illustrado per Chokier com a authoridade de Polybio. Nessas artes era destro Manlio Theodoro: entre essas mathematicas o acha a justiça.

Invenit æthereos signantem pulvere cursus
Quos pia sollicito deprendit pollice Memphis.

Canta delle Claudiano. Algum tempo dava o Emperador Carlos V. a essas artes, por lhe servirem para a guerra, escreve Ribadeneira de Borgia, e por
l. 1. c. 5. esse fim as ouvio tambem aquelle Duque de Gandia.
l. 1. c. 10. Hum Pericles destro nas artes bellica, e Mathema-
in notis ad polit. tica nos dá Lipsio, verdadeiro retrato de D. Joaõ, igualmente excellente em huma, e outra arte. Mas foi Portugal mais venturoso com elle na militar, que praticou em tanta gloria deste Reino, que na Mathematica, de que naõ gosamos, por senaõ dar à impressaõ hum douto Roteiro, que deixou escrito, e outras cousas.

Pedro Nunes. Era elle Lente de Astrologia na Universidade de Coimbra, e hum dos mais insignes de Espanha, como diz Monçon no Espejo del Principe Christ. cap. 27. aonde lhe dà por discipulos os Infantes D. Luis, e D. Henrique doutos nesta sciencia.

l. 1. c. 10. *Luis.* A que por esta barbaria censura Justo Lipsio nas notas politicas, aonde taxa os de semelhante opiniaõ, e brevemente regula os limites da sciencia dos Principes.

A conformidade. A conformidade de estudos, e incli-

guindo-o tão poucas vezes das mãos dos mesmos Reys, a que servirão.

DISCURSO.

O *Brigado.* Por indicio de grandes procedimentos na milicia conta Cornelio Tacito a estima, que Suetonio Paullino, General entaõ das guerras de Inglaterra, fez de Agricola nos seus primeiros principios da soldadesca: *Prima castrorum rudimenta in Britannia Suetonio Paullino diligenti, ac moderato duci approbavit, electus, quem cõtubernio æstimaret.* Igualou o D. Joaõ nesta felicidade de ser reputado de hum Capitaõ táo excellente, como D. Duarte de Menezes. Mas eu conto por grande felicidade dos tempos poderem, e saberẽ ministros mayores inculcar sogeitos. Naõ o permittia a miseria dos tẽpos de Agricola, nos quaes a gloria militar, e fama della era táo perigosa, como a dos vicios: *ingrata temporibus*, continua Tacito, *quibus sinistra erga eminentes interpretatio, nec minus periculum ex magna fama, quam ex mala.* Ley ha neste Reyno, que encarrega à ministros mayores apadrinhar talentos. E os que achar que vivem bem, e fazem seus officios como devem, diz a Ordenação: louvallos-ha entre os outros, e nolo farà saber para receber de nòs a honra, o favor, e merce que merecer. Ley que igualmente tem lugar em todos os estados, e exercicios, e que de se não guardar, vem a dar a maõ ao lastimoso sentimento do Tragico no Hippolyto. *lib. 1. t. 1. §. 45.* *act. 3. in choro.*

Tristis virtus perversa tulit
Præmia recti.

No applauso. A virtude he o incitamẽto de si mesma. *lib. 3. c. 36.*

 ma.

mo. He isto quanto nos mostrou Seneca dizendo de beneficijs: *Natura enim gloriosa est virtus, & anteire priores cupit*; e não quer mais premio que suas mesmas acçoens: em tanto que atè esse aplauso popular despreza. Com muita magestade nolo representou Claudiano no Consulado de Manlio Theodoro:

Ipsa quidem virtus pretium sibi, solaque, latè
Fortunæ secura nitet, nec fascibus ullis
Erigitur, plausuve petit clarescere vulgi,
Nil opis externæ cupiens, nil indiga laudis
Divitijs animosa suis, immotaque cunctis
Casibus, ex alta mortalia despicit arce.

Porem o premio, e contentamento de si mesmo, de que essa virtude se paga, he o exemplo com que alumea, e aproveita aos outros: *Vir enim civilis*, escreve Plutarco, *de sua ipsius laude gloriam, non ut mercedem, aut solatium appetit, amatque actionibus astantem: sed quod fidei, & bonitatis opinio de se apud alios plurium, ac præstantiorum actionum præbeat occasiones.* Ama hum varaõ singular as acçoens virtuosas, e quer que humas lhe sirvaõ de motivo, e incitamento para outras; e este he o premio, que tira do applauso publico. O que Plutarco concebeu em seu conceito, pos perfeitamente em pratica D. Joaõ, e assi obrara sem aquelle pequeno premio da cõmenda de quinhentos cruzados. *Est enim invicti animi signum, famæ diligere commodum, & lucra potius odisse causarum*, no voto de Cassiodoro. Amava D. Joaõ a grande utilidade, que de sua fama lhe resultava, que lhe dava a maõ a novo emprego de virtudes generosas, e assi havia de aborrecer qualquer outro interesse, que não fosse este. *Nunquid quæ consecravimus perdidisse nos dicimus?* diz Seneca de beneficijs. O que

lib. 1. epist. 4.

lib. 7. c. 26.

que se consagra no templo da fama, nunca se perde, antes he premio de mayor valor, e estima.

ELOGIO.

CApitão de hum navio se achou D. Joaõ na jornada de Tunes com o Infante D. Luis, e nos perigos daquella guerra companheiro aos de mayor valor; que nas occasioens de ganhar honra estimou sempre D. Joaõ em menos a vida, que as obrigaçoens de seu sangue. Fez o Emperador merces aos Capitaens Portuguezes, e D. Joaõ sem faltar no respeito devido à Magestade do Cezar, não quiz aceitar as suas, dandolhe por descarga, que não era justo recebelas dobradas, e que as esperava de ElRey de Portugal a quem servia.

DISCURSO.

E*M menos a vida.* Polo que com razão chamou o poeta ao valor esperdiçador da vida:

Et vita prodiga virtus. lib. 8.

Stacio na Thebayda; a que responde o do meu Poeta,

Que estes saõ os remedios verdadeiros, eleb. 3.
Que para a vida estão aparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros;

Aonde discorro largo neste pensamento. Trazia D. Joaõ na memoria para assi obrar isto de Stacio na Thebayda.

Hàc me jubet ardua virtus Ire. lib.

Que hum animo generoso tudo atropella, quando desdiz da virtude. Seneca de beneficijs: *Sine ulla sui*

san-

sanguinis parcimonia vadendum. A tanto o empenhavão estas elegantes palavras de Ennodio no panegyrico a Theodorico: *Vix paucos contigit degenerare nobiliter, cum familiæ tuæ debeas actus generis nobiliter custodire.*

Epicto. 81. *Não quiz acceitar* Usado de modestia, e comedimẽto no dizer, atendẽdo porem ao de Seneca: *quod virtutũ omnium pretium in ipsis est, non enim exercentur ad præmium: recte facti fecisse merces est.* E por vẽtura q̃ estaria este Varaõ heroico entrado da consideração, com q̃ Albucio disse em hũa controversia de

controv. 9. Seneca de Fabricio: *munera regia respuit, cum auro dominum timet accipere*: ahi refere André Scoto os q̃ celebraõ este feito de Fabricio. Brios nobres quaes jà os mostràra Abrahaõ na guerra dos cinco Reys:

gen. 14. *non accipiam ex omnibus quæ tua sunt, ne dicas, ego ditavi Abraham.* Servia a outro Senhor, e por elle se offerecera a esse risco, naõ toma premio de Barà polas duas razoens, que em D. Joaõ consideramos. Da

cap. 8. primeira diz Ambrosio S. *Mercedem pia mens non expetit, sed pro mercede habet boni facti conscientiam*; e da segunda fallando tãbem daquelle caso de

lib. 5. c. 3. Abrahaõ: *Minuit enim fructum triumphi mercedis susceptio, plurimum enim refert, utrum pecuniæ, an gloriæ dimicaveris.* O brio, e grandeza he pelejar a fim de haver mayor honra, naõ mayor interesse. A este tom dissera Cassiodoro; *Hæc est enim indubitata nobilitas, quæ moribus probatur ornata, quia pulchrum est commodum famæ, fœda neglexisse lucra pecuniæ.* Nesta certeza tinha Duarte Pacheco servido de exemplo a D. Joaõ, escuzando-se com a mesma re-

lib. 7. c. 9. de bene. posta das merces, que lhe quizera fazer ElRey de Cochim por suas gloriosas vitorias. Cesse Seneca de engran-

grandecer o animo de quem engeitou a C. Cezar duzentos talentos: *Cum C. Cæsar illi ducenta donaret, ridens reiecit*; e saiba que he Espanha fertil destes, como de outros excessos de virtude. Embaixador dos Reys Catholicos à Carlos VIII. de França sobre a restituiçaõ do Condado de Rosilhon foi D. Joaõ de Silva, y de Ribera Senhor de Montemayor filho do Conde de Cifuentes, e resultaraõlhe grandes louvores de naõ querer aceitar d'ElRey de França nem hum par de luvas, conta Salazar de Mendonça en las dignidades. Naõ me espanto proceder com tanta isenção, quem obrava acompanhado de sangue Portuguez. Mas D. Joaõ de Castro como todo Portuguez se lhe avantejou, e teve este seu termo mais de galante, e de bisarro, por passar à vista de tantos outros, que receberaõ m[illegible] o Cesar: *lib. 2. c. 3.*

Plus palmæ est, illos inter voluisse placere
Inter quos minor est; displicuisse, pudor;

Affirmou Rutilio. Bem sey que o graõ Capitaõ engeitou merces a ElRey D. Fadrique de Napoles, que lhas fazia obrigado, e reconhecido de seus heroicos serviços: respondendo, que d'ElRey Catholico, seu Senhor, as recebia continuas, que comprisse ElRey como as q̃ mais devia, porque sem mandado d'ElRey D. Fernando, e sem sua licença não receberia cousa algũa. Porem havida a licença as aceitou, q̃ só animos Portuguezes sabem perder esperanças de merces. *Itiner. 1.*

E L O G I O.

VIndo da jornada de Tunes o fez ElRey Capitaõ General da armada ordinaria da costa. Em

quanto

quanto lhe durou esta occupação, alimpou os mares de Cossarios, segurou as frotas da India, e mais conquistas ao Reyno, e ganhou aos inimigos muitos baixeis, com que infestavaõ os mares. Ditas que agora nos sucedẽ raras vezes: por ventura, porque para conseguir vitorias, tem menos força os poderes, que a reputação.

DISCURSO.

A*Limpou os mares.* Pelejava D. Joaõ igualmente com o braço, que com a reputação. He a dita de Pompeyo, que vence Espanhoes à força de braço, e rebate a força dos escravos com sua fama, nota Cicero na ley Manilia: *qui bellum expectatu Pompei attenuatum, atque minutum est, adventu sublatum ac sepultum.* Sem ferro vence Stilico, porq̃ o nome basta para acabar cousas grãdes. Claudiano no panegyrico; lib. 1.

Miramur rapidis hostem succumbere bellis
Cum solo terrore ruant? Non classica Francis
Intulimus, jacuere tamen.

E acrecenta logo.

Ante tubam nobis audax Germania servit.

Mas que muito sogeitarse Germania a huma fama gloriosa, pois della escreveo Cornelio Tacito de moribus Germanorum: *& ipsa plerumque fama bella profligat.* Assi he, que pode vencer a fama do Capitaõ, o que não pode a força. Em confirmação disto ajunta Cicero naquella oração: *Vehementer pertinet ad bella administranda quid, hostes, quid socij de imperatore existiment?* Que naçoens não venceo a fama de Anthemio? Sidonio no panegyrico;

Ad Boream pugnas, & formidaris ad Austrum.

A tan-

A tanto abrange o bom nome de hum valente. Esse gabo dà Ovidio a Minoe Senhor de grande Imperio nos Metamorphoses: lib. 9.

Qui, dum fuit integer ævi,

Terruerat magnas ipso quoque nomine gentes.

He ser hũ Alexandre, que vencia na Asia, e fazia tremer Europa: ***Adeo totum orbem nominis ejus terror invaserat*** : escreveo seu historiador Quinto Cursio. Polo que naõ he muito que aos bons principios de D. Joaõ se seguissem tão ditosos fins , porque na opiniaõ de Tito Livio: *fama bellum conficit*. Voto amado de lib. 27. Agricola, o qual persuadia a seus soldados. *Instandum famæ, & prout prima cecinit, fore universa:* conta Tacito em sua vida.

Que a reputaçaõ. Ao menos Tiberio mestre de conveniencias proprias assi o entendia: *Magisque fama, quam vi stare res suas*. E esta reputação pende de vos não tomarem o pulso com successos adversos: *Res adversæ authoritatẽ imperatorum imminuunt*: disse là Cesar. Razão teve o outro politico em comparar os Reys aos rios, que como crecem com varios ib. 7. ribeiros, e regatos, assi tambem se desfazem atè os vadear, sangrando os com vallas, e desaguadouros. Exemplo proprio de crecer, e minguar dos Reynos o natural dos rios. He a estimação dos Principes como o fundo dos rios, se a perdem, qualquer pessoa os vadearà a pé enxuto. Convem muito não a deixar fondar, que logo os inimigos saberão. *Cum qua gente cadent*, Lucano o disse. ib. 8.

ELOGIO.

Favorecido do Turco intentou Xarife ganhar a Ceita: mandou ElRey D. João todos os primogenitos dos senhores do Reino em huma armada a soccorrella, e por Capitaõ General a D. Joaõ de Castro, com ordem de que ajuntandose com a Castelhana, que o Emperador mandava em seu favor, defendesse a entrada do Estreito ao inimigo. Teve aviso D. Alvaro Baçan Capitaõ General della, que Barbaroxa Capitaõ de Turco estava taõ perto, que se podiaõ ver ao outro dia, e pareceolhe, por naõ arriscar naquella occasiaõ todo o credito de Espanha, retirarse. Prudentissimo era o conselho, mas naõ o admitio nem o valor de D. Joaõ, nem a obediencia que devia aos mandados de seu Rey: ficou emfim só no Estreito. Soubeo Barbaroxa, e naõ ousou passallo; e vindo resoluto a pelejar com ambas as armadas juntas, temeo a Portugueza, só polo valor de quem a governava. Por prudente, e valerosa foi julgada de todos esta resoluçaõ de D. Joaõ, porque ainda que o sucesso fora desgraciado, mais convinha ao Reyno huma armada perdida, que hum Capitaõ desobediente.

DISCURSO.

Nem o valor. *Avida est periculi virtus, et quo tendat, non quid passura sit, cogitat, quoniam, & quod passura est, gloriæ pars est*; afirma Seneca de providentia. Animos altivos, e generosos naõ estimaõ perigos porque polo rigor delles medem os gráos

cap. 4.

gráos da gloria, e reputaçaõ. Naõ foi isto arrogancia, ou temeridade de Dom Joaõ, mas animo naturalmenne Portuguez, que tem por natural:

que os poucos por ser poucos naõ temamos
O que mil vezes já experimentamos,

Canta o Poeta Portuguez. Exemplos tinha elle para se incitar à peleija com isto de Vegecio: *Desperes fieri posse quæ facta sunt?* Que o leaõ generoso com os inimigos; e o varaõ glorioso com os exemplos. E mais estandolhe per davante aquillo de Clemente Alexandrino em sua tapeçaria: *Quo maiori cognitione digni sumus habiti, eo maius subimus periculum.* A confiança, que ElRey delle fizera, lhe pedia as mais estreitas contas do credito, e reputaçaõ desta Coroa, que daquelle sucesso pendia. *lib.3.e 10* *l.4. cap. 6.*

Nem a obediencia Na obediencia está a perfeiçaõ de hum Varaõ militar, e ainda toda a felicidade da Republica. Com razaõ lhe chamou Valerio Maximo, firmeza da disciplina militar, descanço, e recovado de hum estado quieto, de huma paz segura: *militaris disciplinæ tenacissimum vinculum; in cujus sinu, ac tutela serenus, tranquillusque beatæ pacis status acquiescit.* Muitos saõ os exemplos dos Romanos, e Estrangeiros com que o aprova. Matou Manlio Torquato a seu filho, ainda que vitorioso, e dà Lucio Floro por razaõ: *Quasi plus in imperio esset, quam in victoria.* Que vai mais na obediencia de hum Capitaõ, que em vitorias muy gloriosas. No mesmo voto está aquelle grave orador Porcio Latro, e confirmando-o com exemplos dos Romanos, Athenienses, e Carthaginenses, diz destes, que condenaraõ à morte Hannon varaõ fortissimo, e triunfal: *Quod is edicto senatus minus ob-* *lib.2.cap.7.* *lib. 15.*

 tempe-

temperavisse putaretur. Muito foi, que por humas sospeitas se mostrassem taõ rigorosos, mas he menos mal o castigo nas sospeitas, que o exemplo no peccado, em que D. Joaõ naõ queria cair, dando por desculpa a do valeroso Capitaõ Corbulo em Cornelio Tacito nos seus annaes: *Non ea impera-*
lib. 15. *toris habere mandata.* Mas Corbulo desculpavase para naõ pelejar com os Parthos em Armenia, e D. Joaõ navegava à vela, e a remo para este encontro do animo, e obediencia, porque igualmente resplandecessem nelle a gloria, e perfeiçaõ militar, fazendo proprio seu isto de Livio: *Omnia summa ratione gesta etiam fortuna sequitur.* Que saõ bons os ensejos da fortuna a quem segue os preceitos da arte. Alguma cousa discorre neste pensamento Ber-
discurs. 5. tholameo Fellipe no tratado del consejo, y consejeros.

E naõ ousou passallo. Prudencia foi grande deste tyranno naõ commetter huma resoluçaõ taõ constante: *Pudet congredi cum homine vinci*
de provi- *parato*: diz em Seneca a fortuna, quanto mais
denc. c. 3. hum tyranno. Tempo tinha Barbaroxa para ter feito em varios trances experiencia da verdade com
lib. 10. que Ovidio disse nos Metamorphoseos;

In audaces non est audacia tuta.

act. 4. Altamente dizia Polynices em Seneca na Thebais:

exæquat duos
Licet impares sint, gladius.

E bem sabia Barbaroxa, e seus soldados como cortava o ferro Portuguez: e quanto Dom Joaõ lhe era inferior no numero dos soldados, tanto lhe sera superior no valor das armas. Quanto mais que no parecer de Claudiano de bello Getico, tem por si o

campo

campo quem espera: *Qui stetit, æquatur campo.* O medo, e receyos de com quem o havia, corriaõ a primeira lança àquelle inimigo; a ousadia servia a D. Joaõ de muro. He quanto em semelhante nos ensinara Sallustio contra Catilina: *Semper in prælio iis maximum est periculum, qui maxime timent, audacia pro muro habetur.* E nestes termos *Clausa putat sibi cuncta pavor:* cantou Claudiano no sexto Consulado de Honorio. Justo foi, que naõ esfarrapasse Dom Alvaro de Baçan a gloria a Dom Joaõ, que estava taõ murado de ousadia, e valor, e daquelle perigo em que lhe parecia deixallo, se lhe seguisse a reputaçaõ maior. Alli mesmo disse Claudiano.

Nulla est victoria maior
Quã quæ confessos animo quoque subjugat hostes

Maior foi a vitoria, que Dom Joaõ alcançou de Barbaroxa amedrontado, que destroçado, e preso: *Qui si sufficiens læto vulnus excepisset, personam viceras, quod in luce subsistit, submisit originem:* dissera lá Ennodio a Theodorico dandolhe os parabens de vencer rendendo inimigos, e naõ os matando. Todo seu nome, e reputaçaõ lhe nacco do medo de Capitaõ taõ valeroso. De Hercules disse Claudiano em seus louvores, que lhe embaraçara Juno o nacimento, porque seu medo della testemunhasse ser elle divino:

nascique vetabat
Ut metus ipse Deum monstret.

O medo de Barbaroxa eternizou a Dom Joaõ, e lhe ganhou depois taõ crecidas vitorias, aprendendo elle neste ensejo a verdade com que Tacito disse em seus annaes: *Multa experiendo fieri, quæ segnibus* *lib 15.*

ardua

ardua videantur.

Armada perdida. Proteftaraõ alguns foldados principaes à Callicratides General dos Lacedemonios, que não quizeffe arrifcar a armada afrontandofe com a dos Athenienfes, pois lhe eftava taõ defigual, e inferior em forças. Naõ aceitou elle o confelho, dando por razaõ, que aquella fenhoria podia reftaurar huma armada perdida, porém que elle naõ podia fugir fem difcredito, e menofcabo feu. *Lacedæmonios, claffe illa, aliam parare poffe, fe fugere fine fuo dedecore non poffe*: efcreve Cicero. Porém fe o Capitaõ Efpartano defmentio a cobardia, naõ defmentio a fortuna. Guardavafe tamanha felicidade para o noffo Portuguez, em quem fe deraõ as mãos o valor, e a boa forte.

lib. 1. de offic.

E L O G I O.

INtentou o Turco moleftar a India com fuas armas, e tendo avifo defta refoluçaõ ElRey Dom Joaõ o terceiro, mandou por Vifo-Rey a D. Garcia de Noronha com huma groffa armada a focorrella. Capitaõ de hum navio acompanhou Dom Joaõ de Caftro a Dom Garcia, e ElRey lhe fez merce da Capitania de Ormuz, a mais rica, e melhor praça daquelle Eftado, e de mil cruzados de foldo em quanto naõ entrava nella. Aceitou D. Joaõ o foldo por fer pobre, e naõ quiz a Capitania, refpondendo a ElRey que quando feus ferviços na India, aonde nunca militara, mereceffem honra tamanha, lhe faria fua Alteza merce della, enfinando com perda de feu patrimonio, fe bem com acrecentamento

de

de sua opiniaõ, que naõ acreditaõ merces antecipadas a quem as recebe, e que he grande razaõ de estado naõ galardoar com a fazenda de huma provincia serviços que naõ se fizeraõ a ella.

DISCURSO.

C*Apitaõ de hum navio* Bravo espirito! Aqui se adianta D. Joaõ à todos os Capitaens do mundo. Que he isto? Hontem General de huma armada de tanta importancia, hoje Capitaõ de hum navio sogeito ao mando, e obediencia de outro General? Pouco deve este monstro de excessos de valor ao mundo, se naõ pasma, e fica assombrado de taõ generosa acçaõ. Tanto mais para estimar quanto se desencontraõ mais de sua imitaçaõ os disfarces deste tempo, em que toda a melhoria alheya he desculpa de trabalho proprio. Alheyos estaõ estes pensamentos da doutrina do Filosofo Plutarco no seu tratado de civili institutione, aonde tratando da administraçaõ da Republica, e dos cargos della, afirma ser cousa indigna de hum homem cortesaõ, e politico engeitar os cargos por menores, e escusarse dos officios, para que sua patria os chama, por ser parte de bom varaõ aceitar todo officio, que a patria lhe dá, ainda que lhe pareça menor do que convinha a sua reputaçaõ, e que antes por essa causa o devem de aceitar, e servir com maior satisfaçaõ, e cuidado. Porque he cousa indigna que os que a Republica aventejou com grandes cargos a naõ ajudem, e favoreçaõ nos menores: *Civile non est*, saõ palavras suas: *honores publice, & de more decretos repudiare, & vocantis munera patriæ detrectare,*

ctare: quandoquidem civis boni esse videtur quodcumque patriæ munus rite delatum admitere, & id pro virili parte curare, etiam si humilius videatur, quam ejus exæstimationi, cui demandatur, conveniat: quin hoc nomine maxime suscipi debet, atque paulo splendidius geri. Par enim est ut qui magnis honoribus decorati sunt, ab iis minora munera vicissim ornentur. Muito discorre neste pensamento Plutarco, e o confirma com razoens Timpio in speculo boni magistratus: ambos trazem aquelle exemplo de Epaminondas illustre Principe Thebano, ao qual querendo os eleitores desgostar com desprezo, o crearaõ Tolearco, que he o mesmo que Almotacel da limpeza. Aceitou-o elle com estas altivas palavras: *Non modo magistratu virum ostendi, verum etiam magistratum viro.* Porem para que D. Joaõ se aventejasse a todos, naõ nos consta se a este tempo exercitara já aquelle Thebano outros cargos maiores, e parece se faria o acinte só à qualidade do sangue, e naõ aos serviços, que em Dom Joaõ concorreraõ juntos. Aprova esta doutrina Adaõ Contzen em seus politicos, e achou que bastava para confirmaçaõ o exemplo
lib.33.Philip.ij.lib.5.cap.5. de Scipiaõ Africano que trazem Tito Livio, Cicero na Philippica, e Valerio Maximo. Eraõ Consules Lucio Scipiaõ, e Lelio: coube a sorte de Asia a Scipiaõ, tratou o Senado de lha tornar, e dar a Lelio, atalhou o com rogos o Africano, e ainda que grande amigo do outro Consul: *Legatumque se L. Scipioni in Asiam iturum promisit: & maior natu minori, & fortissimus imbelli, & gloria excellens laudis inopi, & quod super omnia est, nondum Asiatico jam Africanus.* Vejase a grande exuberancia,

cia, e viço de palavras com que Valerio engrandece ser Scipiaõ mais velho, valeroso, e com o renome de Africano já ganhado, legado, ou mestre de campo de hum irmaõ seu, de cuja honra tratava, e nelle da sua, e de toda sua familia. Naõ he menor o encarecimento com que o mesmo autor, depois de Livio, e outros, levanta, e engrandece o feito de Fabio Rulliano, que depois de ser Consul cinco vezes, e de estar cheyo de grandes virtudes, e merecimentos aceitou ir por legado de seu filho Fabio *lib.* 5. *c.* 7. Gurgete a outra guerra. Que he quanto elle conta. E verseha as ventagens com que D. Joaõ neste caso procedeo, naõ havendo irmaõ, ou filho que o obrigasse a ser Capitaõ de hum navio, depois de ter tambem militado, e daquella gloriosa acçaõ de Tunez, e de General de huma armada com que assombrou o maior poder de Berberia. Mas trazia Dom Joaõ só no pensamento o fazerse exemplar de acçoens, e por ventura lhe occorreria neste lanço o que cantou Claudiano no Consulado de Manlio.

Non se meruisse fatetur
Qui meruisse putat.

Quem se forma hum sempre, e em todo o tempo nos merecimentos, naõ se regula pola maioria dos cargos. Ou como em desculpa de hum lugar menor disse Theodosio per Cassiodoro. *Nulla dignitas minor est, cum bene geritur.* Dera elle a hum Varaõ *lib.* 10. *epist.* 12. consular hum officio de menos consideraçaõ: e acrecenta: *Nam honorem suum semper æqualiter, quidquid probe retinet consularis sic minorum fluminum vocabula maior amnis absorbet: & quanvis plurima fluenta Tiberis noster excipiat, tamen à proprio nomen non declinat.* Bom exemplo de con-

ſolaçaõ para os altibaxos deſte tempo. Mas conforma melhor com D. Joaõ o que continua: *Neque enim fas eſt humile dici, quod gerit Avitius.* Tudo he grande na occupaçaõ, e exercicio de hum Varaõ grande. Porem naõ ſofro que D. Joaõ ande taõ glorioſo, que naõ deva alguma couſa aos exemplos, ao menos de ſeu ſangue. Aprendera elle certamente daquelle heroico feito do grande Prior do Crato D. Diogo de Almeyda, cujos honroſos procedimentos D. Joaõ herdava por ſua Mãy. Mandara o graõ Meſtre de Saõ Joaõ do Hoſpital Fr. Aymerico de Amboite a Fr. Franciſco Zapata novamente eleyto General das gallez daquella Religiaõ, que com muita brevidade deſſe caça, e combateſſe humas fuſtas de Turcos, de q̃ de Rhodes houveraõ viſta. Negaraõ teymoſamente os marinheiros, e mais chuſma da galés embarcarſe com o novo General: olhem o q̃ importa a reputaçaõ de hũ Capitaõ: naõ valeraõ os rogos, ou ameaças do lugar tenente do Almirante, do Caſtelhano de Ampoſta, e do meſmo Prior de Portugal. E conſiderando elle que ſe paſſava o tempo, e ſe perdia a occaſiaõ, e que era deitar palavras ao vento rogar aquella vil canalha, ſe deliberou a ir em peſſoa fazer aquelle officio, ainda que em dignidade inferior ao do ſeu Priorado, e no titulo, e ancianidade mais eminente, que o Baylio de Caſpe General daquellas galez; pondo todas eſtas conſideraçoens debaixo dos pés por naõ dar lugar a alguma dificuldade, ou contrariedade naquelle ſerviço ſe ſometeu na obediencia, e dizendo, e fazendo, ſe embarcou em huma galè, que num inſtante foy poſta em ordem, correndo a ella toda a chuſma de mil vontades, e armadas per ſua ordem outras duas

com

com mais tres embarcaçoens de differene forte sahio no alcance das desesseis fustas que deraõ vista a Rhodes, e estimulado de hum animo invencivel, e generosidade Christã, mandou fazer tanta força de véla, e remos em as seguir com sua galé, que deixou todas as mais atraz, chegando-se tanto aos Turcos, que hiaõ pondo as proas na sua terra, que vendo a do Prior só, e junto a si se revolveraõ sobre ella para a tomar. O Prior como Portuguez valeroso, e magnanimo cavalleiro, animando primeiro aos seus, investio só com todas as fustas taõ intrepidamente, com tanto impeto, e coragem, que as desordenou de maneira, que senaõ podiaõ valer humas as outras, e querendo os cavalleiros já saltar dentro nas inimigas, os Turcos os naõ ousaraõ a esperar, assombrados de taõ invencivel resoluçaõ, e das outras gallés, que jà vinhaõ entrando, e se puseraõ com tanto desacordo em fugida, que oito dellas deraõ à costa, e espedaçadas se foraõ apique com toda a gente. Sobrevieraõ neste tempo as duas galés, e todas juntas foraõ no seguimento das demais fustas, de que tomaraõ duas. Conta o caso com mais miudezas Frey Domingos Maria Cu- *p.1.l.4.c.2.*
rion traduzido por Pablo Cascar no triunfo daquella sacrosanta Religiaõ militar. Lá o hajaõ taõ honrados parentes entre si, que eu me naõ atrevo em feitos taõ gloriosos a dar outra sentença, senaõ a que Saõ Jeronymo deu entre Demosthenes, e Cicero: *Demosthenes tibi præripuit ne esses summus orator, tu illi ne solus.* Ou como de Homero, e Virgilio cantou Alcimo.

Si potuit nasci quem tu sequereris, Homere
Nascetur, qui te possit Homere, sequi.

 Alle-

Alegrome porem de que só entre Portuguezes haja tão gloriosa contenda, sem mais respeito que o serviço de Deos, e d'ElRey, e que servisse ella de exem-
l. 1. c. 12. plo a outra tal confiança, como escreve Antonio Pinto de D. Jorge de Menezes Baroche, e D. Fernando de Vasconcellos na India.

Por ser pobre. Ponhaõ em boa hora os engenhos politicos em questaõ; se se haõ de eleger para os cargos homens ricos, ou homens pobres, e juntem por huma, e outra parte quanto quiserem, como fez
l. 2. c. 6. Turtureto de nobilitate gentilitia, que eu certo à vista deste raro exemplo de D. Joaõ, me acomodo com este saõ cõselho, que Sinesio dava ao Emperador Arcadio: *Ex optimis itaque, non ex ijs, quibus ampla res est, legantur hi, quibus magistratus mandentur: nam nec his medicis committimus corpus qui divitijs affluunt, sed illis qui artis suæ peritissimi habentur, sane multo magis is, qui magistratum gerat, legendus est, non locuples, sed gubernandi peritus.* Que naõ convem mais a riqueza a hum Governador, e official publico, que a hum Medico, cuja sciencia, e suficiencia naõ pende da riqueza, mas do estudo, e experiencia, como a do Capitaõ, e offi-
lib. 2. cial publico do exercicio, e da experiencia *nemini paupertatem nocere, si adforet virtus*; tinhaõ os
l. 3. cap. 7. Athenienses por ley que refere Thucydides. E Turtureto junta bons exemplos de muitos a que a pobreza não empeceo para obrarem virtudes. Dos primeiros
epist. 2. principios da Republica Romana escreve Sallustio a Cesar: *Neque divitijs, aut superbia, sed bona fama, factisque fortibus nobilis ignobilem anteibat humillimus quisque in armis, aut militia, nullus honestæ rei egens satis sibi satisque patriæ*

erat

erat. Ditoſos tempos em que a nobreza ſe diſtingue do povo pelo credito das virtudes, e da fama! Ditoſas as Republicas que ſabem eleger para ſeus governos, e cargos os mais crecidos, e aventejados neſtas partes! Bem o experimentou a India entaõ ditoſa, e vitorioſa quando ſeus Viſo-Reys igualavaõ a pobreza com as virtudes, e generoſidades. Acho em Herodiano que a pobreza de Pertinace lhe dera o imperio: *Id quoque illius laudi accedebat quod cum plurima omnium adminiſtraſſet, tamen omnium erat pauperrimus*; naõ lhe pode eſtorvar ſua pobreza honras imperiaes; e niſto foy o noſſo Dom Joaõ tambem imperial.

Aonde nunca militara. Pouco fez em engeitar merces ao Ceſar quem da maõ de ſeu Rey as engeita. Tinha D. Joaõ aſſentado comſigo fazer verdadeiro iſto de Clemente Alexandrino no ſeu Pedagogo: *Veræ autem divitiæ ſunt, paupertas cupiditatum*. Animo taõ rico no deſprezo da cobiça grangea maiores crecimentos de bens na pouca eſtima de ſemelhantes merces:

Magnum delata poteſtas,
Maiorem comtempa probat.

Diſſe com razaõ Claudiano no Epithalamio de Palladio. Aproveitouſe D. Joaõ do privilegio de merecimentos, porque no voto do meſmo poeta em louvores de Stilicon: *Hic ſolus ſpreviſſe poteſt, qui jure meretur* porque lhe ficaſſe ſempre a porta aberta a maiores occaſioens de merecimentos fugia elle o que dos Conſules Probino, e Olibrio diſſera o meſmo Claudiano: lib. 2.

Vos nulla fatigat
Cura diu maiora petens. Bem igualavaõ os ſervi-

ços

ços de Dom Joaõ a merce offerecida, porem naõ quiz elle perder occasiaõ de dar exemplo, e de se fazer maior, porque se outros se desgostaõ por lhe naõ darem o que pedem, ficasse sua opiniaõ maior, naõ aceitando o que se lhe dava, e naõ he menor quinhaõ de felicidade sua as repostas que nestas occasioens se lhe occasionavaõ. Tomem Capitaens aviso desta para se naõ encarregarem de governos militares em provincias desconhecidas. Que a primeira causa de sua felicidade em Inglaterra no tempo que Julio Agricola a governou, atribue Tacito em sua vida a ter militado naquellas partes, conhecer o sitio, e disposiçaõ da terra: *Noscere provinciam, nosci exercitui, discere a peritis*, Mal pode dar conta de si hum Capitaõ que naõ sabe atalhar os passos, e desenhos ao inimigo nas terras em que milita; que naõ conhece os soldados que governa; que naõ he conhecido delles. He a
decad. 3. lib. 1. tacha de que Annibal falla em Livio: *Pugnabitis cum exercitu tyrone, ignoto ad huc duci suo, ignoranteque ducem.* Antes Scipiaõ naõ dá outra causa para lhe commetterem a guerra de Africa, se naõ haver jà provadas as forças com Africanos em
lib. 8. Espanha. Livio alli *An cum Carthaginiensi hoste in Hispania, quam in Africa bellum geri aptius est? Facile est post fusos, fugatosque quatuor exercitus Punicos.* A essa conta louvava Mario a sua soldadesca: *Exercitus ibi est locorum sciens* (diz Salustio *in Jugurt.*) E o mesmo Rey Jugurta esse louvor tem de Salustio: *Nam in Jugurtha tantus dolus, tantaque peritia locorum, ac militiæ inerat.*
decad. 4. lib. 5. O mesmo louvor dà Livio a Philopemen, que por essa razaõ fazia os assaltos a seu salvo como

prati-

pratico na terra. Nem o Emperador Severo chamava a conſelho de guerra ſenaõ varoens que ſoubeſſem da terra ſobre que conſultava : *Unde ſi de re militari tractaretur, milites veteres ; & locorum peritos in conſilium adhibeat*, eſcreve Lampridio em ſua vida. Velhos, e experimentados os queria. Tomem Principes conſelho para ſaberem o que reſolveraõ moços ſem experiencia, e ainda de differente profiſſaõ nas couſas que ſe lhe encarregaõ. D. Joaõ eſtava taõ primo na arte militar, que queria antes engeitar cargos, e merces que poder ſe alguma hora imputar a defeito ſeu qualquer deſar da fortuna. Seguia elle o conſelho que Claudiano dava a Honorio no 4. Conſulado :

aſſueſce futuræ
Militiæ.

A eſſa conta queria primeiro tomar conhecimento das terras, e das gentes, ou ſe aproveitou da deſculpa para aquella grandeza de animo.

Naõ galardoar. A remuneraçaõ dos ſerviços he o maior toque da juſtiça dos Principes, ao menos aſſi o julgou o melhor dos Secretarios Caſſiodoro : *Remuneratio meritorum* (diz elle) *juſtum dominantis prodit imperium.* E naõ vejo eu maior injuſtiça *lib.* 1.
que ver levar a outrem os fruitos de trabalhos, e *epiſt.* 42.
ſuores proprios : *Grave nimium eſt ut fructu laboris ſui fraudetur induſtrius : & cui debet pro ſedulitate conferri præmium, diſpendium patiatur injuſtum* ; diz aquelle Autor. He tirar o bocado *lib.* 2.
da boca aos que trabalhaõ, dar os premios que eſ- *Epiſ.* 25.
peravaõ a quem por elles naõ ſuou. E cuydo eu que
iſſo nos moſtrou tambem aquella ley do Deutero *Deut.* 25. *lib.* 2.
nomio, que ſenaõ ataſſe a boca ao boy, que na ey- *Epiſ.* 33.

ra

ra debulhava: *Non ligabis os bovis triturantis in area fruges tuas.* He justo, como sente Cassiodoro, que aproveite a cada hum seu trabalho, e o suor de seu rosto: *Æquum est enim ut unicuique proficiat labor suus.* E como ao boy que trilhava foy justo que se lhe naõ negassem os bocados entre o cançaço de suas voltas; assi tambem he justo, que ao soldado, que trilhou o cargo, e o officio se lhe naõ tire da boca, e dé a comer a outrem; conselho he do mesmo Cassiodoro: *Emulumenta deesse laborantibus non oportet, ut & bonæ spei aditus aperiatur, & desudantium querela justa compensatione claudatur.* Considerou, e bem Duarte Galvaõ fallando do sentimento que ElRey D. Afonso Henriques teve pola morte de seu ayo Egas Monis; que as virtudes ausentes devem ser mais queridas, e lembradas. Muito he obrar hum homem virtude à vista de seu Principe, mas jà leva parte da paga nos olhos desse Principe: obralla em ausencia, e aonde naõ tem mais testemunha de suas obras, que a fama, cousa he digna de maior estima, e naõ sey se de espanto, e admiraçaõ; e assi ficaõ dignos de premios maiores: e quando alcançarem os fruitos de seu trabalho, seraõ exemplo a outros para que trabalhem como aquelles: *Qui ad agonis sui præmia pervenerunt.* Palavras saõ de Cassiodoro. E falla este exemplo de privados, e conselheiros tantas vezes, e tambem dos premios, como quem sabia que da boa distribuiçaõ delles pende todo o bem, e melhoria de huma Republica. Ao menos Alexandre Severo achou que injustamente se lhe dava em sua coroaçaõ o sobrenome de Magno, naõ tendo ainda obrado virtudes, que lhe

lib.4.Epist. 13.

lib. 6. in formula illustratus.

lhe grangeassem o nome, que tantos suores custâra a Alexandre, e a Pompeyo: *Magni vero nomen cur accipitur? Quid enim jam magnum feci? Cum id Alexander post magna gesta, Pompejus vero post magnos triumphos acceperit.* Mal consentiria este Principe em que levassem tantos premios, e merces aquelles que estaõ taõ faltos de serviços, e merecimentos, quantos os que trabalhaõ, e merecem esfaymados de prçmio, e de galardaõ.

ELOGIO.

Tinhaõ jà os Turcos sitiada a fortaleza ae Dio, quando D. Garcia de Noronha chegou a India: obrigou os porem a fama de seu valor, e do poder que o acompanhava, a levantar o sitio, e recolherse a Sues. Morto em breves dias Dom Garcia, sucedeolhe D. Estevaõ da Gama, que por authoridade do Estado, e credito de sua pessoa foy demandar os Turcos. Acompanhou D. Joaõ ao Viso-Rey na jornada, tomando para si o cargo de reconhecer o sitio do inimigo, por naõ perder o costume de serem sempre os perigos a sua ambiçaõ na guerra: achou-o porem fortalecido de sorte que deixou D. Estevaõ a empreza, e fazendo com a nossa armada grandes danos em todas aquellas costas, chegou ao monte Sinay, aonde no Mosteiro de Frades de S. Basilio, sagrado deposito do glorioso corpo de Santa Catharina Virgem, e Martyr, foraõ armados cavalleiros D. Luis de Ataide, hum dos mais excellentes Viso-Reys, que depois houve na India, e D. Alvaro de Castro seu filho mais

velho, honra de que D. Alvaro, e todos ſeus deſcendentes ſizerao ſempre taõ grande eſtimação, que eſcolherão por timbre, com que illuſtrarão ſuas armas, a roda de navalhas que martyrizou a Santa. Neſta jornada compoz D. João a deſcripção do mar roxo, que eſtà para imprimirſe, obra muy digna de ſer eſtimada de todos polo engenho, e erudição de ſeu Autor, e em que D. João moſtrou que ſempre as armas ſe acompanharão das letras.

DISCURSO.

R*Econhecer o ſitio.* Toda a reputação, e autoridade da India pendeo ſempre das vehementes reſoluçoens com que os Viſo-Reys, e Governadores daquelle Eſtado acudiraõ a ſuſtentar o credito, e reputação da nação Portugueza, que com os terribeis effeitos de ſuas armas traſiaõ aſſombradas de medo todas as naçoens Orientaes. Faltaraõ eſtes ſucceſſos, e fortunas boas, como faltaraõ aquellas vehemencias, e os que as podiaõ executar. Mas eu fallo de D. Joaõ, e a elle torno; que toma a ſeu cargo o reconhecer o ſitio do inimigo, porque ſenaõ ſabe poupar quem trata de ſe moſtrar animoſo, e invencivel. Tem valentes por conduto trabalhos, riſcos, e perigos: *Labores enim obſonium ſunt ſtrenuis*, diſſe là Xenofonte. Encontraſe Alexandre com Poro poderoſo Rey da India: via eſquadroens, armas, elefantes: arremete a elles com eſtas palavras: *Tandem par animo meo periculum video, cum beſtijs ſimul, & cum viris egregijs res eſt.* Deſte animo aprenderaõ Mario, Sylla, e Annibal a ſe meterem nos mayores perigos. He a razaõ porque Mario trata de tomar

Cap-

Capça Cidade nobre, e forte: *Cum propter belli usum, tum quia res aspera videbatur.* Porque brios nobres espertaõse à vista de mayores dificuldades. *In operibus, in acie, atque ad vigilias multus adesse: tantummodo neque consilio, neque manu alium priorem pati*: reconta Sallustio de Sylla em Jugurta. Assi que nos riscos de vida era elle o primeiro. Naõ menos Annibal em Livio era o primeiro em acommetter, o ultimo em largar a refega: *Princeps prælium inibat, ultimus conserto prælio excedebat.* Assi se criaõ Capitaens destros, exercitando soldados denodados: *Sub Asdrubale imperatore meruit: nulla re, quæ agenda, audendaque magno futuro duci esset, prætermissa.* Assi caminhou D. Joaõ levantando sempre labaredas do que havia de ser a imitaçaõ do outro valente que tomou por empreza huma chama de fogo que sempre sóbe para cima(a letra era: *Summa petit.* Tanto subio o fogo de honra que ardia em D. Joaõ, que naõ parou menos que no Ceo. Elle lhe grangeava sempre occasioens que o assombrassem, e o acendessem: *Ipsis inquam Deus consulit, quos esse quam honestissimos cupit, quoties illis materiam præbet aliquid animose, fortiterque faciendi, ad quam rem opus est aliqua rerum dificultate*; escreve Seneca.

decad. 3. l. 5.

de provid. c. 4.

A descripçaõ. Obra que dedicou ao Infante D. Luis, e de tanta estima que por dote d'ElRey D. Henrique se guarda na livraria da Companhia de Evora: *Ij comentarij Ludovico dicati in Academia Eborensi adservantur*; escreve Mapheo.

lib. 13.

As arma se acompanharaõ. Jà acima toquei quanto as letras, e armas entre si convinhaõ. Que tomar hora lança para a guerra, hora a pena para o verso serve

ve de alivio, e tempera mil excessos:

Artibus ingenuis, quarum tibi maxima cura est
Pectora mollescunt, asperitasque fugit,

lib. 1. eleg. 7. Escreveo Ovidio de Ponto. Falta, que o Poeta chora nos Capitaens Portuguezes, ajuntando alguns exemplos dos que aqui servem, e diz:

cant. 5. oit. 95. & 96.

Dá à terra Lusitana Scipioens,
Cesares, Alexandros, e dà Augustos;
Mas naõ lhe dà com tudo aquelles doens;
Cuja falta os faz duros, e robustos
Octavio entre as mayores opressoens
Compunha versos doctos, e venustos:
Naõ dirà Fulvia certo que he mentira
Quando a deixava Antonio por Glafira,

Vay Cesar sojugando toda França,
E as armas naõ lhe impedem a sciencia,
Mas numa maõ a pena, e noutra a lança.
Igualava de Cicero a eloquencia.
O que de Scipiaõ se sabe, e alcança
He nas comedias grande experiencia.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

l. 1. c. 10. præcipue nono 23. Muitos exemplos de Capitaens famosos em varias naçoens, que foraõ acompanhados de letras ajuntou Bobadilha na Politica. Alli os busquem os que quiserem ver. Porque D. Joaõ em tudo fosse raro, teve tãbẽ esta parte com que a Portugal lhe naõ faltasse exemplo com que igualasse venturas estrangeiras.

ELO-

ELOGIO.

DEu volta o Viso-Rey D. Estevaõ a Goa, e D. Joaõ de Castro a Portugal. Era o lugar de sua assistencia huma quinta que fabricara na Serra de Cintra desviada das quimeras, e trafegos da Corte. Alli cultivando com o arado triunfal à terra achou a D. Joaõ a nova da eleiçaõ, que ElRey fizera de sua pessoa para Governador da India bem como a outro Cincinnato a Dictadura Romana, prova infallivel de que a solicitaraõ suas virtudes, e naõ danavaõ as ausencias da Corte aos homens de valor, e que se respeitavaõ nas pessoas menos as intelligencias, que os merecimentos.

DISCURSO.

H*Uma quinta.* Alli se recolheo por fazer verdadeiro de obra isto que de palavra escrevia Seneca com tanta verdade a seu amigo Lucilio: *neminem res sequuntur, ipsi illas amplexantur, & argumentum esse felicitatis occupationem putant.* Nem he cousa nova em varoens excellentes afastaremse da Corte para gosar da vida, e liberdade camponense. He quanto se gaba em Manlio Theodoro. Em Claudiano disse elle de si à justiça, que o buscava para honras, e dignidades. *epistol. 106.*

Nunquam mihi cura tot annis
Altera quam duras sulcis mollire novalles
Nosse soli vires, nemori quæ accommoda rupes
Quis fælix oleæ tractus, quæ gleba faveret
Frugibus, aut quales tegerent vindemia colles.

Nestas

Nestas obras passava Manlio bem a vida. Soube Vacio deixar a Corte de Tiberio, e viver na sua quinta: epist. 55. quantos caminhantes passavaõ à vista, aprovavaõ o feito, e diziaõ, conta Seneca: *O Vatia, solus scis vivere:* e com razaõ, posto que aquelle Filosofo he de outro parecer. Que o descanso, e divertimento da Corte naõ he culpado, se naõ quando com elle se enfraquece, e desbarata a virtude: que Valerio Maximo aprovou o ocio: *non quo evanescit virtus, sed quo recreatur*; aprovando o entretenimento de Lelio, e de Scipiaõ, de quem dizem, que nas suas quintas gastavaõ parte do tempo em colher busios, e conchinhas da praya: *Vagas littoribus conchulas, & umbelicos lectitasse.* E senaõ pergunto a quem chama Horacio bemaventurados? *Beatus ille, qui procul negotijs.* E entre outras ditas aponta viver longe da Corte, e de seus reboliços:

epodon. ode. 1.

Forumque vitat, & superba civium
Potentiorum limina.

Allem deste proveito acha Seneca outros na vida camponesa. Falla elle das quintas, em que moravaõ Scipioens, Marios, Cesares, e outros varoens militares, e ajunta logo: *Illi ad quos fortuna Romani populi publicas opes transtulit, extruxerant quidem villas in regione Baiana sed illas imposuerunt summis jugis montium. Videbatur hoc magis militare ex edito speculari longe, latèque subiecta.* E acrescenta: *Scias non villas esse, sed castra*; Outro tanto nos representa da quinta de Scipiaõ Africano. Naõ menos a de D. Joaõ lhe servia de outro tal effeito, que posto que a partes he terra chã, a partes he montuosa, e aspera. Na Corte arrefecem brios valentes, no campo crecem, e tomão forças para cousas grandes

epist. 51. epist. 86.

des

des: *Severior loci disciplina firmat ingenium, aptumque reddit magnis conatibus*; nota Seneca naquelle lugar primeiro. Aqui vem quantos louvores Virgilio, Horacio, Camoens, e outros autores latinos, e vulgares cantão da soldadesca camponesa, mas entre elles Angelo Policiano in Rustico: *epist. 51.*

Felix ille animi, &c.
Exegit innocuæ tranquilla silentia vitæ
Urbe procul, voti exiguus.

E por fim de contas aprovando o retiramento de D. Joaõ vem a dizer que do campo saem forças, e brios valentes, porque na montaria se cobraõ:

Hinc agilis subit ora vigor, robustaque magno
Pectore vis habitat, fortesque animose tuentur,
Membra tori, & crudo tendunt se robore nervi. *lib. 5.*

Antes cuida, e cuida bem, com Xenofonte, que dos serranos Persas, e pastores Thesalos sairaõ façanhas que assombraraõ o mundo,

Scilicet his Babylon dextris, Nabathæaque regna
Creverunt, hic Mopsopio delectus ab arvo
Miles.

Com estes intentos devemos crer se passaria D. Joaõ à sua quinta de Cintra, fazendo iguaes com sua virtude, como de outro tal reconhecimento de Rotadeo disse Rutilio aprovando semelhantes exemplos: *itiner. 1.*

Virtus fortunam fecit utramque parem
Mens invicta viri pro magnis parva tuetur
Pro parvis animo magna fuere suo
Exiguus regum rectores cespes habebat:
Et Cincinnatos jugera pauca dabant.
Hæc etiam nobis non inferiora feruntur
Vomere Serrani, Fabriciique foco.

E naõ

E naõ pelo fim que Tiberio teve em paſſar de Roma à Ilha de Rhodes: *Ut vitato aſſiduitatis faſtidio authoritatem abſentia tueretur, aut etiam augeret, ſi quando indiguiſſet ſui reſp*, conta Suetonio em Tiberio. Soberba de Principes Medos que ſe naõ deixavaõ tratar por ſe authoriſarem, aponta Herodoto: *Hæc ideo apud regem agebant ne ſcilicet eum cernentes æquales, & cum eo educati indolerent, & inſidiarentur; quin etiam ut aliud videretur ipſis coram non contuentibus.* Aſſi o fizeraõ outros Emperadores, de que falla Plinio a Trajano. Mas D. Joaõ ſe bem era valente, naõ era arrogante; que naõ viſita eſte vicio as portas de taõ qualificadas virtudes. Privilegio he de trabalhos taõ honrados, como os de D. Joaõ, poderſe retirar, e goſar o deſcanço deſejado. Parece que à letra vemos nelle quanto em Manlio conſiderou Claudiano retirado, e dado aos eſtudos.

cap. 10.

lib. 1.

Poſtquam parta quies, & ſummum nacta cacumẽ
Jam ſecura petit privatum gloria portum,
Ingenij redeunt fructus, ſtudijque labores,
Et vitæ pars nulla perit. Quodcumque recedit
Litibus, incumbit ſtudijs, animuſque viciſſim
Aut curam imponit populis, aut otia muſis.

orat. 14. Conforma neſte voto Maximo Tyrio em huma pratica aonde gabando os que do campo acodem as armas, ſuſpira: *Ex bellatoribus agricultores, ex agricultoribus fortiſſimi victores. O honeſtam commutationem.* Antes chegou a dizer Salluſtio em huma carta à Ceſar, que naõ podia hum homem ſer excellente, ſe naõ acolhendoſe, e retirandoſe dos paſſatempos do corpo aos do animo iſento de adulaçoens ſuas, e alheyas: *Neque aliter quiſquam extollere*

epiſt. 1. de rep. ger.

tollere sese, & divina mortalis attingere potest? nisi omissis pecuniæ, & corporis gaudijs animo indulgens; non assentando, neque concupita præbendo perversam gratiam gratificans. Tal contemplo em o altivo espirito de D. João, hora formando exercicios militares dos outeiros da sua quinta; hora desmentindo os trabalhos da guerra com a suavidade dos estudos.

Alli cultivando. Porque senaõ espantasse Silio Basso só da pobreza Romana, dizendo em huma controversia de Seneca: *Quid tibi ab aratro vitati qui paupertate sua beatam fecere rempub.* Alli ajunta André Scotto os que engrandecem o caso de Cincinnato; que virtudes Romanas tiveraõ melhor fortuna com escritores, que as Portuguezas; por ventura que lhe nacia de serem os que as obravaõ mais agradecidos, e mais favorecedores dos estudos. Justa honra leva D. João, porque a naõ grangea senaõ por merecimentos. *Serranum Scipionibus aratra pepererunt, qui dum grandia sulcis semina commendaret, honorum ei messis oborta est;* dizia Ennodio no panegyrico a Theoderico. Na sua quinta estava Manlio, lá o acha a justiça de huma boa eleiçaõ, e de lá o chama com estes versos. controv. 6.

Sed meriti redeunt actusque priores
Commendat repetitus honor, virtusque reducit.

Se este varaõ naõ merecera novos cargos pela vida passada naõ fora justiça darlhos. Mas ainda naquelles tempos se respeitaõ merecimentos pessoais, como entre Romanos canta Claudiano naquelle successo de Manlio.

Ipsa quidem virtus pretium sibi.

E ajunta por fim que lhe fazem honras, e daõ cargos

gos ſem os querer, nem requerer.

Attamen invitam blande veſtigat, & ultro
Ambit honor: docuit toties a rupe profectus
Lictor, & in medijs Conſul quaſitus aratris.

Oh tempos bem afortunados, em que as honras tratão as virtudes com afagos, e meiguices, e ſe lhes offerecem favores ſem mais preço que o de ſua fermoſura.

Meritis offertur inemptus!

Puramente favor; Segura dos tempos ditoſos o meſmo poeta no 6. Conſulado de Honorio. Houve Plutarco no livro: *Utrum ſeniori gerenda reſpub:* que ſe haviaõ de encarregar magiſtrados àquelles Varoens, que os naõ pertendiaõ: *Intuendum eſt diligentius, quinam ſubterfugere honores conantur: ijs vero imperia decernenda ſunt.* Porque ſobejaõ merecimentos para o cargo, aonde ha menos agencias para elle; e aonde mayor negociaçaõ, ha menos partes, eſcreve Bernardo a Eugenio: *Sane huic negotio non ſe ingerat rogans, qui ipſe rogat pro ſe, jam judicatus eſt*; quem pede, parece que deſconfia de ſuas partes. Sabiaõ os Principes de Portugal que neſta fórma de eleiçaõ eſtava o bom ſucceſſo do Eſtado da India na fórma do juramento que ordenaraõ a ſeus Viſo Reys, de que nem per ſi, nem por outrem intervieraõ em ſua eleiçaõ; refere Joaõ de Barros. Bem fóra eſteve Honorio de haver per agencia a honra, que merecia, e aſſi fizeraõ eſcolha delle por ſuas partes. No 4. Conſulado ſeu, canta Claudiano:

Digna legi virtus, ultro ſe purpura ſupplex
Obtulit, & ſolus meruit regnare rogatus.

Ditoſos tempos em que naõ eſqueciaõ partes nobres,

bres, ainda que longe da Corte. Essa lembrança teve Stilico na escolha de Varoens excellentes lib. 2.

non obruta virtus
Paupertate latet; lectos ex omnibus oris
Evehis.

Porem naõ foy só Honorio, a quem aconteceo essa felicidade, que lhes naõ deixou D. Joaõ lograr, porque alcançou elle aquella fama de bom governo que Theodorico guardava. *Nec passi sumus otiosum,* lib. 1. epist. escreve elle por Cassiodoro, *quem merita non sinebant esse privatum: sereni solis consuetudinibus æstimandus, qui licet susceptum diem peragat, alterum tamen eadem claritate illuminat.* 12. Dera D. Joaõ taes resplandores de seu valor no dia que tinha feito, que justamente se esperava o segundo com igual fermosura. Estava elle naquelle socego, e retiramento como com o valor reprimido, porque no voto de Lucano à Piso

tamen, & si bella quierunt
Non perijt virtus.

Bem sabia esta condiçaõ do valor Theodorico, que porisso buscava retirados: *Latet enim sub otio laudabilis fortitudo, & dum se probandi non habet spatium, occulta est lux tota meritorum.* Condiçaõ de valerosos, dos quaes diz Pacato a Theodosio: *Cum induciæ bella suspendebant, inter aratra vivebant, & ne virtus quiete languesceret, depositis in gremio Capitolini Jovis laureis, triumphales viri rusticabantur.* Se em nossos annos houvera este costume, naõ houvera tantos queixumes de gente benemerita.

ELOGIO.

APenas partido de Portugal chegara D. João a Goa, quando ElRey de Cambaya com o favor de 5. mil Turcos sitiou a fortaleza de Dio. O inverno impossibilitava o socorro, mas venceo o animo de D. João as ameaças do tempo, e as tempestades do mar; e o que foy mayor vitoria ao mesmo amor paterno, mandando seu filho D. Fernando de Castro (sogeito de mayores prendas que militava na India, e a quem D. João amava de coração) a socorrer os cercados, segurando-os do cuydado, com que ficava de seu remedio a qualidade da pessoa que lhes mandava. Poucos dias depois de D. Fernando ter chegado a Dio, o matarão os inimigos, defendendo cavalleyrosamente a fortaleza. Que hum filho de D. João de Castro não podia ter larga vida, havendo occasião de achar huma morte honrada. Soube Dom João a de seu filho, e ainda que num mesmo instante começou a sua, encobrio o sentimento de sorte, que vestido de gala correo em Goa carreiras.

DISCURSO.

MAs venceo o animo. Fechado està o mar, e atado com o rigor do inverno, a que respei-
lib. 1. ode tou Horacio quando disse: *Solvitur acris hyems.*
4. Porem estas fechaduras rompeo, e venceo o animo de D. João: *vadit audacter, & contemptor omniũ*,
epis.92. escreve de hum animo invencivel Seneca. He quanto

to entendeo Ennodio no panegyrico a Theodorico Rey: *Nullius vitæ prodigus periculum ignarus incurrit. Vincitur humanæ mentis auctoritas prævisione discriminis, labascit fortium conscientia, quotiens formidanda oculis ingeruntur*; nenhum valente entra descuidado no perigo com olhos abertos, e muy de proposito o commette, porque como affirmou o Estoico: *Qui fortis est, sine timore est*. E tudo he necessario, quando se haõ de desprezar as armas, e fogos pola patria, pola ley, pola liberdade: *Cum fortiter eundum erit adversus tela, ignes pro patria, legibus, libertate*. E porque se visse mais claro este animo de D. Joaõ, atropellou o amor de seu filho D. Fernando, lembrado por ventura da verdade, com que Agamemnon fallou em Seneca na Troas: *Præferre patriam liberis regem decet*. Que se naõ lançou o cutello para o matar, como fez D. Afonso Perez de Gusmaõ por sustentar a fidelidade de Tarifa guardada a ElRey D. Sancho o bravo de Castella; soubeo entregar ao rigor dos mares, que foy menor que o do fogo dos inimigos, a cuja violencia acabou. E para o animar à jornada vejo eu repetirlhe o de Horacio:

epist. 85.

act. 2.

lib. 1. ode 3.

Perrupit Acheronta Herculeus labor.

Que a animos de Hercules nada contraria, tudo obedece. E desta grandeza de animo continuou o poeta *Nil mortalibus arduum est*: E foraõ riscos os Acherontes de Hercules para os mares irados, que o animo deste Varaõ, e de seu filho venceraõ.

Naõ podia ter larga vida. Justo serà confessar que se deve este aviso ao meu Poeta.

Que pois no mundo havia honrada morte,
Naõ podieis vós ter mais larga a vida. Son. 12.

Aonde

Aonde discorro largo este pensamento. E hum filho de D. Joaõ estava obrigado a em breves dias obrar tais feitos, que com elles enchesse, e igualasse o curso de largos annos. Que a felicidade da vida poz Seneca naõ na quantidade dos annos, mas na excellencia das obras: *Nihil interest si tam illum multi*
epis. 85. *anni beatum fecerunt, quàm hunc pauci.* A morte deste valeroso mancebo celebrou Camoens em hum soneto, e diz assi.

Son. 63.
Debayxo desta pedra està metido
Das sanguinosas armas descançado
O Capitaõ illustre assinalado
D. Fernando de Castro esclarecido.
Por todo o Oriente taõ temido
E da enveja da fama taõ cantado:
Este pois só agora sepultado
Està aqui já em terra convertido.
Alegrate, o guerreyra Lusitania
Por este Vriato que criastes
E chora o perdido eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania:
Que se a Roma com elle aniquilaste
Nem porisso Carthago està contente.

Recônta elle o caso, e sucesso de Dio nos Lusiadas com esta Magestade:

Castro, que o estendarte
Portuguez terà sempre levantado,
Conforme sucessor ao succedido
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

Persas feroces, Abassis, e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem
Varios de gestos, varios de costumes

Que

Que mil naçoens ao cerco feras vem.
Faraõ dos Ceos ao mundo vãos queixumes
Porque huns poucos a terra lhe detem,
Em sangue Portuguez juraõ descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos, & lioens.
Trabucos feros, minas encubertas
Sustenta Mascarenhas cos baroens,
Que taõ ledos as mortes tem por certas.
Até que nas mayores opressoens
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer, que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.
Fernando hum delles, ramo de alta pranta
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços o muro no ar levanta
Serà alli arrebatado, e ao Ceo subido:
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta
E tem o caminho humido impedido
Abrindo vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.

Eys vem depois o pay, que as ondas corta,
Co restante da gente Lusitana,
E com força, & saber, que mais importa
Batalha dà felice, e soberana.

E os mais em que cifrou a gloria deste Capitaõ.

Vestido de gala. Houve que naõ estava bem chorar essa morte por naõ desdizer de sua hombridade.

Vos quibus est virtus, muliebrem tollite luctum. Epod. 16.

Avisa Horacio; esses choros saõ de gente afeminada. E por esse fim os Licios nos prantos, que faziaõ, se vestiaõ

vestiaõ de mulher, conta Plutarco na consolatoria
lib. 2. c. 6. a Apollonio. A causa, nota Valerio Maximo, era
num. 13. para que a disformidade do trajo lhe fosse à maõ na continuaçaõ do choro: *Uti cultus deformitate maturius mærorem intermittant.* Seneca està de parecer que se naõ ha de chorar pelos defuntos, e entre o que escreve diz: *Per lacrymas argumenta desiderij quærimus: & dolorem non sequimur, sed ostendimus.* Sendo taõ gloriosa a morte de D. Fernando, a quem seu pay via vivo na gloria, e na fama, naõ podia entre tantas razoens de se dar mil parabens de huma morte taõ honrada, buscar achaques de sentimentos della. E o mesmo Seneca nos ensinou que huma morte honrada tira a pena dessa morte: *Est magna felicitas in ipsa felicitate mo-*
cap. 29. *riendi.* Assi consolava Polibio. Com os olhos nessa dita se consolava David na morte de Abner: *Nequaquam ut mori solent ignavi, mortuus est Abner.*
2. reg. 3. Porque havia D. Joaõ de chorar a morte do filho valente, se elle na morte mostrara quem era? Trazem a Grycias Lacena hum neto quasi morto; começaõ a chorar parentes, e criados: brada a avò, e diz-lhe: *Non silebitis?* Oh naõ choreis, nem me canseis: *Declaravit ex quo sit sanguine.* Plutarco nos apophthemas Laconicos. De hum Xeno-
lib. 5. c. 10. phonte contaõ Plutarco, e Valerio Maximo, que recebera a morte de seu filho Grilo no batalha de Mantinea com tanta paciencia, e esforço, que affirmara com juramento publicamente, que mayor gloria tinha de seu filho morrer como cavalleyro, que sentimento, ou pesar de sua morte. Com este
cap. 44. exemplo poem Francisco Soares Toscano em seus paralellos a paragon o animo, e paciencia de D.
Fran

Francisco de Almeida na morte de seu filho Dom Lourenço, e a de Lourenço de Sousa na de seu filho Martim Vaz de Sousa, e a de Sebastiaõ de Macedo na perda de seu filho herdeiro Jorge de Macedo, e o prezente caso de Dom Joaõ todos ensinados do valor, com que ElRey D. Joaõ o I. dizendolhe erradamente que era morto em Africa o Infante D. Henrique seu filho, respondeo que naõ montava muito pois morrera em seu officio. Mas elle passa avante, e deixa todos estes exemplos muy atras, pois naõ só com animo constante, e varonil sofreo a morte de seu filho, mas com repiques de sinos, e com sair a publico a cavallo, vestido de brocado, com gorra, e plumas brancas passou as carreiras, e fez aos fidalgos que entaõ se achavaõ em Goa jugar canas. Mostrase elle com estas festas obrigado a Deos, e lhe agradece estar por nòs Dio, e a honra Portugueza, ainda que â custa do filho morto. Brios de hum Paulo Emilio. Toma elle à sua conta a guerra contra Perses, vence, triunfa. Antes de partir para a guerra pede a vitoria, ainda que à conta dos filhos, que lhe morreraõ a tornada. Seneca a Marcia: *Egit dijs gratias quod voti compos factus esset, precatum enim se ut si quid ob ingentem victoriam, invidiæ dandum esset, id suo potius, quam damno publico lueretur.* Celebraõ tambem este feito Plutarco, Livio, e Valerio Maximo. Naõ menos D. Joaõ houve que devia festejar a morte do filho, porque a sua defendera Dio, e conservara naquella praça a fé. *cap. 23.*

ELOGIO.

CReceo tanto a opiniaõ da verdade, e limpeza de D. Joaõ, que preparandose para o socorro de Dio, lhe deraõ as mulheres de Chaul quantas joyas possuiaõ: huma que estava ausente lhe mandou para o mesmo effeito as suas. Saõ os superiores como os Ceos; estes muitas vezes com a virtude de suas influencias naõ só inclinaõ os animos, mas trocaõ as naturezas. Bom exemplo temos nestas mulheres, que obrigadas do zelo de D. Joaõ, largaraõ as joyas de seus enfeytes, a que por sua fraqueza, e vaidade amaõ taõ brandamente.

DISCURSO.

AS mulheres de Chaul. Aprenderaõ ellas de Romanas que na falta publica deraõ por vezes ouro, e joyas para satisfazer a hum voto feito por Camillo à Apollo na guerra; suppriraõ estas o que a Republica não podia: *Cujus cum non esset copia, matronæ cætibus ad eam rem consultandam habitis, & communi decreto pollicitæ tribunis militum aurum, & omnia ornamenta in ærarium detulerunt*, conta Livio. A mesma grandeza temos em outro lugar do mesmo autor, posto que por aviso dos maridos: *Aurum* (dizem elles) *& argentum omnes senatores crastina die in publicum conferamus, ita ut annulos sibi quisque, & conjugi, & liberis, & filio bullam, & quibus uxor, filiæ ve sunt singulas uncias auri pondo relinquant*; em que ellas vieraõ de boa vontade. Não se mostrarão ellas menos em offerecer suas joyas

decad. 1. lib. 5.

decad. 3. lib. 6.

decad. 1. lib. 4.

na

na guerra dos Francezes: *Cum in publico deesset aurum, ex quo summa pactæ mercedis Gallis conficeret à matronis collatum acceperunt, ut a sacro auro abstineretur*; feito que Livio torna a repetir. Não era bem que faltasse a Portuguezas o louvor das Romanas, em que houve mais de primor, mandar a que estava ausente suas joyas. Lá lemos no Exodo despenderem ellas suas joyas para fabrica do tabernaculo, em tanto, que atè do que fiavaõ per suas mãos contribuiraõ de boa vontade: *Sed & mulieres doctæ, quæ neverant dederunt*. Mas que muito se o davaõ a Deos, persuadidas a isso; se no cerco de Mazagaõ as Mouras deraõ suas joyas ao Xarife para pagar aos soldados, como consta de huma carta do cartorio da Companhia de Coimbra. E jà Africanas cortaraõ os cabellos para cordas dos arcos na guerra conta Plutarco de claris mulier. Alguns exemplos destes refere Navarrete en la conservacion de monarquias, a que ajuntou mais o feito das Damas de Dania, que com suas joyas resgataraõ seu Rey quatro vezes cativo dos VVandalos, escreve Alberto Crantz.

decad. 4. l. 4.

cap. 35.

discurs. 19.

lib. 2. c. 33.

Saõ os superiores como os Ceos. Naõ importa que o semelhante se verifique em tudo, e ainda que V. m. aqui confessa nos superiores tanta força, que naõ só inclinem os animos, mas troquem natureza, eu sey que naõ conhece V. m. tanta força na virtude das influencias celestes; que estas movem nossas vontades: *Motione inadirecta*, como fallaõ doutores graves. Porque o Ceo pode imprimir num corpo qualidades, como calor, frio, e outras tais, que espertaõ nossos apetites, e estes espertos convidaõ à vontade, não que a possão forçar, e apagar

gar em nós o livre alvedrio; e a isto chamaõ os Poetas estrella, Cuydar que o Ceo póde mover nossas vontades immediatamente, erro he grave, jà condenado no primeiro Concilio Bracharense contra Priscilliano herege. A razaõ aponta Damasceno:

c. 9. & 10. lib. 2. Orth. cap. 7. *Si enim ex astrorum latione cuncta facimus, ex necessitate ea operamus quæ facimus.* Porque a estrella he causa necessaria, e assi se obrara immediatamente em nós per qualidades, tambem nos havia de forçar a obrar; o que he falso. Assi argumentaõ Santo Thomaz; os Philosofos Conimbricenses. Accrecento que os Ceos, como saõ materias naõ podem obrar immediatamente em nossas almas, e vontades, por serem espirituaes, e assi

3. cont. gen. c. 84. 1. p. q. 115. art. 5. 1. 2. q. 9. art. 5. ad 2. l. de cæl. c. 3. q. 8. art. 1. & 2. naõ podem mover, se naõ: *Motione indirecta.* A virtude destas influencias de Superiores parece reconhecia Ausonio, quando do Emperador Theodosio Augusto cantava:

Non habeo ingenium: Cæsar sed jussit, habebo.

Naõ foraõ só de liberalidade as que D. Joaõ influio nas mulheres de Chaul: de valor mais que varonil as imprimio nos animos das Damas de Dio, que naõ contentes com a resistencia que dos muros a dentro faziaõ aos inimigos, achandose algumas dellas nos combates com as armas àscostas em trajos de homens, ainda das donzellas, mas passando seu feminil animo os limites de valor, e ousadia, sairaõ fóra da fortaleza em companhia do Governador, levando tudo o que era necessario para mantimento, e cura dos soldados, a quem ajudavaõ, e animavaõ para a batalha com palavras de muito esforço. He quanto contaõ nossos escritores, e com elles Francisco Soares no ultimo parallelo.

Porque

Porque se lhe não aventejasse ElRey Theodorio, a quem Ennodio no Panegyrico exalça, com o amor, e vontade, com que mulheres concorriaõ a ajudar seu exercito esquecidas de sua sorte. *Tunc arma Cereris, & solventia frumentum bobus saxa trahebantur, oneratæ fætibus matres inter familias tuas oblitæ sexus, & ponderis parandi victus cura laborabant.*

Amaõ. Naõ he isto acçaõ de D. Joaõ, ainda que effeitos de suas acçoens, mostraremse damas liberais nas peças, e joyas, de que pendem todas as presumpçoens de seus enfeites, e o crecimento de sua gentileza. Mas porque ellas naõ sofrem bem, por selhe alguma nota, ainda quando com ella se lhe realce sua virtude: me pareceo advertir aqui, que Saõ Jeronymo escrevendo a Demetriades, descobre esta condiçaõ de mulheres curiosas, e amigas de ornatos. Porque com tal padrinho bem poderá V. m. escapar de sofrer os rayos de suas iras, mais temerosos que esses com que o Ceo nos ameaça. Saõ as palavras do Santo estas: *Ut taceam de inaurium pretijs, candore margaritarum, rubri maris profunda testantium, smaragdorum virore, ceraunio. rum flammis, hyacintorum pelàgo, ad quæ ardent, & insaniunt studia matronarum.*

E L O G I O.

D*Ilatava a inclemencia do tempo a jornada de Dio, e ainda que em breve determinava D. Joaõ partirse, mandou diante a seu filho mais velho D. Alvaro de Castro, expondoo às tempestades,*

des, e perigos do mar, de que D. Joaõ naõ fiava as armadas Portuguezas. Partiose em fim D. Alvaro, ou que elle solicitasse a brevidade da partida; envejoso da gloria de seu irmaõ, ou que quizesse D. Joaõ sacrificando dous filhos a sua patria, eternizar sua memoria.

DISCURSO.

A *Seu filho mais velho D. Alvaro.* Parece que cabe aqui o de Claudiano de laudibus Stiliconis.

Successusque novis successibus augent.

Duas vezes soccorreo D. Joaõ a Dio a pesar das iras de Neptuno; a primeira com seu filho Dom Fernando, a segunda nesta occasiaõ com seu filho D. Alvaro. Esta celebrou o Poeta Portuguez nas oitavas acima postas. A cada hum delles em taes ensejos parece lhe estava presente isto de Claudiano a Theodosio.

Fidere tam fas est, quam dubitare nefas,
Insanum quamvis hiemet mare.

Epist. 39. Que em filhos de tal pay naõ podia haver menos obediencia, nem menos emulaçaõ. Porque como avisadamente diz Seneca: *Habet hoc optimum in se generosus animus, quod concitatur ad honesta.* Como este varaõ excellente se naõ deixava ocupar de outro pensamento, que de obrar virtudes, humas lhe eraõ incitamento de outras, e com exemplos taõ de casa, que muito andar taõ tocado D. Alvaro da enveja da gloriosa morte de seu irmaõ que lhe fosse em tudo seguindo as pizadas?

ELO.

ELOGIO.

DEo lugar o tempo, e em breves dias partio D. Joaõ para Dio acompanhado de huma bastante armada. Chegou à fortaleza, e ainda que a achou quasi desmantelada com as continuas baterias, que os inimigos lhe davaõ, pareceolhe afronta de seu valor, e discredito de hum Governador da India, estar encerrado entre muros; tirou sua gente ao campo (inspiraçaõ divina mais que dictame militar) e para acrecentar com a desesperaçaõ o brio a seus soldados (remetendo o remedio de suas vidas ao esforço de seus braços) abrasou as portas da fortaleza. Toda a noite desvelou D. Joaõ ao inimigo por onde naõ havia de commetello; e confessados, e commungados os Capitaens, e soldados, servindolhes de exemplo D. Joaõ, e animando-os o Padre Fr. Antonio do Casal com huma pratica espiritual a dar as vidas pello credito da Fé, e serviço de seu Rey, commetteo D. Joaõ os inimigos, e favorecido do Ceo, com só tres mil homens, que tinha, desbaratou o poderoso exercito de Cambaya: alcançando a mais insigne vitoria, que viraõ os seculos passados: porem naõ he muito que conseguisse taõ grande triunfo quem sabio de tratar com Deos seguro do vencimento, como de outro Capitaõ em occasiaõ semelhante disse o douto Salviano.

DISCURSO.

Com *a desesperaçaõ*. Conhecido he isto do Poeta Latino. *Una salus victis, nullam sperare salutem*. Muito ajunto eu para ornato daquillo do meu Poeta na Egloga 3.

Que huma só salvaçaõ tem hum perdido
Perder toda a esperança à salvaçaõ.

Nem ha cousa mais trilhada nos historiadores, que crecer com a desesperaçaõ a ousadia. Dos Romanos incitados com a esperança, e vergonha, e dos Thraces postos no ultimo de suas esperanças escre-
lib. 4. ve Tacito nos Annaes: *His partæ victoriæ spes, & si cedant insignitius flagitium: illis extrema jam salus, & adsistentes plerique matres, & conjuges, & earum lamenta*. Nem he menos o que
lib. 12. disse dos Ingrezes. *Conscientia rebellionis, & obseptis effugijs, multa; & clara facinora*. O mais deixo à conta do que acolá digo.

Abrasou as portas. Bisarra determinaçaõ em
lib. 13. vencer, ou morrer. Mapheo escreve que as tirou, que he o mesmo; aponta elle estas palavras na pratica que D. Joaõ fizera antes de sair: *Ex arce detractas fores, è portu naves in expeditionem emissas*; e dà a razaõ engrandecendo o feito: *A se diligenter provisum uti segnibus, timidisque nullum neque terra, neque mari sit effugium*. Termos com que Belisario força, e esforça sua gente a pelejar em Africa; elles estavaõ em terra, e as náos
lib. 3. debel. Vandal. desapareceraõ, entaõ lhe diz o Capitaõ. *Naves procul a vobis loci natura amovit, unica spes salutis est in manibus*. Escreve Procopio: e Castrio-

to

to disse à sua soldadesca jà desembarcada em Italia em huma pratica, que Belisario passando a Inglaterra mandàra queimar as embarcaçoens, em que passara sua gente para os obrigar a pelejar esforçadamente. Naõ acho eu que Belisario tal fizesse, mas devia o Autor de trocar o nome de Agatocles, de quem Justino escreve que passando a Africa mãdou queimar as náos: *Naves, consentiente exercitu, incendi jubet, ut omnes scirent, auxilio fugæ sublato, aut vincendum, aut moriendum esse.* Outro caso do Marquez do Valle conta Lacerda na Eneyda, sobre a queyma das náos Troyanas. Passa elle ao novo mundo, e queima as náos, porque os Hespanhoes perdessem a esperança da volta à patria: feito com bons semelhantes illustrado por Joaõ Solorzano: a que junto aquella acçaõ do Conde Mauricio, que no anno de 1600. vendose commettido do Archiduque Alberto junto de Ostende, mandou fazer ao largo as náos, em que deliberou embarcarse, por pôr os seus soldados em mayor necessidade de peleijar pelas proprias vidas. Aprendera Mauricio de outro Conde Olandez, que desembarcado em Frisia com grandissimo poder para desfazer hum aggravo recebido dos Frisoens mandou as náos para Olanda, porque seus soldados puzessem só a confiança nos braços, e assi venceo. De Helvecios conta Cesar que queimaraõ casas, e fazenda, tanto que asseutaraõ de fazer guerra, e naõ obedecer aos Romanos: *Privata ædificia incendunt, ut domum reditionis spe sublata, paratiores ad omnia pericula subeunda essent.* Outro tanto fizeraõ Heduos por aviso de Vercingeturige: *Æquo animo sua ipsi frumenta corrumpat, ædi-*

lib. 10. *cap.* 4.
lib. 22.
lib. 5.
de jur. Ind. lib. 1. *c.* 5. *n.* 31.
Soeyr. An. de Fland. l. 13. *an.* 1396.
l. 1. *de bello Gal. l.* 7.

ficiaque incendat, qua rei familiari jactura perpetuum imperium, libertatemque se consequi videant. Haja em boa hora aqui neites exemplos a consideraçaõ da desesperaçaõ; que no mayor perigo crecem brios valentes, se falta esperança de socorro. Lá disse Curcio de Alexandre: *Pugnabat pro rege primum celebrati nominis fama, deinde desperatio magnum ad honeste moriendum incitamentum.* Porem neste pensamento naõ encontrou
lib.9. D. Joaõ o dictame militar. Mayores fumos sospeito eu neste generoso espirito. Naõ tem muros Sparta, e perguntado Agesilao em Plutarco o porque, disse nos apophthemas Laconicos, mostrando seus Cidadoens armados, que aquelles eraõ seus muros: *Hi sunt, inquit, muri.* Houve Agesilao que valentes naõ tem necessidade nenhuma de muros, a cuja sombra, e emparo se defendaõ. Desta resoluçaõ de Sparta disse Claudiano no quarto Consulado de Honorio:

Sic armipotens Lacedæmon.
Dispexit muros rigido munita Lycurgo

E no Consulado de Manlio.

Civibus, & vetitis ignavo credere muro
Tutius obiecit nudam lacedæmona bellis.

Pareceo a D. Joaõ que desconvinha a reputaçaõ do Estado da India entenderse que muros, que tão poucos soldados tinhaõ defendido eraõ necessarios em presença de hum Viso-Rey seu. Repararaõ hum dia a Antigono os seus em dar huma batalha naval, sendo as naos inimigas muitas em numero; respondeo elle com animo terribel em Plutarco na vida de Pelopidas: *ad me ipsum quot eorum obijcias?* Achava aquelle celebre Capitaõ, que sua presença contrapesava todo

todo o mayor numero. Se este foy o pensamento de D. Joaõ, foy justo, e acertado, consideradas suas calidades, e as de tantos illustres, e valerosos, que o acompanhavaõ. Em Roma ficava aberto o templo de Jano. A razaõ dà o mesmo Jano.

Ut populo pateant reditus ad bella profecto
Tota patet, dempta, ianua nostra, sera. l. 1. Fastor.

Parece querer Jano recolher os que fugissem da guerra. D. Joaõ em terra inimiga abre; e queima portas por mostrar que a Portuguezes não eraõ necessarios valhacoutos.

Desvelou. Não valho eu tanto que possa ajuizar a prudencia de hum Capitaõ em inquietar o inimigo, e o ter álerta com os rebates fallos. Là o hajaõ os curiosos com Pedro Barbosa Homem tratado primeiro discurso. 12. fol. 296. no §. simulacion en las acciones militares.

E confessados, e commungados. Não he cousa nova começar por Deos na guerra; chamallo, e invocallo antes de vir a rompimento com inimigo. Aviso he de Ciro menor em Xenofonte, esperava elle vencer: *Præsertim cum Deorum ope adiuta virtus ab iniquissimis, & dificillimis temporibus homines vendicare soleat.* E assim Capitaens de fama sempre começaraõ a guerra por votos, e Sacrificios. Ciro lib. 1. mayor em Xenofonte. *Precatus Vestam patriam, & Jovem patrium, Deosque alios pergebat ad exercitum.* Do fim, e intento avisa elle a sua gente: *Ut quam optime cum divina ope belligeremus*; Para que os successos sejaõ iguaes a nossas esperanças. Menos eraõ os Locrenses, que os Crotonienses; aquelles venceraõ, porque venceraõ no fazer dos votos, segundo a reposta Delphica, Justino: *Responsum prius votis*

lib.20. *hostes, quam armis vincendos esset.* Usaraõ elles de ardil, porque sabendo o numero dos sacrificios que os inimigos faziaõ, dobraraõ os seus. Passa Alexandre a Asia, antes de começar a guerra. Frequenta as aras, despendese em grandes sacrificios; escreve Curcio; e dà a razaõ; *Hostias cadit precatus, ne se regem illæ terræ invite accipiant.* Assim conhecera Sylla a quem havia de invocar, como conhecia a causa, e necessidade de o fazer. Trasia elle no seyo ordinariamente nas batalhas huma imagem de Apollo, que em Delphos houvera, conta Plutarco em sua vida; e vendo se em hum conflito quasi desconfiado da vitoria junto das portas de Roma, entre mil bejos, e adoraçoens tomandoa nas mãos em altas vozes lhe disse: *O Apollo Pythie, qui fælicem Syllam Cornelium tot ex prælijs illustrem, amplissimunque sustuleris, hic in patria portis suis cum civibus fædissime pereuntem abijcies?* Entre os Gregos reconhece este costume Martim de Roa varaõ doutissimo nestas palavras de Justino falando dos Macedonios: *Nunc Alexandri, Philippique regum suorum nomina, sicuti numina in auxilium vocabant.* Das quaes parece que antes de apellidarem Phelippe, e Alexandre, costumavão nas batalhas apellidar outras divindades, como os Espanhoes, e os mais Christãos a Santiago, e a S. Jorge. A que respeitou o Poeta nos Lusiadas.

lib.2. de die Natali cap. 2. lib. 24.

cant. 3. oit. 113.

Chamaõ segundo as leys que alli seguiaõ
Huns Mafamede, & outros San-Tiago.

Haverem-se do mesmo modo com Hercules os Alemaẽs nas suas sete o mesmo Roa guiado deste lugar de Tacito de moribus Germ. Saõ ellas: *Fuisse apud eos Herculem memorant, primumque omnium ituri in prælia canunt,* desviado do sentido que Lipsio lhe dà.

Melhor

Melhor satisfaziaõ a esta obrigação os Hebreos, pois atinavão com o verdadeiro Deos, a quem haviaõ de chamar em seu soccorro. Isto declara o Profeta Rey cantando: *Hi in curribus, & hi in equis, nos autem in nomine Dei nostri invocavimus*; e noutra parte: *In te inimicos nostros ventilabimus cornu, & in nomine tuo spernemus insurgentes in nobis.* Que assim aviva estes lugares aquelle autor favorecido deste: *At illis qui cum Esdrin erant diutius pugnantibus, & fatigatis, invocavit Judas Dominum adiutorem, & ducem belli fieri; incipiens, voce patria, & cum hymnis clamorem extollens.* E o confirma Chokier declarando o voto de Onosandro no seu Stratageco com exemplos antigos, e modernos.

Psal. 19.
Psal. 43.
Machab. 2. *c.* 12.
Strateg.

A esta imitação os Principes, e Capitaens Christãos naõ comettem batalha sem primeiro prepararem suas consciencias, e pedirem ao Ceo favor, virtude propria do Emperador Theodosio, que não começava a guerra senão por Deos, testemunha Nicephoro: *Si quando bellum motum esset, ad Deum confugiebat, divinum, musicumque Davidem æmulatus, quod in illius veluti promi, condique potestate bella esse sciret.* Mostras desta verdade dà em outro lugar. Jà na guerra contra Eugenio fizera a mesma oração a Deos, e o chamara em seu favor. Entra na Igreja do Bautista em Constantinopla: *Ut simul precationem ad Deum faceret, & Baptistam ad ferendum sibi auxilium in vocaret.* Confiado no favor de Deos, e intercessoens do Batista entaõ parte contra o tirano. Chega aos Alpes, vese em aperto num passo estreito, pede favor ao senhor, e vence: *Imperator animi anxius*, disse Nicephoro *& consilij inops in summo montis vertice precatoriam domum invenit*,

lib. 14. *c.* 5.
cap. 38.

in ea totam noctem, rerum universarum Dominum supplíciter orans consumpsit. Sae da Ermida animado pelos Gloriosos Apostolos S. Joaõ Evangelista, e S. Phelippe; dà a batalha, e vence. Daquella vitoria falla tambem Cludiano no terceiro consulado de Honorio, antes parece que allude à piedade nobre de Theodosio, dizendo:

O nimium dilecte Deo, cui fundit ab antris
Æolus armatas hiemes, cui militat æther,
Et coniurati veniunt ad classica venti.

l. 12. c. 39. Assim que os rogos, e preces de Theodosio fizeraõ assanhar o Ceo com ventos, chuvas, e tempestades contra o tirano, que he quanto escrevem Nicepho-
l. 11. c. 33. ro, e Rufino. E aponta aquelle Author que Theodosio imitava a David, porque este no desafio com o Gigante disselhe assim: *Tu venis ad me cum gladio, &, hasta & clypeo, ego autem venio ad te in nomine Do-*
1. reg. cap. 17. *mini exercituum.* Vòs vindes armado de ponto em brãco contra mim, porem eu venho armado do favor Divino. Nas suas antiguidades ajunta Philo Biblico, que nas cinco pedras, que tomara contra o Gigante, escrevera nomes Santos: *Accepit septem lapides, & inscribit nomina patrum suorum, & fortissimi, &c.* Erra claramente em dizer que sete; na outra parte dos nomes Santos se lhe dà credito, porque mostra a piedade estranha de hum David antes da briga. Aprendera Theodosio de Constantino Principe pijssimo, que trasia sempre nos exercitos hum oratorio portatil, para que nem elle, nem seus soldados tivessem falta nos Sacrificios Divinos, e estivessem seguros do favor do Ceo invocando-o cada dia naquelle Templo; este costume deu causa às Missas castrenses
lib. 2. c. 9. escreve Claudio Espenceo de Eucharistia.

Mui-

Muitos exemplos temos desta piedade, e costume entre os Portuguezes, principiada em seu primeiro Rey D. Affonso Henriques. Delle nos contaõ suas Chronicas que naõ commettia empreza alguma sem a tratar primeiro muy apertadamente com Deos, ainda por meyo de Varoens Santos. E naquella celebre vitoria do Campo de Ourique, àlem das muitas oraçoens, e afliçoens do animo, com que a antecipou pondose nas mãos de Deos, escreve Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister, que na madrugada do dia da batalha mandou celebrar missa na sua tenda, e em muitas outras do arrayal, a que commungaraõ elle, e os seus soldados. Este Santo costume guardaraõ depois todos seus successores. E ainda tinhaõ por regimento naõ principiar a guerra, e caminho sem bons agouros da confissaõ, e missa. Com gosto repito aqui estes capitulos do antigo regimento da milicia, por serem resplandores do Sol da justiça, e piedade, de que se vestia o animo dos Principes Portuguezes. Diz hum. *lib. 2. c. 9.* *lib. 3. c. 2.*

Quando nos outros, ou algum Capitaõ de nosso Reino com a graça de Deos começarmos alguma guerra, para nossa tençaõ, e preposito ver boa fim, entre todas as cousas que lhe cumpre de fazer para bom regimento, e governança della, assi he que primeiramente devemonos de encomendar, e nossos feitos a Deos, e deshi por toda esperança em elle, porque sem sua graça, e ajuda naõ se pode cousa boa fazer, e deshi ante que abalemos com nossa oste para alguma parte devemos fallar com nosso confessor, e com aquelles, que tiverem carrego das almas de confessar, que fallem com todos os cavalleiros, e fidalgos, que façaõ confessar toda

da nossa gente, e se souberem alguns que se naõ fallem, e estaõ em odio fazellos reconciliar, e pressar, e perdoar, e se alguns forem negligentes, devemos poer aquella pena, de que cada hum for merecedor até ser feito, e comprido todo nosso mandado. O outro continua.

Tanto que nós tivermos junta toda nossa gente, ou mayor parte della com que bem possamos aballar nossa oste, devemos o dia da partida mandar dizer huma missa muito solenemente em lugar certo por nós assinado, e mandaremos hi levar nossa bandeira metida na funda, e recolheremos hi nossas gente, e acabada a dita missa, e recolhida a gente, partiremos com a graça de Deos.

Este costume santo respeitou o grande Camoens dizendo em Vasco da Gama.

Aparelhamos a alma para a morte
Que sempre aos nautas ante os olhos anda
Para o summo poder que a eterna corte
Sustenta só com a vista veneranda
Imploramos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

Tratase da sua partida, e aparelho para o descubrimento da India. Bom exemplo temos na batalha de Algibarrota; preveniose o bom successo della com missas ouvidas, e o Santissimo Sacramento recebido. He quanto nos poz em memoria a Chronica delRey D. Joaõ o primeiro Capitulo 31. assi o guardava o Santo Condestabel em seus cometimentos, nem se fez outra cousa na conquista de Ceyta.

Pois aquelle assombro de valor humano D. Nuno Alvares Pereira antes da batalha fazia sempre oraçaõ

çaõ diante de hum Crucifixo, e a Virgem Mãy que trazia na bandeira, nem deixava a oraçaõ por mayor aperto de inimigos até a acabar. O Poeta nos Lusiadas.

Mas naõ ves quasi já desbaratado — *Cant. 7.*
O poder Lusitano pela absencia
Do Capitaõ devoto, que apartado
Orando invoca a summa, e Trina essencia
Vello com pressa jà dos seus achado
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse
Porque comsigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que santa confiança
Que inda naõ era tempo, respondia.
Como quem tinha em Deos a segurança
Da vitoria, que logo lhe daria.

Celebraraõ esta devaçaõ, e animo piedoso do Condestable, e segurança em Deos na batalha de Valverde Francisco Rodrigues Lobo, e Francisco Toscano em seus Parallelos, que recolhe alguns casos semelhantes, e pertencentes a esta materia com os Autores, que os apontaõ. D. Duarte de Menezes com os soldados confessados, e commungados commetia inimigos da fé. He quanto escreve D. Agostinho em sua vida. Assi D. Joao como verdadeiro Catholico deu principio à felicidade desta batalha com sua piedade. Porem della naõ foy só effeito taõ gloriosa vitoria, mas o do grande D. Joaõ de Castro ter por seus guerreiros esses mesmos espiritos celestes, que he ventura tanto mayor, que ter os ventos por aventureyros como sucedeo a Theodosio, que naõ pode ter huma cousa comparaçaõ al-

Cant. 16. & 11. 12. & 13.

l. 4. princ. num. 26.

alguma com a outra ; mayormente decendo os soldados do Ceo em favor deste Heroe debaixo da obediencia da Virgem Senhora nossa, que naquella occasiaõ deo a conhecer aos inimigos da fé, e nome Portuguez, a verdade com que o divino Poeta entoou: *Terribilis, ut Castrorum acies ordinata*, obrando sua presença em soccorro deste heroico Capitaõ, e de seus soldados, mais que hum bem armado exercito. De que se nos seguio a gloria, que com a suavidade de seu estilo considerou
l. 6. c. 1. Joaõ de Lucena relatando o caso na vida de S. Francisco Xavier. Aconselhado destes exemplos quando D. Joaõ de Austria deu a batalha naval de Lepanto preparou a vitoria com dispor seus soldados com o jejum de tres dias, para que dignamente recebessem o divinissimo Sacramento, como fizeraõ. D. Lourenço Vander libro 3. da vida daquelle principe.

l. 8. de Gubern. Dei. *O douto Salviano.* Bispo de Marcelha. Conta elle o caso com estas palavras: *Denique rex ipse hostium quantũ res prodidit, ac probavit usque ad diẽ pugnæ stratus cilicio preces fudit ante bellum in oratione jac... ...ũ bellũ de oratione surrexit, priusquã pugnam manu capeceret supplicatione pugnavit, & ideo fidẽs processit ad pugnam, quia jam meruerat in oratione victoriam.* Naõ declara elle quem era o Principe, mas por ser a guerra contra Litorio nos consta de Sidonio no panegyrico de Avito ser Theodorico Godo, a quem chama Theudoridas:

Capto terrarum damna patebant
Litorio in Rhodanum proprios producere fines
Theudoridæ fixum.

n. 217. E he juizo de Sirmondo nas notas daquelle Poeta. Na verda-

verdade Theoderico era pio, ainda que Arriano, como dà fé o mesmo Sidonio escrevendo a Agricola nestas palavras: *Si actionem diuturnam, quæ est forinsecus exposita, perquiras: antelucanos sacerdotum suorum cœtus minimo comitatu expetit, grandi sedulitate veneratur*; parece que nem esta, nem outras boas manhas, de que o gaba, o livraraõ das mãos de maos Conselheiros, e de Theologos errados. Deste Principe falla Salviano, e he muy digno de consideraçaõ ver que agrada tanto a Deos a piedade, que por ella favorece, ainda aos que tem erros na fé, porque a seu exemplo se esforcem nella os verdadeiros Catholicos. *l. 1. ep. 2.*

ELOGIO.

Querendo D. Joaõ reedificar a fortaleza de Dio, e faltandolhe o dinheiro necessario para a obra, pedio emprestados vinte mil cruzados a Cidade de Goa, e por segurança da paga, não tendo cousa que empenhar, lhe mandou huns cabellos de sua barba: tornoulhos Goa, e o dinheiro, [illegible] grande o empenho para tão pequena cantidade. Dificil serà julgar, qual das duas acçoens pede mayor admiração, se a confiança de D. Joaõ nacida de sua virtude, se o lanço da Cidade de Goa procedido de sua liberalidade, porem eu sey que de huma, e outra he a gloria de D. Joaõ, porque seu nobre procedimento o fez a elle confiado, e ao magistrado de Goa [illegible]

DISCURSO.

H*Uns cabellos de sua barba.* Naõ se achava de tanto credito o Cid Ruy Dias de Bivar, a quem para remediar necessidades de huma jornada lhe foy forçado encher certas arcas de area, fingindo estarem-no de dinheiro, e joyas, para que huns Judeos lhe emprestassem sobre ellas o dinheiro que lhes pedia. Emprestaraõlho, e elle as desempenhou depois, como se foraõ os penhores muy equivalentes, mandandolhes dar ganhos. He quanto conta a sua Cronica. Deulhe valor sua palavra. Do grande Affonso de Albuquerque he sabido, que pedindolhe hum soldado de comer em huma necessidade, era tal o aperto, que lha não pode remediar. Correu a mão pelas barbas, e tirando alguns cabellos dellas deu-os ao soldado para que os fosse empenhar, e remediasse sua falta, que elle soube guardar, e o Albuquerque desempenhar. Bom tempo de Portugal, em que os seus Capitaens estimavão tanto suas barbas, que eraõ havidas por penhor bastante. Porem que muito entre Portug[illegible]? Cujos juramentos mayores eraõ: jurovos por estas barbas: empenhovos estas barbas. Là conta Hildelberto Arcebispo Turonense Epist. 39. que o Conde Rotrocho mandou cabellos de sua cabeça em prova de sua palavra na defesa de Hildeberto. *Ac ne simulatoriè loqui putaretur, abscissos de capite suo capillos transmisit.* Rico fora, e farto de sua ambição Dionysio de Sicilia se pudera tusquiar tão ricas barbas, como fez à de Epidauro. *Epidaurii Æsculapio barbam auream demi jussit*: refere Valerio Maximo. Este caso heroyco chama à contenda

c.9.& c. 214.

comentarios p. 4. c. 62.

l.1.c.2. n. 23.

Francisco Soares em seus Paralellos, com o do Emperador Valduino, Antonio Moniz Barreto Governador dos Estados da India, e Ruy Mendez Ribeiro Capitaõ de Ceyta, que em outras taes necessidades empenharaõ seus filhos. Porem coube a D. Joaõ mayor felicidade em o haver com Portuguezes, que conheceraõ por penhor seguro sua oferta, e calidade de sua palavra, mandandolhe o dinheiro com muy acertada liberalidade. Gloriosa competencia, e em que vemos ajuntado isto de Seneca. *Fælices qui vicerint, fælices qui vincentur.* Cousas ha em que igualmente he gloria vencer, que ser vencido. Bem sey o que hum Conde de Tendilha obrou lavrando moedas de papel com o preço, que nellas punha da sua letra, para remediar o aperto, e necessidade de dinheiro que havia na Cidade Alhama, e com que puntualidade as desempenhou. Mas com escritos saõ cridos, e a necessidade lhe ajudou o credito.

cap. 39.

de benef. l. 3. c. 38.

Salazar Mendoça l. 1. c. 55. da chronica do Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendoça.

E L O G I O.

TOrnase D. Joaõ a Goa, e recebeo [illegible] de debaixo de hum palleo, imitando na entrada aos triunfos Romanos. Levava huma coroa de palma na cabeça, e outra coroa na mão; honra que D. Joaõ aceitou para emulação dos futuros; que nunca admitio magestades em sua pessoa sem consequencias certas de mayores aproveitamentos à sua patria.

DISCURSO.

HUma coroa de palma. Ao costume moderno, que se guarda em Capitaens vitoriosos nas entradas de alguns povos, se acrecentou a D. Joaõ a excellencia das duas coroas de palma, huma na cabeça, e outra na mão. Contentase com pouco o triunfante,
l.16. c.4. porque naõ milita senaõ por honra. Lá disse Plinio da coroa civica, que era de carvalho, e não de ouro, por esse mesmo fim. *O mores æternos, qui tanta opera honore solo donaverint, & salutem civis in pretio esse noluerint, clara professione servari quidem hominem nefas esse lucri causa.* Acudira D. Joaõ à gente de Dio, a coroa que toma he a de palma por honra do efeito, e não de ouro, porque todo seu
Orat. 3. interesse consistia na gloria do successo. Encarece Cicero ao Povo Romano quanto trabalhara pelo defender das mãos de Catilina, e seus aliados. E que premio pede por taõ bom serviço? A memoria daquelle dia, em que a libertara dos cutellos que tinhaõ nas gargantas: *Quibus pro tantis rebus Quirites, n[illegible] ego à vobis præmium virtutis, nullum insigne honoris, nullum monimentum laudis postulo, præter quam hujus diei memoriam sempiternam. In animis ego vestris omnes triumphos meos, ornamenta omnia honoris, monimenta gloriæ, laudis insignia condi, & collocari volo. Nihil me mutum potest delectare, nihil tacitum, nihil denique hujusmodi quod e[illegible]inus digni assequi possunt. Memoria vestra, Quir[illegible] nostra res alentur, [illegible] crescent, literarum monimentis inveterascent, & corroborabuntur*; e acrecenta logo. *Mihi quidem ipsi, quid*

quid est quod iam ad vita fructum possit acquiri: cum præsertim, neque in honore vestro, neque in gloria virtutis quidquam videam altius, quò quidem mihi libeat ascendere. Naõ tinha D. Joaõ mais que desejar que Cicero em obras de taõ conhecida ventagem. Pudera elle tomar tantas coroas, quantos Portuguezes libertara, porque jà Claudiano disse de Stilico.

Mos erat in veterum castris, ut tempora quercu lib. 3.
Velaret, validis fuso qui viribus hoste
Casurum potuit morti subducere civem.
At tibi, quæ poterit pro tantis civica reddi
Mænibus? Aut quantæ pensabũt facta coronæ?

Mas assi como este Capitaõ naõ entra em Roma, em carro nobre, á guisa dos Cesares, e Scipioens: porque lhe naõ agradava tanto o premio, como o trabalho:

Non illum præmia tantum,
Quam labor ipse juvat, strepitus fastidit inanes,
Inque animis hominũ, pompa meliore, triunphat.

Assi esse Varaõ excellente, nem toma coroa de ouro, nem sobe em carro sublime, porque na memoria daquelle dia estavaõ todos seus triunfos, todos os ornamentos de honra, todos os apparatos de gloria, todas as insignias de louvor. Mas leva huma coroa na cabeça, outra na maõ em prova de que mereceo seu triunfo por força de braço, e de conselho: gabo de hum Jugurtha em Sallustio: *Quod dificillimum in primis est, e prælio strenuus erat, & bonus consilio*: e espanto de Ennodio nas excellencias de Theodorico: *Quis credat unum pectus posse sufficere, ut per procinctos indomitus vincat prælijs, e agat consilio, ne dimicandi causa*

ſa contingat? Acho graça em as coroas ſerem de palma, devendo ſer de louro à guiſa de Roma: mas ſó eſſa palma póde bem moſtrar, quais ſejaõ as vitorias de D. Joaõ. Iſſo ſentiraõ os Gregos em darem palma nos triunfos, a cujo exemplo eſcreve
lib. 10. Livio, ſe começou a fazer em Roma na guerra dos Samnites: *Eodem anno coronati primum ob res bello bene geſtas; palmæque tum primum, vel tranlato è Grecia more, victoribus datæ.* Tal nos pinto Claudiano a Stilico.

lib. 3. *Quam certa fuere*
Gaudia! Cum totis exurgens ardua penis
Ipſa duci ſacras victoria panderet ædes,
Et palma viridi gaudens.

Porem não coroado com palma; que iſſo ſe guardava para D. Joaõ, porque o meſmo nome Phœnis, quer dizer palma, e aquella ave famoſa, e unica
l. 13. c. 4. no mundo, da qual Plinio eſcreve, que renaſce de ſi meſmo: *Mirum de ea accepimus, cum phœnice ave, quæ putatur ex hujus palmæ argumento nomen accepiſſe, iterum mori, ac renaſci ex ſe ipſa.*
pſal. 91. n. 106. Donde Tertuliano tira aquelle gabo do Varaõ juſto. *Juſtus ut palma florebit:* porque no texto Grego temos. *Juſtus ut Phœnix florebit:* nota ahi Pame-
cap. 13. de reſurrectione. lio, e Tertuliano gloſa: *Florebit enim velut Phœnix, ideſt de morte, de funere.* Aſſi que palma, e phœnix he o meſmo nome para moſtrar D. Joaõ, que ſuas obras ſaõ unicas, e ſingulares no mundo, e que em fim tornaõ a viver per fama depois de ſua morte. Penſamento com que o Poeta cantou.

canto 1. oct. 14. *Caſtro forte*
E outros, em quem poder naõ teve a morte.

Verdade, que conheceo Horacio, dizendo;

Non

Non omnis moriar, multaque pars mei lib. 3. ode
Vitabit Libitinam, usque ego postera. ult.
Crescam laude recens.

De novo nasce D. Joaõ com crecimentos de fama, e gloria. Mas porque leva huma coroa na maõ? Para repartir com sua soldadesca de suas honras. Condiçaõ de hum valor heroico. Là disse por graça Dionysio que terem Deuses na maõ coroas de ouro, era offerecerlhas a elle, e assi lhas tomava: *Perquamstultum esse argumentando à quibus bona precamur, ab his porrigentibus nolle sumere*, escreve Valerio Maximo. Leva a coroa de palma na maõ offerecendo essa honra à companheiros taõ valentes, como parte tamanha em seu triunfo. Avisava tambem à sucessores, que triunfava quem pelejava por gloria sómente, que na maõ levava aquella para quem o imitasse. Contouse outra hora a Xerxes que Gregos celebravaõ os seus jogos Olympicos, e que esperavaõ levar os preços delles: perguntou o Principe, que premios se lhes davao? Respondeoselhe, que huma coroa de oliveyra. A isto acudio Tigranes hum dos grandes de sua corte, que era temeridade irem commetter quem em seus desafios naõ tinha o olho ao interesse, mas ao credito da virtude; *Papæ Mardoni, in quos viros induxisti nos ad pugnandum, qui non pecuniarum certamen agitent, sed virtutis.* Os Viso Reys pobres venceraõ, e triunfaraõ: *Quæ enim uberrima virtutis propositæ sunt præmia, ad ea optimo quisque in rempub, animo contendit*, continua Thucydides. E naõ he muito correr atras de huma coroa de palma, quem leva o intento de socorrer, e de honrar a patria. Muito he que atégora a tomassem

lib.1.cap.2.

lib.2.

taõ poucos da maõ de D. Joaõ.

E L O G I O.

EM sua ausencia tratou o Idalcaõ de se apoderar de Salcete, e de Bardes; acodio D. Joaõ com toda a pressa ao socorro, mas primeiro que chegasse, tinha remediado sua fama a falta de sua presença.

D I S C U R S O.

R*Emediado sua fama.* Que muito assombrar D. Joaõ, quando triunfador ao Idalcaõ, se em seus principios huma só resoluçaõ sua acobardou Barbaroxa: e sua reputaçaõ alimpava os mares, como já vimos!

Non ne meam fugiet Maurus, cum viderit, umbrã. Podia elle com mais razaõ dizer, que de Stilico Claudiano de bello Gildonico. Celebrou Roma a hũ Curio por fazer retirar de Italia a Pirrho já desgostoso da guerra.

Plus fuga laudetur Pyrrhi, quã vincla Jugurthæ. Canta o mesmo Poeta de bello Getico. Que gabos escrevera! Que louvores, e memorias nos deixara se lhe coubera por sorte hum Capitaõ, que quando brigava, vencia, e quando naõ brigava, assombrava de medo a taõ poderosos Principes com taõ pouca gente, e taõ longe de sua patria! Efeito do credito, e fama de seu valor, em quem Seneca reconhece o poder na guerra: *Illa, quæ conficere bellum solet, fama.* Com quem acosta Livio, que naõ
epist. 13. l. 27.

só

só a fama, mas quaesquer breves momentos consi-dera poderosos em acçoens militares: *Fama bellum conficit, & parva momenta in spem, metumve impellunt animos.*

ELOGIO.

AFrontado da rota de Dio tratou ElRey de Cãbaya da vingança, ajuntando grande exercito contra o Estado da India. Prevenio D. João o remedio, assombrando os mares de Cambaya com huma grossa armada, e abrasando os lugares vesinhos da marinha. Saltou D. João em terra hum dia, e sabendoo o Rey Gentio o veyo buscar com cinco mil cavallos, muita infantaria, e grande copia de Elefantes com castellos. Teve D. João aviso, e podendo retirarse antes de chegar o inimigo, não lho sofreo seu animo; esperou-o em terra, e não teve bem vista do exercito contrario, quando partio a commetello com o seu. Temeo ElRey de Cambaya tão grande resolução, e retirouse a passo largo, fez D. João alto, e depois de o perder de vista, se tornou para o posto, que deixara, donde marchou para Baroche, que a vista do exercito inimigo deixou de todo abrasado, alcançando, sem sangue de seus soldados, vitoria de tanta estimação. Antes de D. João se embarcar escreveo huma carta ao de Cambaya encarecendolhe o grave sentimento, que levava, de senão verem naquella occasião; mas que elle procuraria com todas as veras outra, aonde a pezar seu fossem as vistas forçadas.

DIS-

DISCURSO.

PRevenio D. João. Ocasiaõ nos dava V. m. aqui à bons discursos. Que se afrontaõ Principes com a melhor fortuna do inimigo. Que trataõ desedesagravar com a vingança. Que se remedeaõ em acçoens de guerra males de terra com prevençoens do mâr. Inculco-os a talentos maiores, e mais alentados, que o meu, porque naõ saõ alheyos do tempo. Contentome com advertir a prevençaõ, e singular conselho de D. Joaõ em segurar os mares. Seguio elle aquella segura resoluçaõ de D. Francisco de Almeida, que affirmou naõ se poder sustentar o Estado da India sem o senhorio do mar. Muitos exemplos nos emprestavaõ aqui os Athenienses, Lacedemonios, e outros povos de Grecia. Muitos todas as mais naçoens, cujas vitorias celebraõ as historias. Contentome com o exemplo de Mitridates, o qual posto no auge, e maioria de seu imperio, e repartindo o governo delle entre seus tres filhos, fez almirante a Archelau Principe herdeiro: *Ex quibus maximus Archelaus universo mari navibus imperabat; Cyclades insulas in servitutem trahebat.* Palavras saõ de Plutarco na vida de Sylla. Como cousa de maior momento encarregou o governo, e senhorio do mar ao filho mais velho: donde se vê o grande juizo, com que se houve D. Joaõ nesta acçaõ.

Esperou-o em terra. Como cousa digna de particular memoria celebrou esta valerosa resoluçaõ o Poeta.

Este

Este depois em campo se apresenta
Vencedor intrepido ao possante
Rey de Cambaya, e a vista lhe amedrenta
Da fèra multidaõ quadrupedante.

Cant. 10. oit. 72.

Nem sofreraõ vello dos olhos, quanto mais a guardar o rigor de seu braço: *Primi in omnibus prælijs oculi vincuntur*, disse Tacito de moribus Germanorum.

Escreveo. Là conta Panormitano que Oferio Rey de Tunez escreveo a D. Affonso Rey de Napoles que estava sobre os Gerbes, que para q̃ lhe fosse de maior momento a vitoria daquelles povos, determinava verse com elle cara a cara. Mas saindolhe D. Affonso ao encontro, elle se desviou. Que no dizer, e fazer he só hum D. Joaõ.

l.2. de fact. & dictis Alfonsi.

E L O G I O.

C*Hegado D. Joaõ a Goa achou ao Idalcaõ com hum copioso exercito em Salcete; naõ dilatou D. Joaõ o castigo, foy buscalo, deolhe batalha, e sahio della vitorioso com morte de muitos inimigos. Celebrouse esta vitoria na India com versos, que se cantavaõ pellas ruas, e deo tanta reputaçaõ ao Estado, que nada ousou interromperlhe a paz por muitos annos.*

D I S C U R S O

N*Aõ dilatou D. Joaõ o castigo.* Mais escreveo o Poeta Principe desta acçaõ:

Naõ

Cant. 10. oit 72.

Não menos suas terras mal sustenta
O Idalcaõ do braço triunfante
Que castigando vay Dabul na costa
Nem lhe escapou Pondá no sertaõ posta.

Aonde o comento acrecenta outras circunstancias desta vitoria. Huma dellas he a presteza, com que D. Joaõ acudio a este encontro sem entrar em Goa, certo de que os Portuguezes venceraõ sempre mais com animo, e bizarria, que com forças, e poder; e que tem feito seu aquillo de Livio: *Stultitia sit, sedendo, ac votis debellari credere posse.* Todas suas vitorias puseraõ sempre no valor de seu braço; e assim lhe aconteceo a D. Joaõ, o que là disse de outro Capitaõ Romano Claudiano de bello Gildonico: *Rumoremque sui prævenit laurea belli.* Dizendo, e fazendo desfez todas aquellas nevoas de arrogancias, com que o Idalcaõ cuidou offuscar sua gloria.

Com versos. Celebraõ Musas de Goa a este filho da virtude (tal patria deu S. Gregorio Nyssено aos virtuosos entre louvores de Basilio: *Patria autem virtus*) porque a coroa de gloria, que lhe o Mundo dava, fosse do ouro de mais subidos quilates. He o ouro desta coroa os louvores, e gabos publicos, mas com esta diferença, que louvores fechaõse nos juizos dos homens, gabos saem à praça, e se publicaõ nos versos, e hymnos em que os cantaõ, e esta he a fineza mayor deste ouro, e desta coroa de gloria: *Laus est*
lib. 5. c. 8. *in tacitis hominum judicijs, aut in publicatis: illa proprie laus, hæc dicitur laudatio*; escreve com bom juizo Carolo Pascalio de Corona; e a prova justamente chamar Pindaro aos versos: *legem laudatoriam:* ley de gabos, porque acompanhando o louvor, e o gabo a justiça do vencedor: assim como não
Olymp. ode: 3.

ha

ha cousa mais iniqua, e injusta, que negar a hum varaõ excellente os devidos louvores, não ha cousa mais igual, e justa, que responderlhe com hum pregaõ de versos, com que os louvadores ficão desempenhados daquella obrigaçaõ, e o louvado leva a paga merecida. Este he o meyo, porque o benemerito da Republica triunfa magestosamente de maldizentes, de envejosos, de mentirosos, da antiguidade, do esquecimento, e da mesma morte, livrando das injurias destes inimigos aquelles, que com animo constante, e generoso militaõ debaixo das bandeiras da virtude, consagrando-os a huma fama eterna. Qual vemos a D. Joaõ, cuja memoria vivirà em quanto viver o Mundo; igual nesta fortuna ao Emperador Constantino Magno, a quem os seus coroaraõ de louvores, e gabos, coroa de preço mayor. *Augustum illius caput orationibus, tanquam coronis ex varijs* lib. 1. c. 1. *flosculis pulchre contextis nuper ipsa regia mirifice decoravimus.* Escreve Eusebio em sua vida entendendo-o dos panegiricos ditos àquelle Emperador.

ELOGIO.

ADoeceo D. Joaõ, e apertou o tanto o mal, que elle tinha occultado com singular prudencia muitos dias, que conheceo serem chegados os ultimos de sua vida. Achavase sem remedio, atè para curarse, a taõ estreitos termos o reduziraõ sua limpeza, e sua liberdade: naõ quiz porem pedir dinheiro emprestado, por não perder, se vivesse, a liberdade obrigado, nem fazer dividas, que não pudesse pagar, quando lhe faltasse a vida. E lembrando-se que era

cos-

costume antigo dos Romanos, grandes mestres de razaõ de estado, pagar do Erario publico as dividas, que os Proconsules contrahiaõ nas Provincias, que governavaõ; tendo por menos cabo do Senado, que aquelles que administrando justiça, e abstendo-se do alheyo a creditaraõ a virtude Romana com as nações estrangeiras, padecessem necessidades: lhe pareceo justo, em taõ apertada occasiaõ, aproveitarse da fazenda do Rey, a que servira, e chamando a D. Joaõ de Albuquerque Bispo de Goa, D. Diogo de Almeida Freire Capitaõ della, ao Doutor Francisco Toscano Chançarel daquelle Estado, Sebastiaõ Lopes Lobato Ouvidor geral, e a Ruy Gonçalves de Caminha Vedor da fazenda, aos quaes por sua virtude, e prudencia tinha depois de sua doença encarregado o Governo da India, assistindo juntamente, por ordem de D. Joaõ, o Deaõ da Sè de Goa, o Padre Mestre Frey Pedro, Vigairo geral da Religiaõ de S. Domingos, Frey Antonio do Casal, Custodio de S. Francisco, o Santo Francisco Xavier da Companhia de Jesus, e os Vreadores da Cidade, representou a todos juntos sua pobresa, nascida dos mayores proveitos de seu Rey, em cujo serviço consumira a mayor parte de seus bens, pedindolhes o soccorressem com a fazenda Real, respeitando de sorte a grandeza do posto, que ocupava, que nem elle perdesse a autoridade, que merecia, nem se fizessem por sua causa excessos, que se reputassem por culpa. E tomando hum Missal, que junto de si tinha, jurou nas mãos do Deaõ, que nunca se approveitara da fazenda d'ElRey em cousa alguma, nem a tomara à Christãos, Judeos, Mouros, ou Gentios; pedindo, que tudo isto se escrevesse em os livros da fazẽda daquelle Estado, assinãdo-se nelle
as

as pessoas que alli estavão, aonde ficou escrito para gloria de seus decendentes, exemplo, e modestia de seus sucessores, credito de sua patria, e melhor serviço de seu Principe. Deu a Portugal D. Joaõ a gloria de mais honra dos exemplos que aquelles com que a Republica Romana se esvaece tanto, que se Publicola, sendo tres vezes Consul, necessitou do favor do Senado para seu enterro, acabou pobre na Cidade de Roma naquelle tempo taõ limitado em riquezas; & D. Joaõ padeceo miserias governando a India Oriental a mais opulenta Provincia, que se conhece no Mundo.

DISCURSO.

Q*Ue era costume antigo dos Romanos.* Parece alludir a estas palavras de Valerio: *Tam præclaro proposito illa merces reddebatur: quod nihil eorum quæ virtuti debentur, emere pecunia licebat, inopiaque illustrium virorum publice succurrebatur.* Grandes dous premios para criar virtudes; não dar lugar a que leve o preço, e a ambição o galardaõ que à virtude se deve, e saberem varoens heroicos que tem o remedio de suas necessidades, e de seus filhos no thesouro publico. Esta he a agoa, e Sol, com que nas Respublicas se criaõ generosas prantas, e fertelisaõ seus campos grande copia de sogeitos virtuosos. Là nos deixou escrito Theofrasto, que não he o campo o que produz, mas a temperança do anno: *annus producit, non ager.* O exemplo nolo confirma, pois a terra que este anno não produsio cousa alguma, no que vem, acode com crecidos, e não esperados fruitos. Assim nas Respublicas vicejaõ sogeitos quando

l. 4. c. 4.

l. 7. de plãtis, & l. 3. de causis plantarum.

do

do favores publicos os fomentão; e criaõ. A esta conta Romanos se obrigavão a acudir da Republica em suas necessidades, assim na vida, como na morte, a varoens, que por serem tão limpos, viviaõ tão pobres. Muitos exemplos traz alli Valerio na morte de Publicola, de Agripa, de Elio Tubero, e de outros; e de Apripa diz Livio tambem: *Sumptus funeri defuit, extulit eum plebs sextantibus collatis in capita.*

lib.4.t.4. *Sua pobreza nacida.* Essa causa dà là Valerio para a virtuosa pobreza dos Romanos: *Patriæ enim rem unusquisque, non suam, augere properabat: pauperque in divite, quam dives in paupere imperio versari malebat.* Não me posso ter, que não havive daqui ser sinal da pobreza da Republica a riqueza dos particulares, que a governaõ. Bem entendia esta verdade quem preguntava a Sylla como podia ser homem de bem, quem nacendo tão pobre, enriquecera tanto: *Quomodo vir bonus esse potes, qui cum nihil a patre tibi relictum sit, tot, ac tanta possideas?* Andava nos pilourós publicos, e entrando pobre, avultava muito em fazenda, sinal de pouca limpeza. Digno he de consideração o que Plutarco acrecenta na vida daquelles Romanos: *Nam cum rectus ille, ac nitidus vivendi mos aut amplius permaneret, iamque delitiarum, & luxuriosi apparatus æmulatione suscepta & maiorum curriculo deflexisset, par tamen convitium ponebatur, & suorum facultates amittere, & paternam minime paupertatem conservare.* Igualmente se estranhava jà naquella declinação dos bons costumes esperdiçar heranças de avòs, que aquirir fazendas, e não conservar a pobreza, em que cada hum naceo. Não se tinha ainda despido dos animos honrados aquella estimação da dignidade, com

que

que creceo a Republica Romana, e que era o vinculo dos parentescos, e amizades publicas. *Animi virorum, & fæminarum vigebant in civitate, eorumque bonis, dignitatis æstimatio cunctis in rebus ponderabatur. Hæc imperia conciliabant, hæc jungebant affinitates, hæc in foro, hæc in curia, hæc intra privatos parietes plurimum poterant.*

E tomando hum missal. Naõ me espanto que hum Varaõ taõ illustre, e de tanta authoridade, afirme com juramento (tanto de mayor momento, quanto à vezinhança da morte estava mais pegada) sua limpeza, porque sospeitas de dinheiro em peitos generosos naõ se purgaõ menos que com a vida. D. Affonso Rey de Castella, aquelle que com o favor do Portuguez venceo a do Sallado, teve sospeita de coraçaõ de dinheiro contra o seu Almirante, por passar a gente Africana em Espanha sem elle o sentir. O Almirante, tanto que barruntou as sospeitas delRey, como valeroso cavalleyro que era, por alimpar sua honra com o preço de seu sangue, investio a armada dos Mouros, cometimento em que foy morto, e a armada de Castella destroçada, e vencida. Deyxounolo posto em memoria Duarte Gasvaõ na Chronica de D. Affonso IV. Bem poderá crer que sem juramento o creriaõ Varaõ taõ socegado em a avareza, que pedindo alviçaras a seu Rey da grande vitoria de Dio, entre a conta que della lhe deo, lhe escreve. De emprezas taõ grandes sempre costumaõ os Reys dar huma peça boa. Eu peço a V. Alteza pelo que lhe mereço, que me dé no lugar desta, a fonte delRey, com doze castanheiros, que estaõ junto à minha de Cintra, que valerão 30U. Mostrounos D. Joaõ nesta honrada ac-

caõ

çaõ quão justificado havia de proceder, quem meneava dinheyro publico. Exemplos temos de governadores que procederaõ com toda a limpeza em seus cargos. Em primeiro lugar se nos offerece hum Joseph governador do Egypto, de quem disse Moy-
Genes. 47. sés: *E' quibus omnem pecuniam congregavit pro venditione frumenti, & intulit eam in ærarium regis.* Mostra sua limpeza aquelle termo, *omnem pecuniam*, porque nada lhe ficou na maõ; todo o dinheyro, que recebeo dos Egycios polo paõ, q̃ meteo no cofre real. Cousa de tanta maravilha em go-
q.159. vernadores, que Santo Agostinho, havendo ser o mayor gabo, que se podia dar a Joseph, achou ser obrigaçaõ da Escritura fazer memoria desta circunstancia, para que de todo fosse conhecido aquelle servo de Deos: *Pertinebat ad Scripturam in hac etiam re commendare fidem famuli Dei.* Assi falla tambem Filo Hebreo no livro que escreve de Joseph: *Juvenis tanta fide usus est in administrandis negotijs publicis, ut cum ratio temporum plurimas occasiones præbuisset ad congerendã pecuniam, potuissetque facile ditissimus sui sæculi evadere, totum argentum, aurumque è frumenti pretio collectum referret in thesauros regios, ne drachma quidem subtracta.* Porem aventajase D. Joaõ a esta limpeza na pobreza, a que naõ valeraõ salarios, como a Joseph. Essa limpeza de vida he a marca de hum Capitaõ nobre. Entrega Theodosio a Stilico seus filhos mininos, com thesouros da Monarquia Romana: naõ lhe desvia delles hum anel, naõ to-
lib. 2. ma, ou lhe deminue cousa alguma. Louvor he de que o achou digno Claudiano:

Jus-

Justos, nimiumque fideles
Fama putat, qui cum possint commissa negare,
Maluerint nullo violati reddere quæstu.

Nem huma peça toma Stilico: taõ longe estava de se lhe pegarem as mãos:

Quin, & Sydonias clamides, & cingula baccis
Aspera, gẽmatasque togas, viridesque smaragdis
Loricas, galeasque renidentes hyacinthis
Gestatosque patri capulis radiantibus enses,
Et vario lapidum distinctas igne coronas
Dividis ex æquo, ne non Augusta supellex
Ornatusque pares geminis heredibus essent.

Naõ faltava nos thesouros daquella Monarquia que tomar, se Stilico naõ fora taõ limpo como Scipiaõ, que se gaba dessa limpeza nos cargos da Republica em Valerio Maximo. *Nam cum Africam totam potestati vestræ subiecerim, nihil ex ea quod meum diceretur præter cognomen, retuli.* (lib. 3. c. 7.) Assi defende elle sua causa no Senado, acusado de enveja. Naõ neguemos a Espanha a gloria de criar hum D. Gaspar de Zuniga Viso-Rey de Mexico, a quem na morte naõ acharaõ com que lhe fazer o saimento, como conta Turtureto na dedicatoria do livro de Nobilitate Gentil'tia. Muitas riquezas havia em Africa, Europa, Asia, e Novo mundo, mas estes Varões naõ se aproveitaraõ dellas, querendo antes viver, e morrer pobres. Porem naõ lhes faltou nunca o paõ para a boca, e o remedio para a vida, como a D. Joaõ. Naõ acha Nazianzeno mayor louvor que diga de seu pay, que este: *Justitiæ quod maius argumentum afferri potest, quam quod in magnis reipublicæ muneribus versatus [illegible] ne teruntio quidem facultates suas auxerit.* Grande cousa certo, que hum

hum miniſtro publico entre riquezas, e dadivas publicas eſteja ſempre em hum meſmo ſer, ſem acrecentamento algum de ſua fazenda. Avante paſſa D. Joaõ, que chega a perder quanto tem em Goa.
lib. 2. De Publicola ſe admiraõ Livio, Valerio Maximo, e outros, e com razaõ, pois, como diz Livio, ſendo o mais abaliſado homem de ſeu tempo em paz, e em guerra, naõ teve com que ſe enterrar: *Omnium conſenſu princeps belli, paciſque artibus, moritur, gloria ingenti; copijs familiaribus adeo exiguis, ut funeri ſumptus deeſſet, de publico eſt*
lib. 3. c. 4. *elatus.* E Valerio argumenta, que facil he de alcançar o que poſſuiria vivo, a quem morto faltou mortalha: *Abunde patet quid vivus poſſederit, cui mortuo lectus funebris, & rogus defuit.* Outro tanto eſcrevem os meſmos Autores de Menenio Agripa, de quem com Livio o notey jà no coſtume dos Romanos. E outros Varoens ſemelhantes conta Valerio naquelle Capitulo, em que abona a pobreza, e naõ ſe farta de encarecer com juramentos naõ haver riquezas que ſe poſſaõ comparar com pobreza de taes Varoens: *Per Romuli cajam, perque veteris capitolij humilia tecta, & æternos Veſtæ focos fictilibus etiamnum vaſis contentos juro; nullas divitias talium virorum paupertati poſſe præferri.* Muito era aquillo jà naquelles tempos, mas andar abraços com as riquezas, morar de humas portas adentro com ellas, e ſer hum homem limpo, e iſento do alheyo, iſſo he ſer Varaõ
epiſt. 20. grande por voto de Seneca: *Multum eſt, non corrumpi divitiarum contubernio. Magnus eſt ille, qui in divitijs pauper eſt.* Em huma, e outra couſa ſe aventejou D. Joaõ. Taõ longe eſteve de ſe corrom-
per

per entre riquezas, e mandos, que nem afronta faz; ainda a hum Cafre, tomandolhe de sua fazenda huma aresta. Essa he huma parte do juramẽto; naõ teve menos que o grande Stilico. Claudiano. *lib. 2.*

Nec te gurges corruptior ævi
Traxit ad exemplum, quod jam firmaverat annis
Crimen, & in legem rapiendi verterat usum.
Denique non dives sub te, pro rure paterno
Vel laribus pallet.

Partes saõ estas de bom Senhor. Ao menos aquelle *lib. 4. cap. 4.* Rey de Persia, de quem escreve Joaõ de Barros, sa- *Dec. 2.* bia quanto montava conservar seguras do poder mayor até as casinhas de huma pobre velha ainda com desar dos Paços Reaes. Porém D. Joaõ teve huma, e outra felicidade de o naõ corromperem riquezas, e de ser pobre entre ellas. Isto he o em que perdem a cor todas as doutrinas estoycas, pois este Varaõ, verdadeiramente Filosofo, sabendo ser pobre entre as mayores riquezas, venceo a grandeza, que o Cordovez desejava, e cobiçava nos da sua *de vita beata c. 23.* escola: *Ille vero fortunæ benignitatem a se non submovebit, & patrimonio per honesta quæsito, nec erubescet. Habebit tamen etiam quo glorietur, si aperta domo, & admissa in res suas civitate, poterit dicere: quod quisque suum agnoverit, tollat. O magnum virum, optime divitem si opus ad hanc vocem consonet! Si post hanc vocem tantundem habuerit! Ita dico, si tutus, & securus scrutationem populo præbuerit: si nihil quisquam apud illum invenerit, quo manus injiciat, audacter, & propalam erit dives.* Quanto mais rico se mostrou D. Joaõ, pois elle naõ achou cousa sua, de que lançasse maõ, quanto mais os estranhos. Delle disse

lib. 1. ep. 3. com verdade Cassiodoro: *Et proprio censu neglecto sine invidia lucri, morum divitias retulistis.* Outro Epaminondas, de quem Justino poem em duvida. *Vir melior, an dux esset: nam, & imperium non sibi semper, sed patriæ quæsivit, & pecuniæ adeo parcus fuit, ut sumptus funeri defuerit.* lib. 6. *Gloriæ quoque non cupidior, quam pecuniæ: quippe recusanti omnia imperia ingesta sunt.* Resplandeciaõ nelle igualmente o valor, e a bondade, e ganhando com seu valor tanta gloria à patria, morreo sem ter com que o enterrassem; e por ser taõ pouco avarento de honras, como de dinheiro, alcançou todas as de sua patria. Quem mais semelhante a este Thebano, que hum D. Joaõ, que no meyo das riquezas do Oriente morre sem ter com que o enterrarem, e desprezando a fortaleza de Ormuz, morre Governador, e Viso-Rey da India. Naõ dava Portugal mais de si.

E L O G I O.

LOnge andava o Santo Xavier occupado na conversaõ das almas, quando o trouxe Deus a Goa para se achar com D. Joaõ nas ultimas horas de sua vida: que como Deos concedeo a Paulo nos desertos de Thebayda hum Antaõ que o sepultasse, naõ negou na India a D. Joaõ hum Xaxier, que o acompanhasse na morte, que o que mereceo Paulo por penitente, alcançou, por ventura, D. Joaõ do Ceo por zelador de sua hora, & defensor da justiça.

DIS-

DISCURSO.

P*Ara se achar com D. Joaõ.* Grande mimo do Ceo dár D. Joaõ a alma a seuCreador entre tantos Varoens Ecclesiasticos, e exemplares. Que do grande Patriarca S. Bento escreve S. Gregorio Magno, como principio das felicidades, que hia gosar, espirar entre as mãos de seus discipulos: *Atque inter discipulorum manus imbellicia membra sustentans, erectis in cælum manibus stetit, & ultimum spiritum inter verba orationis éflavit.* Do Abbade Joaõ primeiro habitador de Ceyça, taõ illustre em sangue, como em virtude, aponta Fr. Bernardo de *lib. 6. c. 29.* Brito na Chronica de Cister, que no meyo daquellas brenhas, aonde se recolhia, contente naquella solitaria pobreza em que viveo o que lhe restou da vida sem lembrança das cousas da terra, nem querer mais ver, nem ser visto de pessoa alguma, quando houve de partir da vida o vieraõ acompanhar alguns Religiosos de Lorvaõ, entre os quaes deo o espirito ao Senhor, e foy gosar da eterna bemaventurança. E trazer Deos hum Varaõ taõ apostolico, como era o santo Francisco Xavier, a se achar à cabeceyra de D. Joaõ, andando em occupaçoens taõ remotas, bem claro indicio he, que o dispunha assi a Providencia divina, para que se visse que jà começava a agradecer a este Varaõ heroyco o muito que por sua fé obrara. Que alem do exemplo de Santo Antaõ preparado por Deos para enterrar a Saõ Paulo, conta tambem Marullo que Onofrio Solitario em o grande deserto de Egyto, *l. 5. c. 10.* aonde naõ era conhecido de algum homem, estando

já para se partir desta vida, veyo a elle o Abbade Pafnucio, a quem, sendolhe perguntado, declarou sua vida, e nome, e como era mandado alli por Deos para no seguinte dia o sepultar. Assi dispoz Deos a assistencia do Santo Xavier para entre suas mãos dar D. Joaõ o espirito a Deos. Pediaõ tanto favor a justiça, e Religiaõ que tanto amou: *Fiat justitia, aut pereat mundus*, tomou por
Class. 3. symbolo o Emperador Fernando, de que bem discorre Rausnero em seus symbolos à Religiaõ chamou o grande Constantino: *Vinculum imperij*. Mayor campo pediaõ estes pontos, pode ser que outro dia o tomemos para elles.

ELOGIO.

NAs mãos do Santo Xavier entregou D. Joaõ a alma a Deos nos quarenta e oito annos de sua idade, e 1548. do Nacimento de Christo tendo jà o titulo do Viso Rey, de que gosou breves dias: claro desengano aos poderes mayores, de que dignidades supremas naõ dilataõ vidas. Que he a fortuna como a serpente, que costuma ferir com a ultima parte de si mesma, que saõ as honras mayores; porque em chegando a ser grandes, ou desempara, ou mata: como usou com D. Joaõ tirandolhe a vida no principio das mayorias de seu cargo. Muito tempo chorou à India, e Portugal perda tamanha, e foy mayor a copia das lagrymas, porque houve tambem dobrada occasiaõ de derramallas, chorandose em D. Joaõ a brevidade nos annos, a velhice nos conselhos. Mandouse depositar na Capella

pella mayor de S. Francisco de Goa; seria; porque homem taõ desprezador de riquezas naõ podia repouzar senaõ em caza de pobres.

DISCURSO.

Q*Ue he a fortuna.* Mancebo morre D. Joaõ, e no principio de mayores dignidades. Justamente compara vossa mercè a fortuna à serpente, costumada a ferir com a ultima parte de si mesma; imitando a Apollinar Sidonio, que ajuisando a felicidade do Emperador Petronio Maximo, escreve que a fortuna: *virum, ut Scorpius ultima sui parte percussit.* Là disse Seneca, discorrendo sobre a brevidade da vida: *In se ipsam fortuna ruit*, e Lucano: *In se magna ruunt.* Enroscase como cobra a serpente, e quando vos poem na cabeça as felicidades, que saõ o ultimo de si mesma, he para vos abater, e para vos enterrar com ellas. Estala pola mayor parte nas mãos a fortuna mais viçosa, e quando os ditosos se elevão mais em sua vista, entaõ he o mais ordinário cairlhe nesse chaõ, aonde como vidro se desfazem pedaços inuteis, e que só servem de ferir, e magoar. Isto entendeo o avisado Publio Mimo, dizendo: *Fortuna vitrea est, tunc cum splendet frangitur.* Porẽ o Philosofo Cordovez, na consolação de Marcia, teve para si, que morrer hum varaõ destes cedo, era assento da alta Providencia: *Quidquid ad summum pervenit, ad exitum properat. Eripit se, aufertque ex oculis perfecta virtus: nec ultimum tempus expectant, quæ in primo maturuerunt.* Excellentes saõ as semelhanças de que usa. *Ignis quo clarior fulsit, citius extinguitur.* E dando D. Joaõ taõ altas laba-

lib. 2. epist. 13.

cap. 4. lib. 1.

cap. 23.

redas,

redas, e resplandores de seu valor, e virtude, que naõ podiaõ ser mayores, naõ podia ter mais vida, nem gozar mais felicidades; pois: *Ubi incremento locus non est, vicinus occasus est.* Naõ podia viver mais, quem subira ao auge da fama, e gloria.

Chorou a India, &c. Esta felicidade coube tambem a Publicola, a quem atè as matronas Romanas choraraõ: *Luxere matronæ, ut Brutum*, escreve Livio. Varoens que olhaõ para o bem de sua patria, devemselhe as lagrymas de todos. Nào foy melhor a sorte do Emperador Valentiniano, em quem S. Ambrosio achou as mesmas causas de ser chorado. Saõ as palavras. *Amisimus enim imperatorem, in quo duo pariter acerbant dolorem, annorum immaturitas, & consiliorum senectus.* E creyo eu que naõ foy com menos afecto, que o de filhos para com pays, como o Santo alli afirma succeder àquelle Monarca.

lib. 2.

In Oratione funebri.

ELOGIO.

N*O anno de 1576. foy tresladado por ordem de seus netos a Portugal, depositarão no em S. Domingos de Bemfica junto da Cidade de Lisboa; e por falta de cabedal para se lhe levantar sepultura propria, qual pedem seus merecimentos, e sua qualidade, a tem atè gora emprestada. Bem se vè o pouco que D. Joaõ teve em vida, pois morto lhe faltou terra propria em que o enterrassem, como em louvor de Publicola exclamou Valerio Maximo.*

DIS-

DISCURSO.

SEpultura propria. Na vida pobre, è na morte: mas neste ponto se parece com Christo, que não teve senão a sepultura emprestada, constanos de S. Matheus, e de S. Lucas, aonde Theophilato disse. *Qui non habuit domum in vita, neque post mortem sepulcrum habet.* Mal podia D. Joaõ ter sepultura, sendo taõ pobre em vida, que naõ tinha com que se enterrar; e foy justo que começasse a jazer em casa de hum Francisco pobre, taõ imitador de Christo, quem na falta de sepultura se lhe havia de parecer. Era o Emperador Theodosio tão amigo da Cruz de Christo, que trazia na Coroa hum cravo dos que Elena mandara a Constantino; delle disse Ambrosio santo de obitu Theodosij. *Bonus clavus Romani imperij, qui totum regit orbem, ac principum vestit frontem. Recte in capite clavus, & ubi sensus est, ibi præsidium.* Daqui lhe vinha dizer contra Eugenio. *Militibus meis Crux præit, illius autem copias ducit Hercules.* escreve Nicephoro. E com estas palavras busca o inimigo, e se anima para a vitoria. Essa confiança tinha D. Joaõ na Cruz de Christo, que lhe presidio nas occasioens de mayor risco, como a Theodosio. Quem tanto amava a Cruz de Christo, tambem se havia de mostrar amigo de sua sepultura, tendo-a emprestada, e taõ emprestada que tive eu parte de seus ossos nas mãos, por nem ainda alli estar bem agasalhado. *Subit indignatio*, dizia là Plinio, *cum miseratione, post decimum mortis annum reliquias neglectumque cinerem sine titulo, sine nomine jacere cujus memoria orbem terrarum gloria pervagetur.* Dez annos desgostavão,

Mat. 27.
Luc. 23.
lib. 12. cap. 39.
lib. 6. epist. 10.

tavaõ, e indignavaõ a Plinio pola falta de sepultura de Rufo Vergenio. *Cujus injuriam ut indigniorem, sic etiam notiorem claritas facit.* Que sentira de D. Joaõ a cabo de cincoenta e nove annos, e tresládado para sepultura alhea?

Faz grande caso Gregorio Nisseno do irmaõ Basilio naõ mandar fazer huma sepultura propria sua, contentando-se com a que lhe dessem de esmola, porque não tratava de vaidades: *Quo ejus existimatio ad Augustiorem speciem obruta teneatur.* Quem sabe fazer cousas grandes, não cura de pòr em sepultura os titulos de sua grandeza. Isso he dos ambiciosos que trabalhaõ por titulos para a sepultura: *in titu-*
cap. 20. *lum sepulcri*; escreve Seneca da brevidade da vida; naõ dos que só tem respeito à virtude, e a bem obrar, como Basilio, e D. Joaõ. Mas estes ficaõ de mayor ventagem, que vem a ter o mundo todo
lib. 8. por sepultura, como de Pompeio ajuizou Lucano; culpando a Cesar de lhe negar sepultura.

Situs est, qua terra extrema refuso
Pendet in Occeano Romanum nomen, & omne
Imperium Magno est tumuli modus.

Pareçase tambem D. Joaõ com Pompeio: *Ut cui modo terra ad victoriam defuerat, deesset ad se-*
lib. 2. *pulturam*: como do Romano escreve Paterculo. Esta sepultura dava Pericles em huma oraçaõ funebre em louvor dos que morreraõ pola patria, em
lib. 2. Thucydides: porque àlem das particularidades honras, que receberaõ, e que lhe durariaõ eternamente, continua: *Simul, & honorificentissimam sepulturam, in qua non magis ipsi sunt siti, quam sempiterna eorum gloria, ut sese quoque offeret tempus, vel narrandi, vel imitandi, celebranda relinquitur*

linquitur. Quippe illustrium virorũ omnis terra sepulchrum: neque id domesticorum tantum saxorum testatur inscriptio, sed etiam sine scripto in exteras gentes egressa memoria, magis apud animum cuiusque, quam apud urnas hospitatur. Assi terà D. Joaõ sempre na memoria dos viventes aquelle epithaphio, que Nazianzeno poem a Atanasio: *Ut epithaphium quoddam paucis complectar*, diz o Santo, *excellentiori honore in discessu afficitur, quam quo in civitatis ingressu ornatus fuerat: sic videlicet e vita migrans, ut multas lacrymas excitaret, maioremque sui nominis gloriam in hominum animis conderet.* Porque Athanasio naõ teve tanta honra no triunfo com que entrarà em Alexandria, quanta teve na morte polo sentimento, e fama que de si deyxou; assi D. Joaõ morrendo alcançou mais gloria, que triunfando em Goa, alcançando o mundo por sepultura, e os animos de todas as naçoens por pedra, em que estaõ entalhadas suas virtudes taõ encadeadas, que se lhe poem com razaõ por remate isto de Santo Agostinho nos da Cidade de Deos: *Quisquis non videt, cæcus; quisquis videt, nec laudat, ingratus: quisquis laudanti reluctatur, insanus.*

orat. 22.

l. 1. cap. 7.

E morrendo fòra de sua patria approvou ser qualidade de Varaõ excellente. Ao menos os Almeydas, os Albuquerques, os Ataides, os Meneses, e outros, com quem a India triunfou, em sepultura estranha jazem taõ longe de suas patrias,

ELOGIO.

MOrto D. João se abrio hum escritorio seu, e forão humas disciplinas todas manchadas de sangue, e tres tangas (val cada huma dois vinteins em Portugal) o ouro, as perolas, e os diamantes, que no escritorio se acharão, que só seu sangue derramado por seu Deos, e por seu Rey erão as riquezas, que D. João entezourava.

DISCURSO.

POr seu Deos. Brios havia em D. João para querer imitar aquillo que delRey D. João segundo anda escrito, conhecendoa como obrigação propria de todos os Principes, e querendolhe responder na satisfação. Tomara El-Rey por empreza hum Pelicano com a letra pola ley, e pola grey, e por fazer certa està promessa despendendo muyto pella exaltação da fé, e conservação de vassallos, achãose tambem em sua morte thesouros, quaes a D. João: boeta com cilicio, e disciplinas. Não quer D. João ficar nesta divida a seus Principes, e por se desempenhar, derrama tambem seu sangue pola ley, e polo Rey.

ELOGIO.

FOy em fim este inclito Varão hum exemplo de singulares virtudes, forte na guerra, brando na paz, modesto na vida, justo no governo, prudente

dente nas acçoens, e taõ devoto da Cruz sagrada, que à grande devaçaõ, que lhe tinha, atribue Maffeo suas gloriosas vitorias. Daõlhe hoje na India mayores louvores morto, do que lhe deraõ em vida: e puderaõ em cambio de beneficios (sem que chegasse a parecer lisonja) chamar lhe amor, e delicias de sua patria, como disse Suetonio Tranquillo de Tito Vespasiano. O' Varaõ illustre em cuja vida se achaõ menos horas, que proezas, e que soubeste antepondo utilidades communas à comodidades proprias, naõ só triunfar da fortuna, mas avassallar a enveja, com commum aplauso te coroão palmas: e venerarte o mundo morrendo pobre, he canonizar tuas virtudes. Como tua alma na gloria, vivirà tua fama no mundo eternamente; naõ menos que nas historias, nos feitos de teus gloriosos descendentes, aos quaes herdeiros de tuas grandezas communicaste com o sangue, se tuas desgraças nos premios, igual valor, e constancia nas acçoens.

DISCURSO

HUm exemplo. Desmentindo isto de Seneca: *Non potest quisquam eodem tempore, & bonum virum, & bonum ducem agere.* Saibaõ Capitaens, e aprendaõ de D. Joaõ, que se pode entre as armas chegar ao summo da Filosofia, e da virtude. Parece que se lhe talhou aquelle gabo, que Tacito dá a Helvidio Prisco: *Civis, senator, maritus, gener, amicus, cunctis vitæ officijs aquabilis, opum contemptor, recti pervicax, constans adversus metus:* Aonde Lipsio assombrado de tae *De benefic. l. 4. c. 37.* *Hist. l. 4.*

virtudes brada. *Magnæ laudes: & quæ jure nos rapiant in admirationem viri.* Outro tanto digo eu das admiraveis virtudes de D. Joaõ. Ditosos quem as souber imitar!

lib. 13. *Da Cruz sagrada.* Falla desta piedade Mapheo, saõ as palavras estas. *Usque adeo pius ei perhibetur, fuisse uti quantalibet stipatus aut nobilium, aut plebis frequentia ad Crucis aspectum, illico positis humi genibus oculos in cælum cum atentta quadam veneratione defigeret. Huic pietati non sine causa victorias vulgo acceptas ferebant.* Naõ ha que espantar deste Capitaõ vencer gentes barbaras com os olhos na Cruz, porque he proprio desse estandarte ser final de bom agouro, e de vitoria. Maravilhosamẽte està expressa esta virtude da Cruz
cap. 1. em Isaias. *Qui stat in signum populorum, ipsum gentes deprecabuntur.* Lugar bem exornado de
lib. 5. c. 3. Roa. Là testemunha Nicephoro, que disseraõ a
lib. 7. c. 29. Constantino mostrandolhe a Cruz no Ceo: *Hoc sig-*
& c. 47. & *no vinces.* Promessa que os Reys Portuguezes tem
49. feito sua, como verdadeiros guerreyros do pendaõ da Cruz. Ajunta Nicephoro que teve Constantino
lib. 8. c. 32. sempre grande respeito à santa Cruz, atribuindolhe as victorias que alcançava, e os triunfos que tinha de seus inimigos: *Quod re ipsa sanctæ Crucis vim expertus fuerat, summo opere eam semper venerabatur, & admirabatur.* De Joaõ Corvino
p. 2. l. 15. Huniades conta Fr. Joaõ de Pineda na Monarquia
c. 23. Ecclesiastica, que pola muita devaçaõ que lhe tinha, levando-a ao pescoço foy livre da morte, querendolhe Deos agradecer o muito que honrava a Cruz. Muitos Principes, e Capitaens Christãos receberaõ favor deste sacrosanto estandarte; porém

nenhuns

nenhuns se lhes mostraraõ mais agradecidos, nenhuns lhe responderão com mayor respeito, e veneraçaõ, que Principes, e Capitaens Portuguezes. A D. Affonso Henriques faz Christo aquelle favor mayor de lhe aparecer Crucificado nessa arvore da vera Cruz, verdadeyro sinal de guerra, e de peleja, e verdadeiro sinal de vencimento. He isto quanto singularmente discorre Roa. E que respondencia havia da parte deste Principe? Hum humilde respeito, e continua adoraçaõ da Cruz. Hum tomalla por armas, e deyxallas a seus descendentes com a memoria dessas chagas. Hum levantar em honra dessa Cruz em Coimbra hum dos mais insignes Conventos, que tem Espanha, consagrado à santa Cruz; e a Igreja do Castello de Lisboa ser da mesma invocaçaõ, porque triunfasse na parte principal do Reyno a causa de todos seus triunfos. E assi ficou este respeito da Cruz tambem fundado nos Principes deste Reyno, e em seus vassallos, que mereceraõ o favor de lhe aparecer mais vezes nos trances de suas batalhas, que a nenhuma outra Naçaõ. Testemunha desta verdade Portugal, Africa, e as partes Orientaes, aonde tantas vezes esse pendaõ divino se desplegou no Ceo em favor de Portuguezes. Este respeito continuava D. Joaõ. Com seus triunfos lhe respondia o Ceo. *l. 1. cap. 1.*

Suetonio. Logo no topo da vida daquelle Emperador lhe dá este titulo: *Amor, ac diliciæ generis humani. Orbis amor*, lhe chama Ausonio, e Pacato. *Amor generis humani.* Tal era a benevolencia daquelle Principe, que obrava os effeitos, que santo Ambrosio conhece nesta virtude. *Quæ omnes studet beneficijs amplecti; devincire officijs, oppig* *Offic. l. 2. c. 19*

 norare

norare gratia. Tal se havia D. Joaõ com os soldados, e com os vassallos da India, prendendo-os com merces, e beneficios, atando-os com primores, e cortesias, penhorando-os com graça, e afabilidade, que naõ podia com menos obras alcançar do povo taõ illustre titulo, como o de seu amor, e delicias, que he o mais que de Stilicon cantou Claudiano:

lib. 3.

O mundi communis amor.

Antepondo utilidades communs. Que entaõ florecem as Republicas, quando: *Privato usui bonum publicum postponitur*; como a outro proposito escreve Tacito nos Annaes. E quando menos he isso Ley, e condiçaõ de Principes. *Ea enim, quæ communiter omnibus prosunt, ijs quæ specialiter quibusdam utilia sunt præponimus.* He quanto escreve o Emperador Justiniano em hum Authentico.

lib. 6.

Auth. resq. Cod com de legat.

Triunfar da fortuna. Poder della triunfar hum espirito generoso mostrey na declaraçaõ deste verso do meu Poeta.

Sonet. 6. *Desprezando a fortuna, e seus revezes.*

Executou D. Joaõ aquella parte da Filosofia Stoyca, que tanto abona Seneca, dizendo: *Hæc adhortabitur, ut Deo libenter pareamus, ut fortunæ contumaciter resistamus; hæc docebit ut eum sequaris, feras casum.* Melhor distinguio D. Joaõ entre Deos, e a fortuna, e porisso se confirmava tanto com sua vontade.

Ep. 16.

Avassallar a enveja. Mayor mestre de Filosofia está D. Joaõ, que Seneca. Dá elle por regra saber fogir, e encobrir, e encobrir felicidades: *Sic verò invidiam effugies, si te non ingesseris oculis, si bona tua non jactaveris, si scieris in sinu gaudere.*

Ep. 105.

Naõ

Naõ ha remedio para ſenhorear, e atropellar a enveja, que ſubir de pontos na virtude. He a enveja a ſombra, que como ao corpo humano, quando o ſol o fere, o acompanha. Temiſtocles, quando moço, ſe culpava de naõ obrar acçoens generoſas, e deſconheciaſe da virtude, porque ſenaõ via ainda commetter da enveja. Naõ podemos nós dizer iſto das obras deſte Varaõ glorioſo, e mais entre Portuguezes, dos quaes afirma Joaõ de Barros, ſer taõ natural a enveja, que mais ſe doem, e ſe indignaõ polo que daõ a ſeu vizinho, que poſo que elles naõ recebem: acrecentando, que eſta naçaõ concede muy poucas couſas a ninguem. Entre tantas palmas parecia natural a enveja; mas oh que a grandeza deſſas palmas extinguio, e avaſſallou eſſa enveja! Quando o ſol fere per Zenit leva ao chaõ as ſombras deſſe corpo, que ſeus rayos tocaõ; e as enterra de modo, que naõ apparecem. Taõ alto ſe levantou o ſol dos feytos de D. Joaõ de Caſtro, que extinguio, e conſumio todas as ſombras de enveja, que ſua ſama podia formar. Naõ he meu o penſamento, que ainda naõ voey taõ alto. De Plutarco he a differença entre o odio, e a enveja: quero dar as palavras por meu credito: *Sicut enim ſol umbram ejus, ſupra cujus caput aſtiterit, ſuis aſpergens radijs, aut prorſus extinguit, aut longe minorem reddit: ita felicitas cum magnam nacta altitudinem fuerit, & ſupra invidiæ caput ſplendorem ſuum ſparſerit eam attenuat, & expellit.* He de façanhas illuſtres moſtrarſe hum Varaõ taõ ſuperior, que lhe pague pareas a meſma enveja; *Dec. 2. lib. 3. cap. 10.*

Invidiaque maior;

Diſſe o Poeta. Mas quem he eſte Varaõ? Hum D.

Joaõ

Joaõ de Castro. Hum Stilico de quem cantou Claudiano

lib. 3.

Solus hic invidiæ fines virtute reliquit
Humanũque modũ. Quis enim livescere possit,
Quod nũquã pereãt stellæ? Quod Jupiter olim
Possideat cælum? Quod noverit omnia Phæbus?

E da por causa a grandeza da pessoa, e o crecimento dos merecimentos:

Est aliquod meriti spatium, quod nulla furentis
Invidiæ mensura capit.

A este cume de gloria chega D. Joaõ, que esconde sombras, e enterra envejas, fazendo seu o que de Jugurta em Sallustio disse Micipsa. *Quod difficillimum inter mortales est gloria invidiam vicisti:*

Vivirà tua fama. Nam divitiarum, & formæ gloria fluxa atque fragilis est, virtus clara, æternaque habetur; e porisso vive eternamente, como acima vimos, e justamente se lhe promette igual vida na fama, que nas historias, pois como continua o mestre das historias latinas Crispo Sallustio naquella conjuraçaõ de Catilina, naõ se estende a mais a virtude, e a grandeza dos feitos, que quanto se levantaõ os engenhos dos escritores: *Tanta est virtus, tam magnum factum, quam magna scripturi ingenia.* E logo repete que em tanto se estima, e reputa huma acçaõ virtuosa, quanto com palavras a puderaõ realçar os engenhos illustres: *Ita eorum, qui ea fecere, virtus tanta habetur, quantum verbis ea potuere extollere præclara ingenia.* Razaõ porque Alexandre envejava a Aquilles a boa fortuna de o louvar Homero.

Gloriosos descendentes. Que he a melhor herança, que lhe podia deixar por voto de Seneca em Tacito

cito nos seus Annaes, neste Capitulo de seu testamento: *Quod unum jam tamen, & pulcherrimum habebat, imaginem vitæ suæ relinquere.* Herança mais forçosa em filhos, quanto saõ mais vivas imagens, e retratos de seus pays. Entaõ principalmente quando filhos decoraõ valores de seus passados, com estas palavras: *Hæc, & hujusmodi facta imaginem nobis ostendere virtutis.* Que he quanto disse Seneca dos feitos de Cocles, e de outros Varoens de nome. Lembranças, com que coube a esta familia aquella felicidade, que Tacito em seus Annaes considera na dos Emilios entre os Romanos: *Æmilium genus fæcundum bonorum civium.* Como a familia dos Emilios, assi esta de Castros vicejou de cidadãos heroicos. Parece que pola conformidade, que com a outra teve na pobreza. Que he quanto daquella me advertio Andre Scotto em huma controversia de Seneca. Se as desditas de hum Pompeio bastaraõ para engrandecer toda sua familia, que naõ daria à dos Castros a felicidade de taõ singular Varaõ: *Non sine ratione sacra est magnorum virtutum memoria; & esse plures bonos juvat, si gratia bonorum non cum ipsis cadat.* E pondo outros exemplos acrecenta. *Quæ Sextum Pompeium, aliosque Pompejos, nisi unius viri magnitudo? Tanta quidem, ut satis alte omnes suos etiam ruina ejus attolleret*, escreve Seneca.

lib. 15.

Ep. 120.

lib. 6.

cont. 9.

De benef. l. 4. cap. 30.

A mayores rasgos se offerecia a pena, e certo tinha bem em que se espaçar, se estivera taõ ditosa, como curiosa. Mas lembrome, que prometi no principio a v. m. desculpa a tanta brevidade, e estreiteza em que fechou este màr largo de virtudes, e glorias. Pertendeo v. m. nisto o effeito mais efficaz

de

de taõ generosas acçoens : fechando em taõ pouco papel, o que pudera occupar muitas mãos, porque assi se bebesse melhor a doutrina de seus exemplos. Respeito que moveo a Valerio Maximo a dàr com tanta brevidade noticia de tantos feitos heroicos, e tantas acçoens virtuosas: *Ut documenta sumere volentibus, longæ inquisitionis labor absit*, diz elle no prologo ao Emperador Tiberio. Nesta consideraçaõ sofreey eu a vontade, em que havia mil desejos mayores, por naõ encontrar aquella utilidade da patria, a que v. m. teve respeito, satisfazendo mais a meu desejo, que a meu fastio, como de si disse o mesmo escritor: *Quod magis desiderio satisfaciat, quam satietati abundet.* Estimara eu acontecerme assi com todos.

LAUS DEO.



IN-



INDEX
DAS PRINCIPAES COUSAS DESTA Historia.

A

Adem.

Como

Cami-

Viagem

Dechar-

B

Calcha:

Calabarecão.

Cambre.

Campar.

Candea.

Carlos V. Emperador.

Avisa

Compaixaõ.

Cotta.

Cruz.



Dabul.

Dabul de cima.

Fica

Dom

E

Dom Estevaõ da Gama.

F

Fausto Serraõ de Caluos.

Fernaõ Carvalho.

D. Fernando de Castro

Salva-

Hidal-

H

Hidalcaõ.

I

Jacyme Leyte.

ElRey D. Joaõ.

Seu

Falla

A qual

E alcan-

Poem

Pro-

M

Manoel Pereira.

Vay

Minas.

Minas.

Moçambique

Moeda.

Mojatecão.

Mulheres.

Pate,